

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
HISTÓRIA

LEONARDO BIRNFELD KURTZ

WILLY AURELI E A BANDEIRA PIRATININGA: EXPEDIÇÕES, IMPRENSA E LITERATURA
(1937-1968)

Porto Alegre
2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

LEONARDO BIRNFELD KURTZ

**WILLY AURELI E A BANDEIRA PIRATININGA:
EXPEDIÇÕES, IMPRENSA E LITERATURA (1937-1968)**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de concentração: Cultura e Etnicidade.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Murari

Porto Alegre

2023

Ficha Catalográfica

K96w Kurtz, Leonardo Birnfeld

Willy Aureli e a Bandeira Piratininga : expedições, imprensa e literatura (1937-1968) / Leonardo Birnfeld Kurtz. – 2023.
254.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Murari.

1. Era Vargas. 2. Marcha para o Oeste. 3. Indigenismo. 4. Willy Aureli. 5. Bandeira Piratininga. I. Murari, Luciana. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

LEONARDO BIRNFELD KURTZ

**WILLY AURELI E A BANDEIRA PIRATININGA:
EXPEDIÇÕES, IMPRENSA E LITERATURA (1937-1968)**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de concentração: Cultura e Etnicidade.

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Antonio Carlos de Souza Lima - Museu Nacional

Prof. Dr. Sandro Dutra e Silva - UEG/UniEVANGÉLICA

Profa. Dra. Luciana Murari - PUCRS

Porto Alegre

2023

AGRADECIMENTOS

Escrever e pesquisar é uma atividade solitária, mas impossível de ser realizada sem uma rede de apoio. Muitos professores me disseram que o mestrado demandava mais energia que um doutorado, fruto da necessidade de pesquisar, cumprir créditos e escrever um trabalho de fôlego. De fato, a atividade foi cansativa. Ao longo do processo, dividi minha rotina entre meu trabalho, produção acadêmica, organização de eventos e o mestrado em si. A atividade me fez refletir o contexto de produção dos trabalhos que lemos, o que há por trás de cada página lida, a motivação, os brancos, os obstáculos, etc. Independentemente dos resultados acadêmicos que serão alcançados pela minha pesquisa, a experiência de tratar de um tema praticamente intocado, descrevendo uma trajetória “do zero”, desde 2019, foi valiosa. O estudo da Piratininga me forneceu uma série de lições práticas acerca do ofício do historiador, especialmente sobre a relação fonte-intepretação. Me recordo, após ampliar a pesquisa, minha vontade de voltar no tempo e corrigir apresentações e publicações já feitas. Diversas vezes compreendi o que busquei fazer como um daqueles casos em que mordemos mais do que podemos mastigar, sendo uma das maiores dificuldades selecionar o que entraria ou sairia do trabalho.

De uma forma ou de outra, este trabalho deve prestar contas a todos que me apoiaram, direta ou indiretamente. Primeiramente, agradeço a toda a minha família, meus pais, Alexandre e Sandra, minha irmã Gabriela, meus tios, dindos e aqueles que permanecem na memória. Agradeço, também, meus amigos mais próximos, André, Daniel, Eduardo, Ernesto, Leonardo Bach, Pedro Ugalde, Pedro Morais, Pedro Rosa, Rafaela e Roger. Sem o dia a dia bem-humorado e um espaço de fuga para os pensamentos acadêmicos, certamente a atividade teria sido penosa. São companheiros que desejo ter para toda a vida. Um agradecimento especial à minha namorada Francielly, por toda compreensão, apoio, carinho e convivência de valor inestimável que me motivou a00 nunca recuar da tarefa.

Agradeço também aos meus colegas de ofício e professores que participaram de uma jornada curta, mas importantíssima para meu aprimoramento como historiador. Sou especialmente grato à minha orientadora Luciana Murari, por confiar Willy Aureli e sua Bandeira a mim desde 2019. Considero-a, para além da orientação, como uma mentora que inevitavelmente moldou meus rumos acadêmicos. Ainda há muito que fazer, por ora, espero ter cumprido a missão.

O papel do homem como conquistador do mundo era um tema persistente em numerosas faces da vida, incluindo tecnologia, medicina e ciência. Mas em geografia, o desejo por conhecimento, combinado com a noção de que não somente era possível conhecer tudo, mas que isso deveria ser feito, criou razão suficiente para ir a algum lugar apenas porque ninguém havia estado lá. Por volta do final do século (XIX), preencher os espaços brancos no mapa, e, portanto, provando o domínio do homem sobre a natureza, havia se tornado praticamente uma obsessão (RIFENBURGH, 2005, p. 95, tradução nossa).

RESUMO

Willy Aureli (1898-1968) foi um jornalista, escritor, sertanista e indigenista paulista que entre 1937-1959 criou e liderou a Bandeira Piratininga, um grupo de expedição privada. Essa Bandeira viajou em cinco ocasiões diferentes para a mesopotâmia dos rios Araguaia e das Mortes, almejando alcançar marcos geográficos, mapear rios e fazer contato com indígenas da região, especialmente Carajás, Caiapós, Tapirapés e Xavantes. O grupo se configurou como uma iniciativa privada cujo financiamento dependia em grande parte de cidadãos paulistas, empresas, editoras e periódicos. Suas atividades, mesmo que privadas, entravam em consonância com os objetivos da Marcha para o Oeste. Ainda assim, sua trajetória foi alvo de críticas de autoridades vinculadas ao Estado, jornalistas, cientistas e missionários, fato que obrigou Aureli a constantemente se preocupar em fazer concessões, negociar e defender-se na imprensa e em livros de sua autoria. Dessa forma, Willy e sua Bandeira participaram de um campo de disputa cujos diferentes agentes competiam pela primazia de uma forma de contatar indígenas, explorar a natureza e produzir conhecimento. Utilizando-se da literatura, com a análise de 8 dos 10 livros de Aureli, e da imprensa, pesquisando notícias vinculadas à Bandeira Piratininga nos acervos de O Globo, Folha de São Paulo e Hemeroteca Digital entre os anos de 1937-2022, foi possível descrever de forma minuciosa as expedições de 1937 e 1938 e analisar a forma como Willy se posicionava no campo indigenista. As duas primeiras incursões podem ser compreendidas como momentos formadores da Piratininga que possibilitaram identificar a constituição dos integrantes, financiamento, objetivos e itinerários. A análise da maneira como Aureli se constituía discursivamente perante seus interlocutores, assim como quando se dirigia a outros, resultou na identificação de uma série de tendências e eventuais mudanças na sua forma de descrever a natureza, indígenas, sertanejos, agentes do Estado e missões cristãs que atuavam na região explorada. Ao longo de sua vida e obra, Willy buscou constituir-se como observador crível do sertão, cuja fonte de credibilidade estava na sua experiência empírica do local, opondo-se à acadêmicos ou agentes indigenistas que demonstravam ceticismo quanto aos resultados e a ação da Piratininga.

Palavras-chave: Era Vargas, Marcha para o Oeste, Indigenismo, Willy Aureli, Bandeira Piratininga.

ABSTRACT

Willy Aureli (1898-1968) was a journalist, writer, sertanista and indigenist from the state of São Paulo who created and led the *Bandeira Piratininga*, a private expeditionary group, from 1937-1959. This *Bandeira* traveled to the region between the rivers Araguaia and Mortes in five different occasions, aiming to reach geographic landmarks, map rivers and contact indigenous people in the region, especially Carajás, Caiapós, Tapirapés and Xavantes. The group was a private endeavor whose financing depended on São Paulo's citizens, companies, publishers and newspapers. Its activities, even though they were private, synchronized with the objectives of the *Marcha para o Oeste*. Despite that, the *Bandeira's* trajectory was a target for the criticism that came from state-related authorities, journalists, scientists and missionaries. Those critiques constantly obligated Aureli to make concessions, negotiate and defend himself in the press and in his books. Therefore, Willy and his *Bandeira* participated in a field of dispute whose different agents competed over the supremacy of a way to contact indigenous people, explore nature and produce knowledge. Through Aureli's literary work, analyzing 8 of his 10 books, and the press, researching news connected with the *Bandeira Piratininga* inside the archives of *O Globo*, *Folha de São Paulo* and *Hemeroteca Digital* between 1937-2022, it was possible to thoroughly describe the 1937 and 1938 expeditions and analyze how Aureli positioned himself within the indigenist field. The first two incursions can be seen as formative moments for the *Piratininga* which helped to identify the participants, financing, objectives and itineraries. The analysis of the way Aureli constituted himself within discourse, as well as when he dealt with other, resulted in the identification of a series of tendencies and eventual changes in his form of describing nature, indigenous people, sertanejos, state agents and christian missions that operated in the explored region. Throughout his life and work, Willy tried to constitute himself as a believable observer of the sertão, whose basis of credibility resided in his empirical experience of the place, in opposition to scholars or indigenist agents that demonstrated cynicism towards the results and actions of the *Piratininga*.

Keywords: Era Vargas, *Marcha para o Oeste*, Indigenism, Willy Aureli, *Bandeira Piratininga*.

LISTA DE SIGLAS

API – Associação Paulista de Imprensa

CFEAC – Conselho de Fiscalização de Expedições Artísticas e Científicas

CNPI – Conselho Nacional de Proteção aos índios

FBC – Fundação Brasil Central

SPI – Serviço de Proteção aos índios

SPILTN – Serviço de Proteção ao índio e Localização de Trabalhadores Nacionais

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 17 |
| 3 | AS EXPEDIÇÕES DE 1937 E 1938 | 24 |
| 3.1 | DE SANTOS PARA O ARAGUAIA: POR QUE EXPLORAR?..... | 25 |
| 3.2 | INAUGURANDO A BANDEIRA PIRATININGA: A EXPEDIÇÃO DE 1937 | 39 |
| 3.3 | ALCANÇANDO A SERRA DO RONCADOR: A EXPEDIÇÃO DE 1938 | 76 |
| 4 | FALANDO DE SI E DO OUTRO:CONSTRUINDO UM ETHOS | 176 |
| 4.1 | ASSIMILANDO E SENDO ASSIMILADO: INDIGENISMO NO CONTEXTO E NA OBRA DE AURELI | 220 |
| 4.2 | O INDÍGENA NA OBRA DE AURELI | 225 |
| 4.2.1 | O INDÍGENA NO SINGULAR | 226 |
| 4.2.2 | OS INDÍGENAS: ENTRE INDOLES E CULTURAS | 230 |
| 4.2.3 | AGENTES DO CAMPO INDIGENISTA..... | 234 |
| 4.2.4 | CASOS DE ALTERIDADE | 235 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 241 |
| | REFERÊNCIAS | 244 |

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve dois objetivos principais: 1) descrever e narrar os objetivos, trajetórias, integrantes e atividades que constituíram as expedições de 1937 e 1938 da Bandeira Piratininga; 2) analisar a forma como o chefe do grupo, Willy Aureli, construía a sua autoridade discursivamente como sertanista e indigenista em suas obras literárias e na imprensa. Os objetivos secundários foram: 1) demonstrar o potencial que as atividades de Willy Aureli e a Bandeira Piratininga têm para futuras pesquisas, vista a ausência de estudos aprofundados; 2) posicionar a Bandeira Piratininga e Willy Aureli dentro do campo indigenista, explicando como suas atividades, mesmo que privadas, agiam em consonância com os interesses da Marcha para o Oeste¹. Para isso utilizou-se da literatura, com o fichamento e análise de 8 dos 10 livros de Aureli, e da imprensa, pesquisando notícias vinculadas à Bandeira Piratininga nos acervos de *O Globo*, *Folha de São Paulo* e dos periódicos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional entre os anos de 1937 e 2022.

A Bandeira Piratininga foi um grupo privado de expedição que em cinco ocasiões rumou para a mesopotâmia dos rios Araguaia e Mortes entre 1937 e 1959. A Bandeira foi liderada do início ao fim pelo seu criador, Willy Aureli (1898-1968), jornalista, escritor, sertanista e indigenista paulista. Filho de imigrantes, pai italiano e mãe austríaca, nasceu em Santos, porém viveu até a vida adulta na zona rural de São Vicente, mudando-se para Santos e São Paulo conforme começou a trabalhar na imprensa paulista. Com a primeira guerra mundial, Willy foi para a Itália e, de acordo com o testemunho de sua filha em nota póstuma na obra *Bugres no Rio das Mortes* (1973), teria lutado:

[...] nos mares do Mediterrâneo, nas estepes da Macedônia, nos cumes nevados do Mai-El-Kultzit, às margens do Volussa, nas cavernas do Malacastra, nas ruas ensanguentadas de Gênova, quando das convulsões sociais, nas praias da Arta, na fimbria do Saara, nos fundos lamacentos das trincheiras de Kulibas, de Berat, nos combates de Shiuschitza, no naufrágio de Valona [...] (AURELI, 1973, p. 8).

Em 1924, aos 26 anos, começou a trabalhar na cidade de Santos para o *Jornal da Noite* e a *Gazeta do Povo* e em 1927 tornou-se chefe da reportagem policial das “Folhas” (*Folha da Manhã* e *Folha da Noite*). Em 1932, durante as revoltas constitucionistas, o jornalista teria lutado a favor do regime varguista como subcomandante de uma companhia, em conflitos na

¹ A Marcha para o Oeste operou entre as décadas de 30 e 40, constituindo-se como um conjunto de políticas governamentais cujo principal intuito era povoar e desenvolver economicamente o interior brasileiro (DUTRA E SILVA, 2018). A campanha federal, direta ou indiretamente, impulsionou outras ações que de alguma forma auxiliaram no intuito principal, como a pacificação de indígenas, mapeamentos, prospecção de recursos econômicos, migração para a região e, inclusive, a criação da Bandeira Piratininga.

região sul. No ínterim desses eventos, Aureli participou de viagens de caráter aventureiro na América Latina. Seu irmão, Aurélio Aureli, também teria realizado atividades semelhantes, inclusive viajando ao Canadá. De acordo com o jornalista, em novembro de 1936, teria começado a planejar uma expedição para a Serra do Roncador, localizada à Oeste do Rio das Mortes. O marco geográfico, até então, não havia sido mapeado ou alcançado, sendo envolto em mistério e histórias fantásticas, especialmente após o explorador inglês Coronel Fawcett perder-se rumando para a região, em 1925².

Apoiado pelas “Folhas”, pela Editora Cultura Brasileira e por diversas doações de empresas e cidadãos paulistas, Aureli reuniu um grupo heterogêneo de 14 pessoas com amigos e voluntários selecionados e partiu para a Serra do Roncador em junho de 1937. A primeira expedição, entretanto, não alcançou o objetivo e forçou o retorno do grupo em outubro do mesmo ano. Por mais que todas as expedições tivessem marcos geográficos a serem explorados, o contato com indígenas e uma busca passiva pelo Coronel Fawcett sempre estiveram presentes.

No ano seguinte, 1938, Willy organizou a Bandeira novamente e, com 30 integrantes iniciais, completou o objetivo principal. Essa expedição marcou o ápice da presença da Piratininga na imprensa, em decorrência de um conflito com indígenas xavantes que motivaria um grande movimento de crítica por periódicos cariocas e autoridades. A partir desse momento, Aureli dividiria sua vida entre o trabalho como jornalista e suas expedições, encerrando a Piratininga em 1959. Importante apontar que a Bandeira teve diversos integrantes, demonstrando uma alta rotatividade. Ao longo de suas incursões, em 1945, Aureli perdeu um integrante: seu próprio irmão, em decorrência da Febre Amarela. Além de 1937 e 1938, Willy rumou para o sertão do Araguaia em outras três ocasiões: 1) em 1945, com o objetivo de alcançar a nascente do Rio da Liberdade³ e fazer contato com indígenas Tapirapés; 2) em 1952, tendo como objetivo mapear o Rio da Solidão; 3) em 1958, a última expedição, navegou o Rio Uabé, na Ilha do Bananal.

Enquanto Aureli realizava as expedições, também avançava nos “escalões” da imprensa paulista, tornando-se presidente da Associação Paulista de Imprensa e dos jornais *Diários*

² Acreditando na existência de indígenas brancos com cabelos loiros e na presença das ruínas de Atlântida nas florestas do interior brasileiro, o coronel britânico Percival Fawcett rumou para a Serra do Roncador em 1925 financiado pela Real Sociedade Geográfica de Londres e pelo escritor Ridder Haggard. O explorador, seu primogênito e o médico Raleigh Rimmel, acabaram desaparecendo no Mato Grosso, fato que posteriormente motivou uma série de expedições de resgate por ingleses e estadunidenses, todas fracassadas (AURELI, 1962).

³ A ação foi reconhecida e respondida em telegrama pelo Coronel Jaguaribe Mattos, chefe do Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso. “[...] Muito me alegra descoberta será divulgada com vosso nome pt preciso pormenores sobretudo posição índios no Liberdade pt General (Rondon) e Companheiros vos felicitam vivamente brilhante feito pt [...] (AURELI, 1962, p. 324).

Associados e *Shopping News* entre 1954-1957. Também pertenceu ao corpo redatorial de *A Gazeta* (SP) e *O Globo* (RJ)⁴. Além disso, fez parte da Sociedade Geográfica Brasileira e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Willy também atuou como escritor, produzindo 10 livros relacionados a suas expedições, assim como diversos filmes que foram exibidos em cinemas de São Paulo e Rio de Janeiro.

Aos 70 anos, Willy faleceu de um ataque cardíaco, aparentemente por conta do esforço físico realizado para cortar uma árvore⁵. Seu túmulo se encontra em São Vicente. Infelizmente, diversos itens de seu acervo póstumo se perderam. O estúdio fotográfico que revelava filmes e fotografias a partir de 1946, de Primo Carbonari, sofreu um incêndio. Material de cunho pessoal, como diários, foram enviados pela filha de Aureli, Brunilde Aureli Brito ao governo Collor, porém sem retorno. A ação buscava garantir reconhecimento do Estado à Aureli. Outros itens foram doados a bibliotecas escolares ou destruídos em um conflito de caráter familiar.

Ao pesquisar em repositórios acadêmicos o termo “Bandeira Piratininga”, é possível encontrar dois tipos de citações à Bandeira: apenas menções ou pequenas descrições desta em estudos de ciências sociais e de história cultural, e o uso de obras de Willy Aureli por conterem informações acerca dos costumes dos indígenas que habitavam a mesopotâmia dos rios Araguaia e Mortes. Relacionam-se ao primeiro caso as publicações: *A expedição Roncador-Xingu: (novos e velhos) bandeirantes na conquista da Fronteira Oeste* (2019) de Alberto Luiz Schneider e Thays Fregolent de Almeida; *Em busca do acontecimento: uma leitura da Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas* (1952) (2011), de Luiz Gustavo de Souza Lima Junior; *Do primeiro encontro com os Xavante à demarcação de suas reservas: relatórios do Pe. Hipólito Chovelon* (2017) de Georg Lachnitt; e *As Ideias que Fazem o Estado Andar: Imaginação Espacial, Pensamento Brasileiro e Território no Brasil Central* (2010) de João Marcelo Ehlert Maia.

Quanto ao segundo caso, temos as publicações: “Learning to Hunt by Tending the Fire: Xavante Youth, Ethnoecology, and Ceremony in Central Brazil” (2015) de James Welch; *O vermelho, o negro e o branco: modos de classificação entre os Karajá do Brasil Central* (2005) de Helena Moreira Schiel; e *A Nationalist Environment: Indians, Nature, and the Construction of the Xingu National Park in Brazil* (2004) de Seth Garfield. Sendo esse o panorama

⁴ “BANDEIRANTES” do Século XX. *Jornal de Notícias*, Goiás, 9 jun. 1959, p. 6.

⁵ As informações biográficas até então informadas são fruto do cruzamento da imprensa com os livros pesquisados. As afirmações acerca do acervo de Aureli foram adquiridas em uma entrevista informal com o neto do sertanista.

historiográfico do assunto, compreende-se, em adição a motivos anteriormente descritos, a necessidade de desenvolver um estudo aprofundado sobre a Bandeira Piratininga.

ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho constituiu-se de duas partes, cada uma correspondendo aos dois objetivos propostos. A primeira parte inicia-se no capítulo 3: “As Expedições de 1937 e 1938” que se divide em três subcapítulos. No primeiro, “3.1 De Santos para o Araguaia: por que explorar?”, busquei explicar a motivação para Aureli ter fundado a Piratininga. Para isso, levei em consideração o contexto internacional, tendo como ponto de partida a relação da imprensa com exploradores a partir do século XIX, e o contexto nacional e individual do sertanista. Quanto ao primeiro aspecto, o estudo das obras *The Myth of the Explorer* (1994) de Beau Riffenburgh e *Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação* (1999) de Mary Louise Pratt constituiu as bases interpretativas. Em relação ao segundo aspecto, a compreensão do contexto nacional que condicionou a criação da Piratininga teve como base *O Governo dos Índios sob a Gestão do SPI* (1998) de Antônio Carlos de Souza Lima, *Coleções e Expedições Vigeadas: os Etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil* (1998) de Luis Grupioni e *A Luta Indígena no Coração do Brasil: política indigenista. A marcha para o Oeste e os Índios Xavante* (2011) de Seth Garfield.

Esse momento de contextualização também se voltou para Bruno Latour em *Jamais Fomos Modernos* (2022) e Philippe Descola em *Beyond Nature and Culture* (2013), ambos antropólogos cujos estudos trabalharam com os conceitos de Natureza, Cultura e Ciência, assim como a articulação desses aspectos. Essas noções-base foram associadas à autores que tiveram como objeto de estudo o sertão brasileiro: Albertina Vicentini (1998; 2007), Luciana Murari (2009; 2020a; 2020b) e Sandro Dutra e Silva (2018).

O segundo e terceiro subcapítulos, “3.2 Inaugurando a Bandeira Piratininga: a Expedição de 1937” e “3.3 Alcançando a Serra do Roncador: a Expedição de 1938” fizeram frente ao primeiro objetivo do trabalho: descrever e narrar os objetivos, trajetórias, integrantes e atividades que constituíram as expedições. O texto articulou livros de Aureli e a imprensa para a constituição da narrativa. A forma de realizá-la foi inspirada no estilo de Beau Riffenburgh em *Shackleton’s Forgotten Expedition: The Voyage of the Nimrod* (2005), que combinou a narrativa com eventuais citações dos exploradores e mapas. O leitor, não somente no capítulo 3, mas nos seguintes, se deparará com diversas citações de Aureli cujo objetivo foi demonstrar ao máximo o estilo do sertanista, visto que sua obra não pode ser acessada digitalmente e dependeu da compra em sebos pela “Estante Virtual”.

O quarto capítulo, “Falando de si e do outro: Construindo um Ethos”, com seis ramificações, fez frente ao segundo objetivo: analisar a forma como o chefe do grupo, Willy

Aureli, construía a sua autoridade discursiva como sertanista e indigenista em suas obras literárias e na imprensa. Antes dos subcapítulos, almejei demonstrar as ferramentas discursivas utilizadas por Aureli que constituíam seu *ethos* discursivo. Para isso, explorei sua literatura, investigando momentos em que o autor tratava de si e de outros. Esses outros foram comumente pessoas do âmbito acadêmico, jornalistas, autoridades do Estado, sertanejos e indígenas. Nesse momento, o leitor também entrará em contato com explicações acerca do estilo literário de Willy, assim como um sumário do conteúdo de cada livro pesquisado. O eixo teórico do capítulo baseou-se em conceitos da análise de discurso de tradição francesa a partir de Dominique Maingueneau (2008; 2020) e Helena Brandão (2012).

O primeiro subcapítulo “4.1 Assimilando e Sendo Assimilado: Indigenismo no Contexto e na Obra de Aureli”, e as demais ramificações: “4.2 O Indígena na Obra de Aureli”, “4.2.1 O Indígena no Singular”, “4.2.2 Os Indígenas: Entre Índoles e Culturas”, “4.2.3 Agentes do Campo Indigenista” e “4.2.4 Casos de Alteridade” fizeram frente ao objetivo secundário: posicionar a Bandeira Piratinga e Willy Aureli dentro do campo indigenista, explicando como suas atividades, mesmo que privadas, agiam em consonância com os interesses da Marcha para o Oeste.

O posicionamento foi feito em dois movimentos, primeiro um “inventário” sucinto dos diferentes agentes que compuseram o Campo Indigenista, ou seja, pessoas, grupos e instituições cujas ações, de uma forma ou de outra, buscavam entrar em contato com indígenas e inevitavelmente condicionar suas atividades, estilo de vida, pensamento, entre outros. Para isso, foi de suma importância o conceito de poder tutelar a partir de Antônio Carlos de Souza Lima (2012), assim como as contextualizações realizadas por Luís Grupioni (1998) e Seth Garfield (2011).

O segundo movimento buscou demonstrar o posicionamento de Aureli no Campo Indigenista a partir de suas opiniões acerca dos indígenas, principalmente sua compreensão acerca do que seria ideal para as populações nativas, e de outros agentes, mais especificamente o Serviço de Proteção ao Índio, as missões cristãs e a Fundação Brasil Central. Por último, apresentei três casos de alteridade: momentos narrados em seus livros que descreveram situações de estranhamento e transculturação entre os “bandeirantes” e indígenas Carajás e Tapirapés. Os eventos trabalhados exemplificaram como as características da Bandeira Piratinga, uma ação privada em pequena escala, possibilitaram relações com indígenas marcadas pela reciprocidade e negociações.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como comentado anteriormente, o trabalho se sustentou pelo uso da imprensa e da literatura. No âmbito da imprensa, a coleta e organização das reportagens dos diferentes periódicos começou em 2019, quando a Bandeira Piratininga era o objeto de estudo da minha Iniciação Científica na PUCRS, sob orientação da Professora Luciana Murari. Esse primeiro momento, que se encerrou na metade de 2020, delimitou a coleta de materiais de 1937-1939. Com o início do mestrado em 2020, ampliou-se o recorte: 1937-2022. A ampliação foi de suma importância para averiguar, a partir dos acervos pesquisados, a forma como a Bandeira Piratininga foi noticiada até a contemporaneidade. A coleta e organização se deu da seguinte forma:

- 1) Pesquisa do termo “Bandeira Piratininga” nos acervos dos jornais *O Globo*, *Folha de São Paulo* e Hemeroteca Digital;
- 2) Organização das ocorrências⁶ em uma planilha Excel com cinco colunas: 1) Sequência alfanumérica fazendo referência à data, objeto de pesquisa, periódico e página, por exemplo 170345waogp9: 17 de março de 1945, Willy Aureli, O Globo, página nove; 2) Categoria do conteúdo: atualização da expedição⁷, caracterização da expedição⁸, conflito de legitimidade/condução⁹, donativos/auxílios¹⁰, publicidade¹¹ e questão Fawcett¹²; 3) Breve resumo do conteúdo da ocorrência; 4) Porcentagem aproximada da ocupação da ocorrência em relação à página em que se encontrava; 5) Link para o endereço da ocorrência; 6) Observações adicionais.

Colocando em perspectiva os resultados, a pesquisa totalizou 605 ocorrências que corresponderam a 68 periódicos diferentes e 13 estados da federação. A partir do que foi possível deduzir com a referência cruzada das diversas notícias, o número coletado não condiz com a quantidade real do que foi publicado. Isso se deu não somente pela pesquisa não atingir outros acervos pagos, mas também por lacunas resultantes, seja pelo acervo estar incompleto,

⁶ Ao longo do texto, o termo “ocorrência” faz referência às reportagens/notícias pesquisadas.

⁷ Ocorrências cujo conteúdo apenas noticiavam a situação da expedição em determinado momento.

⁸ Ocorrências que de alguma forma adjetivavam, caracterizavam ou explicavam aspectos relativos à Piratininga.

⁹ Ocorrências nas quais o conteúdo tem teor crítico, seja à legitimidade da expedição ou à conduta dos bandeirantes.

¹⁰ Ocorrências que informaram de doações de material ou dinheiro e de auxílios das mais diversas naturezas, por exemplo, transporte para Goiás.

¹¹ Ocorrências que propagandeavam filmes criados pela Piratininga ou conferências proferidas por Aureli.

¹² Ocorrências cujo fundamento era noticiar atualizações sobre o desaparecimento do Coronel Fawcett, mas vinculavam a informação às atividades da expedição.

seja pela ferramenta de pesquisa não encontrar determinada ocorrência. Essa lacuna é especialmente evidente no caso da *Folha da Manhã* ao longo do ano de 1938. As imagens a seguir demonstram os estados, periódicos e o número de ocorrências coletadas. Em ordem decrescente ou cronológica:

IMAGEM 1 – Estados, periódicos e ocorrências

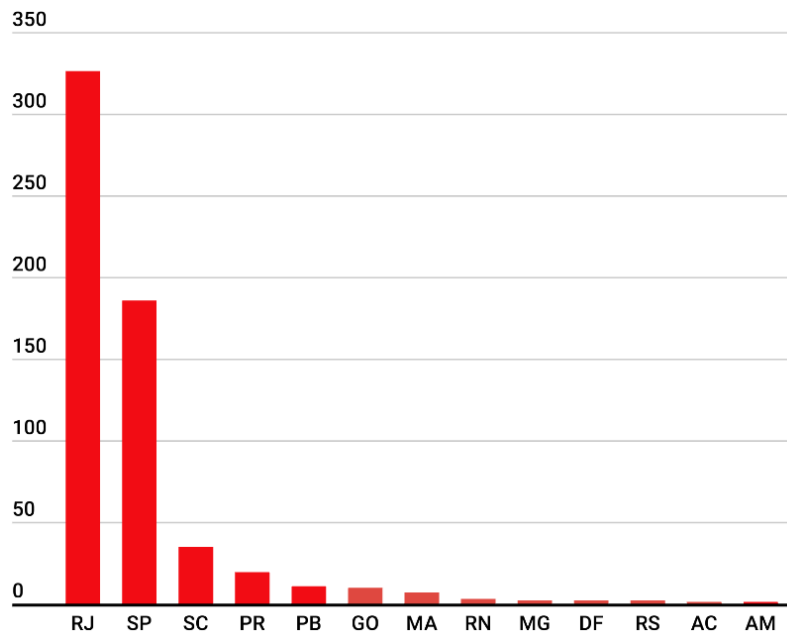
| Rio de Janeiro | 30 periódicos;326 |
|--|--------------------------|
| Correio da Manhã(RJ) | 46 |
| O GLOBO | 47 |
| Diário de Notícias(RJ) | 35 |
| Jornal do Brasil(RJ) | 29 |
| Diario Carioca(RJ) | 28 |
| O Jornal(RJ) | 20 |
| A Noite(RJ) | 20 |
| Gazeta de Notícias (RJ) | 16 |
| Jornal do Comércio(RJ) | 16 |
| O Imparcial(RJ) | 13 |
| Diário da Noite (RJ) | 12 |
| A Manhã(RJ) | 8 |
| O Radical(RJ) | 7 |
| A Batalha (RJ) | 5 |
| Eu Sei Tudo (RJ) | 4 |
| Tribuna da Imprensa (RJ) | 3 |
| Diretrizes:política, economia, cultura(RJ) | 2 |
| Leitura (RJ) | 2 |
| A Noite:suplemento: secção de Rotogravura (RJ) | 2 |
| A Nação (RJ) | 1 |
| Dom Casmurro (RJ) | 1 |
| A Cruz(RJ) | 1 |
| Vida Carioca | 1 |
| O Observador Economico e Financeiro (RJ) | 1 |
| Nação Brasileira (RJ) | 1 |
| Vamos Lêr (RJ) | 1 |
| Vida política: suplemento de A Manhã (RJ) | 1 |
| O Cruzeiro: revista (RJ) | 1 |
| Vida Doméstica (RJ) | 1 |

| | |
|--|--------------------------|
| Almanaque do Correio da Manhã (RJ) | 1 |
| | |
| São Paulo | 14 periódicos;186 |
| Correio Paulistano(SP) | 82 |
| Folha da Manhã (SP) | 66 |
| Folha da Noite (SP) | 12 |
| Diário da Noite (SP) | 10 |
| Jornal de Notícias (SP) | 6 |
| Cine reporter:semanario cinematografico (SP) | 2 |
| Revista do Arquivo Municipal (SP) | 1 |
| Fauna (SP) | 1 |
| A Gazeta: edição infantil (SP) | 1 |
| Chacaras e Quintaes (SP) | 1 |
| A Gazeta Esportiva (SP) | 1 |
| Almanaque da Baixada Santista (SP) | 1 |
| A Tribuna(SP) | 1 |
| Folha de São Paulo (SP) | 1 |
| | |
| Santa Catarina | 5 periódicos;35 |
| A Notícia (SC) | 14 |
| O Estado(SC) | 8 |
| A Gazeta(SC) | 7 |
| O Estado de Florianópolis(SC) | 6 |
| Correio do Povo (SC) | 1 |
| | |
| Paraná | 5 periódicos;19 |
| O Dia(PR) | 7 |
| Correio do Paraná (PR) | 5 |
| Diário do Paraná(PR) | 3 |
| Diario da Tarde (PR) | 3 |
| Ultima Hora (PR) | 1 |
| | |
| Pernambuco | 2 periódicos;11 |
| Diário de Pernambuco(PE) | 9 |
| Diario da Manhã (PE) | 2 |

| | |
|----------------------------|------------------------|
| | |
| Goiás | 2 periódicos;10 |
| Cidade de Goiás(GO) | 7 |
| Jornal de Notícias (GO) | 3 |
| | |
| Maranhão | 2 periódicos;7 |
| O Imparcial (MA) | 5 |
| Pacotilha (MA) | 2 |
| | |
| Rio Grande do Norte | 2 periódicos;3 |
| Diario de Natal (RN) | 2 |
| A Ordem(RN) | 1 |
| | |
| Minas Gerais | 2 periódicos;2 |
| O triangulo (MG) | 1 |
| Lavoura e Comercio (MG) | 1 |
| | |
| Distrito Federal | 1 periódico;2 |
| Correio Braziliense (DF) | 2 |
| | |
| Rio Grande do Sul | 1 periódico;2 |
| Jornal do Dia (RS) | 2 |
| | |
| Acre | 1 periódicos;1 |
| O Acre (AC) | 1 |
| | |
| Amazonas | 1 periódico;1 |
| Jornal do Commercio (AM) | 1 |

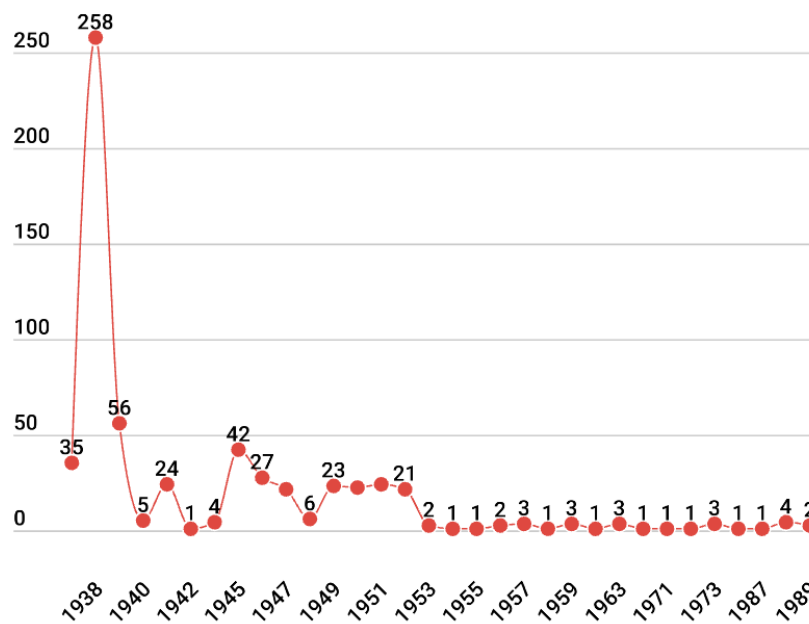
Autor, 2023

IMAGEM 2 – Número de ocorrências por estado



Autor, 2023

IMAGEM 3 – Número de ocorrências por ano



Autor, 2023

Neste momento, é oportuno pontuar alguns aspectos acerca desses dados quantitativos. É importante saber que, depois de 1938, grandes concentrações de ocorrências em um ano são resultados de reportagens de caráter publicitário¹³, ou trâmites no legislativo estadual ou federal que eram comumente noticiados nos periódicos. Um segundo ponto é que a maioria das

¹³ Anúncios de livros, filmes ou palestras.

ocorrências após 1938 não ocupavam mais que 5 a 10% de uma página, salvo exceções. Por último, as reportagens depois dos anos 70 pertencem às colunas que colocavam notícias de 50 anos atrás, menores ou iguais a 5% de ocupação. O fluxo de ocorrências termina em 1989, não sendo encontrado nenhum obituário de Aureli¹⁴. Interpretações mais longas dos dados da imprensa serão expostas no próximo capítulo.

No âmbito da literatura, a obra de Willy Aureli conta com 13 livros publicados, sendo 10 as produções que se relacionam com a Bandeira Piratininga. São essas: *O Flagelo dos Tóxicos: Ópio, Morfina e Cocaína* (1931), *A tragédia de Ekaterimburgo* (1933), *O Evadido de Cayenna* (1936), *Roncador* (1939), *Sertões Bravios* (1943), *Léguas Sem Fim* (1949), *Bandeirantes D'Oeste* (1952), *Terra sem Sombra* (1952), *O Rio da Solidão* (1957), *Esplendor Selvagem* (1960), *Biu Marrandu* (1963), *Sumaúma* (1966), *Bugres no Rio das Mortes* (1973). Foi possível averiguar três editoras diferentes que publicaram esses livros: Edições Cultura Brasileira (RJ), Edições Leia (SP) e Clube do Livro de São Paulo (SP).

Desses 10 livros, foi possível adquirir 8 deles por meio da “Estante Virtual”: *Roncador* (1939), *Sertões Bravios* (1943), *Bandeirantes D'Oeste* (1952), *O Rio da Solidão* (1957), *Esplendor Selvagem* (1960), *Biu Marrandu* (1963), *Sumaúma* (1966), *Bugres no Rio das Mortes* (1973)¹⁵. Não há nenhuma versão digitalizada da produção de Aureli, sendo que todos os livros adquiridos vieram de sebos paulistas. Foram fichadas, aproximadamente, 1689 páginas a partir da seguinte dinâmica:

- 1) Leitura inicial com a listagem dos pontos de interesse, a partir dos objetivos da pesquisa;
- 2) Organização do conteúdo por livro em dois fichamentos em uma planilha de Excel:
 - 2.1) Fichamento Descritivo: informações técnicas do livro (data de publicação, páginas, forma de divisão do conteúdo e pessoa utilizada pelo autor) e um resumo do conteúdo geral a partir de cada parte/capítulo.

¹⁴ Para essa busca, pesquisou-se, nos mesmos acervos, o termo “Willy Aureli”.

¹⁵ Uma introdução ao conteúdo e estilo dessas obras encontra-se no capítulo 4, na seção “Capas, Ilustrações e Prefácios”.

2.2) Fichamento Temático: organização dos pontos de interesse da leitura inicial em sete temas: Aureli (*ethos*)¹⁶, Expedição¹⁷, Ilustrações¹⁸, Indígenas¹⁹, Instituições e outros agentes²⁰, Natureza²¹, Sertanejo²².

Dessa forma, tornava-se possível acessar uma grande quantidade de informação em diferentes livros mais rapidamente. O trabalho de análise das fontes literárias se encontra no capítulo 4, ainda que menções aos livros do autor permeiem o próximo capítulo.

¹⁶ Conteúdo corresponde à forma como Aureli se construía como sujeito perante o interlocutor.

¹⁷ Conteúdo corresponde a qualquer aspecto que trate dos fatos e eventos vinculados à expedição em si.

¹⁸ Quando o livro apresenta fotografias e ilustrações.

¹⁹ Conteúdo corresponde à forma como Aureli abordava o indígena, no singular, e os diferentes grupos indígenas, no plural.

²⁰ Conteúdo corresponde às menções do autor acerca das instituições e outros agentes do campo indigenista.

²¹ Conteúdo que tratou do meio ambiente e fauna.

²² Conteúdo que tratava do sertanejo, suas características e contexto social/geográfico.

3 AS EXPEDIÇÕES DE 1937 E 1938

Não é demais repetir que a finalidade da “Bandeira Piratininga” é o desbravamento de uma zona ainda completamente virgem, de modo a desvendar aos olhos atônitos da civilização, toda a arcana beleza que o mysterio envolve na actualidade (A EXPEDIÇÃO..., 25 mai. 1937, p.1).

Voltando a palestra a referir-se à “Bandeira Piratininga”, o presidente Getúlio Vargas tem para com os expedicionários um gesto extremamente lisonjeiro, por sua elevada significação moral. S. ex oferecerá a bandeira nacional que a expedição Piratininga – caso consiga vencer todas as dificuldades do itinerário a seguir, hasteará na Serra do Roncador, assinalando uma conquista memorável da Marcha para Oeste (UMA AUDIÊNCIA..., 9 jun. 1938, p. 3).

O presente capítulo tem como objetivo tratar das expedições de 1937 e 1938, descrevendo e explicando aspectos contextuais, itinerários, objetivos, integrantes, eventos importantes e a relação dessas incursões com a imprensa e a literatura de Aureli. Um estudo mais pormenorizado das duas primeiras expedições da Bandeira possibilita o entendimento de aspectos básicos da forma como o grupo operava, tanto em termos materiais como de conduta, e de que forma suas ações repercutiam para além dos objetivos da incursão em si, especialmente na imprensa. É justamente a partir da organização da expedição de 1937 que encontramos a forma como Aureli angariava fundos e publicidade para as empreitadas. Apoiando-se na *Folha da Manhã* e na *Folha da Noite*, jornal em que trabalhava como redator, ele garantia quatro fatores importantes para a manutenção da Bandeira: 1) donativos materiais e financiamento; 2) integrantes para a expedição; 3) publicidade e 4) um veículo de comunicação para expressar suas ideias e defender-se de críticas.

Em relação ao modo como as expedições operavam, podemos perceber que o número de integrantes era variável, 14 na de 1937 e 30 em 1938. Houve, entretanto, estabilidade quanto aos critérios de seleção que se manteriam em outras incursões. Por último, a iniciativa de 1937 expõe a tendência de a Bandeira sempre reservar um objetivo principal vinculado a um marco geográfico, por exemplo, em 1937 chegar até a Serra do Roncador, mas também compor-se de uma gama de objetivos variados que refletiram a vontade de Willy Aureli de atuar em diferentes campos. Nessa categoria de variados, destacam-se: 1) estabelecimento de contato com diferentes grupos indígenas como os Carajás, Xavantes, Caiapós, e Tapirapés, ao mesmo tempo que empreendiam práticas de estudo etnográfico; 2) coletas de material e composição de relatórios para instituições científicas como o Instituto Butantã e o Serviço de Profilaxia da Malária e instituições culturais como o Museu Ipiranga, o Instituto Histórico e Geográfico e o Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo; 3) auxílio material e médico às

populações sertanejas e indígenas encontradas; 4) mapeamento do terreno e da hidrografia das regiões percorridas; e 5) encontrar mais pistas sobre o paradeiro do Coronel Fawcett.

A expedição de 1938 se destaca por marcar o momento de maior publicidade da Bandeira na imprensa, acompanhando o lançamento de um livro, *Roncador* (1939), e da exibição de filmes da expedição de 1937 nos cinemas do Rio de Janeiro e São Paulo. Entretanto, a incursão teve grande parte da sua publicidade derivada de uma polêmica relacionada a um suposto contato violento da expedição com indígenas xavante, que acabou por atrair e motivar as críticas de autoridades do SPI (diretor Tenente-coronel Fonseca Vasconcelos), CNPI (Cândido Rondon), CFEAC (Heloisa Torres), o ministro da Justiça Francisco Campos e o ministro da Guerra General Dutra. Ainda que, posteriormente, Aureli tenha conseguido realizar outras expedições e inclusive cultivar uma relação amistosa com o SPI e CNPI, a publicidade da Bandeira Piratininga não voltou aos mesmos patamares. As possíveis razões para isso serão trabalhadas posteriormente. Por último, comparando a incursão de 1938 com as outras, essa se sobressai como a mais bem documentada, potencializando um estudo que cruze informações relativas ao livro *Roncador* (1939), que descreve a expedição, com o que foi publicado na imprensa.

3.1 DE SANTOS PARA O ARAGUAIA: POR QUE EXPLORAR?

Dedico este trabalho (livro *Bandeirantes D'Oeste*, 1952) à memória de meu irmão Aurélio que ofereceu a sua vida em prol de um escopo nobilíssimo. Hoje os seus restos repousam sob as frondes da floresta que margeia o Araguaia, cinco léguas abaixo da confluência do Rio das Mortes (AURELI, 1962, p. 12).

Ribeiro da Silva, realizou, uma grande obra de nacionalidade, a qual lhe custou a vida. Morreu ainda moço, quando tudo lhe sorria. Mas morreu pelo Brasil, pelo seu grande ideal, que era aquele mesmo que no alvorecer dos tempos de colônia, consubstanciou a epopéia das bandeiras (CARTAS..., 14 out. 1938, p. 7).

As citações acima fazem referência à morte de dois sertanistas, o primeiro, Aurélio Aureli, antropólogo da Secretaria da Segurança Pública do estado de São Paulo e Irmão de Willy, que morreu de febre amarela em 13 de dezembro de 1946 e, o segundo, Hermano Ribeiro da Silva, sertanista e escritor, que faleceu em decorrência da malária em 24 de novembro de 1937 (MURARI, 2020a). Os dois paulistas rumaram para a mesma região e, mesmo tendo objetivos específicos diferentes, assemelhavam-se por constituírem expedições de caráter privado, dependendo, principalmente, do apoio do público paulista e da publicidade na imprensa, garantida por contratos de exclusividade. Para além do sensacionalismo, exotismo,

bandeirantismo e patriotismo que constituía o discurso²³ de publicização dessas iniciativas, encontram-se pessoas que de fato arriscaram suas vidas para uma missão por eles assumida. Não se trata, portanto, de viagens motivadas por e feitas apenas em benefício da publicidade, do ganho financeiro, nem de uma distorção intencional do que se observava para autopromoção. É necessário compreender a força do imaginário e dos aspectos contextuais do período para que se entenda o porquê desses grupos rumarem para espaços desconhecidos e, de fato, perigosos, arriscando suas vidas por uma iniciativa, ao ver deles, em benefício da nação (DUTRA E SILVA, 2018). Antes de introduzir o contexto brasileiro, gostaria de trabalhar com expedições no nível internacional, explorando as práticas, motivações e a forma de registro e publicização, com o intuito de demonstrar o eixo diacrônico que influenciou a criação da Bandeira Piratininga.

Nesse sentido, enfatizo a conexão de aspectos contextuais e eventos pontuais em diferentes temporalidades e espaços. Partirei do geral para o específico. Em primeiro lugar, trato da prática de viagens de caráter exploratório, acompanhada de um compromisso com o descobrimento, registro e ocupação/exploração econômica de espaços interpretados, constantemente, como fronteiras e/ou obstáculos (PRATT, 1999). Ressalto o contexto das expedições realizadas a partir do século XIX, visto que é nesse período que a imprensa europeia e norte americana e expedicionários cultivaram uma relação mutualística na qual se forneceu aos aventureiros um espaço para a publicidade e esses, por sua vez, garantiram um fluxo de reportagens sensacionalistas capazes de atrair a atenção das massas. Ao analisar essa relação na imprensa inglesa e estadunidense, Beau Riffenburgh em *The Myth of the Explorer* (1994) descreve como o aumento do público alfabetizado condicionou periódicos a modificarem a estrutura e o conteúdo de seus jornais, adicionando diferentes fontes, imagens e, principalmente, seções que relatavam eventos emocionantes, como casos policiais, escândalos, eventos sobrenaturais e, claro, expedições.

Essas mudanças na imprensa também ocorreram no Brasil entre o último quartel do XIX e início do XX, com o aumento do público leitor, número de periódicos e tecnologia capaz de imprimir jornais em escala industrial (LUCA, 2012). O alvorecer do regime varguista, e especialmente, após a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em 1939,

²³ De forma ampla, o discurso pode ser definido como qualquer ato comunicativo que, inevitavelmente, é determinado pelo contexto sócio histórico, mas que também o constitui. Esse contexto sócio histórico representa uma relação tempo-prática discursiva, portanto é nele que podemos localizar os modos de dizer, quem pode dizer, para quem se pode dizer, de onde se pode dizer, etc. Reconhecer esse aspecto relativamente “consensual” do discurso como ato e que esses atos são submetidos e “submissores” de seu contexto é de suma importância para compreender o próprio escopo de ação da análise de discurso, pois funda o interesse não nos discursos por si só, mas sim, nas suas condicionantes (MAINGUENEAU, 2008; 2020).

forçou os periódicos a uma tomada de posição de apoio ou oposição clandestina ao governo. Se nos voltarmos à grande imprensa²⁴, em que a grande maioria das reportagens sobre a Piratininga foi publicada, os periódicos que acatavam as determinações do Estado garantiam privilégios²⁵ capazes de sustentar a posição de jornais proeminentes, assim como obter ganho financeiro (BARBOSA, 2007; LUCA, 2012).

Por conta do conteúdo das atividades da Piratininga, não há qualquer evidência que o assunto teria sofrido censura, visto que o discurso comumente vinculado à exploração da região estava em consonância com as diretrizes do regime. Além disso, assim como apontado por Riffenburgh em relação à imprensa britânica e estadunidense, os periódicos brasileiros ampliavam o escopo de assuntos. Dessa forma, as expedições da Bandeira forneciam um conteúdo potencialmente sensacional, emocionante e apelativo:

[...] a proliferação de novos tipos de conteúdo na mídia do período diz respeito a uma exigência do público que procurará cada vez mais na fantasia e na emoção de personagens mitificados a expressão de seu rosto silenciado. Ao se ver apartado da discussão política, mostrará a sua face nas colunas que enfocam o entretenimento e nas notícias que envolvem os dramas do cotidiano (BARBOSA, 2007, p. 108).

Como se tornará claro quando será discutida a articulação entre imprensa e as expedições de 1937 e 1938, os periódicos utilizaram um “arsenal” para persuadir o leitor com grandes imagens, manchetes surpreendentes e um conteúdo que muitas vezes distorceu a informação original com o intuito de aumentar o apelo. O próprio Willy Aureli foi “filho” dessa época, visto que, desde 1927, trabalhava como chefe da reportagem policial para as “Folhas” (AURELI, 1973). Sua atividade, portanto, lidava com eventos potencialmente sensacionais, certamente tornando-se um espaço de treinamento para o seu estilo literário.

Vinculada a essa mudança de estrutura e conteúdo está uma importante ferramenta discursiva, o sensacionalismo. O termo, usualmente pejorativo em seu uso contemporâneo, faz referência, no presente trabalho, a

um leque de técnicas jornalísticas usadas para interessar, excitar ou assegurar emocionalmente um vasto número de leitores que, por uma ou outra razão, está mais interessado em ficar entretido do que ser educado por tópicos potencialmente secos e sem vida – como eventos no governo ou negócios (RIFFENBURGH, p. 3, 1994).

²⁴ “[...] De forma genérica designa o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro” (LUCA, 2012, p. 103).

²⁵ A censura, seja prévia ou posterior, no regime Vargas, detinha uma dimensão produtiva, através da qual o regime garantia a isenção na importação do papel para os jornais, além de inclusive financiar escritores para criarem obras em apoio ao governo (LUCA, 2012). O alinhamento de periódicos com as diretrizes do regime não é, entretanto, evidência de defesa ou apreciação do regime, é antes resultado de uma negociação forçada, ainda que benéfica financeiramente (BARBOSA, 2007).

O explorador e suas viagens se tornaram tópicos de interesse em uma imprensa investida no sensacional. Dessa forma, imprensa e editoras financiavam e pagavam pela exclusividade na publicação de registros de exploração, além disso, assumiam lados e apoiavam seus exploradores em casos de conflito. Em agosto de 1938, por exemplo, as críticas de periódicos cariocas à conduta da Bandeira eram contrastadas com a defesa pela imprensa paulista.

A exploração, entretanto, não estava presente apenas na imprensa, mas também no mercado editorial. Os livros, comumente escritos em forma de diário e narrados pelo próprio viajante, se tornaram uma forma de contato íntimo com o leitor, vista a ênfase nas emoções e no cotidiano da expedição. Além da publicidade, essas publicações auxiliavam no financiamento de expedições futuras, comumente associadas à imprensa, palestras e até mesmo museus (RIFFENBURGH, 1994). O explorador-escritor, ou mesmo o explorador-jornalista, constituiu-se como uma necessidade de seu tempo.

Em 1821, por exemplo, o explorador britânico William Edward Parry publicou o *“Journal of a Voyage for the Discovery of a North-West Passage”*²⁶. Seu relato descrevia o mundano dentro da expedição no ártico, fato que, em primeira vista, poderia ser entediante, mas era justamente a narração do cotidiano e a composição da paisagem²⁷ que possibilitava, ao leitor, o compartilhamento de um cenário e de uma forma de viver desconhecida:

Nenhum objeto era visto sob o qual nossos olhos poderiam descansar com prazer, exceto quando direcionados ao local onde nossos navios ficavam e onde nossa pequena colônia foi plantada. O som das vozes... serviam de vez em quando para quebrar o silêncio que reinava ao nosso redor, um silêncio muito diferente daquela composição pacífica que caracteriza a paisagem de um interior cultivado; era a terrível desolação de uma imobilidade letal e a total ausência de existência animada (PARRY, p. 125, 1821, tradução nossa)

Almejando demonstrar as similaridades no discurso de Willy Aureli com tendências prévias, destaco um trecho no qual ele também descreve a paisagem observada:

Uma lua suja, quase cor de chocolate, ia descambando para o horizonte, pondo uma pincelada de imensa tristeza no ambiente. Nada há que se compare ao ocaso do nosso satélite, quando dá para minguar, colorindo-se com tintas de cemitério. Até as arapongas ficam tristes e deixam de estridular [...] onde apenas falta a clássica bruxa cavalgando um pau-de-vassoura... (AURELI, p. 12, 1973).

²⁶ O exemplo inspirou-se no que fora apontado por Riffenburgh, entretanto, foi possível adquirir uma versão digital do original para acessar a página exata da citação.

²⁷ “Como modelo de incorporação do meio ambiente à mentalidade moderna ocidental, a paisagem estabeleceu-se como forma de estetização das áreas naturais e rurais e, simultaneamente, como um modo de percepção do espaço físico como algo passível de apropriação intelectual” (MURARI, 2020b, p. 2).

A descrição/criação da paisagem tinha papel central na popularização dos relatos de viagens, tanto na imprensa como no mercado editorial, e estava atrelada a duas importantes ferramentas discursivas que já estavam consolidadas na literatura e na pintura: o sublime e o pitoresco. O sublime pode ser entendido como o sentimento de êxtase vinculado às noções de pequenez/inferioridade e arrebatamento perante algo, no caso, a natureza (RIFFENBURGH, 1994). O pitoresco, como princípio estético, tem no artista ou escritor um tradutor da experiência visual-que busca “evocar aquilo que atrai e entretêm a atenção do olhar, que estimula os sentidos do espectador. Num sentido geral o pitoresco passou a ser o que apresenta variedade, diversidade e irregularidade” (DIENER, 2008, p. 6). Dessa forma, esse princípio foi responsável por uma domesticação do ambiente através de ferramentas estéticas capazes de enfatizar uma concepção do belo (DIENER, 2008). Em oposição ao sentimento de pequenez/inferioridade, o pitoresco apela a um conforto visual por meio da beleza, comumente representando atividades da vida cotidiana, o rural e cenas idealizadas do meio ambiente.

Especialmente em espaços nunca vistos ou conhecidos pelos leitores, o explorador assume um papel de guia e tradutor da experiência, explicando de forma sentimental e não apenas descritiva o que se vê, escuta e faz. A tradução do que se sente depende de um discurso capaz de evocar o máximo de elementos em comum para tornar a experiência inteligível. Por conta disso, a metáfora e a comparação são figuras de linguagem constantemente presentes em relatos de viagem. A título de complementação, penso ser interessante adicionar mais um trecho de Aureli, agora em seu livro *Bandeirantes d'oeste* (1952), no qual descreve uma tempestade:

E o terrífico dessa luta está justamente na forma silenciosa com que se processa! Só o ribombar soturno e cheio de trovões, que amiúdam, empresta à visão sincronização necessária à impressão que se experimenta! E essas montanhas bizarras, negras de fímbrias cinzento-escuro, aqui e acolá riscadas pelo livor intenso das faíscas [...] avançando impetuosamente, dando-nos a exata percepção de não sermos nada, um simples zero na incomensurável solidão do tempo (AURELI, 1962, p. 241)!

No exemplo, é mais clara a presença do aspecto da inferioridade relacionado ao sublime, acompanhado novamente de uma série de referências que buscam traduzir a experiência ao leitor, por exemplo, a relação dos raios como fonte de luz aos olhos (para ver a paisagem) com a luminosidade responsável pela sincronização da imagem em uma câmera.

Ponto importante a se tratar quando abordamos a prática de registro da observação e análise da natureza é a História Natural, disciplina responsável por constituir uma forma de ver, representar e compreender os elementos que pertenciam ao mundo natural (PRATT, 1999). A legitimidade dessa disciplina, quanto ao conhecimento produzido, estava intimamente

conectada com algo anterior: a noção de natureza em contraste com a cultura (DESCOLA, 2013)²⁸. Dessa forma, tornou-se possível caracterizar o meio ambiente no que é domado, domável ou indomável, muitas vezes incluindo populações indígenas nessa moldura. A constituição da ciência moderna reforçou uma natureza separada da sua relação com o ser humano, possibilitando/incentivando uma distância ontológica, mas uma aproximação epistemológica, visto que o mundo natural seria quantificável, regido por leis que independem do ser humano e cujos fenômenos são repetíveis e previsíveis por meio da prática científica (LATOURET, 2022).

O compartilhamento dessa noção de natureza associada à História Natural agregou uma série de práticas às viagens. Se, por um lado, o desconhecido motivou a incursão, por outro, essa motivação demandou o registro do espaço e dos seres vivos observados, pois o testemunho oral não bastava. Era necessária a escrita, a ilustração, a fotografia, entre outros suportes, visto que, ao fim, a viagem deveria ser publicizada²⁹ (RIFFENBURGH, 1994). Simultaneamente, a forma de registro e sua publicidade produziram e foram regradadas pelas suas próprias práticas discursivas (MAINGUENEAU, 2020), o que acabava por delimitar quem poderia fazer uma incursão, de que forma seria feita, o que seria feito, como seria registrada e por e para quem seria publicada.

Se observarmos o contexto brasileiro na véspera da primeira expedição da Bandeira Piratininga em 1937, é possível identificarmos tais aspectos. No período, o movimento da Marcha para o Oeste, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e o Conselho de Fiscalização de Expedições Artísticas e Científicas (CFEAC)³⁰ expressavam diferentes faces de uma iniciativa semelhante: um processo de exploração (no sentido duplo da palavra) do interior brasileiro. Visava-se, pela Marcha, a execução de um projeto de povoamento nos moldes do nacional-desenvolvimentismo (GARFIELD, 2007), o que foi continuado posteriormente pela Fundação Brasil Central³¹; no caso do SPI, a assimilação de populações indígenas no intuito de prepara-

²⁸ O antropólogo Philippe Descola define como Naturalismo a ontologia que se desenvolveu conforme a ciência ganhava força como método de produção de conhecimento. Trata-se de perceber o real através de uma diferenciação entre o que compete, ou não, à experiência humana (cultura), moldável e relativa. Os elementos que são diferenciados da cultura pertenceriam à Natureza, regida por leis independentes da ação humana. Essa compreensão, associada à História Natural, tornou possível o Darwinismo, Neolamarquismo, Darwinismo social, entre outros.

²⁹ É importante apontar que nesse período as expedições voltam-se para além do apelo aventureiro, com seus líderes buscando aporte institucional e científico. O intuito é tanto fruto do avanço da prática científica, quanto do potencial legitimador e financeiro associado (RIFFENBURGH, 2005).

³⁰ Essa sigla não é oficial e foi criada apenas para evitar a repetição do nome completo da instituição.

³¹ Fundada em 1943 e encerrada em 1967, a Fundação Brasil Central foi uma “[...] agência criada na esteira da Expedição Roncador-Xingu com a missão de desbravar e colonizar vastas áreas tidas como “vazias” nos espaços centrais do país” (MAIA, 2019, p. 896)

las para integrarem-se à nação, possibilitando também o controle das fronteiras nacionais (LIMA, 1998); e quanto ao CFEAC, o controle do ir e vir de pessoas, expedições, material e conhecimento científico produzido no interior do Brasil (GRUPIONI, 1998)³².

Quanto à Marcha para o Oeste, essa se constituiu como um momento de reconhecimento do estado e da sociedade civil do sertão³³ como uma problemática a ser resolvida por conta de um potencial econômico não explorado, da necessidade da assimilação dos indígenas e do conhecimento geográfico da região associado ao controle do espaço de fronteira (LIMA, 1999; SILVA, 2018). Por mais que o presidente Vargas tenha feito a “inauguração” da Marcha, a ação do executivo não explicaria, como causa única, a prontidão com a qual a imprensa daria espaço para reportagens vinculadas à questão, instituições trabalhariam para levar tais objetivos a cabo e a sociedade civil a fazer parte do movimento de povoamento e suporte às iniciativas de caráter público e privado. Nesse sentido, tanto a Piratininga como a Anhanguera³⁴ estão compreendidas nesse conjunto de iniciativas que compuseram um escopo de ação em comum. Justamente por isso, o caráter privado das expedições não contradizia o discurso nacional-desenvolvimentista em voga (MURARI, 2020b).

Evidências disso se encontram na literatura e na imprensa associadas à Bandeira Piratininga. Destaco três exemplos em temporalidades diferentes. Primeiro, nas vésperas da incursão de 1938, uma bandeira do Brasil é entregue em nome de Getúlio para os integrantes, legitimando o empreendimento:

Disse S. ex que recebeu com muita *sympathia* essa iniciativa que é realmente a segunda fase das “bandeiras”. E’ a marcha para o Oeste, agora com estes recursos com os quaes não contavam os intrépidos desbravadores daquele tempo. Agora, ademais, será a valorização econômica da região, com a abertura de estradas de ferro, cultura das terras, emfim, o estudo e conhecimento de todo o vasto “hinterland”, que tem permanecido mais ou menos esquecido e que essa obra é um trabalho de colaboração com o governo: assim é ella entendida e compreendida [...] (UMA AUDIÊNCIA..., 9 jun. 1938).

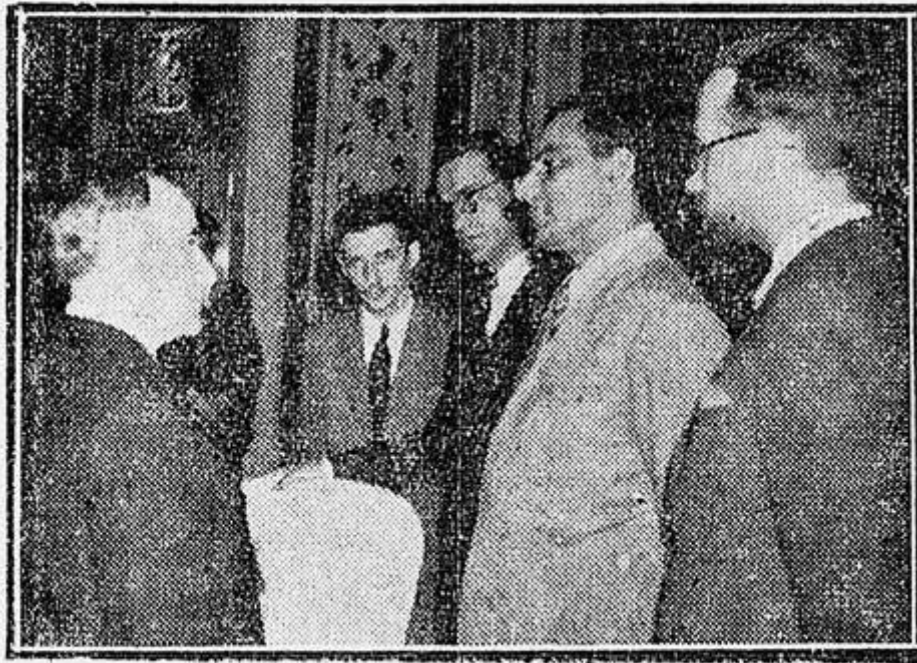
³² Se o leitor desejar uma introdução a essas instituições, recomenda-se a leitura do subcapítulo 4.2.1.

³³ O sertão, como conceito, deve ser compreendido para além de um referencial geográfico para o agreste nordestino. O termo constituiu-se como adjetivo generalizador e eminentemente depreciativo de grandes espaços no interior brasileiro surgido a partir do contraste com o ambiente urbano. Essa relação de diferenciação produziu uma série de adjetivos em dicotomia: progresso x atraso; urbano x rural, riqueza x pobreza, entre outros (MORAES, 2003; VICENTINI, 1998). Possibilitou, também, a criação de uma estética específica encontrada na literatura e na produção de imagens inspiradas no espaço (MURARI, 2009).

³⁴ A Bandeira Anhanguera foi criada pelo sertanista e escritor paulista Hermano Ribeiro Silva. O grupo de inicialmente quarenta homens rumou para a Serra do Roncador entre julho e dezembro de 1937, sendo patrocinados por O Estado de S. Paulo e pela Sociedade Rádio Bandeirante, assim como doações privadas de cidadãos paulistas. A expedição, entretanto, fracassou, iniciando retorno em 6 de novembro de 1937. Hermano inclusive faleceu em 24 de novembro por conta da malária, fato que encerraria a Anhanguera (MURARI, 2020).

IMAGEM 4 – Audiência com Vargas

Uma Audiência do Presidente da República á “Bandeira Piratininga”



O presidente Getúlio Vargas, quando recebia, hontem, os representantes da “Bandeira Piratininga”

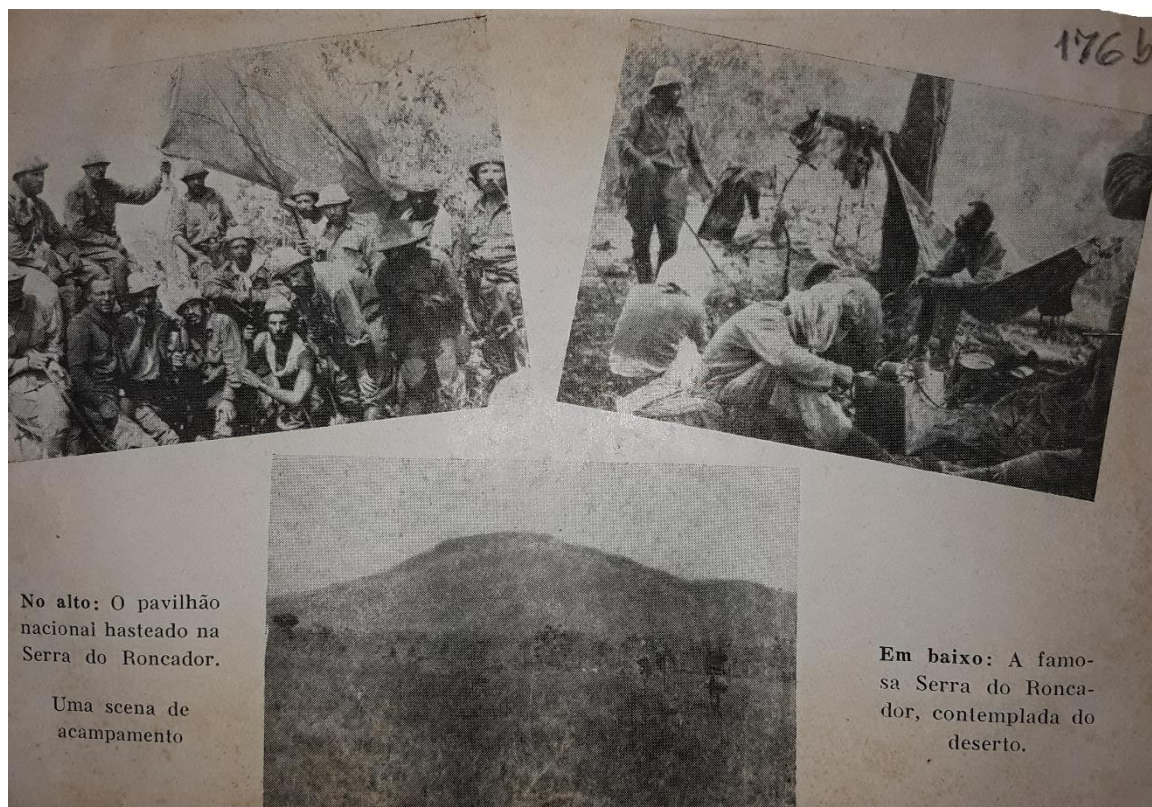
DIÁRIO CARIOCA, 1938

Essa mesma bandeira seria posteriormente hasteada no cume da Serra do Roncador, momento narrado com grande emoção por Aureli em seu livro *Roncador* (1939):

A's 10 e 20 horas do dia 28 de Agosto de 1938, o corpo de penetração da “Bandeira Piratininga”, composto pelos abaixo-assignados, alcançou este planalto que foi baptizado com o nome de “Piratininga”. Temos absoluta certeza de sermos os primeiros civilizados a galgar estas costas íngremes. Partimos de S. Paulo em 23 de Junho do corrente anno, directos ao ponto onde nos encontramos e que foi o escopo da “Bandeira”. Neste planalto hasteamos a bandeira nacional, oferecida à expedição por s. excia. O sr dr. Getúlio Vargas, presidente da República. Aproveito o ensejo para consignar, nesta mensagem que aqui fica enterrada, o meu sincero agradecimento aos companheiros que cmmigo lutaram e supportaram todas as vicissitudes da jornada áspera e má! Esta expedição, moralmente patrocinada pelo jornal paulistano “Folha da Noite”, venceu todos os empecilhos com animo sereno, cumprindo à risca o

prometido. Sêde, cansaço, fome, frio, sofrimentos físicos e Moraes não alteraram o espírito altamente patriótico dos componentes da “Bandeira Piratininga”, nem o espírito de sacrifício dos técnicos estrangeiros que nos acompanham, amigos sinceros desta grande terra! Viva o Brasil! - Planalto Piratininga, Serra do Roncador, em 28 de Agosto de 1928. Willy Aureli- chefe; Aristeu Cubha- sub-chefe; Napoleão Bucchi, chefe do 1º núcleo; Lourival Deus Costa, chefe do segundo núcleo; José de Barros, José Eduardo Pinto de Freitas, Alberico Soares, José de Queiroz, Aldo Battigliotti, João Fumis, Henry Julien, Heinz Himmelreich, etnomólogo; João Kaufer Wisniewky, geólogo e paleontólogo; Tikamer Saffka, etnologo; Celso S. Rocha, Armando Gozzola, Tacio Cattony, Benedicto Arruda, Nelson Guimarães, Benedicto Martins (AURELI, p. 201-202, 1939).

IMAGEM 5 – A Serra do Roncador



AURELI, 1939

Torna-se claro como o empreendimento, mesmo que privado, se constituía como participante da Marcha, enfatizando o aspecto nacionalista imbricado no discurso e na sua dimensão mais prática (a realização da expedição em si e o hasteamento da bandeira). Chamo atenção ao fato da utilidade que a iniciativa da Bandeira Piratininga tinha para o cumprimento dos objetivos da Marcha. A audiência em pessoa, a entrega de uma bandeira e a credibilidade envolvida nesses dois atos, demonstram um voto de confiança. Posteriormente, a Bandeira receberia uma ordem de regresso pelo ministro da Justiça, Francisco Campos, mas a expedição de fato alcançaria o objetivo, incluindo o mapeamento do itinerário e envio de material científico.

Partindo para o segundo exemplo, a ordem de regresso e as críticas que a acompanharam, aspecto que será tratado mais à frente, não impediram a Bandeira de conseguir aval para outras incursões pelo CFEAC³⁵. Às vésperas da expedição de 1945 (terceira incursão), a partir das visitas dos integrantes da Bandeira na sede do CNPI (29/6/1945) e no gabinete do ministro da Viação (30/08/1945), encontramos evidências de Aureli consolidar, diferentemente do que se esperaria, mais apoio, ou pelo de autoridades vinculadas ao estado:

[...] Ontem a Bandeira Piratininga esteve na sede do Conselho Nacional de Proteção aos Índios a fim de apresentar despedidas e receber instruções dos diretores do CNPI e do Serviço de proteção aos Índios, respectivamente, general Rondon e dr. José Maria de Paula (A “BANDEIRA”..., 30 jun. 1945, p. 3.).

No gabinete do ministro da Viação, realizou-se, hoje, a solenidade de entrega de uma bandeira brasileira à expedição que sairá dentro de quinze dias para explorar o rio Tapirapés [...] Foram recebidos pelo ministro Mendonça Lima, seus componentes, que se fizeram acompanhar pelo Sr. Jose Maria de Paula, diretor do Serviço de Proteção aos Índios e pelo coronel Jaguaribe de Matos, chefe do Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso [...] Em seguida, usou da palavra o Sr. Willy Aureli, chefe da expedição, que recordou os grandes serviços prestados pelo ministro da Viação às nossas bandeiras que têm cortado o interior do país. Finalmente, disse que o pavilhão nacional ofertado seria hasteado no local mais desconhecido da Serra do Roncador [...] (HASTEARÃO..., 30 jun. 1945, p. 1;10).

IMAGEM 6 – Vésperas da terceira expedição



Essa relação amistosa – que no fundo era também um mutualismo no qual a Bandeira auxiliaria insituições do Estado, enquanto essas garantiam a legitimidade das incursões – desmonstra a capacidade de Aureli de congregar o carater privado da Bandeira, garantindo sua

³⁵ O dossiê da Bandeira Piratininga é o mais longo do Conselho, constituindo-se de 405 folhas (GRUPIONI, 1998).

liderança e, na medida do possível, sua autonomia com o estatal. Essa relação é evidenciada, também, pela obrigação de incorporar-se à burocracia do Estado: licitar as expedições com o CFEAC e reportar/auxiliar o SPI e CNPI. Em *Bandeirantes D'oeste* (1952) podemos notar a intenção de Aureli de enfatizar, para conhecimento do leitor, essa ação conjunta em prol dos objetivos nacionais:

Exposto, muito depois, o meu ponto de vista (relativo a aspectos hidrográficos do Araguaia e seus afluentes) ao sr. General Cândido Mariano da Silva Rondon e gal. Jaguaribe de Mattos, Diretor da Carta de Mato Grosso, do Ministerio da Guerra, e ainda o sr. Cel. Amilcar Botelho Magalhães, que se celebrou, não somente pelos trabalhos topográficos com pela obra que escreveu sobre a Comissão Rondon, e que é um compêndio preciosíssimo e de inestimável valor, ouvi, com real prazer, asseverarem que eu estava certo e que minha constatação não era uma simples hipótese, mas sim, “a mais verdadeira possibilidade”, corroborada pelas observações sólidas em que me firmara (AURELI, p. 16, 1962).

Esse é apenas um exemplo, dentre outros, que demonstram essa dupla ação discursiva na qual Aureli apresenta seus feitos, os conecta com o endosso de autoridades fontes de credibilidade e, ao mesmo tempo, as elogia. Willy apresenta ao leitor um quadro de colaboração que desconsidera as fronteiras do privado e do Estado, arrefecendo potenciais conflitos. Ainda que até o momento eu tenha apontado as autoridades e instituições a nível nacional, é importante apontar o apoio constante do interventor, e depois governador do estado de São Paulo, Adhemar de Barros. Seu suporte à Bandeira se traduziu em ajuda material na logística, transporte, financiamento e auxílio na publicidade da expedição, enaltecendo os integrantes como continuadores da tradição bandeirante e, portanto, patriotas. Sua presença também está em eventos de partida e volta da Bandeira, assim como nos agradecimentos pessoais de Aureli em sua literatura:

Realizou-se hontem, na antiga fazenda “Jaraguá”, o churrasco que a “Bandeira Piratininga” offereceu ao sr. Interventor Adhemar de Barros, altas autoridades, jornalistas e amigos [...] Em seguida, o nosso companheiro Willy Aureli, chefe da “Bandeira Piratininga”, após ter cumprimentado o sr. Interventor e demais presentes disse: “É com verdadeiro prazer que a “Bandeira Piratininga” offerece este modesto churrasco campestre a v. exa. E a todos aquelles que a ampararam moral e materialmente, durante a longa e tormentosa jornada pelos sertões desconhecidos de Goyaz e Matto Grosso.

V. exa., sr. Dr. Adhemar de Barros, hoje, à sombra do histórico pico do Jaraguá, une, com um único gesto, duas datas, duas épocas bem distantes mas idênticas em seus escopos e fins: a dos valorosos “barbaças” de outrora e a dos bandeirantes de hoje. Esse gesto é a entrega de uma urna contendo terra do lendário morro, à embaixada carajá que a Bandeira Piratininga” trouxe e que regressa [...] essa urna, que será depositada no monumento aos bandeirantes em Goyania, é um symbolo que entrelaça o sentimento gentil de dois grandes estados [...] (TERRA..., p. 1, 17 nov. 1938).

IMAGEM 7 – Churrasco em Jaraguá



Ao alto, flagrante do almoço realizado na "Fazenda Jaraguá", vendo-se os lugares de madeira — Em baixo, o sr. interventor federal entrega aos carajás a urna contendo terra do Jaraguá, destinada ao Monumento das Bandeiras, em Goyaz

Folha da Manhã, 1938

Evidentemente, o apoio de Adhemar de Barros não era "gratuito", suas ações de apoio à Bandeira, entendidas como continuadoras do bandeirantismo e, por corolário, a primazia do estado de São Paulo, sempre acompanham sua imagem e seu nome. Esse aspecto fica claro, por

exemplo, quando notamos que quem entrega a urna com terra paulista aos Carajás que fizeram parte da expedição de 1938 para a construção de um monumento bandeirante em solo goiano é o interventor. Após o golpe contra Vargas, Adhemar de Barros, no esforço de manter-se na época como governador de São Paulo, mantém seu suporte à Bandeira:

O governador Adhemar de Barros, membro honorário da “Bandeira Piratininga” desde 1938 considerado “Pai Grande” dos índios Carajás, manifestou ontem seu entusiástico apoio à expedição que está prestes a partir. – Tudo que estiver ao alcance do governo paulista será oferecido à Bandeira Piratininga, pois a obra que Willy Aureli está realizando é de profunda brasilidade – declarou o chefe do executivo paulista ao comandante da “Bandeira Piratininga”. Prometo desde já, pôr À sua disposição os meios de transporte necessários e outros materiais de que precisar, como também acompanhar os sertanistas até as margens do Rio Araguaia (APOIO..., p. 5, 23 mai. 1949).

O último evento para exemplificar essa conexão das ações da Bandeira com o contexto da Marcha para o Oeste e seu eco, entendido como a continuidade de políticas públicas e interesse público no povoamento, mapeamento e exploração econômica do interior brasileiro, foi o reconhecimento da Bandeira Piratininga como utilidade pública. Esse caráter de utilidade pública se deu à nível federal, com a lei número 1.531-b de 29 dez. 1951, que foi promulgada pelo vice-presidente Café Filho no dia 3/1/1952, mas esteve em trâmite desde 1950 no legislativo:

IMAGEM 8 – A Bandeira como utilidade pública



A "BANDEIRA PIRATININGA" — Conforme é de domínio público, o vice-presidente da República e presidente do Senado, promulgou há dias a lei que reconhece de utilidade pública a "Bandeira Piratininga". Foi esse ato um prêmio às atividades dessa "Bandeira" que, a partir de 1937, rompendo "marcha para o Oeste", percorreu imensas glebas ainda pouco conhecidas, trazendo à coletividade grande soma de conhecimentos públicos, incentivando a radicação da gente sertaneja em zonas outrora esquivadas. Hoje, graças aos trabalhos da "Bandeira Piratininga", os rios Araguaia e Tapirapés progrediram grandemente, havendo muitos núcleos de criadores de gado que aumentaram consideravelmente o rebanho nacional, dedicando-se também ao plantio do café e da cana de açúcar, abrindo possibilidades imensas para um futuro próximo. Damos um aspecto do momento em que o jornalista Willy Aureli, comandante da "Bandeira Piratininga", agradecia ao Sr. Café Filho, em seu gabinete de trabalho, o ato a que acima nos referimos.

O Globo, 1952

Seguindo nesse tópico, em 9 de junho de 1959, foi publicada no *Jornal de Notícias* (GO) uma reportagem de Pedro Viggiano na seção "Pela História de Goiás", intitulada "Bandeirantes do Século XX". O autor, após expor as contribuições da Bandeira ao Estado e enfatizar que Hermano Ribeiro, da Bandeira Anhanguera, carece de homenagens após sua morte, defende:

[...] sugerimos, data vênua, aos ilustres membros da Assembléia Legislativa: a) considerar de utilidade pública, pelos relevantes serviços que tem prestado ao Brasil e a Goiás, a Bandeira Piratininga, que encerra êste ano o seu ciclo iniciado, há 23 anos passados; b) conceder o título de cidadão goiano ao escritor e jornalista Willy Aureli, idealizador e chefe da Bandeira Piratininga (VIGGIANO, p. 6, 9 jun. 1959).

Esse reconhecimento proveniente do Legislativo une-se a um interessante processo no qual a Bandeira, classificada em setembro de 1938 pelo diretor do SPI Ten. Col. Fonseca Vasconcelos como “caso policial” e “miseráveis bandidos”, acusando os integrantes de assassinato e pedindo sua prisão (A “BANDEIRA...”, p. 16, 4 set. 1938), passou a receber orientações, missões e apoio de instituições e autoridades que a haviam criticado. Em síntese, quanto a essa relação contextual da Bandeira com a Marcha para o Oeste, a Piratininga operou de 1937 à 1959 como componente de caráter privado desse movimento que visava um processo de povoamento, mapeamento, exploração econômica e contato assimilativo com indígenas. O amplo leque de ações empreendidas pela Bandeira demonstra essa consonância: fundando pousos e ranchos; auxiliando materialmente populações sertanejas e indígenas; desenvolvendo estudos de caráter geográfico, biológico e etnográfico; publicando as atividades na imprensa em livros e por meio de relatórios às instituições do estado.

3.2 INAUGURANDO A BANDEIRA PIRATININGA: A EXPEDIÇÃO DE 1937

Tinha 12 anos, quando realizei a minha primeira expedição. Parti montado em frágil jangada, construída com tábuas de caixas e caixões, evidenciando, desde então, minha propensão às construções ... fluviais! Inútil dizer que, logo adiante, naufraguei, imergindo, até o peito, no lodo esverdeado onde sapos volumosos tinham vivenda preferida (AURELI, 1962, p. 187).

Na parte anterior busquei contextualizar a Bandeira Piratininga em um panorama internacional, com a prática de expedições e a relação delas com a imprensa a partir do século XIX, e nacional, representado pelos interesses e forças que se envolviam na exploração do interior brasileiro. Neste momento, tenho como objetivo desenvolver dois pontos relativos à criação da Bandeira e sua primeira expedição: 1) Como Aureli explica a sua motivação ao criar a Bandeira Piratininga; e 2) De que forma o grupo foi formado, financiado e organizado para empreender a viagem até a Serra do Roncador.

Ainda que tenha sido a primeira expedição, ela não foi muito bem descrita, publicada ou explicada por Aureli, pelo menos nas fontes disponíveis. Na imprensa, observamos uma caracterização da Bandeira, explicando seu objetivo, integrantes e itinerário. Em termos de motivação, enfatiza-se o aspecto do mistério que rodeava a região, a busca pelo Coronel Fawcett, o auxílio à pesquisa do Instituto Butantã e o Serviço de Prophylaxia da Malaria e a exploração do espaço em si, aos moldes do que foi comentado na parte anterior. Os integrantes da Piratininga, portanto, são noticiados como um grupo multifuncional, ainda que o enfoque

das reportagens se encontre no mistério de Fawcett e da região em si, visto o maior potencial sensacionalista. Explorarei a presença da Bandeira na imprensa mais adiante.

Na obra de Aureli, a expedição de 1937 não foi narrada em livro, diferente das posteriores, tornando-se presente em comentários pontuais e narrativas curtas em outros escritos. Dessa forma, compreender o que ocorreu na viagem e como Aureli a concebeu lembra a montagem de um quebra-cabeças cujas peças se encontram em diferentes caixas. O autor dedicou espaço para explicar a primeira expedição nos livros *Roncador* (1939) e *Bandeirantes d'Oeste* (1952). Em *Roncador*, livro em que Aureli descreve a expedição de 1938, a viagem de 1937 está presente na introdução da obra, logo após o autor explicar o que tornava a região explorada misteriosa e citar expedições realizadas após o desaparecimento de Fawcett.

Aureli afirma que a Bandeira surge a partir da sua vontade de resolver o dilema da existência, ou não, da Serra do Roncador e de estudar os indígenas xavantes. Em relação a Fawcett, afirmou que a sua procura nunca foi um objetivo, mas um elemento presente passivamente, visto que rumariam para a mesma região onde ocorreu o desaparecimento:

Não ia à cata de Fawcett, que isso nunca entrou nas minhas cogitações, si bem que, devendo trilhar um território por elle palmilhado, não desprezaria qualquer observação e nem me furtaria, si se apresentasse a rara occasião, a desvendar o impenetrável mysterio.

Era meu escopo único topar com os indios Chavantes, estudar-lhes, dentro das possibilidades, indole e costumes, verificar a existência da Serra do Roncador, vasculhar um território eternamente discutido e desconhecido e trazer à collectividade a reportagem que promettera ao partir (AURELI, 1939, p.12).

Se encontrar Fawcett não constituía um objetivo propriamente dito, isso não impediu que o desaparecido tenha ocupado um importante espaço na obra e na publicidade de Aureli e sua Bandeira. Tal fato se vincula com o sensacionalismo da imprensa, que encontrava, na menção de Fawcett, um chamariz.

IMAGEM 9 – A Bandeira e Fawcett³⁶

O Globo, 1937

Ainda em *Roncador*, Willy enfatiza a dimensão de missão e sacrifício que envolvera a primeira expedição. Uma missão autoincumbida, constituída de uma retomada do bandeirantismo compreendido como extensão de um compromisso patrótico. Como recompensa por seu cumprimento, estava, em primeiro lugar, o próprio sucesso do empreendimento, que resultaria em um maior conhecimento do interior brasileiro, dentro do escopo da Marcha para o Oeste; em segundo, o reconhecimento da Bandeira Piratininga como parte importante desse movimento:

[...] Tudo sacrifiquei, nada pedi. Basta-me a satisfação íntima de ter solucionado um problema dos mais arduos e ter trazido à collectividade uma somma regular de conhecimentos praticos. As muitas observações levadas a effeito, tanto na primeira como na segunda penetração, servem, estou certo, de base a pesquisas que interessam ao futuro.

³⁶ É interessante reportar um erro do periódico relativo à imagem escolhida. A legenda faz parecer que as pessoas à frente são todos da Bandeira, porém apenas os dois homens do centro, Aureli e Henry Jullien, são da Piratininga. Os demais eram autoridades do governo de Goiás.

Como premio ao meu ingente trabalho, o contentamento de ter despertado na mocidade hodierna um sentimento que desde há muito jazia num estado de puro marasmo. Vastos horizontes abrem-se aos moços que sentem a indomita vontade de rasgar os véos das incognitas. Depois de Novembro de 1936, e quando, após séculos de interregno, lancei a idéa de uma reprise das “Bandeiras”, nota-se um movimento desusado nesse sentido. Para o famoso Oeste, tão rico e tão desconhecido, pleiades de moços entusiastas e patrióticos movimentam-se (AURELI, 1939, p. 13-14)!

A busca por reconhecimento fica mais clara quando Willy fala da expedição de 1938, que buscava cumprir o que não foi possível em 1937, alcançar a Serra do Roncador:

Partiu de São Paulo, pela segunda vez, a “Bandeira Piratininga”, justamente quando alguns jovens, esquecidos dos sagrados deveres que cada cidadão deve sentir para com a sua Pátria, desciam às ruas, armados, na doida tentativa de subverter a ordem. E enquanto se degladiavam ingloriamente, um punhado de rapazes, por mim guiado, tudo abandonando e tudo sacrificando, dando maravilhoso exemplo de puro sentimento patriótico, rumava para o Desconhecido, sentindo, quíça, no intimo, a certeza de estar escrevendo, na História, um capítulo formoso!

Ninguém, jamais, poderá apagar as pégadas dos rapazes da “Bandeira Piratininga”. Ninguém, jamais, poderá negar-lhes o exemplo de virtudes e de estoicismo, apanagio de uma raça que sabe ser forte e que o Destino designou para grandes e estupendos feitos (AURELI, 1939, p. 14)!

Torna-se clara a compreensão de Aureli de que sua missão repleta de sacrifícios, ainda que privada, fazia parte de um interesse público. Descobrir o interior brasileiro na configuração de uma Bandeira era uma expressão material de um patriotismo em consonância com os objetivos do Estado Novo de Vargas. A busca por uma unidade nacional através de um estado centralizado que dispensara as bandeiras regionais pode ser vista em Willy quando o autor enfatiza o compromisso do cidadão, no contexto, o paulista, de preservar a ordem. Dessa forma, o patriotismo mescla-se com a dimensão heróica e epopéica da exploração da região, enfatizando o sacrifício de fazê-la e a existência de um destino que reservava grandes feitos.

Se a expressão do patriotismo em Aureli pode ser facilmente vinculada às aspirações do contexto varguista, o que dizer do aspecto sacrificante e heróico vinculado ao ato de explorar os sertões de Mato Grosso e Goiás? Para explicar essa dimensão, devemos buscar referências na trajetória de vida de Willy, observar onde viveu, para onde foi, o que leu e no que trabalhou. Parte desse conteúdo foi coletado através da imprensa, que eventualmente explicitava os afazeres de Aureli para além da Piratininga. Outra parte advém da literatura por ele produzida, especialmente em *Bandeirantes d'Oeste* (1952), mas também nos livros que narravam histórias selecionadas de diferentes explorações.

Em *Bandeirantes d'Oeste* (1952), livro que descreve a terceira expedição da Bandeira, a de 1945, Aureli relembra eventos de sua infância e adolescência junto com seu irmão Aurélio,

que se encontrava com forte febre por conta da febre amarela. As reminiscências trazidas por Willy nos possibilitam visualizar como relatos de aventura e a vontade de explorar estavam presentes desde cedo em sua vida, cujo início fora em São Vicente, São Paulo:

À noite, ao lado do mano, algo reconfortado, retrocedemos de muitos anos em nossa palestra e confidências. Voltamos até São Vicente, na nossa vivenda, quando, crianças ainda, perambulávamos pelas praias silentes, em busca de “aventuras”. E recordamos a minha primeira expedição. Nos fundos do quintal de nossa casa, abria-se um charco imenso que alcançava os trilhos da então Southern São Paulo Railways [...]. Aurélio fala:

-Lembro-me como se fôsse ontem. Trabalhamos na “construção”, recorda? Eu me incumbira de arranjar os pregos com o vendeiro e você o martelo com o vizinho... Você queria construir um mastro para o velame, tudo de acordo com os livros de Salgari e de Julio Verne... Fernanda e Parisina ajudaram também e mamãe vinha dar uma espiada de quando em vez... Quem diria que agora estamos sulcando rios imensos e vivendo tantas emoções (AURELI, 1962, p. 176)!

E nossa irrequieta existência de minúsculos nômades, encontrava derivativo nas noites tempestuosas [...] Eram as noites em que nossa mãe, para premiar um dia de inatividade, lia-nos trechos do “Guarani”, do “Tronco de Ipê, as “Minas de Prata” ou então capítulos de aventuras ou livros de viagens. Tudo isso escaldava nossas mentes desabrochando à aurora da existência, fazendo com que mais ardor puséssemos nas “razzias” pelas terras do município, para nós “selvas e matas virgens”... (AURELI, 1962, p. 177-178).

Por meio desses relatos, Willy explicita como livros de caráter aventureiro, ou que enfatizassem o misterioso e o diferente, motivaram a ele e a seu irmão em uma série de atividades de mesmo cunho. A narrativa desenvolvida pelo autor traça uma linha contínua que começa em São Vicente, na infância, e culmina na expedição de 1937, aos 39 anos de idade. Outro exemplo relacionado a sua infância/adolescência é a história “A ‘Minha’ Primeira Onça: Minutos de pavor e horas de alegria” em *Esplendor Selvagem* (1960). No relato, Willy descreve como, aos 16 anos e sozinho, caçou uma onça por sorte, com uma espingarda.

No início da narrativa, o autor descreve o espaço rural de São Vicente, a prática da caça desde cedo e, inclusive, os relatos literários que motivavam sua ação e imaginação na época:

A gente, aos 16 anos, vive num mundo róseo, cheio de encantamentos e sonhos. Ainda mais quando os livros de aventuras povoam o espírito com visões as mais extraordinárias, fazendo-nos viver intensamente os episódios descritos. Assim é que Emílio Salgari e Julio Verne tinham entusiasmo ou medo, ao vislumbrar uma sombra ou sentir o estalar de um graveto em plena mata.

Cá entre nós, devo confessar que minha maior aspiração era abater uma onça. Mas, logo perguntava a mim mesmo qual o papel que viria desempenhar se essa “sorte” me fosse dada. Sabe-se que “em tempo de paz todo mundo é valente” e, partindo desse princípio, nos “bate-papos” com os amigos da mesma idade, eu próprio me pintava como um decidido matador de felinos, chegando a desprezá-los nas minhas fantasiosas descrições. [...] (AURELI, 1960, p. 45-46).

Não cabe aqui duvidar da veracidade do narrado, mas sim observar de que forma Aureli vai constituindo narrativamente aspectos vinculados ao seu *ethos* sertanista, nesse caso, o de caçador. Podemos observar como o desenvolvimento da prática de caça, na narrativa, vincula-se ao ambiente (zona rural de São Vicente), ao imaginário (com a leitura de livros de aventura), valores da masculinidade e a uma espécie de rito de passagem representado pelo abate da onça. Um aspecto interessante dentro do discurso é que esses valores masculinos se intercalam com a expressão de sentimentos como a dúvida e, principalmente, o medo. Esse traço acompanha diversas descrições de Aureli em suas obras, demonstrando para o leitor todos os sentimentos que envolvem esses eventos intensos.

Assim, Willy não se fecha em um discurso que omitiria elementos que romperiam com a representação do explorador-caçador corajoso em qualquer circunstância. Talvez encontre na decisão de expressar esses sentimentos tanto um efeito intimista com o leitor, pois conta o que passa em seu íntimo, quanto o âmbito literário como forma de lidar com esses eventos. A título de complementação do argumento, é interessante notar momentos nos quais Aureli “investe” espaço em sua obra para descrever sentimentos negativos como seu medo de aranhas e a sensação de perder-se (na expedição de 1945):

Eu confesso que só enxergando, mesmo de longe, uma caranguejeira, sinto palpitar meu coração. É que ainda me lembro dos efeitos de um trauma do qual procuro, por todas as formas, libertar-me.

Não tenho medo de onças, javalis, índios, cobras, sucuris, e quejandos. No meu ativo, guardo façanhas incríveis com todos os espécimes da fauna. Mas tenho no meu passivo medos horríveis de aranhas peludas, asquerosas, medonhas, de tirar o sono da gente, de criarem incubos e pesadelos (AURELI 1973, p. 109).

[...] Meio dia no relógio! São seis horas que cavalgo aqui e acolá, como um tonto frenético, sem saber por onde dar com a cabeça, teimando em encontrar um rastro, um rumo certo, não querendo confessar a minha derrota! Pela primeira vez em minha vida de sertanista, perco-me como um principiante (AURELI, 1962, p. 146-147).

Dois acontecimentos pré-1937 nos auxiliam na adição de elementos motivadores: a participação de Willy na Primeira Guerra e na Constitucionalista de 32. Quanto ao primeiro evento, não há nenhum relato que trate apenas dessa participação na guerra, apenas fragmentos de informação na imprensa e em prefácios. É difícil dizer o porquê de Aureli não comentar essa parte de sua vida, especialmente em *Bandeirantes D'Oeste*. O que é possível afirmar a partir de terceiros é que Willy teria viajado à Itália, terra natal de seu pai e lutado contra o Império Austro-Húngaro. As batalhas em que teria participado são listadas pela filha de Aureli, Brunilde, no prefácio de *Bugres no Rio das Mortes* (1973):

Sua vida foi toda uma grande aventura por horizontes em que ele e a morte muitas vezes se cruzaram: em sua juventude, nos mares do Mediterrâneo, nas estepes da

Macedônia, nos cumes nevosos do Mai-El-Kultzit, às margens do Volussa, nas cavernas do Malacastra, nas ruas ensanguentadas de Gênova, quando das convulsões sociais, nas praias da Arta, na fimbria do Saara, nos fundos lamacentos das trincheiras de Kulibas, de Berat, nos combates de Shiuschitza, no naufrágio de Valona, nas campinas verdes do Tapirapé, na baixada de Aruanã e nas lapas do Roncador (AURELI, 1937, p. 8).

Quando Willy e Henry Jullien, cinematografista da expedição de 38, se encontraram para partir para a viagem, a reportagem do dia 25/6 da *Folha da Manhã* nos oferece um fragmento de informação: “[...] Willy conheceu Henry Julien quando da grande guerra, em que ambos tomaram parte, combatendo em trincheiras vizinhas si bem que de distintos exércitos”³⁷. O segundo evento é a participação de Aureli na Revolução Constitucionalista de 32, porém não em São Paulo. De acordo com o prefácio por Afonso Schmidt, o sertanista “No movimento de 1932, o caçara sertanista foi sub-comandante de uma companhia nos campos do Sul, o que se encontra miúdamamente contado no livro *A Retirada da Macega* (AURELI, 1957, p. 10).

O relato de Afonso Schmidt nos possibilita deduzir que Willy estave presente em alguma escaramuça no Rio Grande do Sul, em eventos como o “combate do Fão” em Soledade. O conflito em questão se deu quando a Frente Única Soledadense se opôs à interventoria de Flores da Cunha e, por conseguinte, ao governo varguista (FILATOW, 2015). Ainda assim, não é possível confirmar com certeza o fato, nem o lado em que lutou. De qualquer forma, os momentos de combate real vividos certamente influenciaram a forma de lidar com momentos de estresse, ação e adrenalina, podendo ter incentivado a continuação de eventos semelhantes na forma de incursões ao sertão.

Ainda no intuito de explicar a motivação de Aureli, encontramos em *Bandeirantes d'Oeste* (1952) referências a viagens mais longas, já com caráter exploratório, antes de 1937 e fora do Brasil. Inclusive, Willy comenta que o seu irmão também participara de ações desse tipo, mas sem ele. Essas viagens podem ser entendidas como eventos que prepararam Willy e seu irmão para as expedições em Mato Grosso e Goiás, ao mesmo tempo que representam produtos práticos da motivação aventureira de ambos :

Aurélio sempre me fôra companheiro dessas incursões que abriram, como charrua, em meu íntimo, o sulco profundo que deveria, para sempre, tornar-me um apaixonado pelo sertão, pelo desconhecido!

Quando as necessidade prementes obrigaram-me ao primeiro emprêgo, agrilhado pela obrigação filial de que me convencera, cortando de vez os meus ímpetos, meu irmão, que sempre manteve espírito independente, embrenhou-se pelos sertões mineiros de onde regressou trazendo, numa gaiola por êle memso fabricada, magnífica onça parda, tremendo trambôlho em nosso quintal, pavor dos vizinhos [...].

³⁷ PARTE amanhã o chefe da Bandeira “Piratininga”. *Folha da Manhã*, São Paulo, 25 jun 1937, p. 1.

Em 1924, já homens, após uma série inacreditável de acontecimentos que permitiram um livro à parte, eu organizei a expedição dos Andes, enquanto que Aurélio com alguns companheiros do Tiro 11 de Santos, do qual fazia parte, seguia para o famoso raide a Ottawa, no Canadá, regressando, passados meses, de Mato Grosso, com um tiro de Winchester num dos braços! Fracassada minha expedição automobilística a Santiago do Chile, organizei outra que vasculhou as terras do Paranapanema, a fim de positivar a inexistente serra do Diabo. Aurélio, por sua vez, tomava parte na trágica expedição São Paulo-Buenos Aires, via Tietê, expedição que se perdeu em Airosa Galvão, após um naufrágio noturno!

Foi quando surgiu no meu horizonte o Coronel “Sir” Percival Fawcett, o homem que até hoje atrai as atenções do mundo civilizado, por ter desaparecido misteriosamente quando tentava alcançar a serra do Roncador e descobrir, conforme êle mesmo declarara, os restos da mitológica Atlântida e um estranho povo que estaria vivendo nos contra fortes e dobras da cordilheira (AURELI, 1962, p. 178-179)!

Esses eventos prévios, pelo menos no conjunto de fontes utilizadas neste trabalho, foram narrados apenas nesse livro, fato peculiar, pois se esperaria que essas menções ocorressem em *Roncador* (1939), ou mesmo na imprensa. Independentemente disso, o que podemos concluir é que a expedição de 1937 foi a culminância de uma série de experiências prévias vinculadas a motivações externas (relatos de expedições e literatura de aventura) e internas (a forma como os aspectos externos condicionaram uma série de ações de Willy, como as aventuras em São Vicente na sua juventude e, na adultez, as viagens mencionadas na citação acima). Somando isso ao movimento de Marcha para o Oeste e a um neo-bandeirantismo, incluiu-se a perspectiva da exploração dos sertões como missão patriótica apoiada na retomada do bandeirantismo.

Neste momento tratarei do aspecto 2, “De que forma o grupo foi formado, financiado e organizado para empreender a viagem até a Serra do Roncador”. A título de introdução da questão: a Bandeira Piratininga, em 1937, constituiu-se de 13 integrantes selecionados seja por proximidade com Aureli, seja por suas manifestações de interesse na imprensa e, portanto, escolhidos em razão da experiência. Característica marcante da composição da Bandeira é sua heterogeneidade, tendo entre os “vaqueiros”/peões/homens de equipagem, um cinegrafista (Henry Jullien, que também participou em 38), jornalistas (Clovis Pereira de Abreu e Lineu Pacheco Braga), um Tenente da Força Pública de São Paulo (Gabriel Pereira da Silva) e indígenas. O Jornal *O Globo* inclusive afirmou, de forma não especificada e com informações vindas de São Paulo, que a expedição contava com cinco cientistas.

Em termos de organização, os integrantes assemelhavam-se a um pelotão, tendo Aureli como comandante em chefe acompanhado de um sub-comandante. O grupo estava sempre armado e, na maioria das vezes, uniformizados com camisas, calças e chapéus de cor caqui, tal como os militares do período. Essa característica militarizada, assim como a heterogeneidade dos integrantes, foram aspectos presentes em toda trajetória da Bandeira.

Quanto ao financiamento, assemelhou-se à forma como Hermano Ribeiro da Silva, chefe da Bandeira Anhanguera, organizou a sua expedição em 1937. Ambos os movimentos buscaram na imprensa paulista e, por conseguinte, na sociedade paulista, uma fonte de recursos, sendo o investimento estatal em menor peso. Willy conseguia angariar fundos e donativos de seis formas diferentes: 1) por meio de suas próprias finanças como jornalista e escritor; 2) conclamando paulistas a enviarem donativos através das *Folhas da Manhã* e *da Noite* (no caso, apenas materiais para a expedição, requisitando que não fosse enviado dinheiro em espécie); 3) doações provenientes da iniciativa privada ou instituições, como a Cruz Vermelha e o Butantã; 4) investimentos do governo do estado de São Paulo que, em 1937, por exemplo, aprovou pela Assembléia Legislativa do estado o valor de “20:000\$000” mil-réis³⁸ e 5) patrocínio da editora Cultura Brasileira, que adquiriu os direitos para a publicação de livros. Posteriormente, a partir de 1938, a exibição de filmes se tornaria a sexta forma.

Em entrevista para a *Folha da Manhã* no dia 25 de junho de 1937, na véspera de sua partida, Aureli relata um panorama de toda a organização da Bandeira que tornou o empreendimento possível, agradecendo e apontando as dificuldades enfrentadas:

[...] Tive a maior precaução na escolha dos homens que me acompanham na rude jornada. Escolhi verdadeiros homens, com um passado sertanejo que atesta suficientemente a resistencia physica e moral de cada um. [...] Levei meses numa luta diurna, reunindo tudo quanto necessitava para a empresa patriótica que chefio. E’ verdade que tudo foi feito dentro de uma grande economia e devo, grandemente, ao espontaneo concurso dos meus leitores e amigos, ter podido realizar, em data, o sonho que eu vinha acariciando desde há annos e que comecei em prática em novembro do anno passado. [...] Não tive que lutar unicamente contra a má vontade de muitos elementos como tambem contra o despeito de muitos. Mas graças ao apoio integral das “Folhas”, cuja direcção apoiou immediatamente a minha ideia, depois de ter percebido o alcance benefico e patriótico da bandeira e graças aos directores da “Cultura Brasileira”, tudo foi possível. De todas autoridades recebi os mais francos e positivos auxílios em materiais assim como de innumeros particulares, conforme as listas foram publicadas. Jamais quis aceitar donativos em dinheiro. Enderecei à Assembleia Legislativa um pedido que, si tomado em consideração, facilitará ainda mais a nossa empresa [...] Si tudo correr bem, então o Butantanm o Serviço de Prophylaxia da Malaria, o nosso estupendo Museu Ipiranga, o Instituto Historico e Geographico e o Departamento de Cultura da Municipalidade, receberão farto material para estudos (PARTE..., 25 jun. 1937, p. 1).

Ao final, Aureli também faz referências aos resultados a serem apresentados aos leitores-investidores, na forma de livros, reportagens e filmes:

[...] Para os meus innumeros leitores prometto uma coisa e que mantereí com prazer: descripções de coisas bonitas e terrificas com farta illustração photographica. O grande filme que tiraremos na zona inhospita documentará, fielmente, o que terá sido

³⁸ AUXÍLIO a Bandeira Piratininga. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 22 set. 1937, p. 2.

o nosso trabalho, as nossas atribuições, as nossas glórias e fracassos (PARTE..., 25 jun. 1937, p. 1).

Ainda em relação ao financiamento, podemos notar alguns pontos importantes. Primeiro, que Aureli acentua o fato da expedição ter sido organizada “dentro de uma grande economia” (SEGUIU..., 22 jun. 1937, p. 1) e que, portanto, realizou o empreendimento com o mínimo. Esse panorama das condições materiais é recorrente nos relatos de outras expedições. A Bandeira constantemente se deparou com problemas de ordem logística, especialmente combustível para os motores dos barcos. O segundo ponto é que nenhuma fonte de donativos era isenta de alguma contrapartida; no caso do apoio das *Folhas*, Aureli posteriormente enviaria reportagens ou informações para esses periódicos que, por sua vez, se beneficiavam de um tema fértil em sensacionalismo. Além disso, outros periódicos republicariam as informações das *Folhas*, tornando-as “as primeiras a chegarem” no quesito Bandeira Piratininga. Em 1938, o Jornal O Globo enviaria um de seus jornalistas para compor o grupo, denotando esse interesse.

As doações da iniciativa privada, assim como o investimento do governo Paulista, vinculam-se a uma expectativa frente à Bandeira, visto que representava, como antes explicado, uma retomada do Bandeirantismo que também acabava por enaltecer o próprio estado de São Paulo. As instituições citadas por Aureli, além de fornecer material, possibilitavam um espaço de legitimização da Bandeira como auxiliadora da pesquisa científica no país. Dessa forma, Willy comenta como a expedição poderia garantir tanto material biológico, como etnográfico. Quanto à editora Cultura Brasileira, fica evidente a contrapartida por meio da garantia de que seria a responsável pelas publicações de Aureli e, por último, aos leitores-investidores garantia-se a exibição de filmes e a publicação de livros e reportagens capazes de narrar e traduzir a experiência de explorar a região.

O próximo passo é justamente a execução do empreendimento. A partir dos jornais e do livro *Roncador* (1939) é possível esclarecer alguns aspectos de transporte e itinerário.

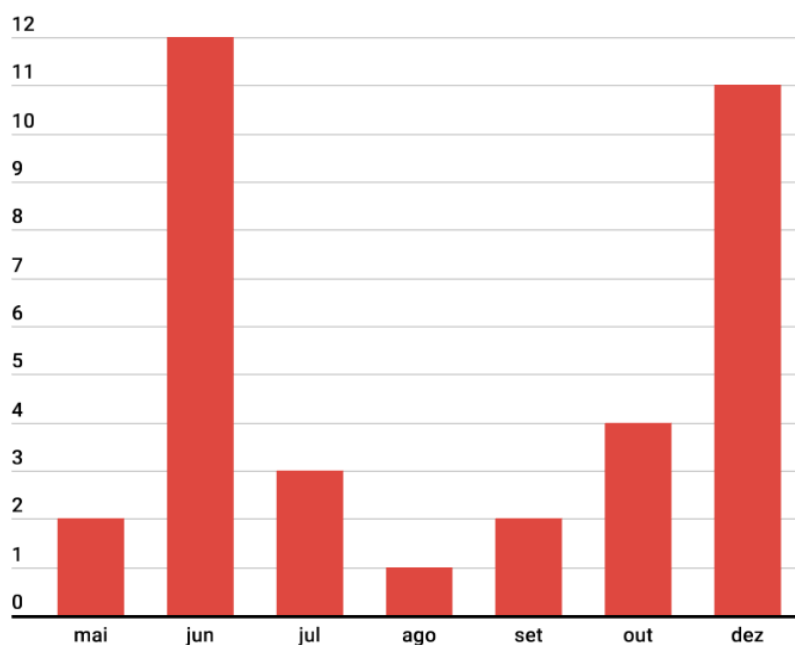
HISTÓRIA DA EXPEDIÇÃO DE 1937

O objetivo desta parte é delimitar, no contexto geral, uma narrativa cronológica dos fatos que envolveram a primeira incursão da Bandeira por meio da imprensa. Como comentado anteriormente, ainda que tenha sido a primeira, ela está documentada nas fontes analisadas de forma muito fragmentada. Por exemplo, quanto aos integrantes, a informação definitiva foi encontrada no livro *Roncador* (1939), a partir de uma listagem feita pelo próprio Aureli. Na

imprensa, a composição da Bandeira varia entre 11, 15, 20 e 30 integrantes. Essa defasagem é peculiar, visto que as informações teriam que partir do próprio Aureli ou das *Folhas*. Parte da causa dessa desinformação é que a Piratininga partiu em dois núcleos e, além disso, três adições ocorreram no meio tempo. Um segundo problema é que essa expedição tem apenas seu início e fim publicados na imprensa, sendo notável a escassez de reportagens que atualizassem a situação da expedição. Uma provável razão residiria na própria dinâmica da expedição, enquanto que em 1938 Aureli enviava diariamente informações pela Radio Patrulha de São Paulo, o mesmo não teria ocorrido em 37. Por conseguinte, podemos delimitar quando saíram, até onde foram e quando voltaram, porém não é possível descrever dia-a-dia dos eventos da expedição. Nesse sentido, buscarei construir uma narrativa dentro dos limites das fontes.

No âmbito da imprensa foi possível encontrar 35 reportagens em 15 periódicos diferentes com uma cobertura esparsa. 12 reportagens no mês de junho e o mesmo número em dezembro. Essa concentração é explicada por esses terem sido os meses nos quais a Bandeira partiu e começou a traçar planos para uma segunda viagem. O quadro a seguir busca demonstrar a cobertura da imprensa em 1937:

IMAGEM 10 - Ocorrências/mês (1937)



Autor, 2023

FOLHA DA MANHÃ E FOLHA DA NOITE: FINANCIAMENTO E COBERTURA

As primeiras reportagens publicadas pela imprensa buscaram, ao mesmo tempo, anunciar a Bandeira Piratininga, explicando seu intuito, e sustentar uma campanha de doações para a realização da primeira expedição. Em 1937, Aureli trabalhava como chefe da reportagem policial na Folha da Noite. A relação de trabalho-amizade com o corpo jornalístico e o contrato mutualístico entre expedição e publicação na imprensa garantiram que as *Folhas* encabeçassem a campanha de doações. Esses donativos eram sempre em materiais, negando o recebimento de dinheiro “para evitar abusos de pessoas menos escrupulosas que se intitulam encarregadas de angariar donativos, avisamos a todos os nossos leitores que não são aceitos donativos em dinheiro” (NO PRÓXIMO..., 9 jun. 1937, p.13). Além disso, outra razão reside em um aspecto mais estratégico: o dinheiro, no Sertão do Araguaia e Mortes, reservava peculiaridades quanto ao seu uso.

Três aspectos se sobressaem quando analisamos os testemunhos de Willy: 1) Era preferível receber o material em São Paulo e levá-lo ao longo do percurso do que comprá-lo na região, por conta do elevado preço que determinados itens alcançavam; 2) A troca por escambo poderia se mostrar mais vantajosa que o uso do dinheiro em espécie, além de determinados itens reservarem um poderoso valor de troca; 3) Determinados itens, como fumo em corda, doces, facas, machados e roupas detinham um grande potencial “diplomático” e eram constantemente utilizados pela Bandeira para o estabelecimento de contato amistoso com indígenas, ainda que o dinheiro pudesse ser usado para o mesmo fim. Esse “escambo diplomático” era um *modus operandi* comum da época, inclusive nas atividades do SPI (GARFIELD, 2011). Me parece vantajoso exemplificar alguns relatos que trabalham com essa questão:

Tomamos o café. Estou sem cigarros e, portanto, desolado.

– Está encostado um motor que vai para São Felix. Quiçá o pessoal tenha alguns maços disponíveis – diz-me Eloi.

A chuva amainou e vou à procura dos cigarros. Falo com o piloto que se faz de difícil. Finalmente, após longas negociações cedo-me oito maços a trôco de um par de botas de borracha no valor de oitocentos cruzeiros (AURELI, 1963, p. 56)!

[...] tomamos a direção exata e fomos atracar no “Porto Ezequiel”, primeiro sinal de seres civilizados. Aos caboclos rudes e semi-selvagens, adquirei carne, uma centena de laranjas e de limões. Paguei tudo com balas calibre 38 e 44. Relutaram em aceitar a munição nacional. Até nessas latitudes solitárias o artigo nacional é desprezado

[...] É que no sertão, desde os primórdios do uso de armas de fogo, a bala “Remington” é documento de absoluta confiança, assim como o Smith-Wesson (AURELI, 1962, p. 268).

O alto preço na troca para cigarros e a compra com munições são alguns dos exemplos narrados por Aureli que descrevem uma região que, por seu afastamento de grandes centros urbanos e, portanto, carente de diversos elementos civilizatórios, constituiu uma economia própria, misturando cruzeiros, escambo e munições-moeda. As descrições de Willy também acompanham a caracterização das pessoas que compartilhavam dessa economia *sui generis* do Sertão, ocupada, nas palavras de Aureli, por “caboclos rudes e semi-selvagens”. A constituição pelo autor desse ambiente violento e instável será desenvolvida no capítulo 4.

Entrego a Uarí apreciável volume de retalhos grandes de fazendas estampadas. As índias enlouquecem e disputam bravamente o bonito tecido. Entrego também um punhado de facões e mais fumo. Depois, uns duzentos anzóis. É a vez dos homens enlouquecerem de ânsia.

-Wirry bom... Wirry migo grande!

Fumamos. Trocamos palavras. Todos querem narrar algo. Ouço, espero e respondo. É muito apreciada essa maneira de proceder. Jamais se deve interromper o linguajar de um índio ou interferir, nem sequer com uma exclamação, em sua dissertação. Diga êle o que quiser.

-Hoje vamos ter festa grande – segreda-me Arutana – prá oxê irmão!

-Muito bem. Quer dizer que teremos muito peixe moqueado?

-Muito mesmo (AURELI, 1957, p. 154)!

Era de suma importância que, no contato com indígenas, houvesse material suficiente para o seu oferecimento como presente ou ferramenta de troca. No estabelecimento de uma relação amistosa, Aureli garantia informações dos indígenas, o estabelecimento de amizades com lideranças, sua hospitalidade e presentes para si (como os peixes “moqueados” dos Carajás enquanto visitava Uarí).

Quais eram exatamente esses materiais enviados para a Bandeira? As “Folhas” esclarecem esse aspecto com a publicação de listas de donativos recebidos e, em alguns casos, nomeavam na íntegra as pessoas que realizaram as doações. Essas publicações traziam uma constante atualização da campanha de doações, ao mesmo tempo que prestavam contas e enalteciam os participantes. Segue excerto da primeira reportagem sobre a Piratininga nas *Folhas*:

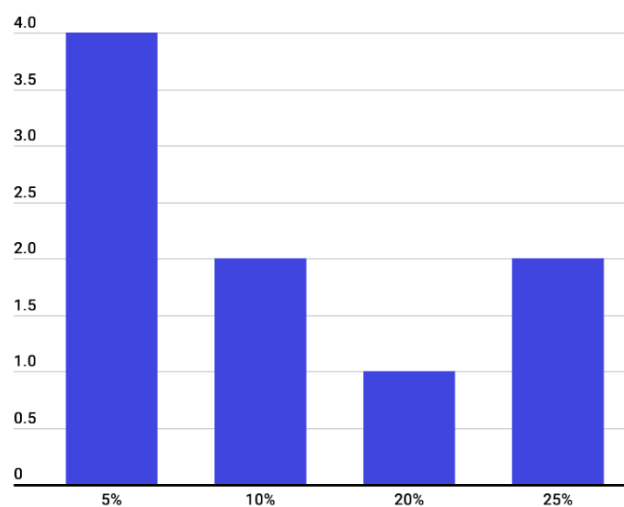
De todas as partes, apesar do recente noticiário, chegam donativos em material e utensílios, tão necessários à realização de semelhante empresa. Os donativos, até hontem à tarde, eram os seguintes: - da firma A. Tivolheri e Cia., cinquenta litros de rum, um barrilzinho contendo “pickles”, um côrete de licor e outro de vinagre; d.) dr. Abreu Junior, advogado, uma barraca de campanha, dois encerados, uma espingarda de caça com 100 cartuchos, um laço, um feixe de varas para pescar; do sr. Amadeu Nogueira, varios mappas da zona matogrossense, duas palas e uma manta. Do dr. Raphael Briganti, medico nesta capital, varias caixas de injecções, ataduras, remedios, etc.; do sr. Curzio Albanese, três cantis de aluminio com respectivas canecas e correame; do Jornalista Jayme Santos, um capacete colonial de cortiça [...]

Todas as pessoas que desejarem concorrer com algum material ou ferramenta para a expedição, poderão enviar os donativos a esta redacção. Os expedicionários necessitam de abundancia de material e dahi a grata aceitação dos donativos que facilitem ainda mais a grande jornada (A EXPEDIÇÃO..., 27 mai. 1937, p. 1).

A Folha da Noite também publicava reportagens com o mesmo apelo e reportava as listas de donativos recebidos. Uma diferença encontrada é que, enquanto que a primeira notícia da *Folha da Manhã* data de 27/5/1937, a *Folha da Noite* realiza o mesmo apenas em 02/6/1937 e, em nenhum dos casos, os periódicos publicaram informações sobre a Bandeira no mesmo dia. Em termos de conteúdo e frequência também podemos observar diferenças sutis: das 9 reportagens publicadas pela *Folha da Manhã* em 1937, 5 são da categoria “Donativos/auxílio financeiro” e as outras 4 competem à categoria “Atualização da Expedição”. A razão dessa distribuição está vinculada às datas nas quais as reportagens foram realizadas. As ocorrências 270537wafmp1, 280537wafmp1, 150637wafmp7 e 190637wafmp1, que vinculam informações sobre donativos, participam do contexto de antes da partida da expedição. A 5ª ocorrência dessa categoria, 081237wafmp6, pede doações para a segunda viagem da Piratininga. As outras 5 reportagens se vinculam ao momento de partida. Fato definitivo da cobertura da expedição é justamente a ausência dela. Podemos ver que nessas notícias – atenção às datas: 220637wafmp1, 230637wafmp1, 240637wafmp4, 250637wafmp1 e 081237wafmp4 –, é possível notar que a cobertura ocorre apenas na semana antes da partida da expedição, após isso, apenas no dia 08/12/1937, pedindo doações para a segunda expedição. Assim, a notícia de regresso da expedição não ocorre na Folha da Manhã, apenas na Folha da Noite em 23/10/1937.

Um último ponto quanto à Folha da Manhã é o espaço reservado para essas reportagens em relação à folha inteira:

IMAGEM 11 - Ocorrências/ocupação da página (1937)



Autor, 2022

Podemos observar que, salvo em três ocorrências, a Bandeira recebeu pouco espaço na Folha da Manhã, mas conseguiu a primeira página em diversos casos. Quanto as três reportagens com 20%, ou mais, correspondem a: 270537wafmp8, notícia “inaugural” da Bandeira, apenas manchete e texto; e 220637wafmp1, reportagem que noticia a partida do primeiro grupo da Piratininga no dia 21/6/1937 e retoma aspectos como a participação paulista nos donativos, os integrantes, o percurso e outros detalhes, e é composta por manchete, texto e uma imagem:

IMAGEM 12 - Notícia de 22/6/1937. Aureli se encontra de terno, ao centro³⁹

Seguiu ontem para Goyaz a “Bandeira Piratininga”

A grande curiosidade do publico — O chefe da expedição deverá seguir sexta-feira proxima — Material e homens — O percurso e os fins da expedição



Flagrante apanhado antes da partida dos expedicionarios

FOLHA DA MANHÃ, 1937b

Por fim, temos a notícia 250637wafmp1, que reporta a futura partida de Aureli e Henry Jullien Lavarenes (cinematografista) marcada para 26/6/1937. Assim como a reportagem anterior, o texto retoma toda a trajetória de preparo da Bandeira, acompanhando uma entrevista com Aureli e uma imagem:

³⁹ SEGUIU ontem para Goyaz a “Bandeira Piratininga”. Folha da Manhã, São Paulo, 22 jun 1937, p.1

IMAGEM 13 – Aureli e Henry⁴⁰

Parte amanhã o chefe da Bandeira “Piratininga”

Mais material que segue — As despedidas — Certeza de sucesso



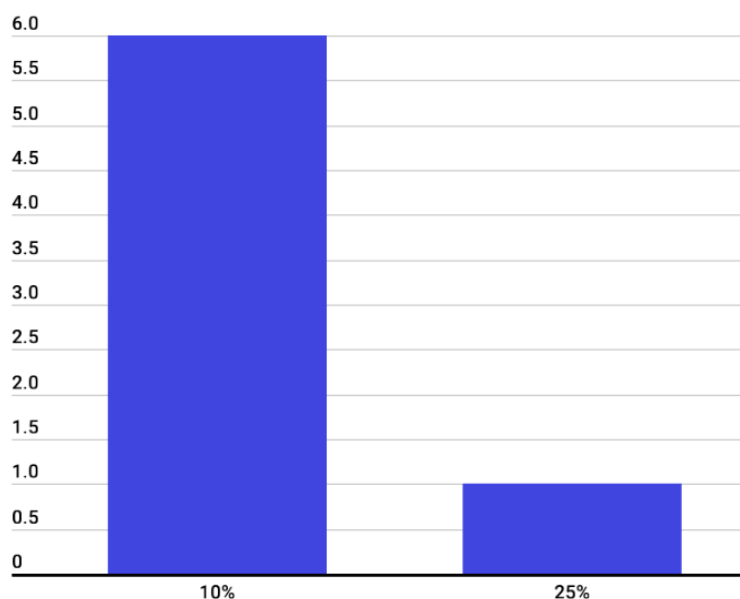
Willy Aureli e Henry Julien Lavarenes, que partem amanhã. Willy conheceu Henry Julien quando da grande guerra, em que ambos tomaram parte, combatendo em trincheiras vizinhas si bem que de distintos exercitos

FOLHA DA MANHÃ. 1937

Passando para a *Folha da Noite*, o periódico, em termos de conteúdo geral e espaço destinado à Bandeira, é semelhante à *Folha da Manhã*, com diferenças pontuais. Em 1937, o periódico publicou 7 reportagens sobre a Bandeira, sendo 6 no mês de junho e apenas uma no dia 23/10/1937 (corresponde ao anuncio da chegada da Bandeira). Em relação ao espaço reservado nas páginas, temos:

⁴⁰ PARTE amanhã o chefe da Bandeira “Piratininga”. Folha da Manhã, São Paulo, 25 jun 1937, p. 20.

IMAGEM 14 - Ocorrências/ocupação da página (1937)



Autor, 2023

A primeira ocorrência data de 02/6/1937, anunciando a lista de donativos até aquele momento. O conteúdo repete a lista encontrada na *Folha da Manhã* e complementa com o que fora recebido até aquele dia. É possível notar a presença de uma empresa farmacêutica, “Chimica Pharmaceutica Paulista Ltda.”, e do “Laboratório Paulista de Biologia”. Ambas doando itens de uso médico⁴¹.

Outras fontes de doações chamam a atenção, como a visita de Aureli a Arthur Costa Filho, inspetor geral do Serviço de Prophylaxia da Malaria. Na ocasião, relata a *Folha da Noite* no dia 04/6/1937:

[...] Hontem, o dr. Arthur Costa Filho, inspetor geral do Serviço de Prophylaxia da Malaria, recebendo nosso companheiro Willy Aureli, que chefiará a “Bandeira”, pôs à disposição do mesmo um completo material para combate do terrível mal que assola o nosso “hinterland” e que representa um dos maiores perigos para os penetradores dos sertões distantes, comprometteu-se o sr. Willy Aureli a colher farto material de estudo para o Departamento do Serviço Sanitário, recebendo, para tanto, os recipientes e ingredientes necessários à colheita de vários especies de mosquitos e pernilongos causadores da malária [...] (A PRÓXIMA..., 4 jun. 1937, p. 3).

Cinco dias depois, Aureli visitou Afrânio do Amaral, diretor do Butantã. Nessa ocasião, Willy recebeu diversas instruções sobre insetos e répteis da região, material para captura deles e medicamentos para tratamento de eventuais picadas. O treinamento também incluiu demonstrações reais do manejo desses animais. “Por ordem do dr. Afranio do Amaral, dois

⁴¹ A PRÓXIMA partida da “Bandeira Piratininga”. *Folha da Noite*, São Paulo, 2 jun 1937, p. 5.

funcionários do Butantan executaram várias experiências com cobras, aranhas e escorpiões mostrando a praticidade das capturas desses animais” (A PRÓXIMA..., 8 jun. 1937, p. 2).

A última adição veio de José Aluisio Bittencourt Fonseca, “malarologista assistente” e autor do “Manual de Noções para o Estudo da Malária”. O cientista entregou um exemplar do livro à Aureli com a seguinte dedicatória: “Ao prezado amigo Willy Aureli, o “Fernão Dias” do século XX. Offereço com meu voto de completo exito em sua “bandeira” – S. Paulo. 5.6.937 -José Aluisio Fonseca” (A PRÓXIMA..., 2 jun. 1937, p. 5).

A prática de coleta de material biológico de fato acompanharia todas as expedições seguintes da Bandeira. A atividade eventualmente pode ser vista nas obras literárias de Willy e não se limitava à insetos e reptéis:

Entre as maiores aranhas caranguejeiras que eu vi e apanhei para o Instituto Butantã (apesar do pavor que dela tenho) figura a “rajada”, que vive, exclusivamente, nos campos desolados do alto Tapirapés, condensando-se, na baixada que acompanha o imenso lago Oiti, por mim localizado e fixado nas cartas, quando na jornada de 1954 (AURELI, 1973, p. 110).

[...] Aristides e Gaúcho visaram um veado. Não tardaram a regressar, sopesando uma jovem fêmea, cujas vísceras foram retiradas e pesquisadas, a fim de se colherem os vermes do intestino delgado, conforme instruções recebidas no Butantã (AURELI, 1962 p. 68).

As 6 reportagens que compuseram o mês de junho ocupavam 10% da página em que estavam. Em relação ao conteúdo, podemos notar que a *Folha da Noite* enfatizou a presença dos donativos e dos eventos vinculados aos institutos científicos citados anteriormente, fato apenas brevemente comentado na *Folha da Manhã*. O único caso em que a Bandeira ocupa mais espaço na folha é justamente a última ocorrência de 1937, no dia 23/10/1937; reservando 25% da primeira página, em razão de uma foto dos integrantes, anuncia a chegada da Bandeira em São Paulo:

IMAGEM 15 – Chegada em 1937⁴²

FOLHA DA NOITE, 1937

Em síntese, as *Folhas*, em 1937, podem ser consideradas periódicos de vital importância para a existência da Bandeira. Sem a publicação de uma campanha de donativos, seria improvável angariar fundos suficientes para a expedição. Esses jornais se assemelham muito por compartilharem o conteúdo das reportagens, porém apresentam uma diferença de enfoque. A *Folha da Noite*, por exemplo, enfatiza a participação de instituições científicas no apoio à Piratininga, enquanto a *Folha da Manhã* reportava mais detalhes sobre a expedição, cartas e telegramas à Aureli e entrevistas do chefe da Piratininga. Assemelham-se também na questão da cobertura, sendo ela muito esparsa e focada no mês de junho, período da preparação e, depois, da partida da Bandeira. Por último, o espaço reservado é relativamente constante, tendo a maioria das reportagens 5% à 10% de ocupação da página com exceções pontuais por conta de imagens e momentos mais relevantes da expedição.

⁴² REGRESSARAM esta manhã os membros da "Bandeira Piratininga". *Folha da Noite*, São Paulo, 23 out 1937, p. 1.

A PRIMEIRA EXPEDIÇÃO DA PIRATININGA (MAIO A DEZEMBRO DE 1937)

Neste momento, cabe apresentar uma narrativa concisa dos eventos que acompanharam a primeira expedição. O momento exato em que a ideia da Bandeira Piratininga foi lançada é uma incógnita. Aureli, entretanto, demarca o período de novembro de 1936: “Depois de Novembro de 1936, e quando, após séculos de interregno, lancei a idéia de uma reprise das “Bandeiras” [...]” (AURELI, 1939, p. 14). Começamos a descrição em si pelo dia 27/5/1937, momento inaugural da Bandeira na imprensa. O leitor teria sido apresentado aos objetivos, de que forma seriam financiados, quem apoiava a expedição, para onde rumavam, os donativos já angariados, informações sobre integrantes e o impacto internacional da Piratininga. Dois aspectos relativos a esse momento não foram tratados anteriormente: o efeito internacional e o ingresso do Tenente Gabriel Pereira da Silva.

A “United Press” foi a primeira a lançar a novidade “os meios britânicos interessam-se sobremaneira conforme atestam os periódicos londrinos e informação que nos foi trazida pelo representante da “U.P.” nesta capital. E’ que ainda há, na Inglaterra, a esperança de serem encontrados o valoroso Cel. Fawcett e seus companheiros de jornada (A EXPEDIÇÃO..., 27 mai. 1937, p. 1).

Posteriormente, em 08/6/1937, a *Folha da Noite* comentou que a Bandeira teria presença nos periódicos na Argentina, Uruguai e França:

Além do grande interesse que a partida da bandeira “Piratininga” despertou em Londres e Buenos Aires (conforme os jornais que recebemos), a imprensa do Uruguai também trata largamente do arrojado empreendimento. Hontem à tarde o nosso companheiro Willy Aureli foi entrevistado pelo representante do “Paris Soir”, que enviou, via aérea, a Paris, a entrevista que tinha sido solicitada telegraficamente (A PRÓXIMA..., 8 jun. 1937, p. 2).

A publicação em países estrangeiros estaria conectada justamente com o potencial sensacionalista envolto na expedição e, no caso inglês, um possível esclarecimento do paradeiro de Fawcett. Em um futuro momento seria proveitoso pesquisar o conteúdo desses periódicos que trataram da Piratininga.

Ainda nesse tema, a *Folha da Manhã* compartilhou a carta do Jornalista Ovidio Averoldi, correspondente do *La Domenica dell’Agricoltore di Milano* que é também descrito como amigo e “ex companheiro de Willy na Campanha de 32 (A EXPEDIÇÃO..., 27 mai. 1937, p. 1)”⁴³. Averoldi felicita o empreendimento de Aureli e, em seguida, pede que Willy envie material para publicação no periódico em que é correspondente:

⁴³ Em relação à participação de Aureli na Constitucionalista de 1932, o posicionamento de Willy em relação à Vargas e falas relativas à manutenção da ordem em “Roncador” nos permite afirmar que o sertanista apoiou o governo federal na ocasião.

Caro Willy Aureli,

Tenho lido nos jornaes daqui que v. está participando da “Grande Expedição ao Território dos Chavantes”.

Não me foi difícil, caro Willy, compreender que o organizador e o chefe dessa empresa formidável era v. Eu, que conheço a sua audácia, eu que na intrépida jornada de Bury fui um dos seus companheiros, que conheço a sua coragem, tive, num instante, a certeza de que esse útil e difícil empreendimento partiu da sua iniciativa.

[...] Ficaria muitíssimo satisfeito se v me desce a honra de enviar ou de trazer, no regresso, algumas fotografias dessas bellas paisagens, enfim, aquellas que v julgar melhor e mais interessantes [...] (A EXPEDIÇÃO..., 27 mai. 1937, p. 1).

O segundo ponto foi o ingresso do “ex-commandante da Escolta de Capturas, tte. Gabriel Pereira da Silva, o homem que trilhou todos os sertões do Brasil e que realizou as mais ásperas diligências nos rincões selvagens de Goyaz, Matto Grosso, Pará e Amazonas” (A EXPEDIÇÃO..., 27 mai. 1937, p. 1). O Tenente participou da expedição como subchefe e provavelmente foi de grande valia para o grupo, vista a ênfase no seu conhecimento prévio. Importante ressaltar que, nesse momento de 1937, Willy ainda não havia rumado para o Sertão. Salvo o Tenente, o outro integrante que já detinha experiência, pelo menos a partir das fontes, era o irmão de Willy, Aurélio Aureli. Em relação ao processo de formação da Bandeira, é possível evidenciar que havia, inclusive, um excedente de possíveis participantes. Em 28/5/1937 temos o seguinte apontamento:

Copiosissima tem sido a correspondência recebida pelo chefe da expedição de pessoas que desejam integrar o numero de expedicionários. Na impossibilidade de responder pessoalmente a todos. Willy Aureli comunica que não há mais nenhuma vaga e que agradece sinceramente todos os pedidos que lhe são dirigidos sentindo não poder satisfazer o desejo de cada um (MAIS..., 28 mai. 1937, p. 1).

Dessa forma, é importante ressaltar que o apoio da sociedade civil paulista não se transmitiu apenas em donativos de todos os tipos, mas também no interesse pessoal de participar do *revival* bandeirante. Infelizmente, não é possível analisar quem eram essas pessoas que não foram aceitas na expedição. O fato mostra outra evidência de como o contexto do momento motivava aqueles que se interessavam em, de alguma forma, participar da “Marcha para o Oeste”.

No dia 27 de maio, Aureli viajou para o Rio de Janeiro, “onde vae ultimar uns pormenores sobre a expedição” (A EXPEDIÇÃO..., 27 mai. 1937, p. 1). Ainda que nessa reportagem a agenda esteja sem especificação, podemos reconstruir alguns eventos do mês de junho. Como comentado anteriormente, Aureli visitou Arthur Costa Filho, inspetor geral do Serviço de Prophylaxia da Malaria no dia 4 e, no dia 9, Afrânio do Amaral, diretor do Butantã.

Após essas visitas, outros dois eventos podem ser reconstruídos: um *cocktail* de despedida no dia 15/6/1937 e a preparação dos barcos para a expedição em Goiás. Em algum momento antes do dia 15 de junho, Aureli teria voltado para São Paulo e organizado um evento de despedida para seus convidados (expedicionários e jornalistas) “às 20 horas, no pavilhão Cinzano, na Exposição do Cincoentenário da Imigração” (A PRÓXIMA..., 15 jun. 1937, p .7). Os jornais *Folha da Manhã* e *Correio Paulistano* noticiam o evento. Existe uma divergência de informações: a *Folha* informa que o evento teria sido oferecido pela empresa de Vermute italiana Cinzano S.A; enquanto que o *Correio Paulistano* afirma que o oferecimento foi do próprio Aureli. A participação de empresas no envio de donativos torna perfeitamente possível que a Cinzano tenha financiado toda a despedida.

Eventos com convidados pré e pós expedições se tornariam algo recorrente nas idas e vindas da Bandeira Piratininga, por exemplo, o churrasco com o interventor Adhemar Barros comentado anteriormente. Essas ocasiões, além de serem eventos comemorativos e confraternizantes, eram fonte de publicidade na imprensa que acompanhava os discursos de Aureli, das autoridades e aliados envolvidos.

Quanto ao segundo aspecto a ser tratado, a reportagem da *Folha da Manhã* possibilita o esclarecimento de importantes aspectos logísticos do empreendimento. Um dos integrantes, Clovis Pereira de Abreu, sobrinho de Arthur Pereira de Abreu, presidente da Corte de Apelações de Goiás, tinha a incumbência de adquirir os batelões e montarias⁴⁴ para transporte fluvial. O presidente da corte, como relata o periódico, participou ativamente na resguarda e garantia dos transportes, e “concorreu grandemente para que nenhum impecilho encontre a caravana em seu percurso, desde Annapolis até Santa Leopoldina⁴⁵, onde os barcos estão sendo calafetados⁴⁶” (A PRÓXIMA..., 15 jun. 1937, p .7). Um fato curioso é que a expedição de 1937 tinha outro sobrinho de Arthur Pereira de Abreu, porém seu nome não foi especificado. Talvez essa “coincidência” seja resultado de algum tipo de negociação por apoio entre Aureli e o presidente da Corte.

Outro detalhe logístico é o anúncio da partida da Bandeira em dois núcleos. O primeiro grupo de integrantes, de acordo com a *Folha*, seria composto por Clovis Pereira de Abreu, Nelson Guimarães, José Miranda, Tenente Gabriel Pereira da Silva, Benedicto Rodrigues de Arruda, Roberto Salles Faro, José Corrêa e Argus Corbani. Acredito que tenha ocorrido algum

⁴⁴ As montarias são como reboques fluviais, pequenas embarcações destinadas ao armazenamento de carga não tripuladas.

⁴⁵ Em 1958, Santa Leopoldina se tornou o município de Aruanã.

⁴⁶ A calafetação é o processo de preenchimento e vedação de possíveis buracos em embarcações.

erro na informação visto que faltam Aurelio Aureli e Darcy Luiz Guimarães (Lineu Pacheco Braga, redator de *A Tribuna*, que seria incorporado apenas no dia 24/6/1937)⁴⁷. Outra incongruência é Roberto Salles Faro, que não aparece nos nomes listados por Aureli no livro *Roncador* (1939). Outros dois integrantes seriam incorporados apenas em Goiás, o guia Benedicto Martins e Aristeu Cunha, que seria sub-chefe na expedição de 1938. O resultado seria, ao todo, 13 integrantes propriamente nomeados, ainda que a imprensa mencione a presença de peões contratados que, muito provavelmente, não foram listados. O segundo núcleo, que era formado por Aureli, o cinematografista Henry Jullien Lavarenes e o jornalista Lineu Pacheco Braga partiu depois do primeiro grupo, por conta do nascimento do filho de Willy, Ivan, e do preparo do material fotográfico e de rádio.

O primeiro núcleo, de 11 integrantes, acompanhados por Aureli até a estação da Luz, partiu dia 21/6/1937, às 22:30, no trem noturno São Paulo-Campinas. Ao longo da manhã e da tarde na Rua Boa Vista, São Paulo, os expedicionários carregaram três toneladas de material em caminhões, dirigidos por motoristas da Diretoria de Trânsito, que posteriormente rumaram para Campinas, cidade na qual a carga seria posta em um vagão de carga especial “gentilmente cedido pelas autoridades federaes que, assim, concorrem poderosamente para o sucesso do empreendimento” (SEGUIU..., 22 jun. 1937, p. 1). Após o carregamento, os integrantes foram para a estação da Luz onde se despediram de amigos, familiares, apoiadores e do chefe às 22:30. De São Paulo iriam para Leopoldina, Goiás, onde montariam acampamento e preparariam as embarcações até a chegada dos dois últimos membros.

Na ocasião do carregamento dos caminhões e da partida na estação da Luz, a *Folha da Manhã* noticia a comoção pública causada pela Bandeira Piratininga:

Quando, hontem à tarde, os expedicionarios na ladeira Porto Geral começaram a carregar os caminhões que deveriam demandar Campinas, em breves minutos formou-se verdadeira multidão que aplaudiu os rapazes. Os cartazes pregados aos fardos e às malas e que diziam “Bandeira Piratininga – Expedição ao Rio das Mortes”, impressionaram os populares, muitos dos quaes foram abraçar os expedicionários, desejando um feliz exito e um regresso cheio de venturas. O mesmo deu-se na estação da Luz, por ocasião da partida dos homens. Willy acompanhou seus commandados até o último momento o mesmo fazendo o dr. Lourenço Carneiro Lyra, superintendente da “Cultura Brasileira” (SEGUIU..., 22 jun. 1937, p. 1).

A’ hora da partida do trem houve lagrimas por parte das familias dos expedicionários, que, fazendo verdadeiro esforço, escondiam a commoção provocada pelo destaque dos familiares (A “BANDEIRA...”, 23 jun. 1937, p. 1).

⁴⁷ Na reportagem da *Folha da Manhã* de 22/6/1937 o número atualizado foi publicado (SEGUIU..., 22 jun. 1937, p. 1).

No mesmo dia, Aureli recebeu um pedido da “United Press”. Dessa vez, relacionado a outra expedição estrangeira que havia desaparecido. Demonstrando, mais uma vez, ainda que em pequena escala, o alcance internacional da expedição:

[...] um pedido para fazer o possível de encontrar o rastro do sr. Horácio Fuzoni, que partiu para a terra dos Chavantes em maio de 1932, em companhia do cidadão suíço Ratin, um caboclo de Corumbá, dois cuyabanos e cinco índios mansos. Esses homens desapareceram desde então e, por maiores que tenham sido os esforços empregados pela “United Press”, nenhuma certeza sobre a existência dos mesmos foi possível ser colhida (SEGUIU..., 22 jun. 1937, p. 1).

Ainda no dia 21/6, dois incidentes marcaram o início da viagem. Primeiro, um acidente entre caminhões retardou a viagem da carga até a estação da Mogiana, em Campinas. O segundo problema foi com o vagão de carga que, por razão não especificada, ficou retido de última hora. Os integrantes da Bandeira teriam passado desde a chegada em Campinas até a manhã do dia seguinte resolvendo o problema do armazenamento da carga. Por sorte, tiveram o apoio das autoridades locais:

O chefe da estação da Mogiana de Campinas e o chefe do Movimento, foram de uma gentileza extrema para com os expedicionários, facilitando sobremaneira a simplificação dos trabalhos. Também se deve registrar o grande auxílio prestado pelos motoristas da Directoria de Transito, que envidaram todos os esforços afim de entregar em tempo a Campinas, com a carga da “Bandeira” (PARTE..., 25 jun. 1937, p.1)

Em algum momento, entre os dias 21 e 23/6, Aureli recebeu um importante item que faltava, uma estação de Rádio. Ary de Souza Carvalho, superintendente da Radio Educadora Paulista, emprestou uma estação Radiotelefônica e Radiotelegráfica. Outro adendo veio de Souza Ribeiro, presidente da Associação dos Radio Amadores, que ofereceu o prefixo para que fosse possível a comunicação com outras faixas amadoras, além da possibilidade de envio de S.O.S para aviões do exército. De acordo com a *Folha da Manhã*, a estação “diariamente irradiará suas peripécias às “Folhas” e à Rádio Educadora que, simultaneamente, darão a publicidade dos feitos” (A “BANDEIRA..., 23 jun. 1937, p. 1). O que acaba sendo peculiar é o fato de, em 1937, essa publicidade dos feitos não ter ocorrido como fora anunciado. Em 1938, porém, a situação mudaria completamente.

No dia 23/6, pela manhã, Aureli testou a estação emprestada com o auxílio do Primeiro Sargento da Força Pública de São Paulo e técnico em rádio, Francisco Celestino da Silva, que inclusive havia se oferecido para participar da expedição. Sem especificar a proveniência, a *Folha da Manhã* afirma que Aureli teria levado uma estação de rádio portátil também. Sendo esse o último momento de arrecadação de materiais, é interessante observar a rede de apoio que

se movimentou para auxiliar a Piratininga, de sociedade civil e empresas a autoridades do governo. Esse fato é inclusive exemplificado por um telegrama recebido naquele mesmo dia, pelo Presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, Brenno Pinheiro:

Momento partes com teus bravos companheiros para realizar arrojada reportagem através sertões brasileiros o Sindicato dos Jornalistas de S. Paulo formula ardentes votos arriscada empresa seja coroada sucesso. Revelando teu empreendimento antes de tudo, amor profissão, jornalistas assalariados te acompanham com vivo interesse e te aplaudem com prazer (PARTE..., 25 jun. 1937, p.1).

No mesmo dia 23/6, à noite, compreendemos mais uma razão para uma partida em dois núcleos. Nessa data, o filho de Willy e de sua esposa Nair Pereira de Abreu Aureli, Ivan Aureli, nasceu. A *Folha da Manhã* inclusive noticia o fato como o nascimento de “um novo bandeirante” (A BANDEIRA..., 24 jun. 1937, p. 4). No dia seguinte, 24/6, Linneu Pacheco Braga, redator de *A Tribuna* vindo de Santos (mesma cidade em que Aureli nascera) integrou-se aos “bandeirantes” do segundo núcleo: Willy Aureli e Henry Jullien Lavarenes.

Ficou incumbido ao segundo núcleo levar o material cinematográfico, os rádios e todos os donativos recebidos após a partida do primeiro grupo. Na reportagem da *Folha da Manhã* de 24/6, encontramos um texto repleto de elogios e expectativas de sucesso:

Com um espírito de brasilidade que renova a epopéia de uma raça, os expedicionários não medem sacrifícios nem temes consequencias. Empresa arrojada, mereceu o apoio unanime de todos quantos della tiveram conhecimento. Provou-o sobejamento o envio de farto material que possibilitou a formação da “Bandeira” cujos resultados praticos serão certamente dos mais beneficos (A BANDEIRA..., 24 jun. 1937, p. 4).

No dia seguinte, o Presidente da editora patrocinadora de Aureli, a Cultura Brasileira, ofereceu a ele um almoço. Nessa ocasião, Willy concedeu entrevista à *Folha da Manhã*, na qual resumiu diversos aspectos do empreendimento:

Tenho absoluta certeza de conseguir o colimado: entrar em contacto com os Chavantes e desvendar toda a serie de mysterios que cercam a grande região habitada pelos selvícolas ... lendários [...] Somos poucos e bons e nisso está o segredo do sucesso que estou certo conseguir [...].

O valor da nossa bandeira está em ter realizado tudo através de um rude trabalho e, em data previamente marcada, ter dado início à partida. [...] O grande filme que tiraremos na zona inhospita documentará, fielmente, o que terá sido o nosso trabalho, as nossas atribuições, as nossas glórias e fracassos. Despeço-me hoje de todos e parto com a consciência de ir cumprir um dever. Pretendo estar de volta em fins de Novembro visto que a época das aguas, si bem que perigosíssimas, merecem um pequeno sacrifício para serem descriptas fielmente. A todos, pois, o meu até logo” ! (PARTE..., 25 jun. 1937, p.1)

Um aspecto constante do discurso de Aureli, que pode ser visto nessa entrevista, mas também em outras falas, é a ênfase na divulgação do real, do empírico, do que de fato há, no

local a ser explorado. Existe um constante resgate do caráter prático e de experiência pessoal que legitima o que se relata. Os filmes, de certa forma, representam o ápice desse trabalho empírico, por serem tratados como o ambiente *de facto*. Um segundo ponto, anteriormente já tratado, é a dimensão de sacrifício envolvida na resolução dos mistérios e na produção dos relatos da região.

Aureli, Henry Jullien e Lineu Pacheco Braga partiram dia 26/6 para Goiás, no trem das 13 horas a partir da estação da Luz. Nesse interim, o primeiro núcleo completava cinco dias de viagem e aguardava a chegada do chefe. A partir das informações da *Folha da Manhã* de 25/6, o segundo núcleo não viajou com a estação de rádio:

Provavelmente, a estação de rádios será remetida de avião, visto que a mesma tem que sofrer modificações afim de poder alcançar a faixa necessária às irradiações. Não podendo perder nem um dia amais, visto que a época da estiagem já está em pleno decurso, o nosso companheiro segue imediatamente, pretendendo, no dia 1º de Julho, iniciar a navegação (PARTE..., 25 jun. 1937, p.1)

Não é possível precisar se no dia da partida a situação teria mudado e, por conta disso, teriam conseguido levar os rádios. Curiosamente todos os eventos seguintes, até o dia 23/10 (volta da expedição), não são averiguáveis por meio das *Folhas*. Outros periódicos nos ajudam a preencher as lacunas da expedição de 1937 com dez reportagens que nos possibilitam averiguar aspectos da trajetória da Bandeira pós-partida. Dessas dez, três em julho, uma em agosto, duas em setembro e quatro em outubro. Destacam-se os periódicos *Correio Paulistano* (SP), *Diário Carioca* (RJ), *O Jornal* (RJ), *A Nação* (RJ), *O Globo* (RJ), *Diário de Notícias* (RJ), *Pacotilha* (MA) e *Dom Casmurro* (RJ). Observa-se maior presença nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

No dia 2 de julho, o segundo núcleo chega a Goiânia, onde os integrantes são recebidos por autoridades do estado de Goiás no “Grande Hotel” com um “cock-tail”:

No Grande Hotel foi oferecido um “cock-tail” à bandeira “Piratininga”. Nesse “cock-tail” tomaram parte grande numero de pessoas gradas, dentre ellas altas autoridades politicas e administrativas do Estado. Dr. Carlos de Freitas, medico e industrial neste Estado saudou a bandeira “Piratininga”, tendo palavras de entusiasmo à esse grupo de moços que desassombadamente empreendem no momento uma arriscada expedição, querendo assim revelar ao mundo civilizado os segredos das nossas selvas (PARA DESVENDAR..., 9 jul. 1937, p. 15).

Após o evento, os três “bandeirantes” foram ao palácio do governo e receberam um tour guiado da cidade com uma série de autoridades. É interessante notar como a reportagem enfatiza a modernidade encontrada na capital e a contrasta com a atividade exploratória da Piratininga:

Os caravaneiros em companhia do dr. Coimbra Bueno, engenheiro chefe das Obras de Construção de Goyania, do deputado João de Abreu, presidente da Assembléa Legislativa do Estado, do dr. Jorge Diniz, engenheiro das obras de construção de Goyania, do dr. Camara Filho, diretor do Departamento de Propaganda e Expansão Economica do Estado, visitaram varias partes da cidade de Goyania, sendo por essa ocasião filmada pelo orador da caravana “Piratininga”, vários aspectos desta moderna cidade. A caravana que já seguiu para a cidade de Goyaz, e dali, para o Rio Araguaya, teve botafóra concorridíssimo recebendo, como já frizamos por parte do povo desta capital, as mais carinhosas homenagens.

Instantes depois sob aplausos dos presentes partia a caravana que deixando o conforto dos grandes centros se embrenha pelo sertão a dentro querendo revelar aos brasileiros, o Brasil, naquilo que ele tem de mais real, de mais extraordinário e de mais expressivo (PARA DESVENDAR..., 9 jul. 1937, p. 15).

Nesse percurso, Aureli concedeu entrevista ao correspondente do *Diário Carioca*. Na sua fala, retomou o objetivo, a motivação e o percurso a ser tomado:

[...] Nosso escopo, sem ser nitidamente científico, é altamente patriótico. Eu, por exemplo, estou fazendo uma grande reportagem para desvendar aos olhos incrédulos e dos que ignoram a beleza de nossa terra, toda a maravilha contida pelo Araguaya e zona norte de Matto Grosso. [...] Desceremos o Araguaya até a Ilha do Bananal e, de lá, subiremos o rio das Mortes num percurso de 500 kilometros, tentando, depois, uma penetração até as aldeias dos Chavantes e à Serra do Roncador. Sei perfeitamente que tudo isso é arriscadíssimo mas conto com o apoio de homens decididos que são os meus companheiros de bandeira, todos eles escolhidos com os maiores cuidados (PARA DESVENDAR..., 9 jul. 1937, p. 15).

Nota-se, também, a forma como Aureli compreende sua expedição como uma missão de esclarecimento dos brasileiros sobre o seu próprio país, tema tratado inclusive pelo repórter no trecho anterior. Os eventos na capital Goiânia, em 2 de julho, são complementados em uma reportagem do dia 25/7 de *O Jornal*. No material, intitulado “O automóvel e sua penetração pelo interior do Brasil”, logo abaixo de uma propaganda da Texaco e ao lado de uma outra reportagem automobilística, encontramos mais detalhes sobre o *tour* guiado.

Pelo que é possível deduzir, o percurso realizado dentro da cidade foi feito dentro de um Ford e, tal como observamos na reportagem do *Diário Carioca*, enfatiza-se a modernidade e o progresso que alcançava uma região ainda pouco desbravada. Abaixo da manchete, encontramos uma foto na qual Aureli, Lineu Pacheco Braga e Henry Jullien posam junto com autoridades do estado, à frente do Ford:

IMAGEM 16 – Chegada em Goiânia



O Jornal, 1937

Em relação aos componentes da foto, à direita temos o deputado João de Abreu, Presidente da Assembleia Legislativa do Estado, seguindo, à esquerda, o Engenheiro Coimbra Bueno, Henry Jullien, Aureli, Linneu Pacheco e Camara Filho, Diretor do Departamento de Propaganda e Expansão Econômica de Goiás. Em conclusão, a reportagem afirma: “Assim, graças ao automóvel, as mais longínquas regiões do Brasil vão sendo atingidas e melhor conhecidas nas possibilidades e nas riquezas (O AUTOMOVÉL..., 25 jun. 1937, p. 5)”.

Após os eventos do dia 2 de julho, tudo fica mais nebuloso. Decerto, os três “bandeirantes” saíram de Goiânia em direção à Anápolis e, de lá, foram para Leopoldina, onde teriam se encontrado com o primeiro núcleo às margens do Araguaia. Na ocasião, as embarcações já estariam preparadas e, provavelmente, começaram a viagem até a Ilha do Bananal no mesmo dia.

Aureli descreve brevemente alguns aspectos sobre a execução da expedição de 1937 em *Roncador* (1939), apontando algumas distâncias e a data em que avistaram a serra do Roncador. O evento é caracterizado como um prelúdio, o passo inicial para a incursão de 1938:

E essa jornada foi estafante em demasia, ainda mais que, após termos descido o Araguaya a remo, subimos, nos varejões, cerca de 700 kilometros do rio das Mortes, vencendo, num verdadeiro esforço agônico, as corredeiras, os travessões e suportando todas as vicissitudes de tão áspera viagem, com serenidade [...].

Apezar dos ingentes sacrifícios dessa primeira jornada, poucos foram os resultados. Em todo caso conseguira verificar a posição exacta da Serra do Roncador, que não alcançamos, independentemente de nossos esforços e conforme foi largamente narrado nas chronicas publicadas quando de meu regresso.

Foi no dia 18 de Agosto de 1937 que desde os altos píncaros da Serra Divisora, ou da Piedade, já nas proximidades do rio Pindahyba, lobriguei, em toda a sua majestosa conformação, a discutida cordilheira do Roncador! Tínhamos alcançado os cumes da Piedade, depois de dolorosa marcha e, uma vez instalados no planalto, tivemos que lutar desesperadamente para livrarmo-nos do súbito e apavorante incêndio na matta!

Essa serra, antes lobrigada desde tão longe, inutilmente tentei alcançal-a, atravessando num esforço desesperado extensa capoeira de léguas e léguas. Gastamos todas as nossas energias e quando, atravessada a capoeira, topamos com um tabocal hirto de pontas agressivas, constatei a impossibilidade de continuar!

Escapava-me, por assim dizer, nessa época, a Serra do Roncador. Teimar teria sido loucura, ainda mais que nossos meios de subsistência estavam esgotados. A proximidade da estação dos grandes temporaes e o desfibramento orgânico de meus companheiros, obrigaram-me a recuar.

Verifiquei então, a possibilidade de uma entrada mais fácil pelo rio Kuruá. Prometti regressar. Mantive a promessa: regressei e alcancei a famosa Serra, assando justamente um anno (AURELI, 1939, p. 11-13)!

A partir dos relatos de Aureli, é possível verificar algumas dificuldades que tornaram a expedição de 1937, de certa forma, fracassada, visto que não alcançou o almejado. O percurso, intercalando navegação fluvial e marchas em terra, era desafiador e isso combinado com suprimentos aquém do necessário, resultou no que Aureli descreveu no penúltimo parágrafo. O foco de Willy no relato é basicamente geográfico e, mesmo que brevemente, ele se ocupou em explicar aspectos da movimentação e da dificuldade envolvida. Aponto isso, pois um dos objetivos havia sido o contato com indígenas e, por conta da ausência de qualquer menção, é razoável deduzir que não conseguiram levar a cabo esse aspecto. Uma possibilidade de contato (e isso é veiculado na imprensa no retorno da Bandeira) é que o incêndio descrito por Aureli fora causado pelos xavantes. O evento de 1937 apresenta “ecos” em outros escritos do autor.

No livro *Sertões Bravios* (1943), no relato “Floresta em Chamas”, Willy revisitou esse incêndio e o descreveu de forma sublime, enaltecendo as dificuldades da jornada ao mesmo tempo em que caracterizava a beleza encantadora e opressora do cenário visto:

A Serra da Piedade, assim batizada pelos primeiros salesianos que se aventuraram até aquela altura do rio das Mortes, elevava sua mole gigantesca e rubra bem à nossa frente.

Resolvemos aproveitar o leito de um riozinho de águas termais que se engolfava na mataria marginal, serpentando doidamente. Mas logo após a primeira légua desistimos, tais e tantas voltas e curvas, tanta a lama e areias movediças, tantos os mosquitos terríveis, as arraias e os vestígios de enormes sucuris.

Eu, que ia encabeçando meus homens, [...] tratei de orientar-me o mais possível e escalei uma série de barreiras sucessivas, embarafusando sem vacilações, numa capoeira que íamos abrindo a golpes de facão. Assim andamos umas horas quando, lançando um verdadeiro urro de desespero, verificamos que tínhamos retrocedido insensivelmente, pisando as nossas pegadas dentro do riacho sêco!

[...] Um chefe não pode falhar e eu não devia falhar mais, mesmo que todos os “espíritos das selvas” conjugassem seus esforços malignos

Quando julguei suficiente o descanso, reiniciei a caminhada. Tracei uma trajetória em minha mente e, bancando a anta, comecei a romper mato, sem me incomodar com o resto. Uma linha quase reta que nos deveria desviar de vez do labirinto traiçoeiro. Assim alcançamos, deixando farrapos de nossa indumentária pelos galhos espinhosos, o sopé da Serra da Piedade.

De lá vislumbramos um panorama que compensou os trabalhos. À nossa esquerda o rio Pindaíba, luzindo suas águas ao revérbero do sol intenso. Estiroões de buritis enfileirados como tropas em revista [...] Ao norte a “selva selvaggia” de Dante, o oceano verde, igual, idêntico, sem fim! E bem à nossa frente, imponente e terrífica, a Serra do Roncador, paredão imenso, atirando para as nuvens sus cumes distanciados de léguas e léguas, como colunas a suportar o peso da abobáda celestial (AURELI, 1962, p. 43-46)!

No momento seguinte da narrativa, Aureli descreve a Serra do Roncador, expressando um contraste entre a natureza inexplorada como um chamariz e o perigo constante de buscá-la. Tal forma de caracterização é uma “marca registrada” de Willy ao falar dos elementos do Sertão, modo que não fugia do que já se fazia na literatura. O que de fato compele o leitor é uma poética cativante que demonstra o repertório literário do autor, combinando a geografia “crua” do local com um leque de metáforas e representações:

Até onde os binóculos permitiam, viámos o paredão vertical do Roncador, a nossa esperança, o nosso escopo! Cordilheira medonha, indevassada, virgem, repositório dos maiores mistérios, sereia pétreia atraindo homens generosos, sequiosos em devassar o mistério milenar e que morriam mordendo o pó da estrada solitária, exalando o último suspiro no desespero louco do completo isolamento e abandono! Quantos já haviam perecido? Quantos pereceriam antes de alcança-la? Seríamos nós os eleitos? Nada nos podia fazer retroceder! Iríamos até ela, sem dúvida; para tanto tínhamos chegado já pelas proximidades, se bem que a palavra “proximidade”, no sertão, signifique centenas de léguas... .

[...] O silêncio sepulcral esmagava. Estávamos, únicos sêres viventes, naquela solidão, sentindo a dor física desse silêncio medonho, completo! Tudo parado, tudo imerso numa letargia profunda, tudo tresandando a mistério, morte, cilada, imprevisto, tocaia (AURELI, 1962, p. 46)!

A apreciação desse “palco estupendo e horrído” (AURELI, 1962, p. 47) foi, entretanto, interrompida por um incêndio. A surpresa frente ao fato causou, em um primeiro momento, dúvida quanto ao próximo passo, porém, logo os expedicionários irromperam em uma descida desesperada:

De súbito, bem lá embaixo, reparamos numa chama mais rubra que o rubro pintado pelo sol sobre o granito vermelho da serra. Uns estalidos, a fumaça em espiral e, num abrir e fechar de olhos, imensas labaredas lambendo o matagal sêco.

Fogo! Fogo ateadado por mão misteriosa ou por combustão espontânea? Ficamos indecisos. As labaredas estavam ainda distantes, mas pela velocidade com que as chamas se espalhavam, era de supor que breves minutos bastariam para virar aquilo tudo num braseiro!

Recuamos bastante para salvarmos a nossa pele da combustão. Nunca julguei que entes humanos pudessem suportar o martírio que suportamos! Das encostas vinha-nos o calor abrasador da imensa fogueira já sem limites destruindo tudo [...].

Em breve a água dos cantos evaporou-se. Assim como evaporava todo o suor de nossos corpos. Sentíamos a epiderme rugosa, os olhos fundos, as línguas engrossadas. A densa fumarada dos incêndios queimava-nos o globo ocular, mas nenhuma lágrima deslizava pelas pálpebras, porque os nossos organismos já não tinham mais água a verter!

Dessa forma, cambaleando, como fantasmas dentro de um cenário inacreditável [...]. Ninguém falava. Avançava-se lentamente, passo a passo, volta e meia olhando para trás, para o impiedoso inimigo que nenhuma força humana poderia paralisar e fazer recuar [...].

Depois paramos, quando julguei suficiente a clareira aberta. De lá apreciamos a derradeira avançada do fogo adverso, seu declínio, sua morte! Estávamos salvos (AURELI, 1962, p. 47-49)!

Após o dia 18 de agosto, a partir do que é possível deduzir, iniciou-se o retorno da Bandeira para São Paulo. Voltaram para Leopoldina, seguiram para Anápolis, Goiânia e retornaram de trem até São Paulo. A partir de uma reportagem de O Globo, podemos aferir que Aureli ainda estava em Goiás no dia 19 de outubro. O motivo da publicação está na possibilidade de mais uma pista sobre o paradeiro de Fawcett:

O jornalista Willy Aureli, chefe da bandeira Piratininga que se encontra em Goyaz, telegrafou, informando que conseguiram vencer grandes obstáculos para penetrar na região dominada pelos selvícolas, tal como a serra Roncador. Onde foram demarcadas grandes jazidas auríferas no Rio Coroa, tendo os expedicionários encontrado ali, o resto do casal de garimpeiros assassinados pelos índios.

Diz Willy que os Chavantes cercaram a expedição. Incendiando as selvas, tendo os bandeirantes passado incriveis padecimentos. A missão salesiana encontrada no sertão, informou que Fawcett está vivo, tendo os salesianos dado para os expedicionários indicações sobre o famoso explorador desaparecido (VIVE..., 19 out. 1937, p.2).

O mesmo telegrama foi publicado na íntegra pelo periódico Pacotilha (MA), coincidentemente no exato dia do retorno da Bandeira à São Paulo, 23/10:

Durante a penetração pelos sertões descobrimos um braço que sahe da margem direita do rio das mortes. Colhemos farto material para estudos scientificos e firmamos meticoloso levantamento.

Penetramos na serra do Roncador. Foram demarcadas grandes jazidas auríferas no rio Corôa no logar onde topamos com os restos de garimpeiros assassinado.

Os índios Chavantes cercaram a expedição, incendiando as selvas, tendo os homens passado inacreditáveis padecimentos.

A missão salesiana encontrada subindo o rio informa que Fawcett está vivo.

Os membros da missão fornecem indicações quanto ao famoso explorador (FAWCETT..., 23 out. 1937, p.1).

O conteúdo sensacionalista extraído do telegrama fica evidente ao observarmos a manchete da coluna com 5% da primeira página: “Fawcett está vivo: Bandeira Piratininga encontra um braço do rio das Mortes – uma expedição religiosa dá notícias do grande explorador” (FAWCETT..., 23 out. 1937, p.1). Esse mesmo uso da informação ocorre na reportagem anterior de *O Globo*. As notícias exemplificam, mais uma vez, o fato de a Bandeira ter um ganho de espaço na imprensa para além das *Folhas* justamente quando Fawcett entra no conteúdo.

Quanto ao regresso, depois de dois meses e cinco dias, a Bandeira Piratininga chegou na capital paulista pela manhã do dia 23/10/1937. A reportagem da *Folha da Noite* descreve o evento e adiciona um telegrama do Presidente do Sindicato dos Jornalistas de S. Paulo, Brenno Pinheiro.

Willy Aureli, nosso companheiro de trabalho, esteve esta manhã em nossa redacção para dar as boas novas do seu regresso, recebendo, em troca, muitos abraços.

Dentro em breve, o chefe da expedição fará interessante descrição dos trabalhos da caravana que perlustrou os sertões de Matto Grosso, atingindo regiões perigosíssimas e onde encontrou uma serie de obstáculos para conseguir os seus objetivos.

O nosso companheiro de redacção Willy Aureli recebeu hoje o seguinte telegrama do presidente do sindicato dos jornalistas de São Paulo, sr. Brenno Pinheiro:

“Momento você regressa longínquos sertões brasileiros tenho grande prazer apresentar-lhe meu nome e em nome nossos colegas profissionais do Estado efusivos parabéns. Intrepida bandeira sob sua chefia atingiu todos objetivos contribuindo para maior conhecimento de nós mesmos e colhendo farto material tão necessário nossos institutos scientificos. Apraz-me porem apreciar lado jornalístico cometimento que foi mais bello possa imaginar-se. Revelou-se você como sempre repórter completo exercendo jornalismo sua maior plenitude – cordiaes abraços. A) – Brenno Pinheiro” (REGRESSARAM..., 23 out. 1937, p. 1)

A reconstituição das atividades da Bandeira só pode ser retomada em dezembro, momento em que dois fatos são tratados na imprensa. O primeiro, que não está voltado à expedição em si, mas ao contexto, é a notícia do falecimento de Hermano Ribeiro da Silva, líder da Bandeira Anhanguera. Em dezembro, os demais integrantes daquele empreendimento voltaram para São Paulo com a ajuda do governo de Goiás. O evento acaba se relacionando com a Piratininga por conta de Aureli mandar celebrar uma missa, no dia 02/12, para Hermano. Ainda que a volta da Anhanguera tenha sido noticiada pela *Folha da Manhã* no dia 3, o pedido de missa encabeçado por Aureli foi reportado apenas pelo *Jornal do Comércio* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ) e *O Estado* (SC). Em todos os casos, o texto tomou menos de 5% da página:

Os componentes da bandeira Piratininga, chefiada pelo jornalista Willi Aurely, mandam celebrar amanhã missa em memória do sertanista Hermano Ribeiro Silva, falecido recentemente no sertão quando chefiava a bandeira “Anhanguera” (HOMENAGEM..., 1 dez. 1937, p. 11).

A Bandeira Piratininga ressurgiu com maior publicidade na imprensa com os planos da segunda expedição ao longo do mês de dezembro. 12 reportagens compõem esse mês, pertencendo, em ordem cronológica, à *Folha da Manhã* (SP), *O Globo* (RJ) (2), *Jornal do Comércio* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ) (2), *O Estado* (SC) (2), *A Batalha* (RJ), *O Jornal* (RJ) e *Diário de Notícias* (RJ).

Em termos de quantidade, encontramos o mesmo número de publicações de junho, mês da partida da Bandeira. O que diferentes periódicos fizeram de forma semelhante foi fazer uso do potencial sensacionalista existente na retomada dos mistérios do *hinterland* brasileiro. Os textos buscaram atrair os leitores a partir das menções à Serra do Roncador e às expedições perdidas na região, especialmente a de Fawcett. A partir do conteúdo publicado, é possível perceber que Aureli já havia passado informações específicas sobre os planos de 1938: objetivo, itinerário e data de partida. É importante perceber que esse planejamento começa a ser anunciado em menos de dois meses após o fim da expedição de 1937, demonstrando o grande interesse de Willy em alcançar os objetivos iniciais.

Ainda não acabou o eco das façanhas da “Bandeira Piratininga”, que conseguiu todos os seus objetivos, regressou a esta capital, eis que surge a nova: a segunda expedição que demanda a Serra do Roncador, a “inviolável”, conforme é conhecida essa cordilheira deverá ser palmilhada pelos modernos bandeirantes. A partida dar-se-á em fins de abril de 1938, devendo a expedição penetrar no rio Kuruá, em meados de maio [...].

Na Serra do Roncador procurar-se-à desvendar todos os mysterios que a cercam. Nella deverão ser encontradas as tribos Chavantes, Anétos, Cayapós, etc. Porucar-se-à também de uma vez para sempre, desvendar a história das ruínas milenares que muitos sábios dizem existir, ruínas essas que attrahiram Fawcett.

Varios estudiosos participarão da expedição visto que o interesse é enorme em torno de estudos ethnographicos, geológicos e ethnologicos.

Sobre essa expedição, teremos ocasião de informar minuciosamente nossos leitores (A “BANDEIRA...”, 8 dez. 1937, p. 6).

A reportagem citada da *Folha da Manhã*, de 08/12, é a que mais ocupou espaço em relação as demais, 10% da página. O conteúdo, entretanto, provavelmente veio de uma reportagem não encontrada da *Folha da Noite* do dia 6 ou 7 de dezembro. Afirmo isso, pois a notícia de *O Globo*⁴⁸ sobre os preparativos é publicada antes da *Folha da Manhã* e acusa que a

⁴⁸ ATTRAIDA pelo mesmo objetivo de Fawcett. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 dez. 1937, p. 1-2.

informação vinha de São Paulo. De qualquer forma, todas essas reportagens contêm um texto muito semelhante, provavelmente derivado da *Folha da Noite*.

A notícia sobre os planos da expedição de 1938 chamaram a atenção de um colunista do jornal *A Batalha* (RJ) que, na seção “Impressões” e em texto intitulado “O Hinterland”, defende um maior esforço na exploração do interior brasileiro. Um detalhe importante do seu discurso é uma abordagem que será reencontrada no ano seguinte a partir de outros interlocutores: que era necessária maior observância e participação de agentes do estado dentro desses movimentos de caráter privado. A origem dessa sugestão de “adição” se encontra em um desmerecimento ou descredibilização dessas iniciativas privadas pelo seu caráter aventureiro, não oficial e improvisado, assim como o perigo da exploração estrangeira:

Os sertões brasileiros têm sido a atração irresistível de quem têm o gosto da aventura. Inumeros exploradores, isoladamente, ou organizados em “bandeiras”, têm varejado o nosso vasto e ainda pouco conhecido “hinterland”, escrevendo muitas vezes, no silencio das selvas, paginas admiráveis de heroísmo.

Ainda agora, anuncia-se que a “bandeira” Piratininga vae realizar nova entrada pelos sertões com o objetivo de desvendar a historia das ruinas da Serra do Roncador.

Essas embaixadas de audácia e coragem, quando não inspiradas apenas pelo espirito de aventura de seus componentes, mas em obediência a um plano pre-estabelecido de estudo das imensas possibilidades dos nossos sertões, levando-lhes ao mesmo tempo as luzes da civilização, são de indiscutível utilidade e merecem o apoio material e o encorajamento moral dos poderes públicos.

Os governos passados olharam invariavelmente com desinteresse essas incursões. Actualmente, porém, os nossos governantes encaram com sympathia essas demonstrações de coragem desses nossos patrícios que se afirmam como valiosos elementos civilizadores, desvendo ao resto do paiz a prodigiosa riqueza do nosso sub-solo, a fauna variadíssima e as maravilhosas da flora da nossa terra.

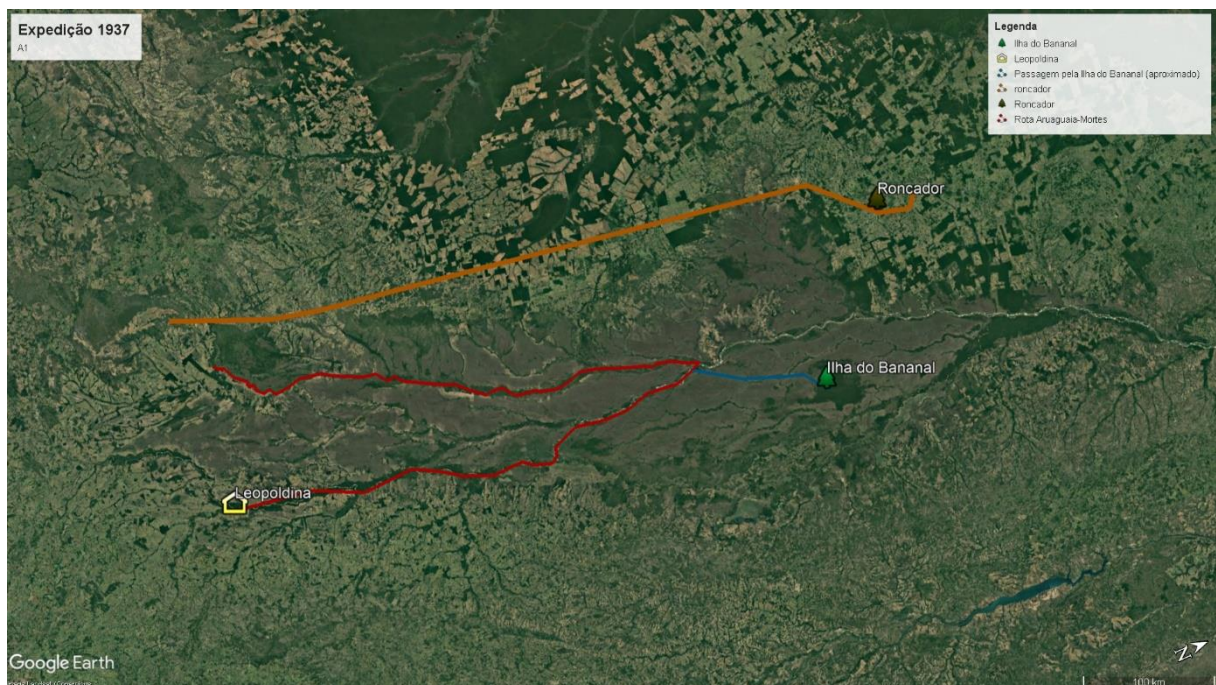
Seria de desejar que a acção governamental colaborasse nessas “bandeiras” através de representantes credenciados e de technicos que recolheriam para o Brasil o que aventureiros profissionais têm levado para fora do paiz (IMPRESSÕES, 8 dez. 1937, p. 2).

Quanto ao parágrafo final, parte do que é desejado era justamente um dos objetivos principais do CFEAC. O Conselho buscava evitar o furto de material etnográfico do país por expedições, especialmente as estrangeiras. Existia, em alguns casos, a exigência do acompanhamento de representantes do Conselho, determinação que, por falta de verba, não poderia abranger todos os pedidos de incursões (GRUPIONI, 1998). A preocupação do autor com a fiscalização e controle do ir e vir de iniciativas de exploração do interior era, também, a mesma de diferentes instituições investidas nesse contexto. O território de grandes proporções, a ausência de infraestrutura e informações confiáveis do espaço, somadas a uma verba inconstante, acabaram criando um espaço oportuno para a Piratininga.

Um último aspecto relativo à expedição de 1937 é a falta de qualquer menção aos resultados dos objetivos científicos da incursão, especialmente quanto à coleta de espécimes. Essa problemática acompanha todas as demais expedições e só poderá ser solucionada buscando os arquivos das instituições em questão e/ou verificando o dossiê da Bandeira no CFEAC.

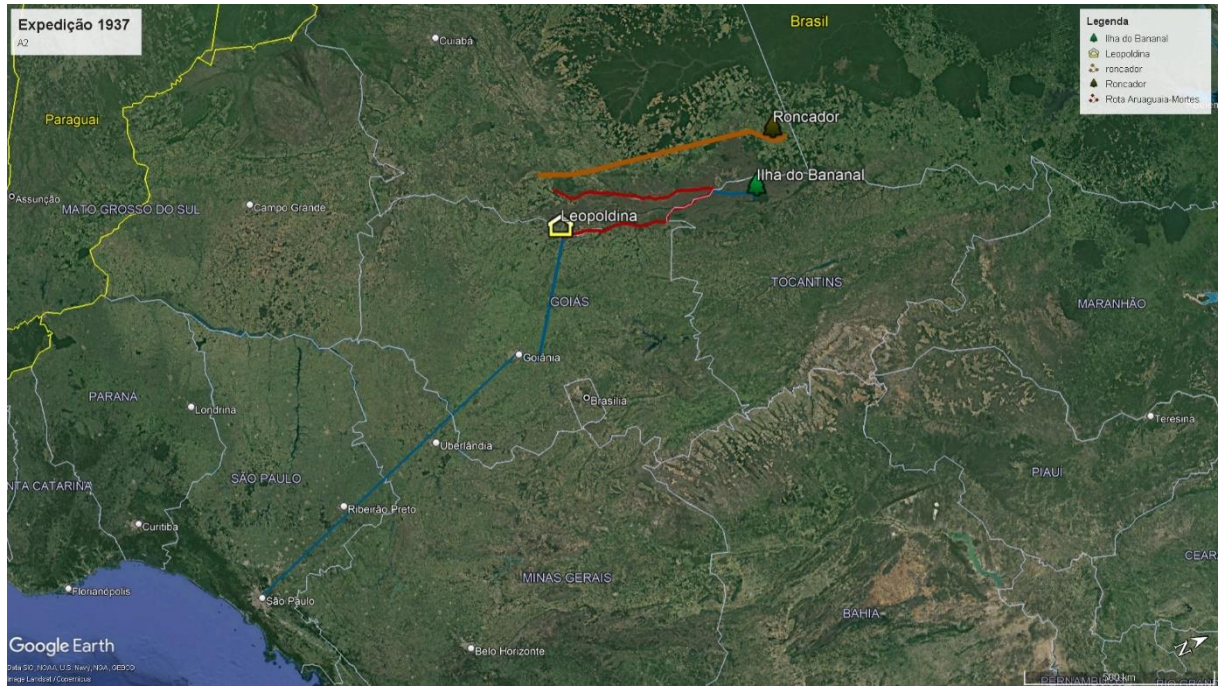
Seguem duas reconstituições que buscam ilustrar o itinerário da Bandeira. A primeira foca o percurso nos rios Araguaia e Mortes; a segunda busca colocar o caminho em perspectiva desde São Paulo. Por conta da imprecisão do relato de Aureli, não foi possível precisar o local em que saíram do rio das Mortes e rumaram, a pé, para a Serra do Roncador.

IMAGEM 17 - Reconstituição 1937 A1



GOOGLE EARTH, 2022

IMAGEM 18 - Reconstituição 1937 A2

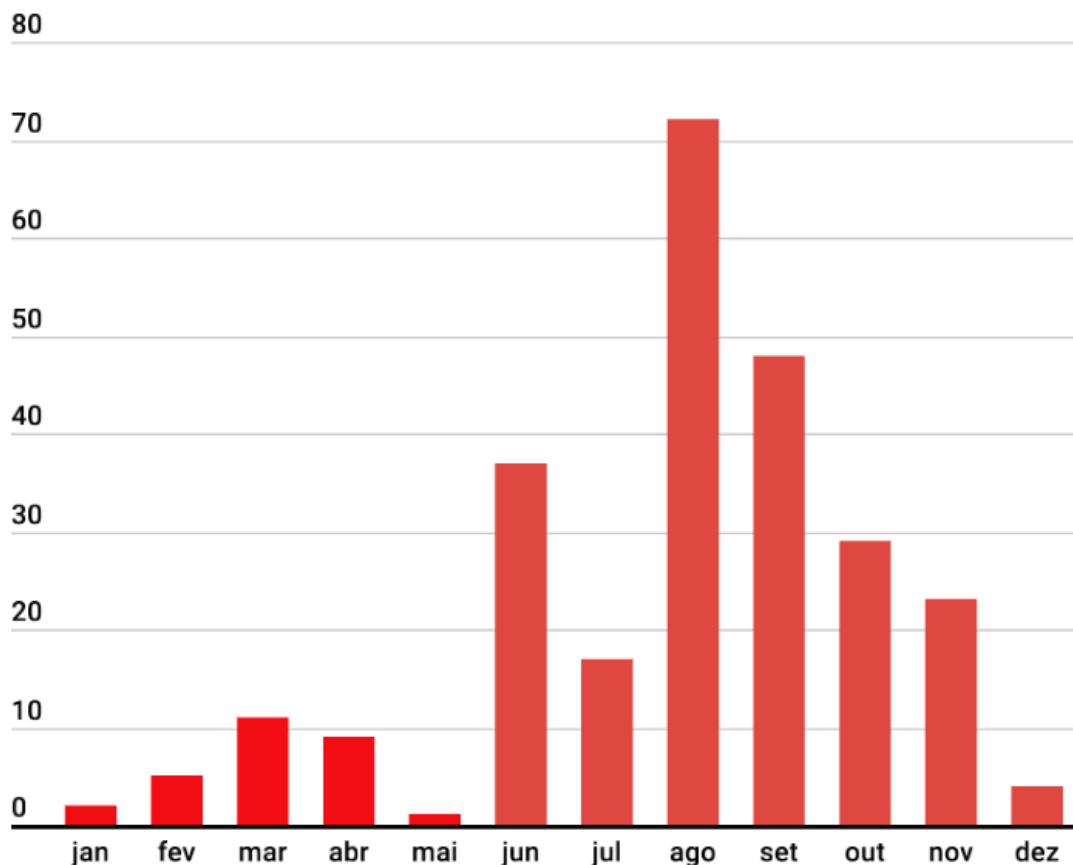


GOOGLE EARTH, 2022

3.3 ALCANÇANDO A SERRA DO RONCADOR: A EXPEDIÇÃO DE 1938

Como comentado anteriormente, a expedição de 38 é a mais bem documentada, combinando imprensa e literatura. No âmbito da imprensa, ao longo de 1938, foi possível coletar 258 reportagens cujo conteúdo fazia referência à Bandeira Piratininga. O gráfico a seguir demonstra a distribuição de ocorrências a cada mês:

IMAGEM 19 – Ocorrências/Mês (1938)



Autor, 2023

Comparando 1937, com 35 reportagens, e 1938, temos uma diferença de 223 ocorrências. Além da quantidade de notícias, existe um aumento do número de periódicos: de 15 em 1937 para 31 em 1938. Esses dados quantitativos demonstram que a expedição de 38 foi capaz de ampliar a sua publicidade tanto em número quanto em estados alcançados. O espaço ocupado nas páginas tem um comportamento semelhante ao de 1937. As notícias, em grande parte, ocupavam de 5% a 10% da página, tendo a menor parte dos casos de 25% a 50%. As ocorrências com maior tamanho usualmente foram assim por conta da presença de imagens, com exceções.

A principal explicação para esse expressivo aumento de publicidade se encontra no fluxo de informações da Bandeira Piratininga com as *Folhas* e demais periódicos. Essa mesma

questão é um fato peculiar quando comparamos a expedição de 1938 com a de 1937, visto que, a princípio, a dinâmica deveria ter sido a mesma: os expedicionários enviariam constantes atualizações pela estação de rádio para as *Folhas* que, por sua vez, publicariam a notícia. A publicação exclusiva das *Folhas* faria com que os demais periódicos republicassem ou reportassem o mesmo evento apenas após elas.

O elemento peculiar é o fato dessa constante atualização não ter ocorrido em 1937, apenas em 1938. A única pista do motivo disso seria a notícia de 25/6/37 da *Folha da Manhã*, reportando que a estação do rádio não havia partido com o segundo núcleo e que essa seria enviada por avião posteriormente⁴⁹. Visto que não houve nenhuma atualização quanto a isso, seria possível trazer a hipótese de que a Bandeira não teve acesso ao rádio em 1937. Uma evidência que apoiaria essa possibilidade é o fato de a notícia de chegada em Goiânia ter sido recebida por telégrafo.

Dessa forma, foi apenas em 1938 que a Bandeira conseguiu levar a cabo a dinâmica de uma expedição em constante contato com a imprensa. Observando a imagem 3, o leitor perceberá um grande número de ocorrências concentrado em junho, agosto e setembro. Qual a razão dessa distribuição? Junho foi o mês em que a Bandeira partiu novamente para Goiás, portanto, assim como vimos em 1937, foi um momento oportuno para a publicidade da Piratininga. Além das notícias sobre a partida, em junho se concentram reportagens sobre os preparativos e visitas realizadas pela Bandeira.

Agosto e setembro são meses muito importantes para a compreensão do conflito de interesses entre a Piratininga, missões cristãs e instituições do estado. Agosto corresponde ao mês em que se noticiou o “ataque” xavante⁵⁰ aos “bandeirantes”, evento amplamente reportado por diferentes periódicos. A presença desse evento violento na imprensa atraiu uma série de interlocutores, entre eles, jornalistas, cientistas e autoridades do estado que se posicionaram, em sua maioria, contra a Bandeira Piratininga. Essa comoção de interlocutores de diferentes áreas ocorreu justamente em setembro. O ápice desse problema, na perspectiva da legitimidade da Bandeira, ocorre quando o ministro da justiça, Francisco Campos, obriga o retorno da Piratininga à São Paulo. A medida teve um valor muito mais simbólico, vista a impossibilidade de realmente obrigar a volta dos “bandeirantes” em uma região do interior do Brasil. Ao que tudo indica, a Piratininga simplesmente continuou o cronograma traçado.

⁴⁹ PARTE amanhã o chefe da Bandeira “Piratininga”. *Folha da Manhã*, São Paulo, 25 jun. 1937, p. 1.

⁵⁰ Posteriormente, no texto, serão expostas as diferentes versões que constituíram o evento em questão.

Como já explorado anteriormente no texto, as críticas que descredibilizaram a Bandeira não foram capazes de impedir a continuação de outras expedições. O que pode ser notado, na verdade, é o estreitamento de laços entre a Piratininga e as instituições do Estado com o cultivo de uma relação mútua de apoio e permissão de locomoção.

Cabe apontar, também, um outro tipo de presença que a Bandeira teve na imprensa na forma da exibição de filmes, propagandas do livro *Roncador* (1939)⁵¹ e o anúncio de palestras de Aureli. Essas ocorrências motivaram a criação da categoria “publicidade” na organização das fontes vindas da imprensa. Essa presença, para além das constantes atualizações da expedição, nos permite observar uma publicidade “passiva” da Piratininga. Utilizo esse termo para enfatizar que essas atividades/produtos ocorrem no ínterim entre uma expedição e outra. No caso de 1938, temos a exibição do filme de 1937, *Nas Selvas do Rio das Mortes*, com a estreia no dia 23/02/38 na Sala Vermelha do Odeon em São Paulo⁵².

O livro *Roncador* (1939), associado às ocorrências da imprensa, reserva dois potenciais para o estudo da expedição de 1938: primeiramente, possibilita o cruzamento de informações e a comparação de discursos entre o que foi exposto por Aureli e o que se publicou na imprensa e, em segundo lugar, esclarece o itinerário e a forma como a Bandeira operou na sua incursão. Em relação à segunda potencialidade, trata-se de um aspecto mais logístico e prático da Bandeira: quantos barcos, como se organizava o comboio, qual era o ritmo diário, como eram realizadas as refeições, de que forma se dava o armazenamento do material, qual era a forma de relacionamento entre os integrantes, entre diversos outros aspectos. Por conseguinte, a narrativa da expedição de 1938 foi construída em um duplo movimento de análise dos fatos e das circunstâncias com a descrição dos pormenores logísticos.

A SEGUNDA EXPEDIÇÃO DA PIRATININGA (JANEIRO A DEZEMBRO DE 1938)

Dedico este trabalho a todos os meus companheiros de jornada das duas penetrações pelos sertões do Rio das Mortes.

Dedico-o, especialmente, à mocidade afim de que, mirando-se no sacrifício e renúncia completa dos rapazes que formaram a “Bandeira Piratininga”, possam, através da leitura deste relato, amar cada vez mais a nossa patria (AURELI, 1939, p.5).

A Bandeira Piratininga “ressurge” na imprensa de 1938 já no dia 23 de janeiro em uma reportagem compartilhada pelo *Correio da Manhã* (RJ) e o *Correio Paulista* (SP). Não por acaso, a reportagem foi escrita por Camara Filho, Diretor do Departamento de Propaganda e

⁵¹ Os demais livros de Aureli também seriam anunciados, porém, aqui enfatizo a obra que relatou a expedição de 1938.

⁵² UM FILME sobre a excursão da Bandeira Piratininga. *Correio Paulistano*, São Paulo, 23 fev. 1938, p. 2.

Expansão Econômica do Estado de Goiás e autoridade que aparece ao lado de Aureli em 1937, na imagem 16. O foco de Camara Filho não foi a Piratininga, sendo ela parte de um longo texto descrevendo um panorama do estado de Goiás e seus potenciais. Sua reportagem, intitulada “Araguaya Misterioso” exemplifica a forma como se falava do interior brasileiro, enaltecendo o exótico e o misterioso.

[...] Ainda estamos bem lembrados da primeira caravana que em caracter turistico aqui veio, ávida por novidades, e de impressões novas. Ella viu e mexeu com o seu dominante espirito de curiosidade as partes mais interessantes do território goyano. Foi até ao famoso rio Araguaya. Palmilhou uma parte da Ilha do Bananal, rumando depois em direcção do Rio das Mortes, e dali regressou logo ao litoral, aos grandes centros de civilização, de onde havia procedido.

[...] O facto é que outras caravanas se succederam com o mesmo proposito. E agora, observa-se então, que as populações do littoral, pouco a pouco, vão sendo atraídas pelo centro do paiz, onde vive um Brasil espontâneo e livre ainda sob as modalidades maravilhosas de um primitivismo que empolga e emociona (ARAGUAYA..., 23 jan. 1938, p. 6).

Para além de um elogio às maravilhas da natureza de Goiás, Camara Filho comenta extensivamente as atividades de Hermano Ribeiro e Aureli, os colocando como exemplos positivos de empreendimentos interessados no conhecimento e reconhecimento de Goiás:

[...] O saudoso Hermano Ribeiro da Silva avançou bastante por essa região a dentro, mantendo serios contacto com os selvicolas que procuravam oferecer-lhe toda sorte de resistência. Faltaram, porém, ao chefe da Bandeira Anhanguera os recursos necessarios: seus companheiros passaram fome e lee foi forçado a regressar a São Paulo, tendo morrido em viagem.

O escriptor Willy Aureli chefe da Bandeira Piratininga, fez, no anno passado, uma excursão turistica pelo Araguaya [...], A reacção oferecida pelos selvicolas(Xavante) não se fez tardar e o jovem desassombrado bandeirante paulista teve que retornar a São Paulo, com todos os seus companheiros, afim de aparelhar-se mais e melhor para nova tentativa.

[...] Estamos informados que o sr. Willy Aurelim publicará em breve um volumoso livro sobre o Araguaya, dando conta da sua primeira expedição ali feita, como chefe da Bandeira Piratininga.

Willy Aureli, espirito observador, trará de certo, ao conhecimento dos brasileiros, muita coisa notável, a cerca da importante região (ARAGUAYA..., 23 jan. 1938, p. 6).

Torna-se interessante notar que Camara Filho caracteriza a Piratininga como uma expedição turística – termo até então não utilizado –, sendo o usual chamá-la de expedição de estudos ou científica. Analisando a forma como o autor trata da Anhanguera e da Piratininga, nota-se que ele credibiliza mais a primeira que a segunda. Parte da evidência se encontra nessa combinação da incursão turística com o fato de ela não ter sido bem sucedida, enquanto a Anhanguera teve o elemento martirizante de Hermano Ribeiro da Silva. Nessa interpretação, Camara Filho inclusive sugere que o Rio das Mortes seja renomeado para “Ribeiro da Silva”:

A morte do sertanista Hermano Ribeiro da Silva não teve, no paiz, sobretudo nos meios intelectuais, a repercussão que devia ter.

Esse moço cujas veias corria o sangue dos antigos bandeirantes, foi victima do seu grande amor ao Brasil.

Nós que aqui residimos e que acompanhamos todos os seus passos, através de um sertão cheio de intemperies, é que podemos ajuizar do seu sacrifício, do seu elevado espirito de brasilidade.

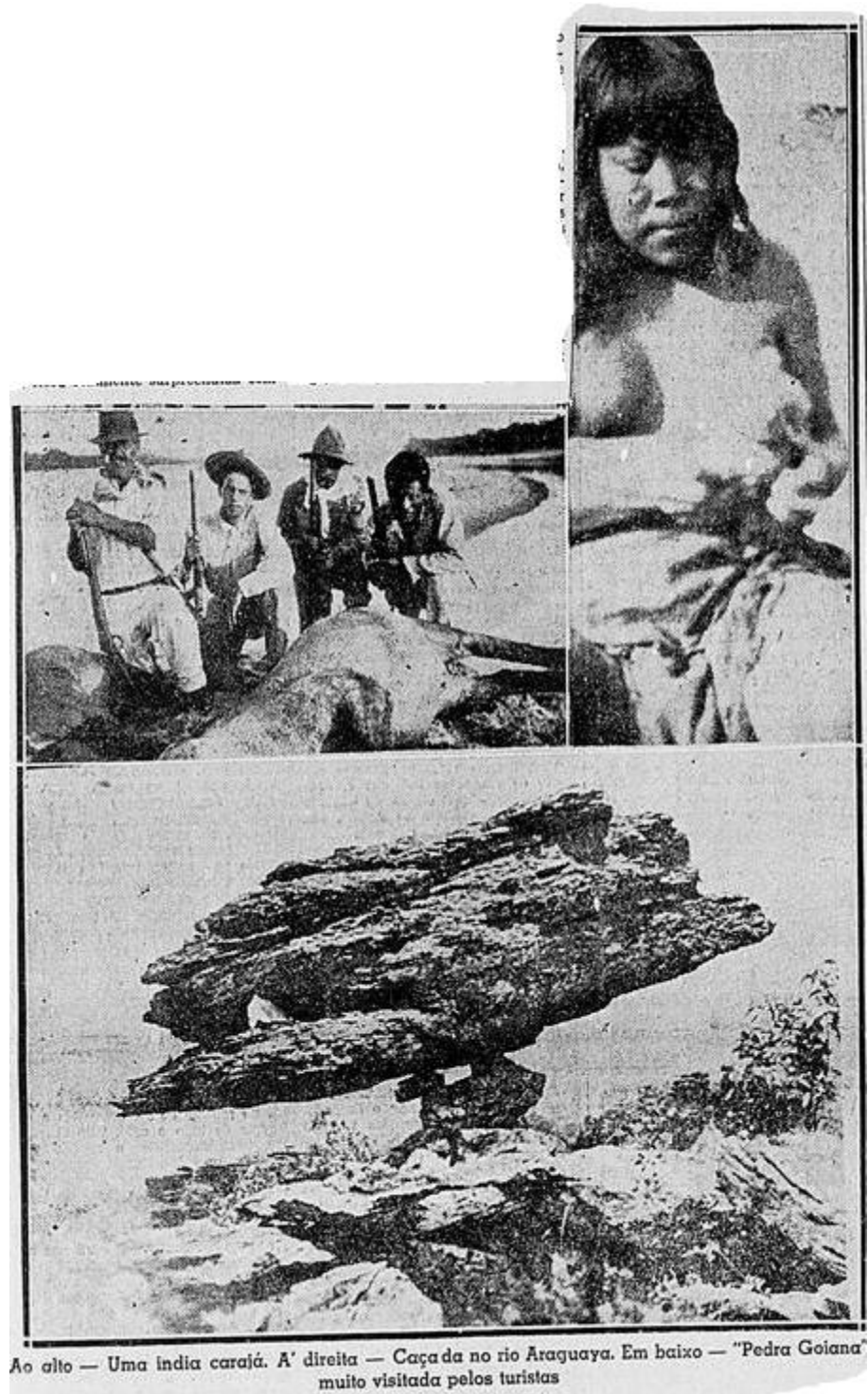
Ribeiro da Silva, realizou, uma grande obra de nacionalidade, a que lhe custou a vida [...]. Sugerimos aqui que seja dada a denominação de Ribeiro da Silva ao Rio das Mortes, como plida homenagem à memoria desse bravo sertanista pelas suas tantativas de conquistar para o patrimonio da civilização uma imensa faixa de terra até hoje, em pleno século XX, ainda virgem do contacto do homem civilizado.

[...] as gerações futuras saberão enaltecer, já que as presentes se mostram despercebidas (ARAGUAYA..., 23 jan. 1938, p. 6).

Está imbricada no discurso do autor uma dimensão de desabafo, perceptível por uma dupla frustração: por um lado, a morte de Hermano, ao seu ver sem a devida comoção e, por outro, o desconhecimento do interior brasileiro. Quanto ao segundo ponto, mistura-se com a questão do progresso, enaltecendo, como se fora um absurdo, o fato de “em pleno século XX” a região continuar “ainda virgem do contato do homem civilizado”. O próprio “isolamento” do estado de Goiás acaba fornecendo um argumento de autoridade, como pode ser visto no terceiro parágrafo da citação.

Passando para uma outra dimensão da reportagem de Camara Filho, é interessante notar o espaço que ela ocupou nos periódicos em questão: no *Correio da Manhã*, 90% da página, e no *Correio Paulistano*, 50%. Além da ocupação expressiva, ocorre a presença de imagens que buscaram representar o exotismo da região:

IMAGEM 20 – Fotos de Goiás pelo Correio Paulistano



Correio Paulistano, 1938

A presença da tríplice representativa – práticas de domínio da natureza (caça, exploração, etc), imagens de indígenas e imagens da natureza como paisagem – é recorrente na imprensa e nos escritos de Aureli. Em relação às imagens de indígenas, é comum a exposição

do nu feminino. A própria capa do *Roncador* (1939) é composta por uma indígena com seios expostos. Posteriormente se voltará a essa temática.

Em fevereiro de 1938, a *Folha da Manhã* e o *Correio Paulistano* noticiam o lançamento do filme *Nas Selvas do Rio das Mortes*, cuja estreia ocorreu dia 23/02 na sala vermelha do Odeon em São Paulo. No texto de divulgação da *Folha da Manhã* no dia da exibição, convidam-se jornalistas e autoridades paulistas. Observemos dois exemplos da forma como se anunciou o filme e seu conteúdo:

[...] O grande filme, que focaliza todos os extraordinarios trabalhos desse punhado de rapazes que percorreu o rio das Mortes numa extensão de 700km, além do famoso rio Araguaya, um jornal que reune, em attraente successão, grande número de factos. Paizagens maravilhosas, vida e costumes dos indios, flora e fauna, penetrações, a Serra do Roncador, corredeiras, etc., tudo isso numa pellicula nitida de dois mil metros, optimamente sychronizada (O FILME..., 23 fev. 1938, p. 1).

Conforme é do dominio publico, a “Bandeira Piratininga”, chefiada pelo nosso collega das “Folhas” – Willy Aureli – durante a longa permanecida que teve no sertão desconhecido do norte do paiz, dedicou-se a estudos geraes da região e à sua filmagem, empregando cerca de dois mil metros de filmes em diferentes aspectos que se lhe deparam.

Pelo amplo noticiário havido em torno da jornada, sabe-se, com segurança que o filme em questão é de scenas, jamais reveladas, dos costumes dos nossos indios, apresentando-nos além dessa particulariedade, as mais interessantes e dramaticas scenas de caçadas realizadas e das demais difficuldades vencidas pelos componentes da “Bandeira Piratininga”, e que conhecemos somente através do amplo noticiario feito pela imprensa (UM FILME..., 23 fev. 1938, p.5).

Se compararmos a forma como o anúncio do filme e a reportagem anterior, “Araguaya Misterioso”, buscaram atrair o leitor, encontraremos semelhanças. É notável a presença de dois dos três elementos representativos comentados anteriormente, porém, agora em texto: práticas de domínio da natureza (caça, exploração etc.), imagens de indígenas e da natureza como paisagem. Assim, mesmo sem o suporte imagético, o discurso busca estimular um imaginário latente.

Ao que tudo indica, o primeiro filme da bandeira teve circulação apenas na capital paulista, visto que a pesquisa resultou em apenas dois periódicos. Esse panorama muda em março de 1939⁵³, quando o segundo filme é lançado, alcançando cinemas do Rio de Janeiro também.

Quanto ao mês de março, destaco quatro ocorrências que exemplificam o que se noticiou sobre a Bandeira. Primeiro, a partir da reportagem do dia 8/3 do *Diário de Notícias* (RJ), encontramos evidência da Piratininga estar se preparando para a expedição de 1938, ainda que

⁵³ NOTÍCIAS de S. Paulo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 11 mar. 1938, p. 16.

esse preparo já devesse ter começado nos momentos seguintes à chegada de Aureli em São Paulo em 1937:

Está em franca preparação a grande expedição que, em princípios de maio próximo, demandará a Serra do Roncador, zona mattogrosense, completamente desconhecida e sobre a qual pairam as lendas mais desencontradas. Bastou a primeira notícia sobre a segunda viagem da “Bandeira Piratininga” para que se notasse o grande interesse despertado no Brasil e mesmo no estrangeiro (NOVA..., 8 mar. 1938, p. 2).

Um detalhe peculiar quanto a essa atualização da Bandeira é o fato de nenhuma das *Folhas* ter noticiado esse preparo. Isso ocorreu apenas no mês de abril por meio da *Folha da Manhã*, ao passo que a *Folha da Noite* não apresentou nenhuma ocorrência em todo o ano de 1938⁵⁴. A seguir, as próximas duas ocorrências são muito interessantes: trata-se de dois relatos enviados por Aureli para *A Notícia* (SC): “Sertão Bruto” e “História de um Crime”. Não é claro o porquê de Willy ter enviado os relatos para o periódico catarinense. Além disso, ambos os textos remetem ao estilo encontrado em obras de Aureli que se constituíram de uma coletânea de contos inspirados no Sertão e relatos de experiência.

No dia 13 de março temos “Sertão Bruto”, um relato sem delimitação temporal, mas que, por dedução, faria parte da expedição de 1937, de uma conversa entre Aureli e o “pagé” Carajá, Maloá. O texto se encontra em duas páginas, a primeira parte ocupando 10% da página e a segunda com 5% de ocupação. Na narrativa, Aureli conta sobre uma conversa que teve com Maloá, na qual o Carajá relata, de forma triste, que recebera uma farda de “coroné”, mas acabou sendo ela roubada em um saque realizado em sua comunidade por Saint Clair de Vasconcellos. A forma de descrição realizada por Aureli exemplifica muito bem o seu estilo, enquanto busca demonstrar como seria o sotaque do indígena ao falar português:

Maloá, o gigantesco pagé de Gariroba, depois de prolongado silencio, virou de bruço, afundou os cotovellos na areia fôfa, colocando o queixo na cuiá formada pelas mãos juntas, cuspiu longe, expellindo a saliva com força, pelas falhas dos dentes incisivos. E rosnou:

– Eu já fui “coroné” ...

– Como assim?

Eu já tive farda bonita mesmo! Eu era “coroné” de minha gente; agora roubaram minha farda....

[...] Eu tambem calei, porque não é de boa politica inquirir um indio. Com elles aprendera a ter paciência e esperava que Maloá voltasse ao assumpto. Mais prolongado o meu silencio e maior o desejo no carajá em relatar algo interessãnte.

[...] Nova cuspidela do selvicola e depois:

⁵⁴ Essa ausência total de ocorrências na *Folha da Noite* foi observada de 1938 até 1945. Não se sabe a razão de tal fato.

– Um dia passou aqui um general, chefe muito grande, muito “bão” mesmo! Elle deu farda de “coroné” a Maloá e disse: “Maloá”, você grande chefe carajá!” Depois me deu uma caixa de machados e depois deu uma caixa de anzóis... Eu guarda machado, guarda anzol e veste farda, bonita mesmo!

Nova pausa. Immutavel na posição, feições rígidas, o índio suspirou.

– Um outro dia passou aqui “moço tenente”. Você sabe?

Elle chama Cler...

– Sim, Saint Clair de Vasconcellos. Morreu, não?

– Xim ... morreu xim! Morreu mesmo! Amigo delle matou... cortou cabeça! Elle passou minha aldeia, deu muita pancada em minha gente rouba minha farda, carrega caixa machados, caixa anzol, fica mulher bonita, “cunhatã” mesmo! Adis pois vae embora... Eu não mais “coroné”... Agora “pagé”. Uhm... uhm... (SERTÃO..., 13 mar. 1938, p. 7).

Após o diálogo, Aureli se utiliza do relato para expressar a dualidade da presença do civilizado e como esse seria visto por Maloá. O final acaba contendo, de certa forma, uma “moral da história”, elemento comum nessa forma de relatos por Aureli. Por conta dessa estrutura, e da própria atemporalidade do ocorrido, a questão da veracidade nessas narrativas é sempre nebulosa, visto que o conteúdo acaba sendo permeado por personagens que se apresentam quase como arquétipos:

[...] Feliz ele tinha sido, até que conheceu o civilizado. Um vestiu-o, outro desnudou-o. Eu sabia do rosario de patifarias commetidas pelo tenente Saint Claire de Vasconcellos, profugo de sua terra natal, demandando os garimpos para se distanciar das escoltas que lhe iam no encalço [...].

Mas não sabia que elle chegara a depojar um misero selvicola, carregando-lhe toda uma fortuna, todo um patrimonio, conspurcando-lhe, ainda, a maloca malucando a jovem carajá.

Já perdendo os contornos dentro do rapido crepusculo, na semi-escuridão da noite invasora, Maloá permanecia immovel, soffrendo a tortura da lembrança que o minava.

De repente, Maloá levantou-se. Sem olhar para mim. Cuspiu pela terceira vez, com desprezo, e setenciou:

–Tury (christão) não presta!

E desapareceu na noite, deixando-me com um profundo sentimento de vergonha... (SERTÃO..., 13 mar. 1938, p. 8) .

O relato do diálogo pode ser visto como uma forma de expressar a dualidade da relação do civilizado com o indígena a partir de um evento fictício ou não. É importante notar que Maloá não fica reservado apenas a essa história, mas é, na verdade, um indivíduo recorrente nos diversos escritos de Aureli. Não me parece que Willy teria criado Maloá, mas sim que, a partir dele, eventos foram moldados de forma literária para atingir determinados efeitos.

Não somente com Maloá, mas com outros indivíduos, os diálogos são descritos de forma completa e as descrições do ambiente assumem um detalhamento em excesso que, por sua vez,

nos faz supor uma operação de adição e subtração de elementos constituintes da narrativa. É possível deduzir, no discurso, uma busca por tornar o relatado o mais fiel possível à experiência sertaneja na compreensão de Aureli. Assim, o autor investe na narrativa para que ela seja capaz de reconstruir, para o leitor, como Maloá se portava e falava, ao mesmo tempo que a natureza também passa por um processo de reconstrução, com o detalhamento da fauna, flora e atmosfera.

A título de exemplo, no livro *Sumaúma: roteiro indianista* (1966), Maloá aparece no primeiro relato da parte um da obra: Matukari. O título faz referência à forma como os carajás falavam de um velho ou um homem de idade. Aureli conta de uma visita do chefe carajá que, aos seus 70 anos, desejava expor suas preocupações quanto ao seu filho ingrato:

Tinha a certeza de que Maloá empreendera tão fatigante estirão somente para me visitar, para matar as suas saudades do “amigo cristão” a quem, longa e imutável, quão recíproca simpatia, o unia.

Senti real prazer e, levantando-me, fui ao seu encontro, gritando:

– Tatéreán, Maloá!

– Tatéreán” Respondeu alegre.

Abraçamo-nos. Alongou-me a penca de banans que lhe pendia das costas. Jamais Maloá me buscou sem trazer um presente: frutas, mel peixes. [...].

Livrou-se do vasto chapeirão de palha, deixando em liberdade a longa cabeleira negra. A poiou-se nos cotovelos e soltou um prolongado suspiro.

– Mim canxado muuuiito, Wirry! Canxado grande!

– Por que você não pediu a seu filho para trazê-lo até aqui?

– Fio num presta mais... Fio de eu num presta!

– Uai! E por que?

Fio de eu largô de muié... Pega outra muié... Fala duro cum eu! Gura eu Matukari e fio num presta...

[...] Compreendi, em toda a sua extensão, a dor íntima do caro amigo. Compreendi o seu sentimento de amargor em verificar a sua lenta derrocada desde os pinaros de sua imensa autoridade, ao longo de todo o Berrokã!

[...] Setenta anos dos quais, cinquenta à testa da sua imensa tribo, vendo-a perecer aos poucos, sumir, adelgaçar-se, renegar os tabus e esfragalhar os ritos tribais devido ao contato com os civilizados. Setenta anos de uma existência eivada de exemplos e virtudes austeras, próprias da raça estupenda que dirigira como senhor absoluto e que agora lhe fugia, negaceando ou fingindo ainda respeitá-lo para não obedecer (AURELI, 1966, p. 27-29)!

O conflito de Maloá e seu filho, como apresentado por Willy, tem sua fundação na perda dos costumes a partir do contato com a civilização. Maluaré, filho de Maloá, não “presta”, pois não busca manter práticas culturais vinculadas ao matrimônio e à relação com os mais velhos. Para além do relato, Aureli expõe a sua preocupação com um preservacionismo cultural, demonstrando, em outros momentos e em diferentes obras, estar ocupado em expor os

malefícios da civilização na cultura de diferentes grupos indígenas. Essa temática será mais bem desenvolvida no capítulo 4.

Prosseguindo com as publicações de *A Notícia* (SC), no dia 20 de março o periódico publica outro relato de Aureli, intitulado “História de um crime”. O texto é menor se comparado com a publicação anterior, ocupando 20% da página. Willy, buscando sombra em um rancho, encontra uma “velha de idade indefinível” (HISTÓRIA..., 20 mar. 1938, p. 4) com a qual conversa. A senhora relata a morte de seu filho e nora por conta de um “coroné”, Santa Maria:

[...]-Mecê vive sozinha minha “vó”?

-Com Deus nosso senhor e com a alma de meu filho...

Depois acrescentou:

-E com a alma de minha nora, a coitadinha...

-Morreram de doença, vóvó?

[...] Meu “fio” e mais minha nora resolveram seguir também. Um mundo de gente vinha para estas bandas que diziam abençoadas e cheias de diamantes. Tínhamos esperança de “bamburrar” e voltar com os cobres gordos.

[...]Foi nessa maldita de Leopoldina que se deu a desgraça! O “coroné” Santa Maria, um africano deste tamanho, viu a cabrocha e “apaixonou-se”. Peste do inferno! Maldito negro! Inda há de pagar tudo junto, que Deus enxerga e vê!

[...]Os cabras do “coroné” pegaram nelle: amarraram e levaram para a margem de Matto Grosso. Eu ainda ouvi o tiro da “papo-amrello” que deu cabo do “infiliz”! [...] Minha pobre nora morreu de “mal fino” logo depois...

[...]Pareceu-me vel-a, annos antes, uivar como uma loba, na praia solitaria, enchendo os écos da noite tragicam com os gritos de “mater dolorosa”. Agora, sozinha naquelle mundo perdido, forte dentro de sua incomensuravel fraqueza, esperava... (HISTÓRIA..., 20 mar. 1938, p. 4).

O trágico evento vinculado ao contexto coronelista da região e o drama sertanejo daqueles que apostaram no garimpo constituem um “pano de fundo” comum nos relatos de Aureli. O texto, ainda que de 1938, apresenta um exemplo de como Willy representava o sertanejo e seus dramas no sertão do Araguaia. É possível verificar uma preocupação em trazer o vocabulário local acompanhado de descrições relativas aos sentimentos das pessoas que com as quais ele entrou em contato. Esse e outros diversos relatos dos contatos de Aureli com sertanejos costumam enfatizar uma vida de contrastes e um tipo social que se adaptou a esse ambiente. Assim, a “velha de idade indefinível” e sua sina apresentam a esperança do garimpo contrastada com a tragédia da violência sofrida, sendo ainda marcada por uma teimosia representativa desse “tipo” sertanejo: “O tempo anchylosara o soffrimento, nessa velhinha que vivia de recordações dolorosas, esperando, atravez dos annos, a nova de um castigo algoz, somente isso devia prendel-a à terra” (HISTÓRIA..., 20 mar. 1938, p. 4).

A quarta ocorrência relativa ao mês de março trata das exibições do filme da Bandeira Piratininga, na expedição de 1937. As propagandas, anunciando conteúdo, data e local das apresentações, são encontradas no *Correio Paulistano*. O periódico publicou essas informações em oito datas, entre os dias 24/3/38 e 1/4/38. O texto da publicação variava de menos de 5% a 10% da página:

Dentro de poucos dias a curiosidade de nosso público em torno das peripécias do feito bandeirante vae ser plenamente satisfeita [...].

O filme da Bandeira Piraitninga é um relato fiel e impressionante dessa aventureosa realização, mostrando, ao par da beleza natural do magnífico cenário agreste, o estoicismo e o arrojo de um punhado de sonhadores avidos dos feitos renovadores da glória imperecível de seus ancestraes (A BANDEIRA..., 24 mar. 1938. p. 10).

Em abril, encontramos evidências do preparo para a expedição de 1938 na Folha da Manhã, com um donativo essencial enviado por um explorador alemão chamado Otto Willy Ulrich:

[...] Agora a chefia da “Bandeira” acaba de receber o offerecimento do prof. Otto Willy Ulrich, explorador allemão, recentemente chegado de sua excursão pelo rio Paraguay. Esse cientista, em carta enviada hontem, do Rio de Janeiro, onde se encontra em descanso pôz à disposição da expedição à Serra do Roncador a lancha “Arara” de sua propriedade, que se encontra em Santos. É um barco equipado modernamente e construido especialmente para viagens pelos rios nacionaes, com motor de grande potencialidade. O barco deverá ser transportado, da vizinha cidade, a esta Capital nestes dias (EXPEDIÇÃO..., 19 abr. 1938, p. 1).

O mês de abril de 1938, entretanto, inaugurou uma primeira ocorrência de conflito entre a Bandeira e terceiros. Trata-se de uma entrevista dada pelo Padre Hipólito Chovelon, líder da missão Salesiana na região do Araguaia-Mortes. De acordo com o jornal *O Globo*, Chovelon teria escrito um relato sobre as ações da missão, provavelmente abarcando o ano de 1937 e, por conta disso, teria concedido entrevista para algum periódico que não foi identificado. A problemática surgiu quando o Padre afirmou que apenas a Bandeira Anhanguera teria alcançado os contrafortes da Serra do Roncador, uma região composta por elevações montanhosas e de difícil acesso. Além disso, Chovelon afirmou que as outras bandeiras que encontrou eram apenas navegantes, que não se aventuravam para dentro do interior propriamente dito.

No dia 24/4/1938, a *Folha da Manhã* publica uma carta aberta de Aureli em resposta à Chovelon. A existência dessa publicação e o conteúdo da carta nos permite observar a preocupação de Willy em garantir a credibilidade da Piratininga perante o público, enfatizando o caráter infundado da fala de Chovelon e, ao mesmo tempo, evidenciando o que se havia alcançado na expedição de 1937:

Reverendo:

Não foi sem dolorosa surpresa que li, hoje, num vespertino desta capital, a “interessante” entrevista que concedeu sobre sua ultima viagem pelo Rio das Mortes. Entre outros trechos há o seguinte: -“Encontrei, na minha peregrinação, o valente Hermano Ribeiro da Silva. Esse chefe sertanista foi o único que chegou aos contrafortes da Serra do Roncador [...] OUTRAS BANDEIRAS ENCONTREI. ERAM NAVEGANTES QUE NUNCA SE AFASTARAM DAS MARGENS E QUE, POR ISSO, POUCO TINHAM QUE TEMER”.

Reverendo! [...] Quaes, reverendo, as outras bandeiras encontradas por v. revma. A não ser a “Bandeira Piratininga”, formada por um nucleo de paulistas de bom coração e cujas finalidades patrióticas pairavam acima de qualquer interesse material? [...] V. revma. Esquece rapidamente os factos. Comnosco, em nosso acampamento, acima do travessão S. Raphael, v. revma. E seus acompanhantes, pousaram durante três dias e tres noites. Regressavamos, nós, rôtos e debilitados, de ter alcançado os primeiros contrafortes da Serra do Roncador [...] E nesse acampamento ministrou-nos, v. revma., o conforto espiritual da missa, ornando o altar com a nossa bandeira nacional [...].

Deixa, V. revma., com a entrevista concedida ao vespertino em questão, pairar certas duvidas quanto a um procedimento recto! De que nos valeram as demonstrações de amizade, as lagrimas da despedida, depois de nosso convivio se agora, sem atinar quaes os escopos, tenta v. revma. Deslustrar de maneira pouco airosa uma das jornadas mais gloriosas das modernas penetrações (CARTA..., 24 abr. 1938, p. 5)?

A carta, que ocupa por volta de 20% da página 5 e é composta por seis parágrafos, termina com Aureli enfatizando as evidências que tem para provar os feitos da Piratininga em 1937. É importante ressaltar a presença de alguns elementos discursivos na carta: o uso de maiúsculas, a ironia acompanhada da referência completa à autoridade eclesiástica de Chovelon e a presença de pontos de exclamação.

Graças a Deus, porém, tanto nós como v. revma. Filmamos nossas penetrações. E tanto em nosso filme como no de v. revma. Aparecemos mutuamente, no meio desse tormento sem fim que se chama Rio das Mortes.

Não tivéssemos, nós, os da “Bandeira Piratininga”, documentado num filme a nossa peregrinação [...] estaríamos, hoje, à mercê de insinuações menos verdadeiras e offensivas! [...] Lamento, padre Hyppolito Chovelon, a insinuação de v. revma. que vem desdizer, num flagrante contraste, a missão evangelica que sempre deve guiar os passos daquelles que se sacrificam para o bem dos seus semelhantes! (CARTA..., 24 abr. 1938, p. 5)

Quando o jornal *O Globo* (RJ) volta a falar da *Bandeira Piratininga*, o fato ocorre justamente com esse conflito. Em 26/4, o jornal publica a reportagem “Discutem na cidade os exploradores das selvas: o reporter Willy Aureli rebate afirmações do padre Chevelon sobre a penetração das bandeiras no “hinterland” brasileiro. A publicação relata que Chevelon acabara de fazer um relato sobre “interessantes peripécias do seu trabalho nas selvas” (DISCUTEM..., 26 abr. 1938, p. 2). O periódico aproveita o conflito surgido da resposta de Aureli para atrair o leitor, tanto que o fato participa da manchete. Para além das reportagens apresentadas, de fato

a relação entre a missão salesiana e a Piratininga foi de tolerância e não de amizade, inclusive se encontrando novamente na expedição de 1938.

Difícilmente não haveria um conflito entre esses movimentos, principalmente da parte da missão salesiana que, por meio da catequese, buscava garantir o contato com indígenas da região. A presença de uma iniciativa privada nem evidentemente científica ou oficial do estado provocou um conflito relativo às formas de fazer contato com os diferentes grupos autóctones da região. Da parte de Aureli, em obras mais tardias, o autor defende que não se deveria obrigar o indígena a abandonar ou mesmo convencê-lo a mudar sua cultura, deixando-o soberano em seu território, constituindo uma relação de amizade com os civilizados. Ainda assim, reservava uma opinião, em geral, positiva acerca das missões e de Chovelon, porém não por conta da catequese:

Conheci no mais alto do rio das Mortes a missão salesiana, chefiada pelo Padre Chovelon, coadjuvado na rude caminhada pelo Padre Nunes, a figura mais meiga e mais bondosa de homem que eu tenha conhecido!

[...] Padre Nunes e o Rev. Chovelon buscavam, incansáveis, abordá-los (xavantes) para conduzi-los à razão. Com isso, abriram, como abriram, e nós auxiliamos, também, o caminho ao Serviço de Proteção aos Índios, que até então se mantivera prudentemente distanciado de um território “proibido”.

Muitos missionários protestantes conheço e conheci. Com eles, mantenho as melhores relações, pois me são amigos e amigos de todos. A infiltração dessas missões cristãs não é de velha data [...].

O silvícola, seja dito de passagem, é impermeável a qualquer religião que lhe seja imposta. Crê nos seus deuses e deles jamais poderá distanciar-se. Entretanto, acreditando no missionário, que lhe é companheiro nos trabalhos, nas caçadas, nas pescarias, nas aflições, assim como as índias acreditam na missionária, que lhe é parteira, enfermeira, mestre de costura e de arte culinária e, sobretudo, monitora sanitária. E isso é um bom elemento de catequese (AURELI, 1973, p. 86).

A partir de outras ocasiões em que Aureli trata da relação com as missões, é possível verificar uma postura de consenso e arrefecimento de conflitos relativos à legitimidade. As críticas usualmente vieram de Chovelon contra Aureli, tal foi também o movimento de outros agentes que competiam pela tutela e/ou contato com indígenas. Sendo assim, Willy é visto constantemente na defensiva, buscando justificar a utilidade e enfatizar os feitos da Piratininga.

Ainda em relação à abril e ao *O Globo* (RJ), o periódico destaca-se por explorar, mais do que outros, o aspecto sensacionalista da próxima expedição da Bandeira, enfatizando o mistério que envolvia a região e, inclusive, apontando que os “bandeirantes” estavam buscando a cidade perdida de Atlântida.

No dia 30/4, o periódico publicou uma pequena coluna, menos de 5%, mas, com a manchete: “Vae em busca da Atlantida!: ultimam-se os preparativos da expedição à Serra do

Roncador”⁵⁵, que buscava a atenção do leitor. O texto é ilegível salvo algumas palavras. É possível, entretanto, averiguar que a questão “Atlantida” é uma adição do periódico após Aureli falar dos possíveis segredos para além da Serra. O jornal provavelmente se baseou nas hipóteses de Fawcett sobre uma civilização milenar na região.

O mês seguinte, maio, reserva apenas uma ocorrência, encontrada no *Diário de Notícias* (RJ). Na publicação em questão, a Piratininga é apenas citada como exemplo para um texto sem autoria clara chamado “Brasil Ignorado”. O autor utilizou uma pequena coluna com menos de 5% de ocupação da página 4 para tratar do problema de o país ainda reservar áreas misteriosas, desconhecidas. Essa reportagem, ainda que não esclareça muito sobre a Bandeira, traz mais um exemplo de uma preocupação daquele tempo e, talvez o mais interessante, como conduzir o país a descobrir-se:

Tão Vasto é o território do Brasil e tão diminuta, proporcionalmente, a sua população, que immensas regiões existem não somente ignoradas, mas envolvidas em mysterio.

Ora, semelhante situação evidentemente não abona os foros de soberania do paiz, porque é a de um paiz que em grande parte a si mesmo se desconhece.

Penetrar essas regiões, devassar-lhes o mysterio, conhecel-as nos seus aspectos naturaes e nos recursos economicamente exploráveis é dever precipuo da Nação.

[...] O que se faz necessário é um organismo especial, de natureza científica e economica, que prepare de tempos em tempos expedições ao alto sertão do Brasil e auxilie e controle expedições particulares de nacionaes, como a da Bandeira Piratininga, que se apresta para penetrar a região do rio das Mortes e da Serra do Roncador.

Desde 1933 funciona o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil [...] esse conselho está em condições de ser o nucleo formador do organismo que acabamos de lembrar e que, a cargo do Museu Nacional, ficaria aparelhado para, methodicamente, mas permanentemente, promover expedições científicas, artísticas e economicas [...].

Que diabo! É vexatorio para nós que ainda haja no Brasil regiões “mysteriosas”. E não o é menos que deixemos a estrangeiros, como frequentemente succede, a iniciativa de “revelar” o Brasil ao proprio Brasil (O BRASIL..., 28 mai. 1938, p. 4).

Focando na solução para esse descobrimento interno, encontramos um horizonte recorrente no qual a solução vincula-se diretamente às instituições e esforços do Estado. O espaço de ação das iniciativas privadas deveria ser, e de fato foi, delimitado pelo CFEAC, mas o que é defendido pelo autor é um aumento do poder e das atribuições do Conselho junto com o Museu Nacional. Quanto aos defensores desse tipo de abordagem, poderíamos deduzir que a presença das iniciativas privadas, missões e bandeiras, por exemplo, seria um “mal necessário” – obra da incapacidade das iniciativas do Estado de, *de facto*, controlar e “descobrir” o território.

⁵⁵ VAE em busca da Atlantida! O Globo, Rio de Janeiro, 30 abr. 1938, p. 2.

O ideal, nessa perspectiva, seria o monopólio das iniciativas oficiais do Estado, incluindo um grande controle de qualquer iniciativa estrangeira. Inclusive, o principal foco fiscalizador do CFEAC era com expedições estrangeiras (GRUPIONI, 1998).

O mês de junho marca um importante momento para a Bandeira, não só foi o mês em que partiram para Goiás, 24/6, mas também o período em que os integrantes tiveram uma audiência com Getúlio Vargas e, posteriormente, receberam uma bandeira nacional em seu nome. O evento teve grande valor simbólico e credibilizador, demonstrando que a Piratininga tinha aval não somente do CFEAC, mas da autoridade máxima do governo, o presidente. Além disso, o fato de a bandeira, que posteriormente seria hasteada na Serra do Roncador, ter sido entregue em nome de Vargas assume um valor representativo. A ação privada da Piratininga levava um símbolo nacional para executar um objetivo nacionalista, cumprindo a ambição de Aureli, de contribuir com a Marcha para o Oeste. Entretanto, os eventos de agosto “manchariam” essa ação contributiva.

A cobertura da imprensa em junho se deu, principalmente, por periódicos paulistas e cariocas: *Diário Carioca* (RJ), *Correio da Manhã* (RJ), *Diário de Notícias* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ), *O Imparcial* (RJ), *A Gazeta* (SC), *Correio do Paraná* (PR), *Correio Paulistano* (SP), *Gazeta de Notícias* (RJ), *A Noite* (RJ), *A Notícia* (SC) e *Jornal do Comércio* (RJ), totalizando 12 periódicos diferentes com uma predominância carioca. Um fato peculiar foi a ausência das *Folhas* nesse contexto, assim como a presença de outros periódicos paulistas. Os dois principais eventos, a audiência e a partida, não receberam um espaço expressivo nos diferentes periódicos. Em geral, apresentaram 5% de ocupação ou menos, com exceções pontuais de 10% e 25%.

Às 16:30 do dia 08/6, integrantes da Piratininga tiveram uma breve audiência com Vargas no Palácio do Catete. Na ocasião, os “bandeirantes” expuseram os objetivos da expedição, seguido pela fala de apoio do presidente, que aproveitou a presença da imprensa para enaltecer obras de infraestrutura e empreendimentos no interior brasileiro. Ao que é possível deduzir a partir das diferentes reportagens que relataram o momento, o presidente, até então, não tinha conhecimento da Bandeira Piratininga.

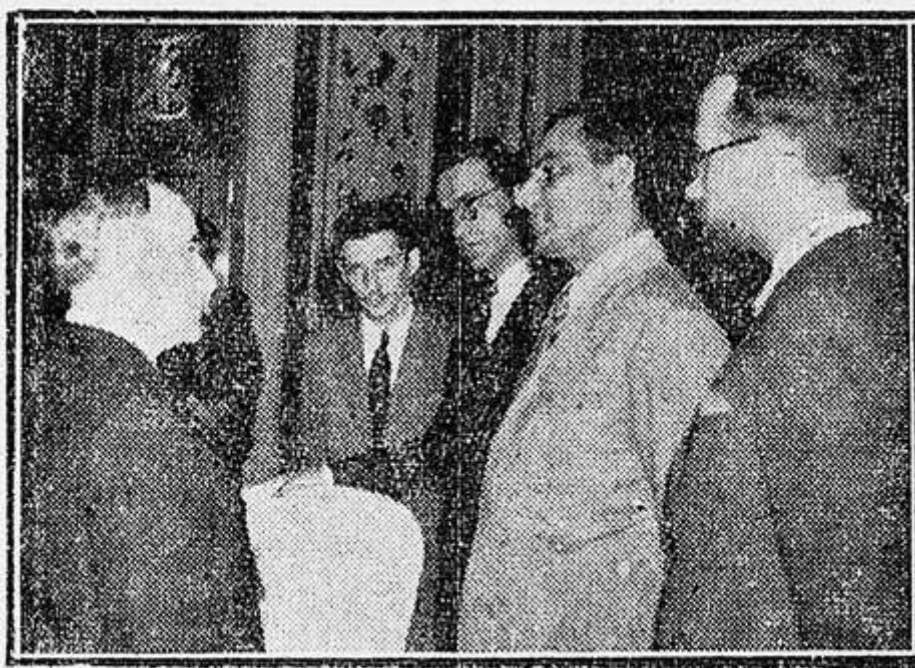
[...] Tomando assim conhecimento detalhado da organização da “Bandeira”, o chefe da Nação manifesta desde logo o seu interesse pelo empreendimento. Este se acha dentro do lemma “A marcha para o Oeste”, que s. ex. preconiza.

Disse s. ex. que recebeu com muita sympathia essa iniciativa que é realmente a segunda phase das “bandeiras”. É a marcha para o Oeste, agora com outros recursos com os quaes não contavam os intrepidos desbravadores daquelle tempo.

[...] o presidente Getulio Vargas tem para com os expedicionarios um gesto extremamente lisongeiro, por sua elevada significação moral. S. ex. oferecerá a bandeira nacional que a expedição Piratininga – caso consiga vencer todas as dificuldades do itinerario a seguir, hasteará na Serra do Roncador, assinalando uma conquista memorável da marcha para Oeste (UMA AUDIÊNCIA, 9 jun. 1938, p. 3).

IMAGEM 21 – Audiência com Vargas

Uma Audiência do Presidente da República á "Bandeira Piratininga"



O presidente Getúlio Vargas, quando recebia, hontem, os representantes da "Bandeira Piratininga"

DIARIO CARIOCA, 1938

Dia 18/6, no Clube de Regatas Tietê em São Paulo, houve um almoço de despedida da Bandeira. A ocasião contou com a presença de autoridades do governo paulista:

Compareceram ao mesmo inumeras autoridades, entre as quaes o capirão Jayme Bueno de Camargo, representando o coronel Dulcideo Cardoso, secretário da Segurança; sr. Arthur Lemos Brito, representando o secretario da Agricultura e o representante do sr. Salles Junior, secretario da Fazenda deste Estado (PARA..., 19 jun. 1938, p. 5).

O último evento antes da partida foi no dia 22/6, quando o general Francisco José Pinto, em nome do presidente, entregou a bandeira nacional que havia sido prometida anteriormente.

Antes de narrar a partida da Bandeira, Aureli relata brevemente sua opinião sobre os aspectos logísticos do preparo para a expedição, enfatizando, tal como fez ao falar de 1937, as dificuldades de adquirir todo o material e transporte necessários para levar a cabo o empreendimento. Ainda assim, faz um balanço positivo dos preparativos por conta do trabalho dos expedicionários, das doações recebidas por paulistas e cariocas e da ajuda vinda de autoridades do governo:

[...] Sem o entusiasmo que reinava em cada um de nós, teríamos fracassado. Promessas desfeitas à última hora, compromissos assumidos e que deviam ser mantidos, falta de capital para aquisições inadiáveis, uma verdadeira “via crucis”. [...] Meus companheiros de jornada palmilhavam as ruas dos “ferros-velhos” adquirindo ferramentas e utensílios, regateando em longas disputas com os proprietários das espeluncas, de onde saíam vitoriosos, sobreçando martellos, chaves inglesas, peças de recambio, pharoletes, cordas, ganchos, etc. [...] Por último, choviam offercimentos de materiaes: barracas, equipamentos, cobertores, remedios, munições, mantimentos, gazolina, óleo, roupas velhas para donativos aos indios, facas, canivetes, anzoes, físgas, [...].

Também no Rio de Janeiro era aplainada a questão das passagens. O general Mendonça Lima, ministro da Viação, fez com que, em breves dias, conseguíssemos das directorias de quatro estradas de ferro, a conducção necessaria.

[...] Dentro das parcas possibilidades foi traçado o plano de execução, que se desenrolou magnificamente até a distante Annapolis, onde outras dôres de cabeça me aguardavam (AURELI, 1939, p. 47-48).

No dia 23/6, às 16:30 na estação da Luz em São Paulo, um primeiro núcleo de “bandeirantes”, 29 dos 31, partiu para Leopoldina. Assim como em 1937, a Piratininga partiu em dois grupos diferentes, porém, dessa vez por razões diferentes. Em São Paulo, Aureli esperou pela chegada de Clementino de Alencar, repórter de *O Globo*. Junto com o jornalista vinha a bandeira do Brasil, “foguetões”, colares e sua bagagem pessoal. Em *Roncador* (1939), Willy especificou essa dinâmica de partida do primeiro grupo:

Partiram, devendo aguardar minha chegada em Leopoldina, na margem do Araguaya, os seguintes rapazes, escolhidos entre as centenas que solicitaram inclusão na expedição: Aristeu Cunha(1937), Luiz Accioly Lopes, Armando Gazzola, Renato Pauperio, Celso da Silva Rocha, Nelson Guimarães, Orlando Fonseca, Napoleão Bucci, João Fumis Filho, José de Queiroz, José Eduardo de Freitas Pinto, Oscar de Almeida Prado, Alberico Soares, Aldo Battgliotti, Raul Rodrigues, Appolinario Buck Ferreira, Ferruccio Savietto, João C. de Vasconcellos, José de Barros, Henry Jullien (1937), Dr. J. Diniz, médico da expedição, Antheu Leuenroth, Tacio Cattony, José Faria Nogueira, Moacyr Vieira de Melo, Radio-telegraphista, Francisco Guilherme Whitaker, Lourival Costa, dr. João Kaufer, dr. Tikamer Szaffka, Heinz Himmelreich, respectivamente geólogo, ethnographo e etnomólogo da expedição (AURELI, 1939, p. 49).

Em relação à primeira expedição, com 13 integrantes, a de 1938 apresentou um aumento de 18 participantes. Um segundo aspecto relevante é a clara presença de três cientistas: um geólogo, etnógrafo e entomólogo (estudo dos insetos). Um caso interessante é o do etnomólogo

Henrique(Heinz) Himmelreich que resurgiria em uma reportagem de *O Globo* em 1973, ocupando 50% da 18ª página, na seção de ecologia. Heinz havia chegado à América do Sul em 1934, como jornalista de um periódico alemão para cobrir a Guerra do Chaco. Porém, em 1936, resolveu se mudar para São Paulo, evitando voltar para a Alemanha com a ascensão do nazismo. Naquele ano teria conhecido Aureli e, no evento da organização da expedição de 1938, se juntado à Piratininga⁵⁶. Algo interessante que a reportagem acaba não infomando é que Heinz não é entomólogo, demonstrando que não tinha educação formal na área, mas era sim um autodidata. Sua vida depois da expedição de 1938 mostra seu apreço pelo local que havia explorado:

Há 37 anos Henrique Himmelreich reside numa fazenda onde a fauna e a flora são religiosamente respeitadas. Foi farmacêutico, prefeito, juiz de paz, delegado e muita coisa mais à beira do rio Araguaia.

“Conheci o Araguaia em 1937⁵⁷ e nunca mais desejei viver em qualquer outra parte do mundo. Aprendi a viver com três jovens índios Carajás, dos quais hoje só resta o velho Arutana. Com eles penetrei até os fundos da Ilha do Bananal, toda a floresta do Rio Javaé e do Rio das Mortes, Tapirapé. Foi graças à astúcia dos Carajás que consegui algumas vezes livrar-me das bordunas dos Xavantes (HENRIQUE..., 24 out. 1973, p. 18).

É possível perceber também como a Piratininga não apenas aumentou, mas também teve uma grande troca ou saída de integrantes de 1937, tendo apenas dois “veteranos”: Aristeu Cunha, subchefe, e Henry Jullien, cinematografista. Além dos 31 integrantes oficiais, dois indígenas carajás participaram do grupo: Arutana, que seria um grande amigo e companheiro de expedições de Aureli até o fim da Piratininga em 1959, e Taraúna, primo de Arutana. A relação de Aureli e Arutana é um interessante exemplo de transculturação e será mais bem tratado no subcapítulo 4.2.4.

Voltando ao itinerário, dia 26/6 o subchefe Aristeu Cunha, já em Goiânia com os outros 29 integrantes, utilizou a estação de rádio portátil para enviar uma mensagem para Aureli através do Departamento de Comunicações e Serviços de Rádio Patrulha. Na mensagem, podemos observar a relação amistosa dos “bandeirantes” com autoridades do estado de Goiás que também haviam recepcionado a Piratininga em 1937:

[...] Recepção desde Goyania além da expectativa, sobressaindo a prefeitura de Annapolis e a recepção em Goyania. A hospedagem em Annapolis foi às expensas da prefeitura local. O prefeito, st. Valente, comulou de gentilezas os expedicionários. O dr. Camara Filho, director do Departamento de Propaganda e Expansão de Goyaz, recebeu-nos com a maxima fidalgia. Os expedicionários estão optimamente

⁵⁶ HENRIQUE, o velho alemão que não deixou o Rio Araguaia Morrer. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 out. 1973, p. 18.

⁵⁷ Não é possível dizer se Heinz teria confundido as datas, trocando 1938 por 1937, ou se já havia viajado para a região antes da expedição.

impressionados. Temos encontrado acolhimento festivo por parte do governo e do povo [...] (A “BANDEIRA...”, 29 jun. 1938, p. 5)

Aristeu Cunha chegou dia 27/6 e a partida dele com Aureli se deu no dia 29. Seguindo por 43 horas de trem, chegaram em Anápolis às 21 horas de primeiro de julho. Já na chegada na cidade ocorre o primeiro problema logístico:

O dr. José Valente, prefeito da cidade, aguarda a nossa chegada. Também lá estão: Luiz Accioly, Lourival Costa, Oscar Almeida Prado. [...] sinto um apertãozinho no coração: si só trez dos meus homens estão lá é porque as coisas encrencaram.

– Os batelões ainda estão aqui – diz-me Accioly. – Estamos aguardando condução [...] (AURELI, 1939, p. 50).

O batelão maior e a lancha, que provavelmente foram carregadas por trem ou caminhões, precisavam ser levadas por veículos terrestres para Leopoldina e dali entrariam nas águas do Araguaia. Aureli fica em Anápolis até o dia 5/7, decidindo viajar para Goiânia com o intuito de resolver a situação com Camara Filho, Diretor do Departamento de Expansão Econômica de Goiás. Na ocasião, recebeu uma carta de Nelson Guimarães, integrante da Bandeira que viera de Leopoldina à Goiânia, pedindo “uma infinidade de coisas impossíveis e relatar o optimo estado de saúde e moral dos homens, assim como a rabujice do ethnographo, cuja mysanthropia começa a apparecer” (AURELI, 1939, p. 51). Logo, problemas vinculados aos parcos suprimentos e relacionamento entre integrantes aparecem.

Graças ao relacionamento com Camara Filho e o prefeito de Goiânia, Aureli consegue apoio de um motorista de caminhão privado “que se prontifica a ‘tentar a coisa’” pelo preço camarada de 3:000\$000, mas sem garantir a chegada...” (AURELI, 1939, p. 51). Na manhã do dia seguinte, dois caminhões do governo de Goiás são postos à disposição da Piratininga, solucionando o problema. Seja por sorte, ou habilidade persuasiva, o motorista de caminhão privado inclusive acabou não requisitando pagamento:

– A mim o senhor nada deve – diz aquelle santo homem. – Eu me sinto contente por ter feito alguma coisa pela “Bandeira Piratininga”. Só me resta formular votos que tudo chegue em ordem... si chegar...

– Chega, isto eu garanto – intervem o motorista do governo, nosso velho amigo desde a primeira expedição.

– Mas o barco é enorme. Tem doze metros de comprimento...

– Nem que tivesses quarenta... Eu sei o que digo.

E realmente elle sabia. Esse portento de motorista realizou a maior façanha de todos os tempos: transportou o cyclopico batelão num percurso de 500 kilometros de estrada por onde, num commodo carro de passeio, todos os cuidados seriam poucos!

Resolvido o problema [...] sigo com Clementino para Leopoldina, num auto, cujo proprietário “se satisfaz” com a recompensa de seis caixas de gasolina, ou seja: 600 mil réis em bom dinheiro do paiz (AURELI, 1939, p. 51-52).

No entardecer do dia 7/7, Aureli e Clementino chegam a Leopoldina e a Bandeira Piratininga fica completa: “Encontro o acampamento alinhado, princípios de ‘barbas bandeirantes’, boa disposição, bastante disciplina, estação de rádio em pleno funcionamento” (AURELI, 1939, p. 61). Na manhã do dia seguinte, Aureli relata aspectos do cotidiano que compuseram boa parte do dia a dia da expedição:

Logo pela manhã, hastea-se a Bandeira Nacional, precedida de toques de clarim. Assim será todos os dias. Ponho os homens numa azafama única, para acostumar-os ao trabalho rude, pois os ócios de Capua começavam a fazer seus efeitos [...] Faço ligeira preleção relembrando-lhes as fadigas a que se expõem, os perigos, a problemática volta. Pinto-lhes, com cores naturais, os tormentos do sertão, a sede, a fome, as renuncias totaes.

[...] Em seguida formo os núcleos, escolhendo os homens, agrupando-os de conformidade com suas inclinações e amizades. Trez núcleos sob a chefia de Luiz Accioly Lopes, Napoleão Bucchi e Clementino de Alencar. Um grupo de especializados ao meu imediato comando. Aristeu Cunha encarregar-se-á da navegação e do acampamento. Contracto um carpinteiro e o nosso guia do anno passado, Benedicto Martins, que durante longos anos serviu na Comissão Rondon (AURELI, 1939, p. 62).

Como comentado anteriormente, Aureli organizou as expedições tal como se liderasse um pelotão, com rotinas, ordem do dia, subgrupos com claras atribuições, disciplina e hierarquia. Talvez a principal razão para essa dinâmica seja o passado de Aureli com experiências de caráter militar, sua participação na primeira guerra e como subcomandante de um pelotão na constitucionalista de 1932 (AURELI, 1957). Para além disso, estaria também o fato dos movimentos de exploração do interior brasileiro, mais notoriamente a Comissão Rondon, serem organizados pelo próprio exército. Existe também o caráter prático desta dinâmica, com 32 homens para administrar, uma organização militar possibilitava os elementos necessários para coordenar os indivíduos.

Naquele mesmo dia, 8/7, Aureli comprou um batelão e uma montaria em Leopoldina e, pela tarde, chegou o primeiro caminhão de Goiânia com a lancha. Ainda faltava uma embarcação para chegar. Os eventos do dia 8 nos ajudam a vislumbrar que, para além da constante busca por disciplina e eficiência, o cotidiano da Piratininga era também acompanhado de lazer, eventual ócio e quantidades controladas de bebida:

Findos os trabalhos, organizo dois quadros de “Water Polo” e vamos disputar renhida partida nas aguas pardas do Araguaya. Depois do banho, distribuo a dose diária de álcool (AURELI, 1939, p. 63)

Esse primeiro dia da Piratininga unida às margens do Araguaia em Leopoldina foi de suma importância para Aureli verificar a eficiência e o caráter de cada um dos integrantes. Sua palestra explicando os perigos e dificuldades por vir tinha clara intenção de testar os nervos dos expedicionários. Tanto que nesse mesmo dia, o dr. Diniz, médico da Piratininga, relatou à Aureli que Ferruccio Savietto “não deve seguir, pois seu organismo não suportaria as fadigas e o calor tórrido” (AURELI, 1939, p. 63). Esse mesmo integrante, de acordo com Willy, teria ficado “cabisbaixo” após a palestra proferida e constituiu a primeira baixa, pedindo para retirar-se no dia 17/7. O balanço, ao final dia, foi a adição de Benedicto Martins, guia da Bandeira em 1937 e ex-membro da Comissão Rondon. À noite, os integrantes se revezavam na guarda noturna enquanto os demais dormiam, tal seria a rotina dos próximos meses.

No dia seguinte, 9/7 os relatos de Aureli nos permitem atestar uma janela para compreendermos aspectos menores do cotidiano da cidade de Leopoldina, mais especificamente sobre a educação na Era Vargas. A escola do município presta uma homenagem com um desfile de crianças portando “trabucos de pau” organizada por um professor e seu apito. É interessante observar como Aureli interpreta o evento e o contexto em que a cidade se encontrava, enfatizando os avanços civilizatórios associados à educação:

[...] Há um anno, em Leopoldina, nada disso havia. Não existia escola e essa centena de crianças andava rolando barranco abaixo, numa malandrice total. Hoje as coisas mudaram. Um professor foi destacado para esta derradeira cidadela da civilização. Realizou o milagre, reunindo a petizada, uniformizando-a, mantendo-a unida e disciplinada.

[...] eu admiro profundamente este abnegado que, nesta vila perdida no sertão, luta desesperadamente para fazer emergir da ignorância cento e poucas crianças. [...] Finda a cerimonia protocolar, o dr. Kaufer distribue às crianças balas e bombons que trouxemos. Os minúsculos guerreiros abandonam os “trabucos de pau” para se deliciarem com a guloseima (AURELI, 1939, 64-65).

A confraternização da Piratininga com a comunidade escolar exemplifica um evento recorrente nos momentos em que a Bandeira entrava em contato com sertanejos: o oferecimento de donativos como roupas, materiais, medicamentos, alimentos e itens supérfluos. Naquele mesmo dia, pela tarde, Aureli e Clementino, o repórter do *O Globo*, visitam a escola e uma das salas de aula e, além de doar lápis, cadernetas e blocos de papel, tiram algumas fotos.

Nos dias 10 e 11, foram continuados os reparos e a calafetação nas embarcações, faltando chegar apenas o batelão maior. A lancha, cujo dono era o entomólogo Heinz Himmerlich, apresentou sérios problemas ao ser testada na água: “[...] parece uma peneira! Uma verdadeira ruína trazida de Santos, como si fora uma preciosidade!” (AURELI, 1939, p. 66). O

breve evento demonstrou o temperamento de Aureli que, ainda que calmo e compreensivo na maioria das vezes, eventualmente inclinava-se para a irritação. Por mais séria que fosse a situação, eventualmente o humor aparecia entre os expedicionários e, na ocasião da lancha “peneira”, encontramos um desses exemplos: “Um espirito gaiato desenha, em letras góticas, na cabine da lancha: “Arca de Noé”. Desespero do Heinz, que “jura trez vezes garantido” se aquilo uma brincadeira de mau gosto” (AURELI, 1939. p. 67).

À noite do dia 11/7, chega o último caminhão com o batelão maior, fato que chamou a atenção da população da cidade, pois “o batelão parecia um carro alegórico em pleno carnaval” (AURELI, 1939, p. 67). Com as embarcações, os integrantes e o material preparado, tudo estava alinhado para, de fato, começar a expedição. Por mais cinco dias a Piratininga ficou ultimando os preparativos, testando os barcos e carregando-os. O maior problema que ocorreu nesse processo foi o motor da lancha de Heinz desfazer-se, forçando a Bandeira a utilizar o motor reserva “Pentha”. Após os reparos necessários, a lancha estava pronta para uso. No mesmo dia Aureli resolve organizar um pequeno evento: “organizamos uma banda de música, que recebe festivamente os “valorosos navegantes”. Folhas de zinco, latas vazias, corneta, buzinas, eis o “jazz” improvisado na hora” (AURELI, 1938, p. 68).

No dia 16/7, Aureli anuncia às autoridades federais, estaduais e à imprensa paulista que a Piratininga estava prestes a partir, fato que é logo noticiado na imprensa:

A Bandeira Piratininga ultima, nas margens do Araguaya os preparativos para descer o rio e embrenhar-se nas selvas.

[...] Dentre as manifestações de simpatia recebidas pela “Bandeira Piratininga” figura uma dos colegiais de Goiaz, chefiada pelo professor Emiliano Lima, que merece destaque, pela sua espontaneidade. Cerca de cento e cinquenta alunos em formação executaram um programa de ginastica na manhã de Domingo, entoando depois os hinos colegiais no acampamento da Bandeira (A BANDEIRA..., 14 jul. 1938, p. 9).

O exemplo da cobertura da imprensa colocado acima demonstra o formato geral de como diferentes periódicos publicaram informações da Bandeira nessa segunda expedição. Em sua grande maioria, tratou-se de informações vindas de Aureli à imprensa paulista que, por sua vez, publicava o ocorrido, tomando pouco espaço de página e raramente com imagens. Depois, outros periódicos republicavam a informação, usualmente utilizando o mesmo texto original. Por conta disso, essas atualizações da Piratininga costumam se encontrar nas sessões de notícias regionais, ocupando 5% ou menos da página.

Nas vésperas da partida podemos descrever mais especificamente como se configuravam as embarcações e o que levavam. A expedição, nesse primeiro momento, era

constituída por três barcos e uma montaria. A maior era o “Piratininga”, um grande batelão que carregava 25 homens e seis toneladas de carga variada; a segunda era a lancha de Heinz, que havia oferecido uma diversidade de problemas para de fato navegar. Essa embarcação foi carregada “com materiais de fácil e imediato transbordo, pois ninguém acredita na sua perfeita navegabilidade” (AURELI, 1939, p. 69), assumia-se, portanto, um possível naufrágio. Tanto o “Piratininga” quanto a lancha eram motorizados, sendo a terceira embarcação um batelão menor que deveria ser remado ou rebocado para sua navegação. Nele foram carregados gasolina, óleo, sal e outros materiais pesados. A última embarcação era a montaria, carregando o material de cozinha.

Na tarde do dia 18/7, a Piratininga parte com seu comboio de Leopoldina “entre vivas e pipocar de foguetões” (AURELI, 1939, p. 69). O batelão maior ia à frente puxando a montaria enquanto a lancha, “Arca de Noé” como foi jocosamente chamada, rebocava o batelão menor. A apenas duas léguas de Leopoldina o comboio encontra seu primeiro percalço: após passar pelo primeiro lajeado, Aureli e a tripulação do Piratininga aguardaram uma hora, indagando-se a razão para ainda não terem visto a lancha. Willy então desce junto com Luiz Accioly e ambos sobem a encosta do lajeado para encontrar os demais membros. Deparam-se com a lancha encalhada e Accioly parte para a água com o intuito de destacar o batelão menor que era rebocado pela lancha, assim aliviando o peso. Levando susto com um boto, Accioly quase se afoga na correnteza do Araguaia, conseguindo, ao fim, realizar a manobra com o batelão menor. Enquanto parte da Bandeira rema o batelão menor até o Piratininga, Aureli retorna à embarcação maior e a leva até a lancha encalhada, a fim de rebocá-la.

Nessa movimentação, Benedicto Martins, o piloto do Piratininga, acaba chocando a embarcação com o lajeado, jogando parte da tripulação para fora do barco junto com alguns materiais. Willy explica que Benedicto havia bebido no momento da partida, mas que lhe havia garantido eficiência: “Descanse, patrão – ele me responde. – A pinguinha não me atrapalha...” (AURELI, 1939, p. 70). Ainda assim, o chefe da Piratininga esboça uma narrativa de tom positivo, provavelmente porque escreveu após o ocorrido: “[...] perdeu-se uma lona grande, cinco barracas completas, 6 carabinas, um pacote de munição e miudezas. Para começar não está mal” (AURELI, 1939, p. 70). Momentos depois, a lancha retorna sozinha com Heinz e Henry Jullien, cinematografista, na pilotagem. A chegada é acompanhada de uma reação de irritação de Aureli com Heinz, após todo o corrido.

Com o cair da noite e a duas léguas de Leopoldina, a Piratininga acampa em uma praia do rio. Na ocasião, Aureli instruiu os integrantes acerca da forma como o acampamento deveria

ficar organizado. Barracas, sacos de dormir e mosquiteiros postos: terminava o primeiro dia da expedição. Posteriormente, na narrativa, Aureli descreve um balanço das atividades até o dia 21/7.

Já registramos, em nosso activo, até hoje, 21 de julho, vinte e quatro encalhes que significam 24 fadigas e paralyzação da “esquadra”, visto que tudo vem a reboque do “Piratininga”. O pessoal já virou marinheiro firme e as manobras de desencalhe são executadas rapidamente. O ethnographo não quer molhar os pés e a rapaziada olha-o pouco amorosamente (AURELI, 1939, p. 70-71).

Nos dias seguintes, a expedição seguiu navegando no Araguaya, sofrendo eventuais encalhes, uma troca de motor, reparos de peças e tendo que constantemente operar uma bomba para retirar a água que entrava na lancha. Próximos à localidade de São José, a Bandeira teria sido surpreendida por uma outra embarcação:

Próximos a São José topamos com um batelão que sobre. Nelle viaja um cidadão que me chama pelo nome. Paramos bem distanciados e indagamos. O desconhecido, que deve ter lido notícias a nosso respeito, grita: – Vocês não chegarão no Roncador! Vou providenciar lugares no cemitério de São Paulo porque vocês morrem todos!

Bello prognostico, não resta duvida! Devo impor minha autoridade para impedir que meia dúzia de rapazes tomem um desforço enérgico. [...] Noto que alguns homens, antes muito alegres, emmudecem. O augúrio está fazendo seus efeitos... (AURELI, 1939, p. 71).

No entardecer daquele dia, a Piratininga alcança o povoado de Piedade, no qual Aureli tinha a amizade do líder de um posto adventista Alfredo Straube, que emprestou sua oficina para a realização de reparos no motor “Laros” do batelão maior e na lancha. No povoado, Aureli descarrega “cinco caixas de gasolina, uma de óleo, dois sacos de sal e dois de farinha” (AURELI, 1939, p. 72), já se planejando para o retorno. A diminuição da carga facilitava também a navegação do comboio. Além de retirar parte da carga, Willy adquiriu três cachorros onceiros: Belém, Tom Mix e Maravilha. Pelas 11 horas da manhã do dia 25/7, a Piratininga alcança a lagoa Luiz Alvez e faz pouso em uma fazenda estabelecida no local. É nessa localidade que aparece Arutana, sua “jovem esposa” e filha, indígenas Carajá que Aureli provavelmente conheceu na expedição do ano anterior.

[...] O encontro com o valoroso carajá, tão meu amigo, é comovedor. Aperta-me num prolongado abraço e, entre lágrimas de comoção, vae dizendo:

– Oh! Capitão Willy... oh! Capitão Willy...

Distribuimos varias roupas, collares, bolachas e doces à família de Arutana e aos demais parentes que vieram chegando aos poucos. [...].

Arutana diz:

– Tinha certeza que “ocê” vinha, Willy. Eu quer ir com “oceis”. Quero ir no rio das Mortes.

Aceito-o com verdadeiro prazer ... um ótimo elemento, um amigo sinceríssimo.

– “Ocê” paga ao Salustiano 41 mil réis que eu devo e dá para minha “muié” mantimento bastante.

Satisfaço a ambos os pedidos [...] saldo a conta do carajá, que fica livre de verdadeira escravidão (AURELI, 1939, p. 73).

A partir da expedição de 1938, Arutana acompanharia Aureli em todas as outras expedições, inclusive sendo convidado por Aureli a visitar São Paulo e Rio de Janeiro. Posteriormente, em 1963, Arutana seria batizado em São Paulo, fato noticiado na imprensa⁵⁸. Com a saída de Ferruccio no dia 17/7 e a adição de Arutana, a Piratininga volta ao número de 31 integrantes.

Alguns eventos em Luiz Alvez demonstram aspectos interessantes do cotidiano dos expedicionários. Faço referência ao fato de a Piratininga constantemente empreender atividades fora do escopo principal, evidenciando que não havia uma emergência por parte de Willy em alcançar o Roncador tão rapidamente. Esses afazeres eram usualmente caçadas, pescarias, jogos lúdicos e eventual ócio nas pausas da Bandeira. Em Luiz Alvez, os “bandeirantes” aproveitam para cumprir um pedido do povoado, que desejava a eliminação de uma onça: “Andamos a manhã toda [...] A onça “malcriada” tinha “manhãs”, conforme sentenciou um caboclo. Inútil persegui-a. Vingamo-nos da caminhada, matando meia dúzia de jacarés seculares, numa lagôa que topamos durante o regresso” (AURELI, 19939, p. 73). Relatos de caça e pesca ocupam boa parte das narrativas de Aureli em outros livros, especialmente os que não narravam expedições. Nessas obras, encontramos coletâneas de histórias memoráveis das mais diversas caçadas e pescarias, narradas com emoção e suspense pelo autor.

Na tarde do dia 31 de julho, após percorrerem 612 km ao longo do Araguaia, a Piratininga completa a primeira etapa da expedição, alcançando a entrada Norte do Rio das Mortes. Nessa confluência do Araguaia e Mortes, Aureli busca descrever a paisagem do rio das Mortes. Na sua descrição, a beleza do rio é capaz de causar uma espécie de frenesi no observador, além de oferecer uma solução para o mal-estar físico ou psicológico. O autor empenha grande esforço na escrita dos elementos estéticos e históricos que constituem o rio das Mortes e sua paisagem, dedicando a ele 15 páginas de um capítulo inteiro: “Em Pleno Rio das Mortes – No Reino das Piranhas – Inferno das Arraias”.

Rio das Mortes!

[...] Jamais a mente humana poderá fazer idéia real da majestade deste curso d’água cristalina e pura. Pintor algum sonhou fixar na tela paisagens tão maravilhosas! E’ indiscrepível a beleza desta via fluvial que desperta gritos de sincera admiração aos

⁵⁸ CACIQUE Carajá converteu-se ao catolicismo e foi ontem batizado. Diário da Noite, Rio de Janeiro, 8 abr. 1963, p. 4.

que nella viajam. E gritos de estupefacção saham de nossas bocas, mesmo quando esfaldados pela rude fadiga, irritados e mal-humorados [...] desejava possuir mil bocas para gritar ao Mundo minha impressão maravilhosa que durou mezes a fio. A vista não se cansa de admirar os quadros estupendos [...].

Nesta maravilhosa manifestação do bello, todos os perigos, todas as tocaias que a Natureza prepara, justifica-os a moldura radiosa que os cerca (AURELI, 1939. P. 75)

[...] O belo e o horrível se casam sem a menor transição. Unem-se em estreito abraço, amparam-se na disparidade violenta, nivelando-se na solidão perpetua e soberana (AURELI, 1939, p. 77).

No meio da descrição, o livro apresenta uma coletânea de imagens sem conexão direta entre si, provavelmente selecionadas *a posteriori* para ilustrar a obra em questão. É interessante observar a configuração das fotos tiradas que misturam momentos do cotidiano com eventos pontuais, sempre posadas:

IMAGEM 22 – Fotos da expedição de 1938



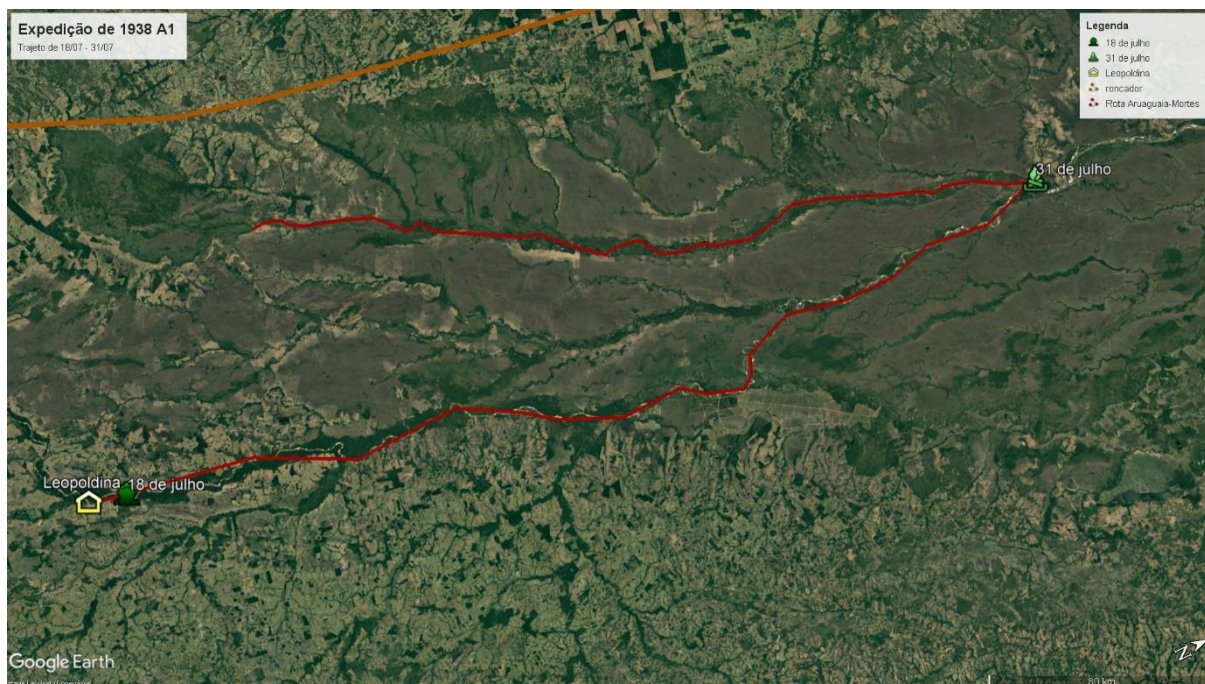
AURELI, 1939

A SEGUNDA ETAPA DA EXPEDIÇÃO DE 1938 (JULHO A OUTUBRO)

Naquele momento, a Piratininga estabeleceu acampamento na localidade de São Pedro do Araguaia, na confluência do Araguaia com o Mortes. No local, Aureli recuperou uma reserva deixada com alguns moradores em 1937: seis caixas de gasolina e uma de óleo. Evidenciando novamente uma preocupação logística de estabelecer pontos de reabastecimento

no percurso. No caminho até São Pedro do Araguaya, a Piratininga foi visitada por três carajás: Ku-há-rara, Ceary e o primo de Arutana, Taraúna. Nessa ocasião, a Bandeira ganhou um novo integrante, visto que Taraúna pediu para ingressar na expedição e foi aceito. A Piratininga contava com 32 integrantes agora.

IMAGEM 23 – EXPEDIÇÃO DE 1938 A1



Google Earth, 2023

No jantar do dia 31/7, Willy conta sobre um momento em que buscou alertar seus homens sobre um aumento de dificuldades que estava por vir, após ter ouvido queixas indiretas de alguns integrantes sobre a comida servida:

Fiquem sabendo, de uma vez para sempre, que isto não é um pique-nique. De amanhã em diante as rações vão ser diminuídas, pois devemos economizar, visto que iniciaremos a subida do Mortes e onde todas as surpresas são possíveis! Amanhã chegaremos a São Pedro. Existem possibilidades de regressar a Leopoldina. Os que não se conformam com a minha decisão, dêem um passo à frente!

Ninguém se mexeu! Todos ficaram alinhados, marmitas na mão, aguardando ordens, Virei-me para o corneteiro:

– Toque o rancho (AURELI, 1939, p. 116-117)!

Além de demonstrar mais um exemplo da disciplina de Aureli e da lealdade dos integrantes, é interessante observar que a dinâmica militar era também transposta para a alimentação. É difícil dizer se a “fila do rancho”, marmitas e toque de corneta sempre ocorriam, pois essa especificação acontece apenas no livro *Roncador* (1939), sem menções em outras obras. Na noite daquele mesmo dia, a “frota” de Aureli passou por mais reparos. Os mecânicos

conseguem colocar o motor “Pentha” da lancha em funcionamento novamente, e um carpinteiro conclui um suporte para um segundo motor no “Piratininga”, o batelão maior. Willy inclusive descreve um sentimento de alívio ao falar do bom funcionamento da lancha de Heinz. A embarcação, desde a partida, apresentava problemas e era jocosamente chamada de “Arca de Noé”.

Nessa mesma noite podemos verificar que os expedicionários constantemente tentavam fazer contato por rádio, nem sempre tendo êxito. Essa inconstância é provavelmente responsável por diminuições na frequência de publicações na imprensa:

A estação de rádio não consegue contacto, pois estamos em zona “fading”. [...] No dia 1 de Setembro⁵⁹ ultimamos nossos trabalhos. A’ noite conseguimos contacto com a P.Y.H.4, de Rio Preto, mas por alguns minutos, visto que o “fading” reaparece e isola nossa estação. Inuteis as tentativas de Moacyr, que abandona o posto às 2 da madrugada do dia 2, data marcada para o início de mais uma etapa (AURELI, 1939, p. 118).

No dia 2 de agosto, a Piratininga começa a subida do Mortes, com o intuito de alcançar o rio Kurua, ponto de início para alcançar a Serra do Roncador. Na partida, observamos uma mudança na organização do comboio: o Piratininga, com seus dois motores, puxa o batelão menor enquanto a lancha levava a montaria. Porém, em algum momento, por conta da dificuldade da subida, o Piratininga começa a rebocar todo o comboio.

O esforço nos motores do batelão maior cobra o preço e um dos motores, o “Laros”, para de funcionar. Após tentativas de reparo, o problema é entendido como sem solução e Aureli resolve aproveitar seu relacionamento pessoal com o interventor do estado de São Paulo, Ademar Barros:

Appelamos para o dr. Adhemar de Barros, solicitando a remessa de um motor e s. excia., no dia immediato, responde ter enviado, via aérea, um possante “Johnson” de 22 H.P!

A alegria é geral e a “Bandeira Piratininga”, assim generosamente amparada, envia um radio de agradecimentos a S. Excía. Já não temo um longo atraso ou uma possível modificação em meus planos. Nosso regresso está garantido, podendo forçar o motor que sobra (AURELI, 1939, p. 118).

O evento é inclusive noticiado na imprensa e, em parte, corresponde à relação mutualística da Bandeira com o interventor paulista, cujos auxílios sempre foram noticiados e devidamente reconhecidos, inclusive nos agradecimentos de *Roncador* (1939): “Ao sr. Dr.

⁵⁹ Erro do autor, sendo a data, na verdade, 1 de agosto.

Adhemar de Barros, ilustre Interventor Federal em S. Paulo, que sempre nos confortou material e moralmente” (AURELI, 1939, p. 5)

A Folha da Manhã recebeu da “Bandeira” que se acha na Serra do Roncador o seguinte radio:

“Rio das Mortes, 3 – verificou-se grave acidente no motor “Laros” que obsta nossa subida Rio das Mortes. Pedi auxilio ao sr. Interventor desse Estado no sentido de providenciar como auxilio do governo a remessa de um motor para substituir o referido, o que deverá ser feito via correio militar, até Goyania.

Temos urgência de boa locomoção para alcançarmos Roncador antes do período de fortes temporaes: que nessa época rebentam nesta região. Tudo corre bem, de resto. Pessoal disciplinado, com entusiasmo e saúde. Vencendo todos os empecilhos que surgem. Abraços, Willy (GRAVE..., 6 ago. 1938, p. 4)

[...] O senhor Ademar Barros, logo que recebeu essa comunicação, providenciou a remessa de um motor Johnson de 20 H.P. por intermédio da VASP (INTERROMPIDA..., 6 ago. 1938, p. 14).

Aureli acaba não especificando exatamente o momento do recebimento do motor, mas, na madrugada do dia 5 de agosto, a Piratininga volta a subir o rio após dois dias de acampamento forçado. Houve nova modificação na dinâmica da frota e agora a lancha, amarrada a bombordo do batelão grande, puxava as outras duas embarcações. No mesmo dia – não fica claro se o evento ocorreu quando acampados ou em movimento – um incêndio na gasolina depositada quase destrói a estação de rádio. No evento, Francisco Whitaker, radiografista e telegrafista, “se atirou como louco, abafando as labaredas com areia que apanhava febrilmente [...] ficou bastante queimado nas mãos e no rosto” (AURELI, 1939, p. 119)

No dia seguinte, mais problemas na subida do rio. Enquanto Luiz Accioly, o subchefe, empurrava a montaria, ele acabou sendo ferroadado por uma Arraia-Fogo:

Retiramos o rapaz, que perdeu os sentidos, e o dr. Diniz trata com urgência dos curativos, aplicando, logo, uma solução de amoníaco no ferimento produzido pelo duplo esporão.

Accioly delira. São-lhe aplicadas injeções e o medico observa os symptomas. O ferido sua abundantemente um liquido viscoso, não pode descerrar os dentes, tem o lado direito paralyzado, experimenta grandes tremores de frio, dores horrendas que lhe arrancam gemidos. Temos um homem – e que homem! – paralyzado durante um mínimo de dois mezes!

Passamos a noite toda à cabeceira do ferido, que continua delirando. Uma injeção de morfina permite-lhe dormir, depois de acalmadas as dôres (AURELI, 1939, p. 119).

Com Accioly indisponível, Aureli nomeia Renato Pauperio para ser o subchefe e os expedicionários constroem uma poltrona na proa do batelão menor para o repouso do ferido. Às 17 horas do dia 7/8, a Bandeira monta acampamento na localidade da Praia da Onça, onde

Aureli requisita um milagre dos mecânicos Battigliotti e Antheu: reparar o “Laros”, um dos motores do batelão maior. Aceitando o desafio, os mecânicos improvisam uma solda elétrica com o motor da estação de rádio e criam a peça necessária, um “girabrequim”, para substituir o que havia ficado avariado.

Posteriormente, Aureli relata um evento com o dr. Tikamer, o etnógrafo do grupo. Na ocasião, o etnógrafo teria avistado uma choupana xavante que era, na verdade, um acumulado de vegetação trazida pela cheia do rio. Mesmo assim o etnógrafo teria tentado convencer os “bandeirantes” do seu achado:

O dr. Tikamer traz a sensacional notícia de ter descoberto, nas adjacências, uma choupana de Chavantes. [...] vou verificar e dou com um emaranhado de espinhos que as enchentes acumularam [...]. O ethnographo, ante nossa desilusão, teima em querer nos convencer da realidade, chamando em seu favor a fabula de que os Chavantes são troglodytas legítimos. Aborreço-me ante a teimosia desse cavalheiro que, para gosar de um largo passeio, fez-se apresentar, em São Paulo, por distinto amigo, como notável em sua especialidade.

[...] – E’ gozado esse typo – diz Henry. – Será que ele nos julga a todos uns bobalhões?
– E’ melhor deixal-o em paz. Agora é tarde demais para arrependimentos. Temos que aguentar-o (AURELI, 1939, p. 122-123).

Verídico ou não, a choupana xavante do etnógrafo demonstra alguns aspectos do pensamento de Willy acerca de acadêmicos que tratavam dos indígenas da região. É comum observarmos um ceticismo sobre a premissa de autoridade e da qualidade do trabalho de etnógrafos que tratavam de indígenas. Sua crítica recai no fato de esses profissionais muitas vezes não saírem de seus gabinetes e, quando de fato fazem o trabalho de campo, eram enganados por indígenas que não davam testemunhos verdadeiros. Aureli se coloca justamente como o oposto desses profissionais, pois sempre fala a partir da experiência, e sua vivência e amizade com indígenas o permite acessar testemunhos verdadeiros. É recorrente, no discurso, a capacidade de apresentar o sertão real e o indígena real ao leitor. Dentro da narrativa de *Roncador* (1939), tanto o etnógrafo como o entomólogo aparecem em relatos de embarço e em situações que demonstram uma dificuldade de adaptação ao sertão do Araguaia-Mortes.

Provavelmente, na noite do dia 7/8, Clementino, o repórter do *O Globo*, pede para retirar-se da expedição: “– Willy, eu vou regressar. Não posso continuar mais. O calor mata-me e o reverbero das praias cega-me!”. Aureli reage com surpresa, mas aborda a situação com compreensão:

Olho estarecido para o caro companheiro, de cuja boca jamais sahiu uma queixa. [...] Compreendo sua angustiosa situação e não desejo prolongar o martyrio.

– Além do que você acaba de dizer, tem alguma queixa da “Bandeira Piratininga”?

– Só poderei ter saudades de todos. Ninguém lamenta mais do que eu não poder continuar (AURELI, 1939, p. 123).

Por sorte, Aureli consegue arranjar duas caronas para Clementino, fato que evidencia um trânsito de pessoas na região que inclusive estavam em constante relação com Carajás. A primeira carona viria de um pescador chamado sr. Leão, que buscava pirarucus junto a um grupo de Carajás. A segunda dependia de um homem chamado Severiano, que rumava para Leopoldina. Buscando tornar esse retorno possível para Clementino, a Piratininga se encontra com os pescadores e Aureli faz o pedido acompanhado de um café e presentes para os Carajás, dentre eles inclusive estava Maloá, o recorrente chefe indígena na obra de Willy.

Pergunto ao sr. Leão, depois de tomado um café, si está disposto a levar nosso companheiro e entregal-o ao Severiano. Diz que com grande prazer, desnudando a alma simples e generosa de caboclo. Aristeu escreve uma carta ao Severiano, recomendando Clementino. Lourival conclue os preparativos da matolagem: azeite, banha, feijão, arroz, sal, farinha, café, rapadura, matte, cigarros e fumo (AURELI, 1939, p. 124)⁶⁰.

No encontro, Aureli descreve seu contato com Maloá e outro chefe chamado “capitão Zarolho”, que “Faz parte da comitiva e abraça-me com sincera comoção” (AURELI, 1939, p.124). Maloá inclusive relata a morte de um chefe Carajá, Mambiorra, fato que posteriormente foi narrado na obra *Sertões Bravios* (1943).

– Ocê xabe que Mambiorra morreu?

– Sei sim... coitado!

Xim... coitado... coitado mesmo!

– Morreu de maleita?

– Não! Morreu de feitiço...

O bom índio lacrimeja à lembrança do forte Mambiorra, que foi tão meu amigo há um anno. Acalmo a dôr do valoroso Maloá com um par de calças cinzentas e a promessa de que, de retorno, muita coisa mais ele ganhará. O bom amigo vae buscar à canôa um bello “pintado” com que retribue meu “agrado” (AURELI, 1939, p. 124).

No momento em que Clementino começa a se despedir, Accioly, o integrante que fora ferido pela arraia-fogo, também requisita sua saída por compreender que “Estou ferido e só posso atrapalhar. Sou um estorvo à expedição...” (AURELI, 1939, p. 125). Porém, nesse caso, Willy não aceita o pedido, reforçando a importância do integrante veterano: “– Você fica! Estorvo nada! Em breve estará novamente curado. De mais a mais, onde você encontraria os cuidados médicos que necessita?” (AURELI, 1939, p. 125). Com a despedida de Clementino,

⁶⁰ Aureli também entregou 155\$000, o que, de acordo com ele, correspondia à toda fortuna da Bandeira.

os “bandeirantes” se despedem “A’ moda sertaneja” (AURELI, 1939, p. 125) e atiram com as armas para cima. Assim, a Piratininga se encontrava com 31 integrantes, estando um deles incapacitado.

Antes de continuarem a viagem no dia 8/8, Willy faz um balanço do estado de saúde dos demais integrantes, evidenciando diversos males mais ou menos graves. Aldo Battiglioti, após exaustivo trabalho com os motores, sofria sintomas de insolação; Accioly estava com necrose no pé e passaria por uma operação no outro dia; Raul Rodrigues passou por uma operação por conta de um “callo arruinado” em Leopoldina⁶¹; José de Barros se encontrava com “Embaraço gástrico. Devem ser os ovos de tracajá de que tanto gosta” (AURELI, 1939, p. 126); e Henry Jullien havia ferido o pé ao acionar o motor da lancha. Ao longo do dia 8/8, navegaram o rio das Mortes até a localidade da Lagoa Nair, onde fizeram acampamento.

O dia 9 de agosto foi de suma importância para a expedição, pois foi o momento em que Aureli decidiu dividir a Bandeira em dois grupos com objetivos diferentes. Um continuaria para a Serra do Roncador e o outro permaneceria em acampamento. As razões são explicadas de duas formas por Aureli. No primeiro momento ele expõe seu pensamento ao leitor e, posteriormente, transcreve um boletim perante os integrantes:

Há dias que venho pensando em dividir meus homens em dois grupos. As dificuldades com os motores e os vários acidentes, fazem que o projeto tome vulto. Somente aguardo um ótimo pouso [...]. Sem esperar muito, mando afixar o seguinte boletim:

“Na impossibilidade material de prosseguir a jornada com todos os elementos que compõem a “Bandeira Piratininga”, assim como carregar o volumoso material, visto as dificuldades de navegabilidade, oriundas das lamentáveis falhas verificadas nos motores, resolvo dividir a Expedição em dois núcleos [...] Temos uma missão sagrada a cumprir: hastear a Bandeira Nacional no mais alto cume da Serra do Roncador e até lá devemos chegar, mesmo que nosso percurso fique marcado com etapas dolorosas, como por exemplo: a morte de muitos dentre nós. Um único homem que sobreviva, este único deverá levar o pendão nacional ao ponto colimado! [...] (AURELI, 1939, p. 129).

No plano, Aureli inclusive instruiu o grupo que, caso ele não retornasse até o final de setembro, o sub-chefe Luiz Accioly deveria regressar com a Piratininga. É difícil verificar o quanto essa dimensão de sacrifício estava de fato sendo levada a sério, porém, o ambiente à frente era realmente potencialmente letal e o percurso até a Ilha da Separação já havia demonstrado os perigos do local. Qualquer pessoa que se aventurasse para além de Leopoldina estaria ciente dos riscos, o que torna essa dimensão de sacrifício mais palpável. Tomando com

⁶¹ Informação peculiar, visto que Aureli não falou anteriormente que Raul teria ficado em Leopoldina ou se havia retornado para o local no meio da navegação. É possível que simplesmente tenha esquecido de narrar o fato.

sinceridade o discurso, torna-se mais uma vez evidente que, para além do imaginário envolto na Marcha para o Oeste, havia uma dimensão prática deste movimento, ou seja, de fato arriscar-se por uma ideia. No caso de Aureli, o fato de comprometer a vida de 22 homens na subida da Serra do Roncador, objetivando um ponto geográfico concreto para cumprir uma meta simbólica.

Fazendo acampamento na Ilha da Separação, há oito léguas da Lagoa Nair, Aureli divide a Piratininga em dois, descrevendo uma lista dos integrantes e suas respectivas atribuições:

[...] O grupo que fica, não porém em completa inatividade, pois quem muito trabalho terá na preparação e manteamento das carnes, pesquisas botânicas, embalsamentos, etc., é composto dos seguintes homens: Luiz Accioly Lopes, chefe do acampamento, dr. J. Diniz, medico, Renato Pauperio, Francisco Guilherme Whitaker, Tacio Catony, José Nogueira, João Vasconcellos, Orlando Fonseca, Antheu Lheurouth, Appolinario Ferreira, José Luiz Gonçalves e o carajá Taraúna.

O grupo que segue commigo, na parte mais áspera da jornada, grupo esse que desde já se deve devotar de corpo e alma à árdua tarefa de penetração, onde fome, sede, frio, calor, perigos a granel surgirão a cada passo, é composto dos seguintes homens: Aristeu Cunha, dr. Henry Julien, dr. João Kaufer, dr. Tikamer Szafka, dr. Henrique Himmelreich, respectivamente, sub-chefe, cinematographista, geologo e engenheiro, ethnographo, etnomologo; Celso da Silva Rocha, Armando Gozzola, Oscar Almeida Prado, Nelson Guimarães, Napoleão Bucchi, José de Barros, Aldo Battigliotti, Lourival Deus Costa, José Eduardo de Freitas Pinto, Alberico Soares, José de Queiroz, Raul Rodrigues, Benedicto Arruda, Benedicto Martins, João Fumis, Moacyr Vieira de Mello, radio-telegraphista, e o carajá Arutana (AURELI, 1939, p. 128-129).

Desta forma, ficariam 12 homens na Ilha da Separação e os outros 22 rumariam para a Serra do Roncador com Aureli. O total de 34 homens demonstra que Willy teria esquecido de comentar a adição de José Luiz Gonçalves e Benedicto Arruda, que até então não apareceram nas listas anteriores. Lembre-se que as outras adições foram Benedicto Martins, Arutana e Taraúna. O momento da escolha motivou tentativas de persuasão: “muitos dos designados para ficar procuravam meios de seguir, oferecendo aos companheiros ‘felizardos’ largas vantagens para substituí-los [...]” (AURELI, 1939, p. 130). De fato, ocorreu uma substituição: Raul Rodrigues, que havia operado o pé, teria que passar por mais um procedimento e Tacio Catony assumiu seu lugar.

Ao longo do dia 9, a Piratininga realizou as operações de descarregamento e preparo do acampamento. Além de selecionar os itens essenciais e descarregar o desnecessário no acampamento, outros integrantes prepararam provisões: paçoca de carne e, preparadas pelo amazonense Alberico Soares, carne de tartaruga enlatada. Ao final da operação, houve o descarregamento do Batelão maior, o Piratininga, que havia partido com seis toneladas de carga e agora estava com apenas duas. O alívio do peso era essencial para garantir a subida do rio das

Mortes até o Kuruá, economizando combustível e aumentando a velocidade da embarcação. Ao final da narrativa sobre a preparação, Aureli comenta do etnógrafo Tikamer Szafka, que havia provocado o ceticismo de Willy ao afirmar que um acumulado de vegetação era uma cabana xavante:

Quanto ao ethnographo, levo-o commigo para experimental-o definitivamente. Carrega ele um sacco de lona cheio que pesa algumas arrobas. Adaptou-lhe umas correias e, quando anda, parece o Atlas carregando o Universo! Ai daquele que pizasse, ou simplesmente esbarasse no tal “armário portátil” (AURELI, 1939, p. 131)!

Na noite do dia 9 de agosto, o geólogo João Kaufer entregou um relatório com o levantamento, pesquisas e observações relativas ao Rio Araguaia e Aureli relata que o cientista estava fazendo o mesmo para o rio das Mortes. Infelizmente, Willy não disponibiliza esse relatório na íntegra. Porém, evidencia o trabalho científico que ocorria de forma paralela à expedição. Antes de dormir, os integrantes aproveitam o rádio em pleno funcionamento para enviar e receber comunicados e, pela manhã do dia 10, deixam recados, roupas e objetos pessoais com o grupo que ficou no acampamento. Às 7:30 do dia 10/8, o grupo de Aureli parte com o Batelão maior rebocando a montaria.

Na primeira curva do rio o acampamento desaparece. Quando regressaremos? Regressaremos todos? Eis as perguntas que formulamos mudamente.

[...] Há silêncio a bordo, visto que eu prohibo cantos e conversas até as 10 horas da manhã, afim de surpreender alguma caça grossa. Só se ouve o roncar motores [...].

Passamos rentes a lugares que falam aos nossos corações, pois nelles soffremos quando da primeira expedição. Somos cinco, os “veteranos”, e entreolhando-nos, communicamo-nos o mesmo pensamento (AURELI, 1939, p. 132).

SUBINDO A SERRA DO RONCADOR (10 DE AGOSTO a 28 DE AGOSTO)

O mês de agosto foi marcado por possibilidades de contato com xavantes, inicialmente apenas se deparando com rastros, no dia 11, até de fato encontrar um grupo em 12/8. Como explicado anteriormente, os eventos seguintes ao primeiro contato foram conflituosos e sua posterior comunicação à imprensa paulista causou diversas críticas a partir de diferentes interlocutores, culminando na ordem de regresso pelo Ministro da Justiça, Francisco Campos.

Pelas 15 horas do dia 11/8, enquanto navegavam o Mortes, o etnógrafo Kraufer avistou 16 jangadas que, pela forma como foram construídas, indicavam: “Chavantes”! Em todos os corações um pulsar mais forte. Os bárbaros do sertão mattogrosense estão próximos! Naturalmente afluem trágicas histórias, pois a maioria esboga os olhos” (AURELI, 1939, p. 133).

Com o avistamento, Willy decide acampar na praia onde as jangadas estavam, almejando contato. Na ocasião, Aureli relata que Kraufer reagiu com medo frente à decisão do líder:

– Mas é uma verdadeira loucura! Aqui morreremos todos! Hoje haverá enorme morticínio!

Fico boquiaberto, tamanha a surpresa ante essa demonstração de “capacidade profissional e de coragem individual” do especialista ... Limito-me a dizer:

– Pois é para morreremos todos que mandei descer o pessoal (AURELI, 1939, p. 133)!

Em um misto de sarcasmo e punição indireta, Willy verifica se Kraufer iria compor a guarda noturna do dia e afirma: “Garanto-lhe que jamais acampamento algum terá tido melhor guarda ...” (AURELI, 1939, p. 134). Se de fato Aureli procedeu da forma como relatou com o etnógrafo, torna-se claro que ele constantemente desafiava e duvidava das capacidades de Kraufer, utilizando também do bom humor para descredibilizar o etnógrafo.

Willy então decide deixar 16 homens enquanto os outros seis o acompanhariam para investigar os rastros xavantes. No local, encontram “numa grande clareira, grande quantidade de balaio, esteiras pequenas, uma borduna, uma pelle de veado, cascas de jatobás, restos de fogo.” (AURELI, 1939, p. 134). Arutana explica a Willy que o local era um acampamento de descanso e caça, indicando a provável direção de um aldeamento. Com o cair da noite, Aureli decide voltar ao acampamento, mas planejando uma incursão noturna para a provável aldeia. Reunindo 14 homens, o chefe da Piratininga parte às 21 horas com o grupo preparado para um possível contato:

Escolho Aristeu, Lourival, Henry, Heinz, Dr. Kaufer, Benedicto Arruda, Arutana, Aldo, Oscar, Alberico, Freitas, Queiroz, Gozzola. Roupa kaki, botas, embornal, cantil. Nos embornaes, carregamos grande copia de presentes. Ao Oscar e Alberico entrego foguetões e caixas de phosphoros. [...] Iniciamos, assim, a grande aventura!

[...] Meus homens vêm sendo trabalhados e sabem que os índios são os verdadeiros donos das terras e os intrusos somos nós. Sabem, por ouvir dizer, que os Chavantes estão aureolados de péssima fama, robustos, agressivos, implacáveis, velocíssimos (AURELI, 1939, p. 136).

A seguir, Aureli afirma ter discursado para seus homens acerca do modo de fazer contato. A fala nos permite entender como o autor concebia o contato com indígenas, especialmente em relação à restrição ao uso da violência, compreendendo as peculiaridades que participavam da iniciativa. Willy comenta as instruções que havia recebido do Coronel Vicente Vasconcellos, diretor do SPI da época, instruindo seus homens da necessidade de calma e em nenhuma hipótese atacar um indígena. Torna-se claro que Aureli concebe a forma de contato

com indígenas tal como Rondon, resumida pelo lema “morrer se for preciso, matar, nunca”. É de suma importância vislumbrar a maneira como o chefe da Piratininga conduzia esse processo, visto que em agosto são acusados justamente do contrário, de matar e ferir indígenas, eventos que muito dificilmente ocorreram.

[...] Não foi a tiros de carabina que esses selvícolas (Nhambiquaras, Bororós, Parentintins e Carajás) aceitaram a amizade dos civilizados. Matar um índio é matar uma criança! Justa é a resistência de uma maloca quando, intrusos como nós, surgem de repente. Também eles não podem adivinhar logo nossas verdadeiras intenções. Muitos sofreram dos jagunços, tiradores de borracha, garimpeiros, apanhadores de castanhas e outros aventureiros. [...] Hostilizados, eles hostilizarão, si bem tratados, possivelmente nos deixarão tranquilos. [...] o que ouvi da boca do coronel Vicente Vasconcellos, diretor do Serviço de Proteção aos Índios. Elle me disse o seguinte, quando fui ao Rio solicitar a necessária licença:

-Eu tenho certeza, meu senhor, graças aos sentimentos que externa à maneira com que se conduziu a primeira expedição ao rio das Mortes, que jamais atirará contra um índio. Mas o senhor pode assumir a responsabilidade de seus homens? Poderá impedir que num momento de pânico, um dos seus companheiros atire, mate ou fira um selvícola (AURELI, 1939, p. 137-138)?

Ao final do discurso, um dos integrantes questiona “E no caso de sermos trucidados?” (AURELI, 1939, p. 138) – pergunta contornada por Aureli, visto que ele não poderia dizer aos homens que “Seremos martyres e pertenceremos à História” (AURELI, 1939, p. 138):

– Ninguém será trucidado! Vamos em missão de paz, levamos presentes para captivar a amizade dos índios. Si “a coisa apertar”, soltaremos foguetes. Isto bastará para afastar um perigo imediato. Agora, uma coisa: posso contar convosco? Posso estar tranquilo quanto à calma que deveis conservar em caso de um imprevisto? Calma que deveis conservar sem a menor vacilação, responderam:

– Pode, chefe (AURELI, 1939, p. 138)!

Com o grupo instruído, eles prosseguem por mais uma hora e meia em um cerrado que apresentava traços de incêndio recente. Por volta das 00:30, Lourival depara-se com uma provável fogueira acessa e, após se aproximarem, avistam contato à 15 metros:

[...] sentados rente às brazas, dois possantes selvícolas! Surgem numa espécie de enorme degrao que dá acesso à aldeia. Vislumbro varias casas de palha [...] uma, enorme, arredondada, deve albergar quase uma tribo inteira. [...] Os dois gigantes brônzeos não sabem que dois civilizados, a quinze metros, devoram-n’os com o olhar! E nos dois (Willy e Lourival), sentindo o coração pulsar fortemente no peito, a conjecturar qual o nosso fim se formos pressentidos (AURELI, 1939, p. 141)!

Com a confirmação da chegada ao aldeamento, Aureli começa a retroceder com seus homens lentamente, de dois em dois, até ficarem por volta de um quilometro de distância, onde acampam em uma clareira, sem fogo. Willy decide que o grupo passaria a noite ali e, ao amanhecer, se aproximariam com os presentes.

[...] Devemos suportar a noite sem fim, onde os minutos são contados como horas e as faculdades visuais e auditivas estão intensamente voltadas na direção da aldeia pouco distante, incognita acabrunhadora que somente pela manhã podemos decifrar (AURELI, 1939, p. 143)!

Passando a noite com frio e desconforto, Aureli relata algumas reflexões que teria tido naquele momento. Primeiramente, apresenta as suas diversas indagações sobre o que aconteceria naquela manhã:

[...] Perecerá algum dos meus homens? Teremos a calma suficiente para enfrentar uma dolorosa surpresa? Poderemos exhibir ao mundo o filme desses Chavantes, que a todos intrigam pelo modo como se mantêm afastados da civilização? Poderemos estudar-lhes calmamente os costumes, a língua, as lendas? Colheremos material para os museus (AURELI, 1939, p. 144)?

O segundo tópico dos questionamentos recaiu sobre o desaparecido coronel Fawcett. Willy explica as últimas pistas e justifica que, por mais que achar o inglês não era um objetivo, “não desprezo a investigação. Uma vez no coração da zona onde ele desapareceu.” (AURELI, 1939, p. 145). O mistério do coronel ocuparia o espaço de diferentes relatos de Willy, demonstrando uma problemática daquele período, muito bem explorada pela imprensa, mais notadamente por *O Globo*. O momento a seguir tratará do contato da Piratininga com os xavantes. Creio que os eventos são, salvo prováveis exageros, verídicos, vista a afirmação de Aureli sobre estarem filmando e a própria forma como se deu o contato.

Às 6:40 da manhã, conforme a luz possibilitava a filmagem, o grupo inicia a aproximação. Os integrantes deveriam levantar os braços, agitar os capacetes, mostrar os presentes e não exibir nenhuma arma, devendo gritar “Amigo”, “Nhãkantó” e “Aueyry”. Ao chegar na aldeia, Willy descreve o ambiente:

Vislumbro os Chavantes que se movimentam na aldeia. São muitos. [...] Também fico maravilhado com a roça, que obedece a todos preceitos agrícolas. Não menos me admira o chiqueiro, tal e qual como se usa nas fazendas. Há ordem e limpeza, Mulheres robustas e bellas, na esplendorosa nudez primitiva, trabalham calmamente, carregando grandes balaies e recipientes que se assemelham às bateias. Homens alentados circulam. Muitas crianças, muitos cachorros, estes, enormes, brancos com pintas marrons.

Ordeno a Henry:

E’ agora. Podes cinematographar.

Elle empunha a “Kinamo” e aciona a manivela. Nesse momento, grito o característico “eh!” do sertão. Ninguém me presta atenção! Estamos a poucos metros dos Chavantes e eles continuam despreocupados. Um segundo grito e... o mundo veio abaixo! (AURELI, 1939, p. 147)

Com a presença dos “bandeirantes” notada, uma das mulheres começa a gritar, fato que atrai e movimenta toda a comunidade. Enquanto os homens xavantes começam a entrar em formação e se reunir, a Piratininga executa o ritual comentado anteriormente.

Teríamos sido compreendidos? Os homens páram. Possivelmente o terror perturba-os, pois ficam indecisos. Depois avançam cautamente. Negaceam os corpos robustos. [...] Aproximavam-se, de facto, mas para apanhar as flexas e os arcos [...] Immediatamente, da grande maloca central começam a sahir os índios [...] correm, empunhando as terríveis bordunas, arcos e flexas.

[...] Os guerreiros trazem flammulas amarradas a uma lança. Para cada pelotão, de uns 50 homens, uma flammula rubra! [...] Os guerreiros bipartem-se e correm para o cerrado (AURELI, 1939, p. 148-149).

Os xavantes começam a cercar a Piratininga, mas, em determinado ponto, o líder xavante decide colocar o arco e as flechas no chão, sinalizando a chance de aproximação após ouvir Benedicto e observar os presentes. Entretanto, com a rápida aproximação e o cerco, Aureli já tinha dado a ordem para o lançamento de um foguete. O evento acabou criando enorme confusão e quase frustrou qualquer possibilidade de contato amistoso:

[...] Elle acende o estopim e Aristeu atira-se para apagal-o, porque notara o signal do King-Kong (o líder Chavante). E’ tarde! O rojão estoura no espaço. [...] Os fortes estampidos espantam os selvícolas, que abrem o cerco, afastando-se de nossa frente. Disso aproveitam três companheiros, tomados de pânico, para debandarem. Corro-lhes no encalço e seguro o primeiro pela góla!

– Pára, desgraçado! – grito-lhe. – Quer morrer? Se você se afasta será a primeira victima! Não adianta apostar corrida com os Chavantes!

Empurro-o brutalmente para traz. O momento é critico. Chovem as primeiras flexas. Estamos no meio de um cerrado, sem nenhuma defesa.

O segundo fugitivo passa por mim. Não há outro meio: alcanço-o com a coronha de meu mosquetão. Estaca gemendo. Empurro-o para junto dos demais, e grito:

– Aristeu! Segura os homens no centro! Lourival e Benedicto, olhem a retaguarda! E vocês todos! Calma! Calma, muita calma!

Um dos que se apavoram guincha:

– Vamos morrer todos! Minha Nossa Senhora! Chegou a nossa hora!

[...] Henry Jullien apanha as scenas. Na pellicula veremos os nossos gestos e “tremeliques”... (AURELI, 1939, p. 149-150).

Conforme começam a lançar os foguetes e recuar, o entomólogo é atingido por uma flecha nas costas, mas por sorte a pesada mochila que levava o acabou protegendo. Arutana acaba sendo acertado no braço e é ajudado por Benedicto e Kaufer, que retiram a flecha e enfaixam o braço com um lenço. Prestes a escapar, os xavantes soltam alguns dos cachorros que, em parte, são afugentados por um foguete. Porém, um deles continua atrás de Arutana, que cambaleava. Assim, dois integrantes matam o cachorro a tiros, evento que na narrativa de Aureli

teria impactado os xavantes e os feito cessarem a perseguição. Encerrava-se o primeiro “ato” pela busca por contato.

Com a tentativa fracassada, o grupo volta para o acampamento com os demais homens, descansando e contando sobre o corrido. Pouco tempo depois, avistam um grupo de xavantes que os haviam seguido, porém, dessa vez sinalizavam a possibilidade de uma aproximação pacífica: “[...] Querem ‘fala’! O momento é de regozijo. Seremos os primeiros civilizados a ter contacto amigável com os rudes senhores do imenso território!” (AURELI, 1939, p. 157). Aureli decide ir ao encontro do grupo junto com o cinegrafista, nus e com presentes:

[...] Para infundir maior confiança, arrancamos as roupas e nós, como viemos ao Mundo, acercamo-nos. Vendo-nos assim, acercam-se. São quatro e gesticulam. [...] Cautelosamente, os chavantes aproximam-se, grito-lhes:

– Amigos... Amigos...

Elles respondem:

– rmãos! Irmãos!

Quasi tombamos, tal a nossa surpresa! Sim, os Chavantes falam portuguez! [...] Animado, avançamos alguns metros. Benedicto, muito prudente, avisa:

– Pode ser cilada... Cuidado, chefe. Não se arrisque...

[...]Da matta, sae um índio. [...] No braço esquerdo apoia uma cabaça de onde extrae, por três vezes, um pó branco que atira para o ar e grita:

– Enhôum! Enhóum! Enhôum!

E em seguida:

– Irmô!... Irmô!.. Irmô!

[...]Fazemos, mais ou menos, o mesmo e, na falta de uma cabaça com o respectivo pó, Benedicto inclina-se num genuíno salamaleque oriental, gritando:

– Nhakantô... Nhakantô... (AURELI, 1939, p. 157-158)

Feitas as apresentações, iniciam-se uma série de “rounds” de contato, em um constante aproximar-se e distanciar-se conforme se moviam os ânimos. Em um primeiro momento, um dos indígenas pede machados e, enquanto Henry os filmava, Aureli busca uma série de ferramentas e facas. Após deixarem os materiais, o líder xavante teria dito “Agúra tudo embúra! Tudo embúra! Vupp! Vupp!”. Depois de um breve intervalo, os indígenas voltam novamente, porém, neste momento entregavam itens para a Piratininga:

Novamente em suas posições, tornam a chamar. Retornamos. Junto às flexas, depositaram cinco balas de revolver que alguém deixou cair na retirada. Uma verdadeira prova de estima por parte deles. Começam longas conversações. O portuguez dos Chavantes é muito confuso. Poucas phrases, de mustura com o idioma gutural nativo. Querem saber meu nome e dos dois companheiros. [...] (AURELI, 1939, p. 158-159).

Inicia-se então o que Willy chama de “*via crucis*”, por conta do constante movimento de ida e vinda para buscar mais presentes que eram requisitados. O autor inclusive utiliza a metáfora que se refere a eles como crianças: “Nunca mais esquecerão meu nome. Gritam e chamam, ansiosos como crianças que aguardam um doce prometido. [...] Nova oferta de material, novo recuo e novo avanço dos Chavantes que tudo carregam, deixando, outra vez, meia dúzia de flexas como retribuição” (AURELI, 1939, p. 159).

Mesmo com os indícios de paz, Aureli relata um clima de constante cautela e desconfiança, explicando que sua persistência e boa vontade no processo se deviam “Unicamente a necessidade de estudar-os em primeira mão é que me leva a arriscar a vida, nú em pleno, exposto às tremendas ferroadas dos mosquitos, crestando a pelle aos raios vivos do sol alto [...]” (AURELI, 1939, p. 159). Após os xavantes se negarem a entregar um arco a Aureli, iniciam o que aparenta ser uma espécie de brincadeira, podendo ser, indiretamente, uma prática de poder sobre os expedicionários:

[...] Atiram dentro da água algumas flexas e pedem para que as apanhe. Gostam de ver os meus mergulhos e riem, contentes. Qualquer sacrifício compensa este primeiro intercambio de presentes e gentilezas, após os trágicos momentos vividos. Henry filmou todos esses episódios.

[...] Si me afasto, gritam por mim e socegam quando volto. Gostam de “bater papo” e, esquecidos do português, palestram comigo no falar nativo. Faço que entendo e digo sempre “sim”. Noto que ficam satisfeitos (AURELI, 1939, p. 160).

De acordo com Willy, meio quilometro separava os dois agrupamentos, fato que causou a gradual desistência dos demais integrantes em fazerem breves visitas e entregas de materiais. Já pela tarde, Aureli encontra o líder novamente, que estaria acompanhado de um “interprete”:

– Que querem? “Capitão” muito cansado...

O índio a quem me dirijo presta muita atenção e, em seguida, [...] confabula com outro que não quer aparecer. Deve ser interprete, ou cousa parecida, que traduz meu dito.

[...] Quem será? Será um civilizado? Um branco? Será...

Outro índio acena:

– Tôra... Tôra...

Não entendo. Faz signal com a mão, como quem corta.

– Machado? – Pergunto.

– Nô... nô – responde. [...]

Depois, encaminhando-se à mesma sebe, onde parece reesidir o oraculo, formula, ao certo, uma pergunta. Em seguida, grita:

– Machete... Machete!

Ora, Machete, em espanhol, é facão. Fico scismado seriamente. Como é que o selvagem se expressa em castelhano? Quem estará atrás da moita, traduzindo-lhe na língua de Cervantes os seus desejos (AURELI, 1939, p. 162)?

Influenciado pelas dúvidas acerca da identidade do “intérprete”, Aureli decide testar o quão próximo conseguiria chegar dos xavantes utilizando a entrega do facão como pretexto. O evento provoca grande desconfiança em Aureli, que relata se lembrar dos padres Sacillotti e Fuchs⁶², que haviam sido mortos pelos xavantes, temendo o mesmo fim.

O cacique faz sinal para que eu atire, de onde estou, à praia, o facão. Não obedeco e avanço. Elle pula para traz e dá uma ordem. Todos os índios se afastam-se lentamente. Depois, sorrindo, o chefe me convida com signaes de cabeça, que traduzem: “vem... vem...” E’, positivamente, a cilada preparada entre sorrisos e poeira atirada ao ar. Mas a prudência me indica que devo parar. Jogo o facão (AURELI, 1939, p. 163).

Nesse jogo de aproximação e testes, os xavantes teriam convidado Willy e outros dois para visitarem o aldeamento no dia seguinte. Nesta altura, Aureli já estava acreditando que seria uma possível armadilha, visto que pediam que viessem sem armas e sem roupas:

No mínimo, desde já passam a língua nos beiços prelibando o massacre de três civilizados. Há uma desconfiança e indagam:

– Amanhã?

– Sim... amanhã... Eu, Benedicto e Henry. Está bem?

Novos sorrisos e troca de rápidas palavras entre eles. No mínimo estariam dizendo:

“Vejam só quanta ingenuidade... Si eles soubessem...”

Mas eu sabia. Ora si sabia (AURELI, 1939, p. 163-164)!

Voltando ao acampamento muito cansado, Aureli expressa que ainda desejava ficar mais alguns dias na praia, tendo como objetivo averiguar melhor as possibilidades de contato de forma gradual: “Não posso pretender, em poucas horas, captivar a inteira confiança dos bugres” (AURELI, 1939, p. 164). Na ocasião, dois homens que ainda não haviam visto os indígenas pedem para ir vê-los, acompanhados de outros dois integrantes. Após meia hora, Willy relata ter ouvido um grito e, ao ver a situação, se deparou com Catony atirando para cima, enquanto os demais carregavam José de Barros, que havia sido atingido por bordunas. Pelo relato de Aureli, se ele não tivesse desviado e fugido, teria sido morto:

O rapaz foi exhibir os presentes. Convidado, entre sorrisos, a acercar-se, sem prestar ouvidos ao Benedicto, que o punha de sobreaviso, atravessou o braço d’agua e galgou a praia. No momento que extendia a dadiva, um Chavante, levantando a borduna, desfere-lhe o golpe mortal. [...] Mas instintivamente, (ele que é campeão de pulo em trampolim), executa um salto e mergulha. O pesado cacete, em lugar de attingil-o na cabeça, colhe-o nas costas. Então, mais quatro Chavantes entram em scena. Empunhando as bordunas descem à agua e avançam contra o rapaz. Ao reaparecer do mergulho, malham-n’o! Nova imersão salvadora e novos golpes nas costas e na região

⁶² João Fuchs, suíço, e Pedro Sacilotti, brasileiro, foram dois missionários salesianos que se estabeleceram na localidade de Santa Terezinha em 1933. Buscavam contatar e catequisar os Xavantes das proximidades. Em novembro de 1934, após entrarem na mata atrás de dois Xavantes, foram encontrados mortos. “Essa comunidade xavante enviara uma dura mensagem para os intrusos, mas os salesianos se regozijaram com o martírio” (GARFIELD, 2007, p. 84).

glútea. E' quando Catony sáca o revolver e dispara para o ar. Os índios, amedrontados, recuam. Soccorido pelos companheiros, vem o Barros, pálidos como um morto, ainda tremulo de emoção, lamentando-se (AURELI, 1939, p. 164).

O evento foi um divisor de águas e, além de provar as desconfianças de Willy, o fez notar um ânimo revanchista de alguns integrantes. Com esses indícios, o líder da Piratininga decide abandonar o contato e iniciar os planos de retorno à subida do Mortes.

As coisas tomam outro character. Os Chavantes, certos de terem recebido tudo quanto podiam pretender e possivelmente aborrecidos por questão de somenos, resolveram sacrificar um dos civilizados. Não me puderam attrahir na cilada, mas conseguiram Barros. Todos os rapazes estão indignados. Há alguém que externa claramente sua maneira de sentir:

-Qual presentes qual nada! Indio é só à bala!

Faço-lhe vêr que um simples gesto pode ter irritado os selvícolas, um erro de interpretação, uma frase. Nôto, porém, que os homens não estão dispostos a suportar, com muita benevolência, as “mudanças” de humor dos bugres. Devo evitar qualquer attricto. A' tarde vem chegando e, se continuarmos aqui, é possível que, à noite, haja algo de anormal, se os índios, ainda na maior boa fé, atravessarem o rio [...] Quem impediria as sentinelas de atirarem? E os resultados?

[...] Vejo, assim, desaparecer a possibilidade de um maior estreitamento de relações amistosas com os índios. Mas que fazer? Muito lenta, muito trabalhosa será a aproximação definitiva desses soberbos campeões dos sertões desconhecidos. O que desejo é deixar no espírito dos Chavantes, bem nítida, a impressão de que os civilizados não os querem hostilizar (AURELI, 1939, p. 165-166).

Provavelmente ainda no dia 12/8, Aureli envia por rádio à Radio Patrulha da Polícia de São Paulo informações relativas ao “ataque”. O fato então começa a circular na imprensa paulista e carioca já no dia 13/8. De início, não há qualquer crítica ao ocorrido, apenas um marcante sensacionalismo ao noticiar o fato que, pela forma como é vinculado, transforma o encontro em algo mais violento. Como se tornará claro a partir do texto das reportagens e imagens vinculadas, não somente esses elementos irão acabar intensificando o ocorrido, mas também a ausência de esclarecimento que deu margem para críticas. Me parece que é na composição de imagens desassociadas do evento, manchetes sensacionalistas e textos pouco esclarecedores do encontro que tornaram possível uma série de críticas que se fundamentaram apenas na imprensa. É importante lembrar que Aureli só saberia dos problemas após voltar da Serra do Roncador, no dia 31/8, portanto, sem qualquer direito de resposta.

Peculiarmente, o arquivo das *Folhas da Noite* e da *Manhã* não deu nenhum resultado nesse período, assim, as primeiras ocorrências encontradas (13/8) são do *Correio da Manhã* (RJ) e *A Noite* (RJ). Diferentes periódicos começariam a republicar o evento e publicar suas próprias reportagens, usualmente com comentários de críticas vindas de autoridades do estado ou jornalistas. O pico de publicidade começa no dia 14/8 e encerra-se no final de agosto

(recomendo visitar a imagem 19). Neste momento, é interessante mostrar as ocorrências dos dias 13 e 14, sendo as demais trabalhadas conforme seguimos a trajetória diária da Bandeira na expedição.

IMAGEM 24 – Sob uma rajada de flechas!

*A Noite* (RJ), 1938

IMAGEM 25 – Choque sangrento às margens do Rio das Mortes

Choque sangrento às margens do Rio das Mortes

Atacada a “Caravana Piratininga” pelos Chavantes

S. PAULO, 13 (Da Su-
rsal de A NOITE) —
ticias aqui recebidas, por
ermeio do radio, infor-
m que se registrou um
oque entre os componen-
da “Caravana Pirati-
ga”, que se encontra pre-
tamente na região selva-
n do sul goiano, e um
ço de guerreiros Chavan-
indias ferozes do “hin-



A Noite, 1938

IMAGEM 26 – Atacada pelos indios ferozes



Membros da "Expedição Piratininga" no sertão goiano

ATACADA PELOS INDIOS FEROCES

Nenhuma outra noticia foi recebida sobre im-
pressionantes episodios das margens
do rio das Mortes

A Noite, 1938

O chefe da expedição organizou rapidamente uma pequena caravana de expedicionários, tendo como guia o índio Arutana e penetrou na mattaria, no encalço dos Chavantes. Duas longas horas de caminhada, e, por entre os abustos cerrados daquela região, surgiram as primeiras malocas dos Chavantes que integravam aquele acampamento.

Todos tinham fugido, levando mulheres e creanças, mas deixando no acampamento curiosos utensílios domésticos, remédios de “pages” e uma série de objectos esdruxularmente confeccionados. Foram encontrados, ainda, com surpresa, uma galinha e um gallo, certamente roubados de alguma propriedade próxima (O PRIMEIRO..., 13 ago. 1938, p. 2).

[...] os comunicados referem que o encontro sangrento se deu precisamente quando os expedicionários buscavam atravessar esse curso dagua. Não houve mortes, conforme se adiante. Apenas três feridos, componentes da caravana, cujo estado, todavia não é dos mais graves, embora a absoluta falta de socorros da região (CHOQUE..., 13 ago. 1938, p. 13).

Como informamos ontem, o ataque dos índios se deu quando um grupo de expedicionários perseguia os selvícolas pela mataria, na tentativa de tomar contacto com os mesmos. A coluna, tendo se isolado da “Bandeira” que ficava junto à margem do rio das Mortes, depois de atingir as malocas do acampamento, onde apreendeu numerosos utensílios domésticos, remédios e objetos exdruxulos, continuou rompendo caminho pela “jungle”. Em determinado ponto, entretanto, subitamente, foram cercados pelos índios, que contra eles lançaram uma saraivada de flechas. Para escapar à sanha dos atacantes, os membros da expedição tiveram de usar inúmeros rojões e foguetões, conseguindo impressiona-los e chegar até local em que ficaram a salvo (ATACADA..., 14 ago. 1938, p. 3).

Depois de duas horas de marcha, por um caminho perigoso, encontrou a caravana uma série de malocas, formando um povoado. Avançou com a maior precaução para não assustar os índios. Não havia ninguém. Apenas alguns objetos de uso, especialmente de cozinha, atirados ao chão, remédios e algumas peças de roupa. Os bandeirantes puzeram-se, então, a juntar todos aqueles utensílios. Nessa altura um grupo de Chavantes rompendo a matta, avançou contra a caravana, despejando-lhe uma rajada de flexas. [...] não tendo ficado ferido nenhum membro da expedição (INDIOS..., 14 ago. 1938, p. 13).

Seria de grande utilidade ter a mensagem de rádio enviada por Aureli, permitindo, assim, verificar as omissões, subtrações e adições ao ocorrido. A versão inicial na imprensa é muito peculiar, divergindo bastante do que Willy conta em seu livro, o que possibilita duas hipóteses. A primeira, que me parece mais possível, é que ocorreu algum problema de comunicação. Tal poderia ter acontecido na transmissão de Aureli para a Rádio Patrulha, impedindo o envio completo do relato ou mesmo uma mensagem cuja sucessão de eventos não teria ficado clara. O problema também poderia ter ocorrido na transmissão de informações da Rádio Patrulha para os periódicos, cirando um efeito de “telefone-sem-fio”. Ao que parece, quando comparamos o relato de *Roncador* (1939) e o que se publica, de início, na imprensa, percebemos uma conexão de dois eventos não associados.

Tomando primeiro o livro de Aureli, podemos dividir o contato problemático em três momentos. Primeiro, os expedicionários encontram as jangadas e um local que, de acordo com Arutana, era para caça e descanso. Nessa posição, encontraram itens domésticos e remédios, mas nenhum indígena. Depois disso, a Piratininga monta acampamento e Willy decide ir com um grupo buscar esses xavantes. Segundo, os “bandeirantes” andam pela mata até encontrarem dois xavantes em uma fogueira e, ao fundo, o aldeamento. Então retornam a uma certa distância e esperam até às 6 horas da manhã. Terceiro, caminham até o aldeamento, expõem presentes e gritam para os xavantes – lembrando que na ocasião Aureli relata que o lugar está cheio de pessoas. Por fim, conforme os guerreiros cercam os expedicionários, Willy se precipita e começa o lançamento de rojões e flechas, além das fugas. Ao que parece, a narrativa na imprensa conta o ocorrido em duas partes desconexas, misturando o local de caça e descanso, que estava abandonado, com a localização do aldeamento. Além disso, não se relata essa movimentação de contato e precipitação com rojões, aparenta-se que os xavantes, de pronto, lançaram as flechas.

A segunda hipótese seria tomar como verossímil o que fora relatado pela imprensa, vista a procedência da Rádio Patrulha. O relato de Aureli, nesse caso, seria marcado por fortes alterações na narrativa e, como o livro foi publicado em 1939, ou seja, depois do ocorrido e de saber da polêmica, não seria impossível que a modificação do ocorrido acontecesse. Como Willy constantemente aponta a realização de filmagens, sendo essas posteriormente exibidas (em 1939), não me parece o argumento ser um blefe e me inclino mais para a primeira hipótese. Porém, como o filme não foi visto, impedindo assim constatar o conteúdo, a dúvida ainda permanece.

Por último, em relação às imagens, tudo indica que são desconexas por conta da impossibilidade de fotos da expedição de 1938 terem sido reveladas e enviadas ainda em viagem. Sendo assim, a Piratininga acaba sendo ilustrada por imagens de 1937. Não é possível dizer quem teria selecionado as imagens, porém, provavelmente buscaram representar a atividade da Piratininga com Aureli escrevendo, o grupo armado e uniformizado e depois integrantes mostrando uma pele de onça estendida. Conforme avançamos no relato da expedição, atualizarei a situação da Piratininga na imprensa.

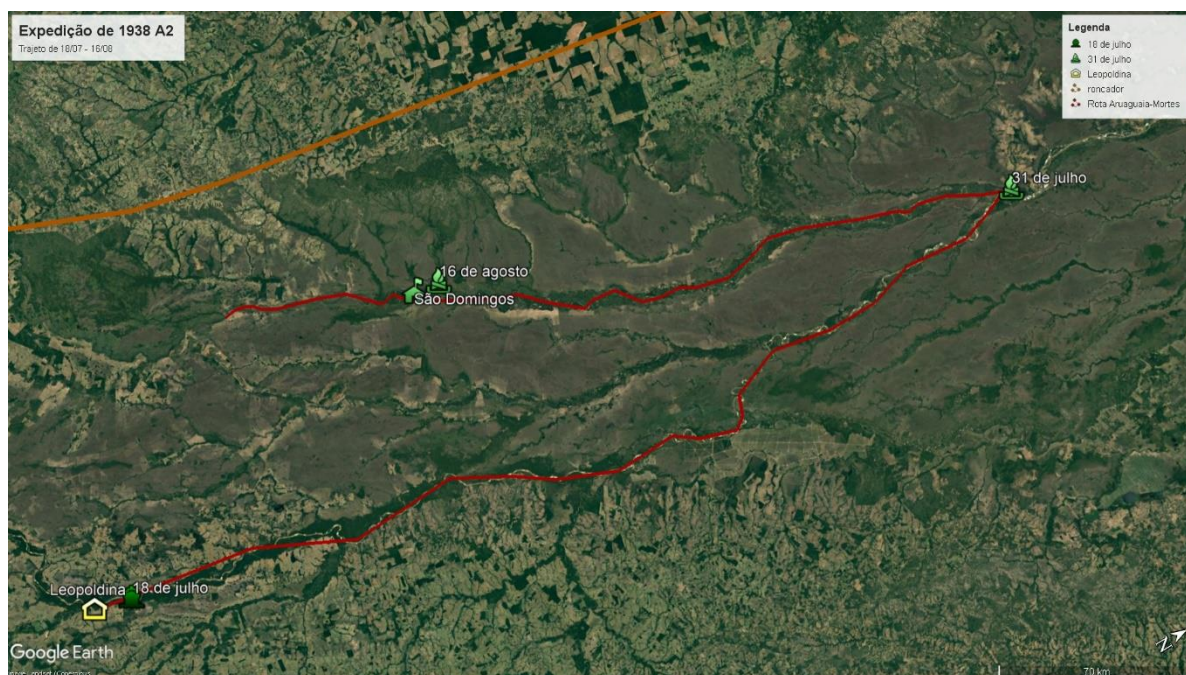
Reiniciando a subida no dia 14/8 e após percorrer menos de duas léguas, o motor “Laros” do batelão cessa seu funcionamento, forçando uma parada. Enquanto resolviam o problema, o batelão da Missão Salesiana do Padre Chovelon aparece: “[...] Cumprimentos de ambos os lados, inquirições, perguntas. Alguém informa ao padre Chovelon do nosso encontro

com os Chavantes e indica-lhe o local bem próximo e ótimo para uma tentativa de catechese” (AURELI, 1939, p. 169). Os salesianos, entretanto, acabam seguindo a subida do rio. Logo depois, a Piratininga volta à navegação, porém, por volta das 14 horas, a corda que segurava a montaria à lateral do batelão se rompe. A pequena embarcação carregava Benedicto, que fazia o almoço, e todo material de cozinha. Por sorte, os integrantes conseguem recuperar o que havia afundado, menos a refeição. Pelo final do dia, acampam em uma praia que Aureli conta já ter utilizado de pouso em 1937. No local, haveria uma árvore landi na qual a Piratininga de 1937 teria deixado data e nomes. Logo acima, estavam acampados os salesianos.

No dia 15/8, a Piratininga aproveita para descansar e realizar algumas incursões de caça. Pela noite, Aureli e Lourival saem para encontrar Heinz, o entomólogo, que procurava formigas para coletar. Encontram o cientista em cima de um galho de árvore em meio ao lodo. Na ocasião, Heinz afirma ter encontrado restos de acampamento xavante recente, fato que é tido com desconfiança por Willy. Desde a noite anterior, a paisagem era iluminada ao fundo por incêndios no cerrado – Aureli acreditava serem feitos pelos indígenas.

Às 11:30 do dia 16/8, a Piratininga acampa no rancho dos padres salesianos em São Domingos, na confluência do rio de mesmo nome com o Mortes. Perto do pouso, encontram vestígios do acampamento da Bandeira Anhanguera. Naquele dia, os integrantes se dividem em dois: Aureli e Benedicto exploram o São Domingos até a nascente com a montaria, enquanto outros sobem a pequena serra de São Domingos para averiguar o caminho e a distância até o Roncador.

IMAGEM 27 – Expedição de 1938 A2



Google Earth, 2023

Nesse mesmo dia, o *Diário de Notícias* (RJ) e a *Gazeta de Notícias* (RJ) publicam mais informações vindas de Aureli a partir da Radio Patrulha. Essas publicações trataram do contato da Bandeira com os xavantes e, ao final, do episódio de conflito com José de Barros, afugentado pela bodurna. Os textos são iguais, salvo o *Diário de Notícias*, que conta com um parágrafo a mais. Se compararmos o relatado nos periódicos e no livro, encontramos grande convergência dos fatos:

[...]Willy Aureli serviu de parlamentar, indo ao seu encontro (do líder Chavante). Para isso tirou toda a roupa e, a nado, atravessou o estreito braço do rio.

Logo depois, Henry e Benedicto, companheiros da expedição com o seu chefe, conseguindo o primeiro deles, que é o “Cameraman” da “Bandeira”, tiraram films, que terão grande valor documental.

[...] A situação vantajosa que parecia se estabelecer, não durou muito, entretanto. Mais tarde, o expedicionário José de Barros quis oferecer um presente especial ao chefe da horda, levando-lhe um pente e um pedaço de fumo.

Inesperadamente o rapas foi atacado com as famosas “bordunas” dos selvagens, correndo sério perigo. [...] Felizmente o seu companheiro Tacio Catoni, sem delongas, entrou em acção, fazendo uso do revolver, com o que espantou os temíveis Chavantes, conseguindo salvar o agredido.

Ante esses acontecimentos, o chefe da bandeira ordenou algumas providencias, no proposito de evitar a matança certa dos índios, assim foi dada a ordem do prosseguimento da penetração [...] A jornada começa a ficar interessante – finalisa Willy Aureli em seu comunicado de hoje (ATACADOS..., 16 ago. 1938, p. 2).

Na mesma data, outros dois exemplos são interessantes de serem trabalhados. O primeiro advém da *Pacotilha* (MA), periódico maranhense que relata o evento e republica

informações de *O Globo*, que havia publicado, na íntegra, a narrativa do próprio Aureli acerca do primeiro conflito com os xavantes. O relato é interessante, pois é, em grande parte, fiel ao que foi escrito no livro. Digo em grande parte, pois aparentemente Willy omite o momento em que o líder xavante os convida para conversar. Na ocasião, para lembrar o leitor, Aureli descreve que antes do convite já pedira que se soltasse um foguete por conta do cerco realizado pelos guerreiros. Na ausência desse fato, aparenta que as flechadas xavantes seriam “do nada”. Talvez resida nessa omissão o desejo de evitar que alguma culpa recaísse na Bandeira. Uma peculiaridade da Pacotilha é afirmar que “Sabe-se que se registram victimas de ambas as partes, não tendo, porém, chegado detalhes dos acontecimentos” (OS SELVICOLAS..., 16 ago. 1938, p. 6).

[...] Pela manhã alcançamos uma aldeia de 400 índios, estabelecendo-se alvoroço. Ficamos cercados por duas centenas de guerreiros robustos e belicosos no mais alto grão que desfecharam verdadeira chuva de flexas.

O companheiro índio Carajá ficou ferido, estabelecendo-se o pannico entre os expedicionários. O entomologo Heinz Himmoletche foi atingido na costa por uma flecha que penetrou a mochila que o mesmo trazia à costa.

O cinematographista, com calma, apanhava os flagrantes dos ataques. Fiz soltar foguetes para espantar os índios que não se intimidaram, assim como os grandes cães que os acompanhavam. A columna mantendo ordem avançava fazendo fogo de barragem com mosquetões que intimida os selvícolas

Assim conseguimos alcançar o rio das Mortes voltando ao acampamento onde medicamos os feridos (OS SELVICOLAS..., 16 ago. 1938, p. 6).

O segundo exemplo vem do *Correio da Manhã* (RJ), que é o primeiro a publicar uma crítica explícita ao ocorrido:

Esse capitulo trágico da Bandeira Piratininga, na travessia do rio das Mortes, poderia ser incluído na velha história da catechesce dos nossos selvícolas, se as circunstancias que o rodeiam não pesassem muito na balanças em que se devem julgar os factos. A internação de um grupo de homens pelo sertão não se justifica apenas como acto de corajosa aventura. Representa objetivo proveitoso: econômico social ou essencialmente scientifico, como fator de estudos e pesquisas. Pela narração divulgada, a Bandeira Piratininga – aliás composta de poucas pessoas – caiu de surpresa num acampamento de índios.

Os selvagens, pela natural fereza de sentimentos ou por instinto de conservação, colhidos inesperadamente, reagiram de acordo com a única lei que conhecem: a da guerra. Não há como condenal-os por isso. Para os civilizados, porém, para os brasileiros em geral, o problema das selvas não se resolverá com a incursão de bandeiras que não tenham a organização de uma cruzada civilizadora, de catechese, de altos objetivos sociaes humanos e humanos.

[...] Avançar em columna sobre um núcleo de selvagens não é levar a senha da paz pelos processos que devem ser utilizados: é abrir um combate, que devia estar previsto. [...] Se a Bandeira Piratininga não constitue apenas um desejo de aventuras ineditas e perigosas, sem resultado social e humanamente pratico, se é possível admittir com louvores a sua finalidade philanthropica e de intensa brasilidade, então será indispensável outro rumo, e este assistido e controlado pelas altas autoridades do paiz.

O que sair dahi não passará de exibição inútil de coragem, sem repercussão na esfera da verdadeira campanha a realizar ou a tentar (BANDEIRAS, 16 ago. 1938, p. 4).

A coluna inaugura uma série de apontamentos muito comuns em críticas seguintes, o que torna esse texto um ótimo exemplo do que estava por vir. Assim como outros interlocutores, as bases de informação vieram da própria imprensa e, portanto, é razoável dizer que os textos anteriormente mostrados representam o conteúdo que fora acessado. É notável observar como o autor comenta a formação com a qual os integrantes teriam entrado no aldeamento e, combinando isso com a índole indígena que ele descreve, conclui que, no próprio ato de aproximação, já haveria uma intenção violenta. Outro ponto é que o tom de crítica é levemente apaziguado por conta do autor “dar o benefício da dúvida”, e não afirmar que a Piratininga de fato era uma “exibição inútil de coragem”.

Ainda assim, o próprio fato de o autor ter escrito essas opiniões, ainda que na dúvida, demonstram uma tendência ao descrédito. O ceticismo frente à utilidade da Bandeira advém de um argumento com três partes: 1) explorar a selva, avançar a civilização e contatar os indígenas constituem um problema nacional; 2) a Piratininga, por sua constituição e atuação, torna dúbia sua capacidade de auxiliar no ponto anterior; 3) se a Bandeira demonstrar boa-fé, ainda assim deveria ser “assistido e controlado pelas altas autoridades do paiz”. Apenas desta forma poderia ter “resultado social e humanamente prático”. De forma mais indireta, critica-se o caráter privado do empreendimento e aponta a necessidade de ele adentrar no controle e fiscalização estatal.

Esses aspectos já foram trazidos no início do trabalho e, se avançarmos no futuro da Piratininga, a partir da expedição de 1945, veremos exatamente esse movimento de adequação entre a iniciativa privada dos expedicionários com os planos, métodos e mandos do Estado. Posteriormente (ao longo de agosto de 1938), quando outros interlocutores entraram no ringue, incluindo Rondon, o diretor do SPI, Heloísa Torres (CFEAC) e Francisco Campos, o ponto culminante da crítica é a suspensão da Piratininga. Talvez uma das maiores problemáticas fosse que a existência e operação da Bandeira, especialmente com o contato com indígenas, escancarava a incapacidade de as autoridades controlarem o que desejavam e, mesmo que nunca tenha sido a intenção de Aureli, interpretavam a iniciativa como afronta.

Na madrugada do dia 17/8, alcançam o Barranco das Catas, local que Aureli descreve como “Reino dos Piuns”, espécie de mosquitos que por sua abundância são chamados de “piranhas do ar”. Esses insetos são uma constante fonte de irritação para os expedicionários, que utilizavam panos e toalhas para cobrir o rosto, além dos mosquiteiros e a fogueira na hora

de descansar. O trecho do rio naquela posição apresentava dificuldades com corredeiras e cachoeiras, ainda assim, pela tarde, alcançam um importante pouso: a “Ilha de Capri”. Por volta das 10 horas da manhã do dia 18/8, chegam ao Travessão de São Raphael, que delimitava o rio das Mortes e o rio Kuruá, via fluvial pela qual iniciariam a subida da Serra do Roncador.

Como parte da estratégia de incursão, iniciam a construção de um acampamento base, criando ranchos, uma cozinha, girais, mesas e bancos. Também estabelecem um espaço para a estação de rádio e um armazém para os suprimentos. “O pessoal está radiante e trata de arranjar comodidades. Accendem-se fogueiras em pleno dia para afugentar os “Piuns”, que não dão tréguas” (AURELI, 1939, p. 173). Nos dias 19, 20 e 21 de agosto, os expedicionários continuam a manutenção do acampamento e realizam rápidas incursões pelo Kuruá. De acordo com Aureli, nesse momento havia se decidido que a subida para a Serra iniciaria no dia 22/8.

Na madrugada do dia 22, um dos cachorros onceiros anuncia alguma presença para além do acampamento. Suspeitando que eram observados pelos xavantes, Aureli decide retornar para a “Ilha de Capri”, onde deixaria 3 homens na guarda do material e do novo acampamento base: o telegrafista, Moacyr Vieira de Melo, Oscar de Almeida Prado e Arutana, que se recuperava do ferimento de flecha no braço. No dia 23, depois de desfazer o acampamento anterior e deixar tudo na “Ilha de Capri”, os integrantes restantes iniciaram a subida da Serra do Roncador a partir do Rio Kuruá.

IMAGEM 28 – Expedição de 1938 A3



Google Earth, 2023

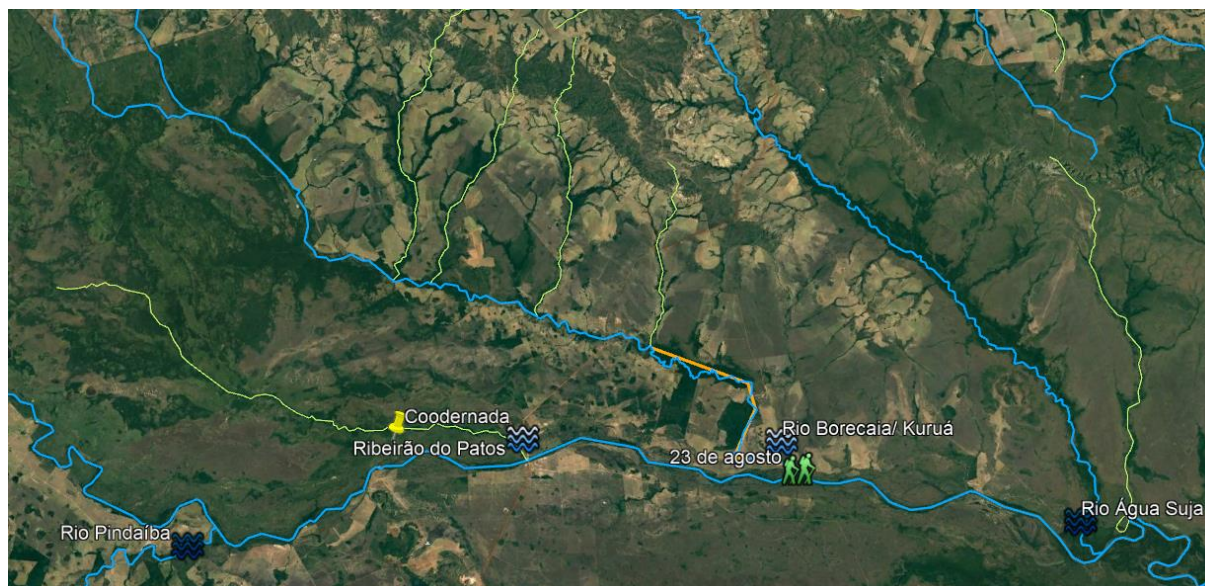
IMAGEM 29 – Expedição de 1938 B1



Google Earth, 2023

Antes de retornar à expedição é necessário expor um problema de mapeamento que esse momento da expedição apresentou, pois considero importante explicar minha decisão.

IMAGEM 30 – Revisão de trajetos



Google Earth, 2023

No relato do dia 18/8, Aureli fornece uma coordenada que se encontra marcada no mapa acima, o ponto que fazia referência ao Travessão Rafael, onde seria possível avistar o Kuruá conforme se seguia o Rio das Mortes. É possível deduzir que as coordenadas fornecidas dependiam de uma carta, muito provavelmente a de Rondon. Por conta de uma variação do eixo

da Terra, é normal que as coordenadas de uma carta fiquem defasadas. Para a correção há um cálculo específico. Essa variação pode ser notada quando Aureli expõe as coordenadas do pouso em São Domingos, pois a coordenada fica um tanto desviada da região de fato.

Para verificar melhor a localização do travessão, observou-se um mapa exposto por Willy em *Bandeirantes D'Oeste* (1946), que compreende o rio das Mortes até a altura do Rio Pindaíba e termina no Rio do Coco, paralelo ao Araguaia. O mapa, mesmo fora de escala, permite identificar no Google Earth os rios desenhados. Um dos grandes problemas, porém, é que diversos rios descritos por Aureli não detêm o mesmo nome na contemporaneidade. Um bom exemplo é que o Rio Kuruá, muito provavelmente, é o Rio Borecaia.

Uma outra medida para a verificação foi combinar a trajetória do Borecaia com um momento específico da narrativa de Aureli: “O rio (Kuruá) bifurca-se em dois braços. O que segue rumo ao Roncador termina, logo acima da cachoeira, num riachozinho que nasce nas lagoas próximas. O outro ruma francamente para o Sul e é razo” (AURELI, 1939, p. 189). Deduz-se aqui que a bifurcação em questão se encontra acima da linha amarela desenhada no mapa acima, trata-se do momento em que surge o Ribeirão Coqueira, projetando-se em direção ao Roncador, enquanto o Borecaia segue sul. Se a coordenada de Aureli do dia 18/8 procedesse, estes iriam seguir o Ribeirão dos Patos que ruma sempre ao sul. Com isso, assume-se que o Rio Kuruá descrito por Willy é, contemporaneamente, o Rio Borecaia.

Retornando ao relato da expedição, a dinâmica da subida tornava imperativo levar menos carga. Portanto, conforme se levava a montaria com mantimentos, panelas e material cinematográfico (em cima da embarcação vinham Benedicto e Alberico), os demais avançavam paralelamente à margem. O esforço na marcha era tremendo e feito sempre de dia, com sol e temperatura média de 43 graus. O primeiro empecilho não demorou para ocorrer:

Não tardam os rochedos. Somos obrigados a carregar numa extensão de kilometro e meio, todo o material da embarcação, passar a canôa, regressar para buscar nosso equipamento; tudo isso sob a soalheira bravia, no meio de um cerrado agressivo, subindo e descendo, levando tombos com os sacos às costas. Logo adiante, outro rochedo, novo vae e vem fatigante (AURELI, 1939, p. 176).

Naquela noite, acamparam em uma pequena depressão perto de um dos rochedos. Com o intuito de evitar a detecção – e isso ocorreria ao longo de todo processo de subida e descida da Serra –, não se acendiam fogueiras e o cozimento era feito em brasas. Um dos integrantes, João Fumis, adoece com uma febre de 40,08 graus, e ficaria adoecido praticamente todo o percurso. Por conta disso, o peso que levava teria que ser distribuído entre os outros integrantes.

Nessa primeira noite de subida, Aureli narra a sua experiência, descrevendo a paisagem e os seres que a habitavam. É notável uma constante ansiedade que tomava os ânimos à noite:

O lugar é tétrico, feito para uma emboscada. Dormimos numa pequena área como que estivados. Nuvens de pernilongos nos atormentam. [...] Não sabemos o que acontecerá de uma hora para outra. Somos um punhado de homens num vastíssimo território desconhecido, demandando uma Cordilheira negada por muitos, pizando terras habitadas por uma das tribos mais ferozes da America.

[...] Como a floresta, o “campo” tem sua vida no reino da escuridão. Lobos que uivam prolongamente, onças que enchem o espaço com o seu ronquejar noturno, veados e cervos a romper a macega, antas que derrubam paus entrepitosamente, capivaras que roncam de medo [...] (AURELI, 1939, p. 177).

Nesse interim, entre a preparação do acampamento base e o início da subida da Serra do Roncador, uma série de periódicos publicam reportagens em tom de crítica à Piratininga. A seguir, vou expor uma série de exemplos que demonstram esse momento. O primeiro advém de *O Radical* (RJ) em 18/8 e com a manchete “Os tais ‘bandeirantes’ estão atirando nos índios”, ocupando 5% da página:

[...] É deveras curiosos o incidente narrado pelo referido telegrama, apontando circunstancias que em absoluto não condizem com a conducta dos nossos selvagens, fartamente apreciada pelos nossos mais abnegados sertanistas e insuspeitos estudiosos.

[...] Não é possível que o ataque tenha partido dos selvícolas. Desde Couto de Magalhães a Rondon, dois pioneiros authenticos do desbravamento das nossas mattas, ninguém até hoje, estudando o character do índio brasileiro, encontrou a faca da ingratidão.

[...] Se os índios “atacam” os nossos “bandeirantes” modernos, depois de obsequiados por estes, naturalmente, em seguida aos presentes, houve motivos que determinaram uma reação dos selvícolas...

[...] Esta espécie de bandeirantismo é um atentado à solidariedade humana, em cujos princípios se inspirou a catechese rondonica – um dos maiores empreendimentos de brasilidade que a história nacional registrou até hoje (OS TAIS..., 18 ago. 1938, p. 5)

Mantendo o argumento de o “ataque” indígena ser uma versão falsa do que teria realmente acontecido, *O Radical* (RJ), dois dias depois, publica uma entrevista com Rondon que, na ocasião, estava com 74 anos. A reportagem busca chamar a atenção, encontrando-se na primeira página, e ocupando praticamente 25% dela com uma grande foto de Rondon falando com o repórter, incluindo mais 25% da página seguinte. A manchete se utiliza do famoso lema e sumariza os tópicos: “‘Pode-se morrer, mas não se deve matar’; O general Rondon fala a ‘O Radical’ sobre as incursões de Bandeiras pseudo scientificas – o exemplo de catechese sem um

único tiro – contra a matte laranjeira⁶³ e as missões estrangeiras nas zonas fronteiriças” (PODE-SE..., 20 ago. 1938, p. 1):

As notícias vêm de lá, do coração do Brasil. Contando a tragedia que a selva assiste, manchada pelo sangue dos verdadeiros donos da terra, que se quer trucidar em nome da civilização.

[...] E os nossos patrícios índios é que são selvagens, recebendo rajadas de metralhadores de expedicionários chefiados por um cidadão Willi Aureli...

[...] -Não só essa Bandeira de Piratininga, - inicia o general Rondon – mas todas as expedições que procuraram penetrar no território dos Chavantes, usando taes processos, hão de ter a mesma morte. Querem invadir as terras dos índios à valentona...

[...] Ademais, em tudo que as notticias relatam há muita mentira, muita fantasia armada com o fito de impressionar.

Porque manda-nos dizer o que os índios fazem de reprovável, mas ocultam sempre o que a expedição fez antes dos índios...

[...] São expedições, e delas o General não exclue a Bandeira Piratininga, sem nenhum proposito humanitário ou constructor, mas levadas apenas por homens egoístas e aventureiros que vão tentar fortuna.

[...] E o general Rondon esclarece que elaborou um Codigo, pelo qual se impõe a proibição das incursões no interior, sem que antes sejam devidamente estudados os seus verdadeiros objetivos e para que os estrangeiros não venham aqui e daqui levam o que bem entendem para os seus paizes sem ao menos nos dar conhecimento.

Si a lei tivesse sido respeitada, não se acobertaria certamente com o rotulo de “científica”, uma aventura que almeja como único proposito as minas de ouro dos Martyrios.

[...] Mas queríamos transmitir hoje essas impressões do general Rondon. Contra as incursões selvagens da Bandeira Piratininga. Contra as missões estrangeiras de salesianos que dizem catechizar pensando na grandeza da Italia. Contra a Matte Laranjeira. Em defesa do Índio do Brasil (PODE-SE..., 20 ago. 1938, p. 1-2).

A entrevista de Rondon é muito interessante para esclarecer, em parte, sua opinião sobre movimentos para o interior que se encontravam fora do controle direto do Estado e, nesse caso, especialmente do SPI, que comenta ter perdido recursos para atuar após a revolução de 30. É notável que *O Radical* aumenta e adiciona conclusões que foram baseadas no que teria sido omitido pela Piratininga. Ao mesmo tempo que Rondon afirma “[...] em tudo que as notticias relatam há muita mentira, muita fantasia armada com o fito de impressionar”, o periódico ao qual concede entrevista utiliza-se de um vocabulário hiperbólico, como afirmar que a Bandeira estava atirando contra indígenas, inclusive com metralhadoras. Combinando a entrevista de

⁶³ “[...] a Mate Laranjeira foi um verdadeiro truste (multinacional), cujos “tentáculos se estenderam por todo o sul de Mato Grosso” e muito além. Essa empresa se formou, se firmou através da acumulação direta do seu comércio e indústria, dentro e fora do território brasileiro, bem como do caráter particular de seus sócios latino-americanos e de investidores ingleses. Sua característica monopolista, oligopolista, latifundiária de mercado e econômico-financeira fugiu à regra das demais indústrias brasileiras e latino-americanas de seu tempo. Manobrou a tal ponto que possuiu influência suficiente dentro e fora do Brasil para poder controlar a indústria e o comércio do Mate, em prejuízo, por exemplo, do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e de projetá-los com destaque na região das misiones em território argentino (SILVA, 1997, p. 43).

Rondon com essas críticas, encontra-se um discurso descredibilizador cujo objetivo é o encerramento da Piratininga.

Talvez o aspecto mais interessante dessa entrevista, que também foi realizada pela *Gazeta de Notícias* (RJ) e publicada dia 19/8, é o fato de em 1945 Rondon receber Aureli pessoalmente, instruindo-o e, posteriormente, pedindo-o para investigar uma denúncia de violência contra indígenas no Garimpo de Pium. Além de Rondon, Willy também conversaria com o Capitão Estigarribia (SPI), dissertando sobre hipóteses vinculadas às nascentes de alguns rios. O peculiar de todo esse movimento é uma relação inversamente proporcional: conforme a Piratininga “limpava” seu nome, diminuía sua publicidade na imprensa – muito provavelmente fruto da falta de polêmicas.

Como comentado, dia 19/8 a *Gazeta de Notícias* (RJ) também realiza e publica uma entrevista com Rondon, na sede do SPI. A reportagem ocupa praticamente a metade da primeira página e 25% da 9ª, tendo como objetivo valorizar os feitos do Marechal: “Rondon e a obra imensa e patriótica de proteção aos índios” (RONDON..., 19 ago. 1938, p. 1). A fala mais interessante, entretanto, vêm do diretor do SPI, Coronel Vasconcelos, que cita o decreto 5484 de 27 de junho de 1928. O periódico então traz os artigos 23, 24 e 25, que faziam referência aos crimes contra indígenas:

Art. 25. – invadir à mão armada as sesmarias ou quaisquer terras sob a posse dos índios, quer para hostilizá-los, quer para o fim de explorar os produtos naturais das ditas terras; cometer depredações ou violências contra arranchamentos, aldeias, povoações indígenas ou postos de serviços; aliciar gente para impedir, por qualquer meio de coação, a continuação da posse dos índios nas terras por eles ocupadas.

Pena de prisão cellular por um a três anos, além daquelas em que incorrer pela violência.

[...] -os serviços que dirijo solicitaram providências ao Estado maior do Exército, baseados nos dispositivos militares.

“Estas e outras “bandeiras” não são permitidas e não tem mesmo finalidades patrióticas!”

“Já em dezembro de 1937, reclamamos contra a incursão da “Bandeira Anhanguera”, que, como a “Piratininga”, exploram com o pressuposto patriótico das missões e penetram os sertões para assassinar os selvícolas indefesos” (RONDON..., 19 ago. 1938, p. 1).

O diretor, em determinado momento, comenta as condições de desamparo do SPI, reclamando justamente de sua presença em Goyaz, que era nula: “[...] nós não temos sequer um posto montado, em Goyaz, centro de grande nucleação selvícola. O de Matto Grosso, funciona em situação precária” (RONDON..., 19 ago. 1938, p. 12). Em relação à argumentação de Vasconcelos, é a primeira crítica a citar possibilidades de enquadramento penal das ações da

Piratininga. É justamente o diretor do SPI que avisaria o Ministro da Defesa, General Dutra que, por sua vez, notificaria Francisco Campos, o da Justiça. O caso todo, entretanto, demonstra a fraqueza do SPI de controlar ações privadas, como se vê em Vasconcelos e Rondon, critica-se a missão Salesiana e as Bandeiras Anhanguera e Piratininga, porém, essas realizaram/realizavam suas incursões, até com aval do CFEAC. A Piratininga, inclusive, com o pavilhão nacional entregue de forma representativa por Getúlio.

O próximo exemplo advém do *Diário de Notícias* (RJ), em 20/8. Um pequeno texto de menos de 5% de ocupação dentro da seção “Golpes de Vista”, uma coluna de opiniões não assinada. O conteúdo é curioso por abordar o assunto de forma aparentemente irônica, tornando um tanto difícil precisar o objetivo do trecho:

Esta “Bandeira Piratininga” está se revelando muito mais brilhante do que a princípio se queria supor. A sua partida para os sertões levantou as maiores resistências. Ainda há pouco o general Rondon opunha as suas reservas à invasão das suas queridas mattas por esses alegres bandeirantes que de índios não pareciam entender quanto o veterano sertanista, mas que foram logo descobrindo fabulosas guerras de Goytacazes, como aquelas que liamos na infância, nos compêndios de história do Brasil, para uso das escolas primárias. [...] Enfim divirtam-se rapazes, e não se esqueçam de trazer de volta o coronel Fawcett, que durante anos ninguém tinha conseguido encontrar... (GOLPES..., 25 ago. 1938, p. 4).

No mesmo dia, *O Imparcial* (RJ) publicou uma coluna escrita por José Vitorino, membro do Instituto Rondon, do Instituto Histórico de Mato Grosso e da Academia Matogrossense de Letras. Intitulada “Publicidade contra a verdade histórica”, a coluna do autor põe em dúvida todo o “ataque” xavante, fazendo-se valer de argumentos vinculados ao seu lugar de autoridade e conhecimento. De forma astuta, aponta os exageros que teriam vindo tanto da Piratininga quanto dos periódicos:

Não acredito na veracidade dos telegramas estampados com relação aos ataques dos selvícolas mattogrossenses à “Bandeira Piratininga”. Talvez seja apenas um pouco de publicidade. O ponto onde se acha actualmente a “bandeira” não é tão perigoso o quanto alguns vespertinos anunciam. A tarefa mais difícil da bandeira ainda não chegou e terão ainda que andar 60 kilometros para um ataque por parte dos indígenas mattogrossenses.

Exaltando o mérito dos expedicionários estão commettendo um gravíssimo erro: desfazendo o que o grande brasileiro general Rondon vem fazendo de há muitos anos. O que mais humilha é o seguinte: a falta de conhecimento dos costumes indígenas por parte dos elementos que integram a expedição.

Os que conhecem a história e os costumes dos indígenas mattogrossenses sabem perfeitamente os meios de penetração sem o perigo dos assaltos.

Na região onde se diz ter havido um combate entre a tribo e a “bandeira Piratininga” basta um simples gesto para evitar qualquer golpe dos selvícolas: “acompanhar-se de um sacerdote”

Que os vespertinos sensacionalistas procurem as opiniões dos mestres general Rondon, Virgílio Corrêa Filho, Lima Figueiredo, José de Mesquita e Frederico A. Rondon.

[...]Devo declarar: que os selvícolas mattogrossenses não são tão ferozes o quanto dizem. E se a “Bandeira Piratininga” deseja ir até o fim, que se faça acompanhar de um sacerdote e terá a sua aventura coroada de êxito (PUBLICIDADE..., 20 ago. 1938, p. 4).

A solução de caráter missionária/religiosa do autor é fortuitamente acompanhada pelo último exemplo. No dia 21/8, o periódico *A Cruz: Orgão da Parochia de S. João Baptista* (RJ) publica uma coluna na seção “Tópicos”, assinada por “J.G.S.”. Intitulada de “A Proposito das Bandeiras” e ocupando 5% da página, o autor expõe “o problema nacional da catequese do indígena” (A PROPOSITO..., 21 ago. 1938, p. 5) e a desconfiança frente à dificuldade de definir o escopo de ações da Piratininga. O conteúdo demonstra esse campo de disputa que se configurava o contato com indígenas:

[...] Deve-se, entretanto, fazer-se um reparo a respeito desse néo-bandeirantismo que hoje em dia se faz no Brasil.

Moços elegantes, com fartas mesadas pagas, sem aperturas econômicas, cansados talvez, do que lhes proporciona a civilização, largam-se para o interior, para o desconhecido, com a finalidade exclusiva de experimentarem as surpresas de aventuras perigosas

Munem-se de modernos aparelhos que a ciência lhes oferta, estações transmissoras e receptoras, maquinas para filmagem e muito material de guerra, e largam-se rumo ao reduto dos selvagens.

Julgam que dessa maneira estão fazendo obra nacionalista e humana.

[...] Essa noticia traz uma pergunta ao nosso espirito:

Qual é afinal, o objetivo dessa bandeira?

É uma bandeira científica?

É uma bandeira de colonização

É uma bandeira de catequese espiritual?

Em bôa verdade, não atinamos com a verdadeira finalidade dessa Bandeira.

O que está fazendo ela é ascendendo mais e mais a desconfiança e o rancor no espírito dos selvagens.

[...] O Governo deve levar em consideração esse grave problema social da catequese dos afastados da civilização, pois, do contrário, outras bandeiras se formarão para dar caça ao índio rebelde e desconfiado, agravando, de muito as relações entre a civilização e a barbaria (A PROPOSITO..., 21 ago. 1938, p. 5).

Às 6 horas do dia 24/8, a Piratininga retoma a subida da Serra, marchando sobre um cerrado de arbustos densos e altos o bastante para dificultar a localização e a manutenção de um curso em linha reta para o objetivo. Além disso, Willy comenta do constante perigo de um dos homens de se desviar e se perder dos demais. João Fumis, que estava doente, decide continuar a marcha, negando voltar para o acampamento base: “– Morrerei no caminho, mas

não retrocedo. Vim para ir à serra do Roncador e não será uma febrinha que me há de derrubar” (AURELI, 1939, p. 180).

Pelo final da manhã, os integrantes avistam um incêndio no horizonte que avançava gradualmente para onde estavam:

Quem terá ateadado fogo ao cerrado? Facil resposta: os índios. Novamente o methodo de encurralar pelo fogo. [...] Levo os homens mais para o lado do rio. Em caso de perigo, podemos atravessal-o com relativa facilidade. Desappareceu o dr. Kauffer. Perdemos uma hora à sua procura. Finalmente, resolvemos continuar sem o geólogo, que supomos ter seguido pela margem.

O incêndio avança e, com ele, o ar sufocante. Sahimos do cerrado e trilhamos quilômetros e mais quilômetros de campo (AURELI, 1939, p. 181).

Com o avanço do fogo, os expedicionários atravessam a margem do rio, ingressando em uma região de mata fechada, que demandava o constante uso de facões para abrir caminho. Nessas situações, Willy comenta da constante possibilidade de ferimentos, o que inclusive ocorre com ele:

Há momentos de desespero, quando um cipó engancha no correame, sustando brutalmente o impulso do avanço. Um “capim navalha” corta-me o pescoço, quase seccionando a artéria jugular. Estanco o sangue com a mão suja de limo das arvores. O suor queima como ferro em braza. Celso, que vem logo atraz, tira do bolso uma providencial garrafinha contendo álcool camphorado. Desinfecto o ferimento que tem um palmo de comprimento (AURELI, 1939, p. 182).

Nessa localização, a montaria seguia em frente, descendo o rio, dando eventuais dois tiros de aviso para anunciar sua posição, que era seguida pelos integrantes na margem. Além dos perigos do ambiente, estavam os ânimos irritadiços que surgiam conforme as dificuldades da marcha aumentavam. Eventuais conflitos entre os integrantes eram equilibrados com piadas ou brincadeiras:

O ethnographo (Tikamer), que não quer emprestar seu facão a ninguém, mesmo quando delle não faz uso, vae alargando a senda que o dr. Kaufer (geólogo e paleontólogo) abre empós o Aristeu. E de tal forma que, por um triz, não decepa a cabeça do paleontólogo! Há uma troca azeda de palavras entre os dois especialistas. O dr. Tikamer, que carrega o inseparável “armário”, fica abespinhado e brada:

– Eu sou “dr. em filosofia”! Tenho cinco diplomas e não sou garimpeiro nem escaphadrista!

[...] O philosopho está realmente furioso. Em dado momento, falhando-lhe um golpe, perde o equilíbrio e, ao peso medonho do “armário”, afunda no espinheiro, abrindo caminho aos demais... (AURELI, 1939, p. 183-184).

Por volta das 18 horas, os “bandeirantes” avistam o seu objetivo. Willy então descreve a comoção do grupo frente à paisagem, mencionando o êxtase produzido pela região

montanhosa. É interessante observar como Aureli modifica o tempo da narrativa do passado para o presente em momentos de maior emoção:

[...] Lombrigamos, muito ao longe, em toda a sua imponência, a serra do Roncador!

– Olha a serra! Olha a serra, pessoal!

– Viva o Roncador!

– Lá está a “bicha”!

– Viva! Viva!

Lá está o gigante, o escopo principal de nossa jornada! Rubra, ao reverbero do disco solar que se deita no horizonte, a serra emerge esplendorosa. Parece dar-nos as boas vindas. Para tanto emergiu na neblina que sempre a cerca.

Esquecendo a fadiga, boquiabertos, contemplamos o massivo que alcançaremos, custe o que custar! [...] Faz um anno que eu a vi nitidamente, da serra da Piedade, nas proximidades do rio Pindahyba. Faz um anno que inutilmente tentei alcançá-la. Mas agora lá está e o caminho aberto permite o acesso.

[...] A serra do Roncador é o thema obrigatório de todas as palestras. Estou certo de que sonharemos com ella... (AURELI, 1939, p. 184-185).

No amanhecer do dia 25/8, Aureli e alguns integrantes verificam um local em que se havia avistado fumaça branca, vista a possibilidade de um aldeamento indígena. Na posição nada é encontrado e pelas 11:30 o grupo retoma a marcha para o Roncador. Por conta de uma infecção na pele que atingiu as mãos e os pés, Henry Jullien, o cinematografista, substitui Alberico na montaria, podendo assim descansar. Após subirem uma encosta, encontram uma região de pradaria que é brevemente descrita por Willy:

Da aridez do cerrado, da queimada sem fim, passamos, numa transição brusca, à mais bela pradaria que é dado vêr! O capim de pouca altura parece um tapete de veludo esmeraldino. Lindos buritys, agrupados, expostos ao vento, parecem cabeleiras de gigantes. Densa restinga indica curso do rio e emoldura a campina em flor. Pequenas lagoas, circulares, reflectem uma nesga do céu. Milhares de rastros que se cruzam em todos os sentidos, dizem da opulência da caça.

– Que maravilha!

– Um verdadeiro deslumbramento!

– Olha que beleza!

Assim se expressam meus companheiros. A marcha torna-se mais commoda e é com verdadeiro prazer que nos sentimos mais desembaraçados (AURELI, 1939, p. 188).

Aproximando-se do final da tarde, a Piratininga alcança um ponto de encalhamento no rio Kuruá, ficando a montaria encalhada em uma parte rasa. O ponto em questão, com a nomenclatura atual, é quando o Rio Borecaia (Kuruá) se bifurca com o Ribeirão Coqueira. Hoje em dia, o município de Nova Nazaré se encontra próximo a essa localidade. Às 16 horas o grupo faz pouso em uma pequena ilha localizada no centro do rio. No local, deixaram a montaria e a

maior parte do material. A partir dessa posição, inicia-se um problema que acompanharia os expedicionários: a falta de água.

A água do rio tem péssimo gosto, mas estamos munidos de filtros. Um verdadeiro supplicio para quem tem sede chupar o cano de borracha.

– Anda tudo de mamadeira – diz Catony, sugando com força.

O pessoal desanda a entoar o câro “Periquitinho verde”, cujo estribilho termina em “Mamãe eu quero mamar”, canção carnavalesca que se torna uma espécie de marcha “oficial”... (AURELI, 1939, p. 189).

Na noite do mesmo dia, enquanto Aureli descansava em uma rede, uma das amarras se soltou e, na queda, Willy fraturou a clavícula esquerda. Sem muita alternativa de tratamento, “Collocam-me meia tonelada de esparadrapo, no hombro ferido e, enfaixado como uma múmia, ageitam-me entre duas caixas onde fico gemendo a noite toda, sem pregar olho” (AURELI, 1939, p. 190). Pela manhã, enquanto se deitava em uma cama improvisada, Aureli pede que dr. Kaufer e outros homens verificassem a direção e a distância aproximada do ponto mais alto da Serra do Roncador. No retorno, Kaufer anuncia uma distância de 30 quilômetros, com apenas expectativas de água no caminho. O geólogo foi de grande utilidade para a capacidade dos expedicionários de se localizarem e manterem curso.

É também no dia 25/8 que diferentes periódicos publicam a notícia enviada por Aureli na véspera da partida para o Roncador. Em grande parte das ocorrências recolhidas, o fato ocupa 5% ou menos da página, com a manchete tomando maior espaço. Ao que é indicado pelos jornais, a divulgação começou a partir da *Folha da Manhã*. Esse fato é importante para, novamente, demonstrar que o acervo digital não tem ou não acusou a presença dessas ocorrências. Duas notícias exemplificam o conteúdo e a forma como o evento foi publicado, uma pelo *Correio da Manhã* (RJ) e outra pelo *Diário de Pernambuco* (PE):

A Folha da Manhã divulga: “Foi iniciada a quarta etapa da “Bandeira Piratininga”. Das aguas caudalosas e turvas do rio Curuá, os expedicionários embrenharam-se no “Inferno Verde” do alto Curuá, em demanda da misteriosa cordilheira do Roncador [...].

Como complemento ao que noticiamos acima, esclarecemos ainda, segundo comunicação de Willy, que a jornada que esses modernos bandeirantes emprenderam é penosa e pontilhada de surpresas. Vão eles para o desconhecido, e não vão palmilhar, certamente, em estrada asfaltada [...] Nenhum vestígio humano encontrará Willy nessa caminhada para guiar-se a não ser a sua fé e coragem. São estas as ultimas palavras da comunicação.” (A BANDEIRA..., 25 ago. 1938. p. 9).

Foi recebida uma mensagem telegráfica do sr. Willy Aureli, chefe da bandeira Piratininga, que prossegue em busca da lendária cordilheira do Roncador, afim de desvendar o mysterio que a envolve. Os índios Chavantes continuam a procurar embargar a marcha da expedição. Esta já penetrou em um mundo desconhecido através dos rios Gorna e Porondé.

Dis a mensagem que tão cedo não poderá dar novas notícias (UMA MENSAGEM..., 25 ago. 1938, p. 1).

No dia 26/8, mesmo com os pedidos do subchefe para que houvesse mais tempo de descanso, Aureli inicia a parte mais difícil da subida. Pelos próximos quilômetros, atravessariam o cerrado sem qualquer certeza da presença de água à frente, tendo apenas o que os cantis suportavam. Além da carga individual, o material cinematográfico deveria ser carregado por três homens a cada 10 minutos, revezando o peso.

[...] Todos bebemos fartamente e enchemos os cantis.

– Vamos bancar os camellos: beber para oito dias...

– O que devemos fazer é economizar o mais possível a agua dos cantis – recomendo.

– Quando estiverem com sede, basta molhar os lábios. Lembrem-se de que a sede é uma das peores torturas.

[...] O cerrado estende-se até onde a vista alcança. Cada vez mais ralo e seco. Ficaram bem longe os taboacs e as mattas.

[...] Desaparece a vegetação e começa o deserto, quilômetros e quilômetros de chapada cheia de pequenos torrões que chagam a sola dos pés. O sol já vae alto e o chão arenosos esquenta com rapidez. Em breve caminhamos sobre um brazeiro (AURELI, 1939, p. 195).

Na primeira pausa, alguns homens já estavam sem água e Napoleão Bucchi começa a cavar uma cacimba, buscando alguma reserva subterrânea de água. A parada, que deveria durar duas horas, acaba sendo interrompida pela inutilidade do descanso a longo prazo, que apenas agravaria os problemas. Já nessa altura, alguns homens apresentam adoecimento, ferimentos e, no relacionamento do grupo, conflitos:

[...] Vou à testa da columna e alongo o passo. Tambem minha agua acabou-se. Sinto febre. O mesmo acontece com Fumis, cuja maleita ainda não abrandou. Depois de 50 minutos de marcha ordeno um descanso de 10 minutos. Todos se queixam:

– Chefe: o dr Tikamer (etnógrafo) não quer carregar o tripé, quando lhe cabe a vez.

– Nem a pá quer carregar...

– Será elle melhor que os outros?

Os homens estão raivosos. Physionomias transtornadas pela sede e pelo cansaço.

[...] – Silencio! Quanto ao senhor (Tikamer), ou carrega ou sofre as consequencias! E nunca mais se atreva a discutir uma ordem, compreendeu?

O “sábio” resolve alongar o braço e receber, do homem que o precede, a carga. O regulamento da “Bandeira” é bem claro e elle sabe que incorrer numa falta não é nada agradável (AURELI, 1939, p. 196)!

A dinâmica da marcha então se torna 50 minutos de caminhada e apenas 10 de descanso. Em determinado ponto, Aureli comenta sobre o cansaço e a dúvida que pairavam entre continuar ou voltar:

[...] Sinto a febre aumentar e a dôr do meu hombro atinge o máximo. Aperto os dentes e prossigo, já com a vista embaciada. É uma situação crítica: retroceder à procura de agua significa dar por terminada nossa penetração, porque a tortura se repetiria na nova tentativa. Avançar é penetrar cada vez mais no deserto, com poucas esperanças de matar a sede.

[...] Pode ser a morte de todos, e que morte! Mas vamos avançando já furiosos, alucinados quase. [...] Tenho pena de todos, mas que fazer (AURELI, 1939, p. 197)?

Por sorte, alcançam uma área com buritis, indicando a possibilidade de água. Após cavarem um metro, encontram o precioso líquido:

Que felicidade! Jamais néctar algum foi mais delicioso. Quando o lodo deposita no fundo podemos beber o liquido crystalino e fresco! Verdadeira orgia! [...]

Bastam poucos goles para experimentarmos súbita reação. Desapareceu por completo a irritabilidade de há pouco.

[...] A noite desce rápida, escura como breu. Nenhum barulho interrompe o silencio de chumbo. Aqui não há vida, mas a desolação total (AURELI, 1939, p. 198).

Às 8 horas do dia 28/8, a Bandeira inicia a subida da Serra do Roncador propriamente dita. A descrição da cadeia montanhosa acompanha uma interessante relação entre a idade da formação das rochas e a possibilidade de indícios de civilizações perdidas – notável exemplo do imaginário que constituía a compreensão da região ainda não mapeada:

O dr. Kaufer diz-me:

– E’ a única serra na America do Sul, que tem suas origens na éra plutônica. Todo o systema montanhoso, desde a Patagonia ao Alaska, é vulcânico. Ora, entre plutônico e vulcânico há distancia de milhares de anos. [...] Os que se batem pela idéa de um resto da Atlantida aqui em Mato Grosso, têm campo vastíssimo para melhorar seus estudos e, possivelmente, chegar a uma conclusão definitiva. [...] Sondagens e pesquisas poderão fazer surgir ao Mundo civilizado revelações de inacreditável valor. E’ bem possível que mesmo ruinas de civilizações, há milênios desaparecidas, sejam encontradas ao longo deste imenso paredão (AURELI, 1939, p. 199-200).

De acordo com Aureli, se encontravam à 719 metros de altitude, local em que decidiram hastear a bandeira nacional, em um arbusto mais alto. O ato teria envolvido uma pequena cerimônia. Além disso, Aureli diz ter batizado o planalto onde estavam de “Piratininga” e enterrou no local uma garrafa com uma mensagem. Esta, assim como em outros trechos, enfatiza a dimensão sacrificante do ato e o compreende como intimamente conectado com os anseios nacionais. Vista a importância do momento, citarei o material na íntegra:

E três “hurras”, vindos do mais fundo do nosso peito, saudam a bandeira. Somos os pigmeus que venceram o gigante, marcando-o com o emblema da Ordem e do Progresso, colorindo-o de verde e amarelo que se casa admiravelmente com a luz radiosa da manhã belíssima!

Procedemos, em seguida, ao “baptismo” do planalto onde estamos. “Piratininga” é seu nome e sel-o-à para sempre! Numa garrafa vazia por mim lacrada, encerro a seguinte mensagem, atestado de nossos feitos:

“A’s 10 e 20 horas do dia 28 de Agosto de 1938, o corpo de penetração da “Bandeira Piratininga”, composto pelos abaixo-assignados, alcançou este planalto que foi baptizado com o nome de “Piratininga”. Temos absoluta certeza de sermos os primeiros civilizados a galgar estas costas íngremes. Partimos de S.Paulo em 23 de Junho do corrente anno, directos ao ponto onde nos encontramos e que foi o escopo da “Bandeira”. Neste planalto hasteamos a bandeira nacional, oferecida à expedição por s. excia. O sr dr. Getulio Vargas, presidente da República. Aproveito o ensejo para consignar, nesta mensagem que aqui fica enterrada, o meu sincero agradecimento aos companheiros que comigo lutaram e supportaram todas as vicissitudes da jornada áspera e má! Esta expedição, moralmente patrocinada pelo jornal paulistano “Folha da Noite”, venceu todos os empecilhos com animo sereno, cumprindo à risca o prometido. Sêde, cansaço, fome, frio, sofrimentos phisicos e Moraes não alteraram o espirito altamente patriótico dos componenetes da “Bandeira Piratininga”, nem o espirito de sacrificio dos technicos estrangeiros que nos acompanham, amigos sinceros desta grande terra! Viva o Brasil! - Planalto Piratininga, Serra do Roncador, em 28 de Agosto de 1928. Willy Aureli- chefe; Aristeu Cunha- sub-chefe; Napoleão Bucchi, chefe do 1º núcleo; Lourival Deus Costa, chefe do segundo núcleo; José de Barros, José Eduardo Pinto de Freitas, Alberico Soares, José de Queiroz, Aldo Battigliotti, João Fumis, Henry Julien, Heinz Himmelreich, etonomologo; João Kaufer Wisniewky, geólogo e palentologo; Tikamer Saffka, ethnologo; Celso S. Rocha, Armando Gozzola, Tacio Cattony, Benedicto Arruda, Nelson Guimmarães, Benedicto Martins (AURELI, p. 201-202, 1939).

Esse evento começaria a ser noticiado na imprensa paulista e carioca entre os dias 31/8 e 2/9. Em boa parte dos casos, o fato foi publicado dentro da seção em que os periódicos relatavam as mensagens recebidas pelo governo paulista, razão pela qual se explica porque jornais que estavam criticando a Piratininga acabaram publicando essa informação. A exceção advém de *O Globo*, que noticiou o evento em forma de reportagem de fato:

IMAGEM 31 – O pavilhão brasileiro já tremula no Roncador!

O pavilhão brasileiro já tremula no Roncador!

Vencendo o deserto desconhecido, a Bandeira Piratininga conseguiu chegar ao mais alto cume da famosa cordilheira

Perdidos dois expedicionários — O tormento da sede — Willy Aureli fracturou a clavícula na perigosa ascensão — A volta



Willy Aureli, chefe da "Bandeira Piratininga"

Enquanto no mundo civilizado se discute espectaculosamente, e por vezes por entre expressões não muito imponentes e seguras a autoridade e o carácter ídolo da "Bandeira Piratininga", os heróicos expedicionários, vencendo os martírios elementares por que são perseguidos as peripetias de sua marcha pelas regiões mais altas da cordilheira do grupo "Andesland", vão realizando, ininterruptamente, a parte mais importante e perigosa de seu programa de descobrimento.

Na poucas horas, recebemos por intermédio da Rádio Paulista de São Paulo, a seguinte impressionante mensagem de Willy Aureli que, duas horas deixando as margens do Paraná com alguns dos seus associados companheiros, internara-se pelo espantoso deserto que circunda a cingida cordilheira do Roncador.

"Depois de perigosas e insuportáveis ascensões às 11 horas do dia de o mais alto cume do Roncador, onde hasteamos a Bandeira Nacional

(Conclui na pag. seguinte)

O GLOBO, 1938

É interessante apontar que, no subtítulo, temos "Willy Aureli fracturou a clavícula na perigosa ascensão". De fato, Aureli havia fraturado a clavícula, porém, caindo de uma rede. Ainda que em seu livro Willy tenha contado a real natureza da lesão, na reportagem lemos: "Estou com a clavícula do membro esquerdo fracturada em virtude de violenta pancada que senti quando escalava o Roncador" (O PAVILHÃO..., 31 ago. 1938, p. 2). Um jogo de palavras para omitir as circunstâncias, talvez, visto que caiu da rede na jornada para subir o Roncador?

Ainda em relação à publicidade desse momento, o *Correio Paulistano* (SP) exemplifica a forma como outros periódicos reportaram o ocorrido:

Do sr. Willy Aureli, chefe da expedição à Serra do Roncador, o sr. Adhemar de Barros, Interventor Federal, recebeu o seguinte telegrama:

“Deserto do Roncador, 30 – Exmo. Sr. Dr. Adhemar Barros, dd. V. exc. Que a “Bandeira Piratininga” alcançou a Serra do Roncador, após grandes padecimentos. Esta mensagem, envio-a até o acampamento por intermédio de uma canoá. Permaneço no deserto procurando alguns companheiros extraviados. Varios homens estão feridos e doentes. Cumprimos o prometido, realizando observações de grande valor. Respeitosas saudações” (PALACIO..., 1 set. 1938, p. 3).

O momento triunfal, entretanto, não dura muito, e às 13 horas iniciam a descida e volta ao acampamento na “Ilha de Capri”. Esse movimento de retorno se mostrou mais difícil que a subida, vistas as condições físicas dos integrantes, com todos apresentando algum tipo de ferimento ou mal-estar. O primeiro momento se constituiu de pequenos saltos e derrapagens para o sopé do elevado. Em determinado momento, Tacio Catony quase cai em um abismo:

[...] Tacio Catony falseia o pé e cáe num abysmo. Ficamos todos com o coração em suspenso. Mas a carabina do rapaz engancha, providencialmente, entre dois troncos e elle fica balouçando o tempo suficiente para firmar-se. Ainda em critica situação, sem perder a calma invejável, Tacio, que é aviador civil, grita para os companheiros cá em cima, todos de olhos esbogalhados:

– Viram que bello “Piquet”? Foi uma “queda em parafuso”... (AURELI, 1939, p. 203).

Ao chegarem no sopé, procedem até a cacimba que havia sido cavada anteriormente, ainda assim, não dispensavam qualquer possibilidade de hidratação:

[...] uns restos de agua estagnada, cheia de larvas, mas é agua! Afastam os vermes, sopra-se as larvas, sorve-se a agua morna. [...] Os rapazes consolam-se, pensando na imunização contra o typho a que se submeteram em S. Afugentando o espectro da infecção [...].

Depois, alcançamos a cacimba, bebendo a valer. Segue-se o desperdício: tomamos banho, refrescando a pelle (AURELI, 1939, p. 204).

Conforme reiniciam a marcha, Aristeu e Gozzola pedem permissão para buscarem caça de forma separada do grupo. Após serem indagados sobre a possibilidade de se perderem, Aristeu garantiu que não haveria problemas. Contudo, posteriormente, os homens se perderiam sendo salvos à beira do colapso. Conforme prossegue a narrativa da marcha, Willy descreve a situação dos homens naquele momento:

[...] As longas marchas, o terreno acidentado, o calor infernal, a fricção da areia que entra pelo cano das botas, depositando-se nos tornozelos e nos calcanhares, dilacera os pés. Já dois homens, não mais suportando o supplicio do calçado, trazem as botas suspensas nos hombros e exhibem os artelhos inferiores inchados, violáceos.

Outros, sem se despojarem dos sapatões, abrem largas fendas lateraes com as facas, para desafogo das inflamações (AURELI, 1939, p. 205).

Com o aproximar do entardecer, às 17 horas, Aureli comenta de uma problemática que tornou a volta mais difícil: localizar-se. Na ida, a Serra do Roncador oferecia clara direção no caminho entre os areões e o cerrado, contudo, a direção oposta oferecia apenas um vasto horizonte, forçando-os a se guiarem por estrelas e bússolas que forneciam direções aproximadas em uma região e em um estado que não permitia *detours*:

Só quem já foi obrigado a andar com os pés chagados, num terreno acidentado, carregando pesado equipamento, póde calcular, em sua justa medida, o nosso sofrimento. Os dois companheiros descalços seguiam aos pulinhos, como quem “pisa sobre ovos”. Todas as pragas eram endereçadas a esses montículos que se esfarelavam sob nossos pés.

Augmentei os descansos para 15 minutos e, atenuando a dór que as pesadas machinas cinematográficas provocavam nos hombros machucadas, mandava mudal-as cada sete minutos. Com a lanterna electrica procurava, naquele sólo inimigo, uma senda mais plana (AURELI, 1939, p. 207).

Por volta das 21 horas, os “bandeirantes” avistam um incêndio iluminando a noite. O evento gerou toda ordem de especulações, pensando-se que as chamas eram um sinal de Aristeu e Gozzola, criado pelos indígenas, ou de simples causa natural. A marcha noturna prosseguiu até as energias se esgotarem, ação realizada com as esperanças de alcançarem o acampamento na manhã do dia seguinte:

Nelson cáe num buraco e desloca o pé direito. Henry vem se arrastando como póde. Tacio não anda mais. Queiroz está bastante atrasado e, com elle, o nosso guia (Benedicto), que o ampara. Quasi todos manquejam e arfam. Lourival distribue pedaços de esparadapro para os ferimentos. São 23 horas. Mando descansar 20 minutos. [...] Tinha resolvido marchar a noite toda para alcançar o pouso pela manhã. Mas nenhuma força humana poderia infundir energias aos rapazes.

[...] A marcha nocturna resultou num fracasso completo. Si o frescor da noite mitigou a sede o terreno acidentado estropiou-nos (AURELI, 1939, p. 209)!

Na manhã do dia 29/8, retomam a marcha. Com a luz do dia, a direção era tomada pelo movimento solar e a derivação de 22 graus na bússola. Entretanto, suspeitava-se que o terreno ou outros fatores estavam causando interferência. Alguns integrantes sugeriam caminhos opostos e Kaufer, o geólogo, e Tikkammer, o etnógrafo, discordavam das direções a serem tomadas. Por volta das 9 horas, encontram um pequeno curso d’água que brevemente acreditavam ser o Ribeirão que bifurcaria a partir do Kuruá – era, entretanto, apenas um pequeno riacho. Em meio à sede e os sofrimentos físicos, os períodos de descanso acompanhavam eventuais piadas:

[...] Nelson garante que reeditará o veado com molho de tomate. A agua cresce na bocca de todos.

– Tá-hi, uma descoberta! Quando estivermos com muita sede, é so falar num quitute. Aparece agua na bocca da gente e mata-se a sêde.

– Trata de tirar patente do envento... Vae ser o “Numero 1” deste zona... (AURELI, 1939, p. 215).

Pelas 10 horas, seguindo o caminho no cerrado e continuamente atormentado por “um sexto sentido me previne que estamos perdidos [...] recalco, porém, o tormento e reclamo do meu instinto uma indicação acertada” (AURELI, 1939, p. 216), Willy tem a marcha interrompida. Queiroz, que estava sendo amparado por Benedicto, desmaia no fundo da coluna:

– Está com uma língua inchada – diz o guia, que o vinha amparando.

– Já viu os pés delle, chefe? – intervem Benedicto [...]

Os pés do rapaz estão num estado miserando. Grossas bolhas de agua e pús nos calcanhares. Artelhos chagados.

Tratamos de carregar o companheiro. Barros também sente-se mal. Arranca uma bota e olha para o pé, que mais parece uma mortadela.

[...] A situação é má termos que carregal-o. Uma carga espantosa para nós, no estado de fraqueza em que nos encontramos (AURELI, 1939, p. 218).

Uma hora da tarde e Aureli descreve os expedicionários em estado cada vez pior, ao ponto de não aguentarem mais carregar Queiroz na rede:

[...] A cabeça parece querer explodir embaixo dos capacetes. Todas as vontades afrouxam. Os gestos dos meus homens são grotescos. Balouçam os corpos, trocam as pernas como bêbados, oscilam para frente e para traz na imminencia de cair.

[...] O ferido foi largado. Acerco-me da rêde e digo:

– Vamos rapaz! Um pouco de bôa vontade. Você não pôde sacrificar mais seus companheiros!

Sou injusto, reconheço, mas ninguém podia mais com a carga. Prolongar a espantosa fadiga seria anular todos os esforços e baquear de vez.

Queiroz levanta-se, cambaleando. Henry e Fumis seguram-n’o pelas axillas e avançam, passo a passo [...] (AURELI, 1939, p. 221-222).

Conforme seguem, Lourival e outros seis integrantes se desviam do grupo, sumindo no cerrado. Aureli não se preocupa em demasia, por Lourival ser “do Norte e já experimentou a caatinga temível” (AURELI, 1939, p. 222). Pelas 15 horas, chegam em um espaço onde esperavam encontrar água por conta da presença de mata verde. A esperança, entretanto, não se cumpre. Na situação, Willy descreve um momento de desespero:

[...] Ninguem chora de desespero, porque não existem lagrimas. Ninguem se lamenta, porque não há força para tanto.

[...] – Firmes, companheiros! – digo. – Firmes, que venceremos! Não podemos estar longe do rio!

– Eu também acho que a distancia não é tão grande – diz o dr. Kaufer, que se mantém tranquilo com grande esforço.

Sabem de uma coisa? – intervem um dos rapazes. -Melhor é metter uma bala na cabeça!

– Seguro-o pela fralda da camisa e, olhando-o nos olhos, tento reanimal-o:

– Um homem que se deixa levar pelo desespero, é um homem perdido! Você parece criança! Nunca leu sobre os tormentos da Legião Estrangeira? Pois bem: isto é “café pequeno”!

Elle sorri, mas noto em seu olhar um brilho estranho. Outros têm o mesmo olhar, Santo Deus, estaremos à porta da loucura (AURELI, 1939, p. 223-224)?

Logo avistam um espigão com mata densa, novo anúncio de água. Conforme avançam sem cautela, Aureli atravessa alguns arbustos e se bate contra um ninho de marimbondos. O enxame então atinge os integrantes que se atiram e rolam no chão para escapar das picadas. O riacho com o qual se deparam no processo se encontra seco “Quedamos em silencio longos minutos. Todos nos odiamos reciprocamente. Ninguém se entreolha, mas desvia o olhar ou cerra as pálpebras” (AURELI, 1939, p. 224-225). Por conta do estado do grupo, Willy decide seguir o riacho seco com Heinz, o entomólogo, na busca por água, e pede aos demais que sigam a direção conforme se sintam descansados. Em certa altura, escutam tiros de aviso e, ao seguirem na direção, encontram Lourival e os outros seis homens, porém, sem água também.

Mesmo agrupados, o grupo de Lourival mantém-se na dianteira, em constante procura por água. Em certo ponto anunciam a presença de buritis com tiros de aviso. Conforme Napoleão cava uma cacimba, conseguem achar uma grande poça repleta de vermes e limo cuja água “ninguém se atreve a beber” (AURELI, 1939, p. 228). Momentos depois, Napoleão volta com um pouco de lama para Aureli e anuncia que os demais “Beber não beberam... mas comer lama, comeram!” (AURELI, 1939, p. 229). Por sorte o buraco cavado verte um pouco de água que é bebida após ser filtrada. Posteriormente escutam tiros de avisos de Heinz, que volta com um cantil cheio d’água, anunciando ter encontrado o Kuruá, dando assim, claras evidências da proximidade com o acampamento. Seguindo a direção, pelo entardecer, os integrantes do grupo de subida estão de volta ao acampamento, faltando apenas Aristeu e Gozzola, que haviam se desviado do grupo na busca por caça.

Findou o martyrio, que não desejo ao meu peor inimigo! Já um alegre fogo faz borbulhar a agua da panella. O café reanima e faz que se aguarde calmamente o jantar!

Depois da refeição e do repouso, Lourival e Alberico desejam subir até o acampamento da ilhota (local onde deixaram a montaria por conta de o ribeirão ser muito raso) para se juntar ao Aristeu e Gozzola e regressar com eles, trazendo a

montaria e os mantimentos, lá deixados. Conhecem o caminho e não há perigo (AURELI, 1939, p. 231).

No regresso, infelizmente, não encontram os dois homens, o que forçou Aureli a dividir o movimento de regresso ao acampamento prévio no Rio das Mortes em dois. No local, ficariam Willy, Nelson, Alberico, Celso, Lourival e Benedicto. Os demais deveriam, sob o comando de Napoleão Bucchi, regressar até a Ilha de Capri, onde estava Moacyr (telegrafista), Arutana e Oscar. Na ocasião, Aureli escreve mensagens com o conteúdo que deveria ser enviado por rádio: “que serão transmitidas ao Presidente da República, ao Interventor de São Paulo, dr. Adhemar Barros, e à redacção do meu jornal.” (AURELI, 1939, p. 232).

Pela manhã do dia 30/8, após se despedirem do grupo de regresso, Aureli e os demais iniciam uma busca com rumo incerto:

Regressar ao Deserto, penetrar novamente naquele Inferno, não alegra nossos corações. De mais a mais, teremos que proceder como cegos, pois nenhum indício guia nossos passos. [...] O rumo é ótimo, pois a matta cessa justamente onde os morros começam. Atiramos espaçadamente e, dessa forma, recebemos resposta. Assim guiamos os passos dos dois extraviados.

Eil-os que surgem finalmente em estado lastimável. Rostos escavados, olhar esgazeado, roupas rôtas, pés inchados, epiderme oleosa. Estão tão cansados que não demonstram nenhuma alegria. Bebem, sôfregos, a agua que lhes oferecemos. As explicações serão dadas no acampamento, que demandamos sem tardança, visto que a noite se aproxima (AURELI, 1939, p. 234-235).

No acampamento, Aristeu explica que depois de se perder, ele e Gozola começaram a buscar água, a ponto de chegarem em um ponto mais afastado do Kuruá. No outro dia seguiram o rumo até ouvirem os tiros de aviso e se reencontrarem com Aureli. Com os integrantes agrupados, voltam ao acampamento, planejando encontrar os outros expedicionários na Ilha de Capri. Às 17 horas do dia 31/8 alcançam o local. Além de abraçarem e comemorarem o retorno com todos os demais, Aureli recebe notícias das críticas que haviam sido publicadas até aquele dia:

Depois de tantos dias de separação, abraço o telegrafista, Arutana e Oscar. Tudo está em ordem. Moacyr comunica-me ter enviado os rádios e ter recebido outros. E desfecha esta nova:

– Chefe: estamos levando “pau” lá no Rio de Janeiro. Dizem que andamos chacinando índios a torto e direito e depredamos a “Propriedade” dos selvícolas...

Olho estarecido para o radio-telegraphista, julgando a principio, uma pilheria de mau gosto. Mas em breve tenho certeza absoluta. Profundamente aborrecido, reúno os homens e explano:

– Recebemos “boa recompensa” de nossos esforços e sacrifícios: estamos sendo apontados como aventureiros matadores de índios!

A indignação é geral. Pragas chovem de todos os lados.

– Calma, rapaziada – intervenho. – Deve haver algum “qui-pro-quo”. Em todo caso, depois de tanto pensar, esperava melhores notícias...

[...] Tento comer, mas os alimentos não me descem pela garganta. As más notícias envenenaram o prazer de estarmos de novo todos juntos.

A’ noite, novos despachos. Moacyr vem radiante:

– Boas novas, chefe! Olhe aqui!

São os rádios da Presidência da Republica e do dr. Adhemar de Barros, que se congratulam com o nosso sucesso.

Desfazem-se, como num sopro, as nuvens negras. Leio os despachos aos rapazes, que vivam os nomes dos srs. Getulio Vargas e Adhemar de Barros.

– Deixem caluniar à vontade, agora! A justiça está sendo feita!

Nessa noite não consigo conciliar o somno (AURELI, 1939, p. 238).

Entre os dias 31/8 e o início de setembro, as críticas à Piratininga chegam ao seu ponto culminante, com periódicos cariocas à frente, especialmente o *Correio da Manhã* e o *Diário Carioca*. São deles os exemplos mais contundentes desse momento, que são equilibrados por uma defesa – infelizmente hoje praticamente ilegível no acervo do jornal – de *O Globo*. Em uma reportagem de 30/8, *O Globo* publica: “Críticas da cidade à epopéia das selvas...: Enquanto avançam entre perigos os pioneiros da Marcha para o Oeste, discute-se no Rio a autoridade dos novos bandeirantes!”⁶⁴. No texto, o sr. Campos Porto, Presidente do CFEAC, apresenta todo o processo de avaliação da Bandeira antes da expedição de 38. O objetivo aparente foi esclarecer e defender a legitimidade da Piratininga, comentando que, além da votação com apenas um voto contra, o de Heloisa Torres⁶⁵, autoridades do Estado e a presença de cientistas fortaleciam a aprovação.

Quando observamos o *Correio da Manhã* de 27/8, percebemos como a resposta d’*O Globo* fora motivada. Naquele dia, o periódico publicou: “Cada vez mais inquietos pelo receio de uma desforra dos civilizados os índios Chavantes: Como a sra. Heloisa Torres impugnou a licença concedida à Bandeira Piratininga”. A reportagem teve como objetivo expor, na íntegra, o voto de parecer contrário de Heloisa Torres, membro do CFECA, para a Piratininga. O principal argumento advém de três fatores: 1) a primeira expedição da Piratininga, a partir da qual Aureli declarou ter recolhido material etnográfico e realizado estudos, não havia sido licenciada pelo conselho; 2) os estudos e material não haviam sido referenciados, mostrados ou publicados; 3) o espaço a ser explorado, por ser território dos xavantes, potencializava um

⁶⁴ CRITICAS da cidade à epopéia das selvas... . *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 ago. 1938, p. 3.

⁶⁵ Heloísa Alberto Torres foi diretora do Museu Nacional entre 1938-1955. A etnógrafa formada por Edgar Roquette-Pinto foi um importante personagem na História da Ciência no Brasil, especialmente pelas mediações com instituições internacionais (EWBANK, 2017).

agravamento nas relações de pacificação, assim como violência contra indígenas. O voto de Heloisa foi o único contra a Piratininga e, portanto, é utilizado na reportagem como algo profético, que já teria vislumbrado os problemas provocados pelos expedicionários:

As previsões de resultado científico seguro que, além dos outros motivos acima expostos, constituíram a justificativa do Conselho de Fiscalização em permitir, no caso do Departamento de Cultura, uma expedição que o Serviço de Proteção aos Índios não autorizava, não amparam, no caso presente, uma decisão análoga. É certo que o Serviço de Proteção não se manifestou, junto ao Conselho, de forma negativa com respeito à “Bandeira Piratininga”, mas unicamente porque não foi ouvido.

Para terminar: não se pretende aqui advogar a segurança e defesa dos expedicionários que empreendem a excursão deliberadamente e com conhecimento de causa, mas a segurança e defesa dos nossos selvícolas, actualmente quase que ao desamparo dos poderes públicos e tendo a seu favor pouco mais que o apoio de homens de cultura e de sentimentos humanitários para garantir-lhes o uso pleno das terras que lhes pertencem.

Sou de parecer que se negue a licença solicitada. Rio de Janeiro, 28 de abril de 1938. – Heloisa Alberto Torres.”

O Conselho, entretanto, deu a licença. Agora, porém, os factos parecem dar razão à senhora Heloisa Alberto Torres (CADA..., 27 ago. 1938, p. 3).

No dia 2/9, o *Diário Carioca* (RJ) comemora o momento em que o ministro da Guerra, Gaspar Dutra, envia para Francisco Campos um pedido para que a Piratininga tenha suas ações suspensas. A reportagem ocupou 25% da primeira página. O título e o conteúdo são apelativos e deliberadamente criaram fatos para sustentar a ação do ministro: “Terminou a História Aventurosa da Bandeira Piratininga: “Deturpando o sentido patriótico da “Marcha para o Oeste” – os bandeirantes atacam os índios Chavantes – sede de sensacionalismo!”.

As aventuras da Bandeira Piratininga no interior de Matto Grosso estão merecendo as atenções das autoridades brasileiras. É evidente que o objetivo desse grupo de excursionistas é fazer sensacionalismo tendo o presidente Getulio Vargas anunciado, em discurso proferido no início deste anno, que seria ampliado o mercado interno do Brasil, e dado novo rumo à nossa civilização através da “Marcha para o Oeste”. Os homens daquela expedição resolveram aproveitar-se do ambiente geral de sympathias despertado pelo “rush” em busca desse novo “El Dorado” nacional. Por isso pediram ao presidente da Republica que lhes desse uma bandeira brasileira para ser hasteada no alto da Serra do Roncador.

Infelizmente a Bandeira Piratininga não tinha em vista nenhum objetivo patriótico. Seu único intuito era conseguir publicidade sensacionalista entorno de suas aventuras pelo interior. Para melhor documentar o seu heroísmo, os novos bandeirantes resolveram contar terríveis historias de suas lutas com os Chavantes. Nesse sentido, foram divulgados combates encarniçados, que se prolongaram durante dias e noites inteiros. No fim dessas narrativas belicosas, nenhum bandeirante aparecia morto ou ferido, tendo os selvícolas fugindo com grandes baixas...

[...] O general Eurico Dutra tomou o pedido na devida consideração, tendo enviado um aviso, que tomou o n. 105 (ilegível) da pasta da Justiça. Nesse documento, o ministro da Guerra solicita providencias junto aos governos de São Paulo, Goyaz e Matto Grosso, no sentido de que a Bandeira Piratininga, chefiada por um estrangeiro de nome Willy Aurelli, seja compelida a suspender suas incursões e agressões às propriedades e pessoas dos índios Chavantes.

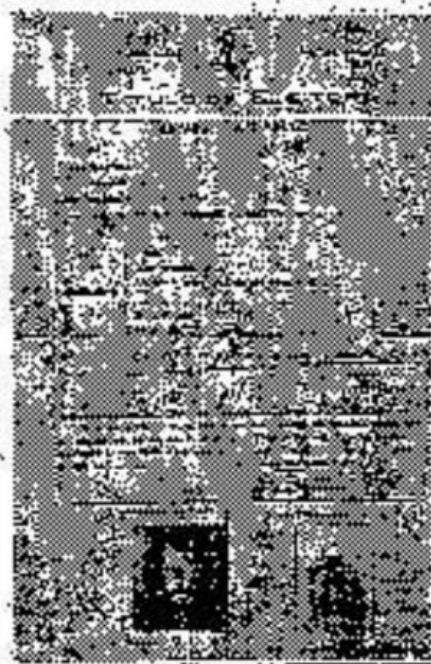
Dessa forma terminou com um enérgico correctivo a aventureira sortida da Bandeira Piratininga... (TERMINOU..., 2 set. 1938, p. 1).

Como é possível notar, depois de o leitor se deparar com as versões prévias dos eventos conflituosos da Piratininga e xavantes, a reportagem representa a violência dos episódios de maneira criativa e inclusive afirmando que Aureli era um estrangeiro. Em defesa de Willy, se coloca novamente O Globo e também o Sindicato dos Jornalistas. Em reportagem do dia 6/9, o periódico publica: “Brasileiro o chefe da Bandeira Piratininga: o título eleitoral de Willy Aureli é mais uma prova decisiva de sua nacionalidade”, acompanhando texto e a foto do título. Além de provar a nacionalidade de Aureli, o conteúdo também aborda as origens de outros membros da expedição: “topographo Luiz Accioly Lopes, membro licenciado da Comissão de Limites do Sector, vinculado por parentescos à família do general Goes Monteiro [...]” (BRASILEIRO..., 6 set. 1938, p. 6). A publicação ocupou 10% da segunda página do periódico. Está, também, em grande parte ilegível:

IMAGEM 32 – Brasileiro o chefe da Bandeira Piratininga

Brasileiro o chefe da Bandeira Piratininga

O título eleitoral de Willy Aureli é mais uma prova decisiva de sua nacionalidade



“Fac-símile” do título eleitoral de Willy Aureli, chefe da “Bandeira Piratininga”

“1ª zona, Capital — Título eleitoral, Moçca — N. de ordem da inscrição, 3920 — Data da inscrição, 20 de março de 1938 — Nome e sobrenome do titular (proprietário), Willy Aureli — Filiação, Augusto Aureli — Nacionalidade, Santa, S. Paulo — Idade, 34 anos — Data de nascimento, 18 de junho de 1903 — Estado civil, casado — Profissão, jornalista”.

**Solidário com Willy Aureli
o Sindicato dos Jornalistas**

S. PAULO, 3 (Especial para O GLOBO) — Willy Aureli, além de sócio da Associação Paulista de Imprensa, encontra-se na direção do Sindicato de Jornalistas, como membro da comissão executiva licenciado em virtude da expedição à Serra do Boncañor. O Sindicato dos Jornalistas está solidário com seu sócio diretor.

HOJE,

O GLOBO, 1938

No dia 31/8, quando boa parte da Bandeira se reagrupa na “Ilha de Capri”, Moacyr Vieira de Mello, o radiotelegrafista, entrega um relatório diário do período entre os dias 24/8 e 29/8 para Aureli. O relato descreve as atividades e eventos do período em que Moacyr, Arutana e Oscar estiveram guardando o acampamento e é marcado por reclamações acerca do ambiente, especialmente os mosquitos, e uma constante preocupação com indígenas que apareciam na margem do Mortes eventualmente:

Dia 26 de Agosto – o calor e os “piuns” cada vez piores! Este suposto “Paraíso” torna-se verdadeiro Inferno. [...] A força de leão que fazemos para que a melancolia não se apose de nós, é incrível. Arutana avisa-me estar suspeitando da presença de chavantes na margem direita. Ouviu certos barulhos que elle conhece como sendo de

“gente”. [...] Às 20 horas entro em contato com Rio Preto. Recebo comunicações, entre ellas uma de minha noiva, coisa essa que me dá vontade de fabricar uma canôa e sahir daquilo feito um raio!

[...] Se alguém se atrever a assegurar que isto aqui é o tal “Paraizo”, juro que sou capaz de matal-o! É calor, é mosquito, é formiga, é tudo! Estou certo que ao abandonar a ilha, terei pago todos os meus pecados!

[...] Dia 28 de Agosto – A escolha, feita pelo chefe, dos homens que deveriam ficar na ilha, foi, ao meu ver, péssima. Não sou amigo de prosear, mas uma palestrazinha, aprecio-a sinceramente. Oscar não fala. Raramente diz uma ou outra palavra. Arutana então ... Fico eu falando sosinho! Oscar só murmura algo de duas em duas horas. O que elle tem é muita impertinência, isso sim! Calo-me para não discutir.

[...] De dia, calor e “piuns” que não dão descanso; de noite suspeitas que esses “diabos” andem com “coisas” na cachola. A preocupação de Arutana faz avolumar a nossa apreensão. Ora bolas (AURELI, 1939, p. 240-242)!

Após apresentar o relatório, não sendo ele na íntegra, Aureli explica a razão de registrá-lo em seu livro:

[...] Se dou à publicidade parte do diário, é para que todos possam avaliar quantos e quaes os sacrificios suportados pelos rapazes da “Bandeira Piratininga” e, ao mesmo tempo para se observar a mudança de character que se opera num homem isolado no sertão bruto. Como prova documental contra insinuações menos elegantes, o diário do meu bom companheiro de jornada vale ouro (AURELI, 1939, p. 243)!

Willy não torna muito claro o dia da partida da “Ilha de Capri”, porém, os “bandeirantes” já se encontravam descendo o Mortes em 2/0, dia em que encontram o batelão da Missão Salesiana do Padre Chovelon. Na ocasião, o salesiano afirma ter tentado contato com os xavantes na praia onde a Piratininga havia encontrado o aldeamento, porém sem sucesso. No batelão também estava um espanhol, ao qual Moacyr se referiu no seu relatório como “irmão leigo”. Quando encontrou Moacyr, Arutana e Oscar, teria mencionado os “certos boatos ouvidos algures de que o pessoal da “Bandeira Piratininga” jurará, em Leopoldina, fazer barulho caso encontrasse os barcos da Missão hasteando um pavilhão que não fosse nacional” (AURELI, 1939, p. 240). Em determinado momento, quando o “Irmão leigo” tirava fotos dos “bandeirantes”, Aureli, provavelmente descontando sua vontade de direito de resposta no espanhol, teria dito:

– Lamento muitíssimo, meu caro amigo, que tenha tido a pouca habilidade de fazer um julgamento precipitado e injusto com respeito à rapaziada da “Bandeira”. Aqui estão eles. São cavalheiros, conforme viu em Leopoldina, neste rio, e como pôde vêr agora!

– Mas... yo digo... los otros son los que...

– Deixe os outros em paz. Também eu tenho ouvido coisas pouco lisonjeiras e jamais prestei ouvidos a semelhantes baboseiras!

O homenzinho fica rubro como um tomate maduro. Esquece-se de tirar a fotografia e fecha lentamente a samphona da machina. [...] (AURELI, 1939, p. 243-244).

Provavelmente pelo início da tarde do dia 2/9, todos os expedicionários se encontraram reunidos na “Ilha do Destaque/Ilha da Separação”, local em que haviam ficado oito homens, três feridos (Luiz Accioly, Francisco Whitaker e Raul Rodrigues), o médico, dr. Diniz, o Carajá Taraúna, primo de Arutana, Renato Pauperio, João Vasconcellos e Aristeu, o mecânico. Para relembra-los, Accioly havia sido ferido por uma arraia-fogo, Francisco sofrera de problemas intestinais e Raul fora operado duas vezes por um ferimento no pé. A ocasião do reencontro foi motivo de grande alegria:

Todos querem saber novidades. Os “Vinte do Roncador” estufam os peitos, assumem ares de veteranos e narram as aventuras. Há, nos olhos dos que ficaram, certa inveja, aliás compreensível.

[...] Após a refeição, mando armar acampamento na praia. Até às 21 horas, quando o clarim anuncia a hora do silêncio, entre o pouso dos “residentes” e as barracas dos recém-chegados, há um vae-e-vem constante. Troca de amabilidades: café, chá. “Pinguinhas”. Depois o descanso merecido (AURELI, 1939, p. 246).

Assim como Moacyr havia escrito e entregue um relatório a Aureli, Luiz Accioly realizou o mesmo. Seu “diário” abrange os dias 11/8 a 5/9, tratando basicamente das atividades no acampamento e pequenas incursões à mata para adquirir madeira e explorar as cercanias. Nesse período, os expedicionários tentaram consertar, mas sem sucesso, a lancha “Arca de Noé”, assim como construir uma canoa, que também não deu frutos. Um evento interessante ocorreu no dia 31/8, quando quatro homens da missão salesiana são avistados em um péssimo estado:

[...] aportava uma canoa com quatro homens da Missão Salesiana. Vinham num estado miserando, mortos de fome. Não trazem mantimentos nem armamentos! Tiveram uma desinteligência com o padre Chovelon e narram os acontecimentos. O facto é que foram dispensados sem nada! Devoram o resto do nosso jantar. [...] Estes homens estão a muitos dias de viagem de qualquer ponto onde possam encontrar socorro imediato! [...] Logo pela madrugada os quatro visitantes rumam para o Araguaya (AURELI, 1939, p. 250).

Nos dias 5 e 6 de setembro, breves chuvas forçam o descanso prolongado no acampamento e, no dia 7, os “bandeirantes” comemoram o Sete de Setembro com uma cerimônia:

Hoje, Sete de Setembro, hasteamos a Bandeira Nacional com toda a solenidade. Inauguramos o “Pouso Adhemar de Barros”. Faço uma preleção rememorando a data. Depois distribuo prêmios que cabem aos homens cujas armas se apresentam limpas e equipamentos melhor conservados (AURELI, 1939, p. 253).

No mesmo dia, *O Radical* (RJ) publica uma entrevista com Rondon com a manchete na primeira página, ocupando 10% da folha: “Aventureiros: É como o general Rondon classifica

os expedicionários da Bandeira Piratininga” (*O Radical*, 1938, p. 1). Quanto ao conteúdo, não se diferencia muito dos argumentos já presentes nos exemplos anteriores. Porém, demonstram como o assunto, especialmente na imprensa carioca, motivou uma série de reportagens que ocuparam mais espaço e inclusive manchetes de primeira página. A notícia de *O Radical* é marcada por uma “criatividade” semelhante ao *Correio da Manhã* (RJ), utilizando apenas um parágrafo na íntegra com a fala de Rondon, sendo a maior parte representada pela opinião de quem escreveu o artigo:

Como foi fartamente divulgado pela imprensa, essa bandeira, bem armada e municada, procurou penetrar violentamente em terras ocupadas pelos índios Chavantes, metralhando em massa os selvícolas, com flagrante violação das normas de há muito adoptadas pelo nosso governo no tratamento dos indígenas.

Além do que, nem todos os componentes da expedição são brasileiros, e os propósitos científicos tão anunciados, não se encontram até agora perfeitamente definidos (AVENTUREIROS, 7 set. 1938, p. 1).

Um aspecto a ser destacado nessa notícia é sua menção aos periódicos que defendiam a Piratininga, reclamação recorrente em jornais que tomaram uma postura crítica. Entretanto, não citam o nome dos periódicos em questão:

É estranho, contudo, que não querendo reconhecer a verdade e preferindo cultivar a morbidez sensacionalista que lhe é característica, certa imprensa procura investir contra o ministro da Guerra e tenta manobras de intriga que não terão outro resultado senão de incompatibilizar-a com a opinião pública, toda ella solidaria com os termos do aviso e revoltada ante as atrocidades cometidas pelos civilizados, em nome da civilização (AVENTUREIROS, 7 set. 1938, p. 3).

Nesse mesmo tom, *O Imparcial* (RJ) também contribui à essa crítica à imprensa, citando declarações de Lauro Coutinho, secretário da Liga Cultural Brasileira de São Paulo, publicadas por um periódico não identificado. Ainda que ocupando menos de 5% da quinta página, o conteúdo marca, talvez, uma das falas mais agressivas coletadas:

Um vespertino que fez a tolice de prestigiar a Bandeira Piratininga está, agora, tentando defendel-a. E apareceu hontem com as declarações de um tal Lauro Coutinho, secretario de uma tal Liga Cultural Brasileira, de São Paulo.

[...] E se há alguém que pode arriscar um palpite em um assumpto como este, creio que deve ser o general Rondon. Esse velho sertanista já condemnou a estupidez e a cobiça desses Borbas Gatos de caricatura. São cavalheiros capazes de empregar tanks e aviões bombardeio para caçar cotias no Campo de Santa'anna. Antes de se metterem a civilizar os índios, eles deviam se civilizar um pouco.

[...] Se quiserem aventuras, andem nas barcas da Cantareira, nos dias de chuva. Se quiserem ser heroes, pulem do Pao de Assucar agarrados em guarda-chuvas para inventar um novo typo de para-quedas (GRYPHO7, 8 set. 1938, p. 5).

Na manhã do dia 7/9, Aureli decide, “com grande desespero de Heinz” (AURELI, 1938, p. 253), transformar a lancha Arca de Noé em um barco de carga, retirando assim a cabine da embarcação. Atualizando a “frota”: o batelão grande a motor, Piratininga, um batelão pequeno, uma montaria e o casco sem cabine da lancha. No período entre os dias 7, 8 e 9, Willy organiza uma sub-expedição com dois grupos: um iria explorar o rio Jundiá ao norte da Ilha do Destaque e outro, com Aureli, rumaria para a Ilha do Bananal. A exploração do rio teria sido a soma do interesse do geólogo Kaufer com uma apreensão de Willy: “É inadiável essa penetração, pois, devido à falta de água e ao estado miserando a que ficamos reduzidos, quando da primeira penetração, poucas observações conseguimos levar a efeito” (AURELI, 1938, p. 253). Seria possível defender a hipótese de que o chefe da Piratininga ansiava por resultados palpáveis para seu retorno, atendendo às pretensões científicas que haviam contribuído para legitimar a expedição e arrecadar fundos para sua realização. Além disso, Aureli poderia estar dando a oportunidade aos homens que ficaram nos dois acampamentos de realizarem atividades práticas de exploração. Em relação à visita à Ilha do Bananal, Willy desejava fazer contato com indígenas Javaés.

O primeiro grupo foi composto por Luiz Accioly no comando, dr. Diniz, dr. João Kaufer, Alberico Soares, Celso Rocha, Raul Rodrigues, José Luiz, Tacio Catony e Renato Pauperio. Os nove homens levariam o batelão pequeno e a montaria. Os demais acompanhariam Aureli com o batelão grande e o que sobrou da Arca de Noé. Como parte dos preparativos, Lourival aproveitou o casco da Arca para colocar um mastro e uma vela, improvisada com o lençol de Henry Jullien, visto que teriam que remar. O plano deveria durar 10 dias e, ao final desse período, deveriam se encontrar no acampamento da embocadura do Mortes com o Araguaia.

Às nove horas do dia 10/9, a Bandeira se separa em dois grupos. O relato de Aureli começa, então, a tratar da viagem à Ilha do Bananal, mas, posteriormente, agregou os relatórios de Accioly e Kaufer sobre a exploração do Jundiá. No dia 12/9, o grupo de Willy alcança o Araguaia, acampando no mesmo lugar que a expedição de 1937 havia ficado. No local, Aldo Battigliotti é mordido por uma piranha “que lhe arranca toda a carne do grande artelho do pé direito, produzindo forte hemorragia.” (AURELI, 1939, p. 255).

No dia seguinte, indígenas Carajá do aldeamento de Gariroba, liderados por Maloá, e de Santa Isabel, liderados por Krumaré, visitam o acampamento:

Com a vinda dos índios de Gariroba, que homtem fui visitar, o acampamento se transforma num verdadeiro mercado de Bagdad... Trocam-se camisas, calças, culotes,

toalhas, camisetas, por arcos, flexas e bugigangas. Distribuiu ao cacique Maloá e a outros índios conhecidos, vários presentes.

[...] Krumaré, o cacique de Santa Izabel, encosta a canôa e vem apresentar cumprimentos. Sabe que iremos até sua aldeia e prontifica-se para nos servir de guia até os Javahés, onde tem vários parentes. Hospedo-o e dou-lhe fumo de que tanto carece (AURELI, 1939, p. 255-256).

Assim como Aureli dedicou um capítulo para narrar e descrever aspectos do Rio das Mortes, ele fez o mesmo com a Ilha do Bananal. Willy dedica-se a explicar a geografia, a história e os povos indígenas que ocupavam o local ao longo do tempo, com especial foco nos Javaés⁶⁶. Se compararmos com o capítulo do Rio das Mortes, nota-se que a descrição é mais curta e “pragmática”, no sentido de que o autor não repetiu seus elogios românticos à paisagem e os elementos que a compunham:

A terra é da melhor qualidade. Os capins “jaraguaá”, “mimoso”, “angola” e “gordura” são nativos e oferecem magnificas pastagens para o gado, que, livres do berne, completamente desconhecido nestas latitudes, apresenta couro uniforme, brilhante, sedoso.

Pradarias extensas, dir-se-iam niveladas pela mão do homem, são campos naturais para a aviação. Basta construir o “hangar”. No dia em que o turismo fôr estendido ao “hinterland” do Brasil, deverão seus promotores encaminhar os visitantes estrangeiros e nacionais para a Ilha do Bananal, cuja beleza e riqueza são irrealizáveis (AURELI, 1939, 261-262).

O grupo de Willy ficou até o dia 15/9 no pouso entre o rio das Mortes e o Araguaia, partindo pela manhã para a Ilha do Bananal. O cacique Carajá Krumaré se incorporou aos expedicionários, servindo de guia – assim, 12 homens formavam a incursão. Aristeu, o mecânico, e Napoleão Bucchi ficariam no acampamento. Levando suprimentos para 15 dias e diversos presentes para os Javaés, fazem uma primeira parada às 16 horas em Santa Isabel, local onde ficava um posto do SPI e o aldeamento de Krumaré. Willy então descreve a movimentação da visita:

Surgia, esse Posto, extinto em 1930, no alto do barranco onde atracamos. Delle nada mais resta. Tudo foi arrazado, carregado, furtado. Um rôlo de arame farpado, nove burros e um cavalo velhos, atestam a opulência de outr’ora. Nada mais existe. As construções foram arrazadas. Vandalismo puro, de aventureiros que aqui passaram!

[...] À direita está instalada a aldeia de Krumaré. Todos os índios acorrem, solícitos, festivos, porque sabem da vinda de Arutana, heróe legítimo, por ter sido ferido pelos Chavantes. Aqui reside uma tia do nosso companheiro carajá. Aparece muito seria, inteiramente coberta com uma espécie de manto, abraça carinhosamente o robusto mocetão e, em seguida, arranca-lhe as pestanas crescidas durante a viagem. Impassível, Arutana suporta o supplicio, enquanto seus irmãos de raça o aplaudem. Depois são feitas as apresentações. A tia ouve o sobrinho e abraça-me:

– Bom “capitão”, bom “aueiry” (amigo).

⁶⁶ Aureli afirma que os Carajás são subdivididos entre Xambioás e Javaés.

Mais abraços: Trexibary, Djarrama, Valerio. Todos externam sincero contentamento com a nossa chegada, Krumaré sorri satisfeito e convida-nos a entrar na aldeia.

Eis Teaóro com suas bellas esposas. A mulher de Djarama attráe todos os olhares. Muito bonita, de airoso porte, forma, com seu hercúleo marido, um casal harmônico.

Offerecem-nos mandioca assada, bananas, méi. Das palhoças saem grupos de crianças brejeiras, pulando como cabritinhos. Mulheres de todas as idades vão chegando, curiosas. Arutana é alvo de todas as atenções. Bastam pouco minutos para que se transforme de vez. Assume o ar de impassibilidade peculiar aos carajás importantes. Deitam-n'o numa esteira e começam a catar-lhe os piolhos, que devoram com estalidos de dentes (AURELI 1939, p.263-264).

IMAGEM 33 – Carajás de Berrocã



AURELI, 1939

No dia seguinte, 16/9, Aureli consegue a ajuda dos Carajás Valério e Djarrama para buscar os burros e o cavalo que havia avistado nas ruínas do posto do SPI. Por conta dessa preparação, os homens ficaram mais um dia em Santa Isabel, na época do festival Carajá “Aruanã”. O relato de Aureli possibilita observarmos aspectos da vida daquela comunidade e constatar que suas atividades não eram realizadas apenas por indígenas, mas também por uma

família de sertanejos que viviam em um rancho próximo. Willy aponta que o posto do SPI havia gerado uma opulência que promoveu a indolência entre os Carajás que, por conta disso, viviam em estado de grande miséria. A observação relativa ao trabalho também é reservada para o sertanejo Pedro, que construía o rancho para um fazendeiro de Mato Grosso: “Trabalhou todo o dia para levantar quatro estacas. Dez minutos de trabalho e duas horas de descanso [...] Nada possuem a não ser a esperança que os ampara e a filosofia própria dos nordestinos que aceitam a vida como ella é” (AURELI, 1939, p. 268-268). É notável, por parte de Aureli, um foco nas ações beneficentes que a Piratininga realizava, elemento recorrente em sua literatura.

[...] Estamos na época do Aruanã e os dançarinos, volta e meia, trajando as vestimentas grotescas, saracoteiam no terreiro. Preparam para amanhã, em honra de Arutana, que tinha sido chorado como morto, uma exibição especial. Desde já todos os guerreiros pintam-se com esmero.

Reina grande camaradagem entre os meus homens e os índios. Respeito mútuo e troca de presentinhos. A tia de Arutana prepara-me cascas de côco babassú que, assadas, têm gosto de pão. Depois oferece-me mandioca, mel, e acaba pedindo um cobertor...

Na ânsia de algum negocio, todos os homens dedicam-se à confecção de “pacutús” e balaios, enquanto as mulheres começam a plasmar estatuetas. A miséria da aldeia é grande. Acostumados à fartura que o Posto lhes proporcionava, os carajás indolentes como são, não souberam manter sequer a roça para tirar sustento.

[...] Vou descendo até o batelão. De nossas mercadorias separo boa medida de feijão, arroz, banha, sal e, fazendo um embrulho, chamo o samphoneiro (Pedro):

-Mecê não se ofende, patrício? Aqui separei uns mantimentos...

-Offendê o que? Muito obrigado e que Deus lhe dê muito mais!

Agarra o presente e sobe lépido a rampa íngreme. Confabula com a esposa, cuja magreza é quase transparente. Não tarda o feijão ir ao fogo. Estão satisfeitos e eu também (AURELI, 1939, p. 267-268).

Pela noite daquele dia, Benedicto avança para a mata na busca pelos burros e o cavalo, visto que os outros indígenas não os haviam achado. O guia voltou com um cavalo e nove burros, mas apenas cinco eram mansos. Com a ausência de qualquer equipamento para ajeitar a carga nos animais, os integrantes trabalharam na construção de arreios, freios e suportes. Às três da madrugada do dia 17/9, os “bandeirantes” retomam a jornada à Ilha do Bananal. Nessa nova etapa, deixam o batelão com Lourival e Benedicto Arruda, enquanto os outros homens seguem cerrado adentro com os burros de carga e os indígenas Arutana, Krumaré e Komaoutari, filho de Krumaré, guiam o grupo. Por volta das 13 horas, Aureli afirma que os guias estavam perdidos, problema que seguiria tarde adentro, gerando novamente a busca por água, acompanhada por conflitos:

Às 13 horas Krumaré para e conversa com os dois selvícolas. Adivinho logo: perdeu o rumo! Diz o velho cacique que foi induzido em erro por umas arvores, desviando-

se do caminho certo. Arutana já o tinha prevenido respeitosamente, mas, cabeçudo, o “capitão” não quis dar o braço a torcer.

[...] Às 17 horas, todos reclamam água. [...] Há uma discussão entre Benedicto Martins e Krumaré:

– Você é burro, “seu índio velho!” Perdeu o rumo e teima em avançar na direção errada! Assim você vai dar na ponta Norte da Ilha!

– Uái... uái... Vai certo... vai certo... Sol qui, Sol acolá... Javahé lá em baixo! Você “tury” Benedicto fala muito...

– Deixa de “infâncias”. Precisamos de água. Onde está o rio que deveríamos ter alcançado desde há tempo?

– Mim não sabe...

– Então não se metta! Já sofremos muito no “tar de Roncador”. Deixem por minha conta: eu vou dar com a água (AURELI, 1939, p. 269)!

Posteriormente, Benedicto consegue encontrar água, possibilitando o estabelecimento de um local de acampamento. No dia seguinte, 18/9, notam que um dos burros de carga desapareceu, obrigando os outros três animais a dividirem a carga do quarto. Ainda sendo guiados, Aureli narra que Krumaré teria se perdido novamente e o problema da sede retorna:

Krumaré jura ter encontrado o bom caminho e garante que dentro de algumas horas alcançaremos o terceiro rio e, de lá, a grande aldeia dos Javahés.

[...] Todos se animam, na certeza de concluirmos a jornada: vamos vadeando mais este rio. Mas parecia destino: Krumaré perde-se novamente e, até às 14 horas, perambulamos como almas penadas (AURELI, 1939, p. 276-277).

Em certo ponto, Aureli, Arutana e Benedicto seguem à frente e, ao avistarem fumaça em uma região de mata, Arutana avança ao local na esperança de contato com Javaés. Conforme anoitece, Willy vai à procura do Carajá que não havia voltado:

O sol começa a descambar e nada de Arutana. Resolvo ir procurá-lo, pois é minha sina, nesta expedição, catar transviados. Vasconcellos me acompanha. Encontrar um homem na imensidão destes campos, só por milagre. [...] dou com Arutana, de borco, no chão, lábios crestados pela sede, sem forças. [...] Vasconcellos desmonta e cede o animal ao índio (AURELI, 1939, p. 277).

Ao verificarem uma outra região de mata, Aureli topa com o Rio Javahé, fato que o permite chegar à conclusão de que “Em dois dias de marcha forçada, atravessamos transversalmente a ilha (do Bananal), sem toparmos os suspirados Javahés!” (AURELI, 1939, p. 278). Em suma, a jornada para a Ilha do Bananal de nada resultou além da marcha. Assim, os integrantes decidem regressar a Santa Isabel e depois para o acampamento no encontro do Araguaia com o rio das Mortes, onde toda a Bandeira se reencontraria.

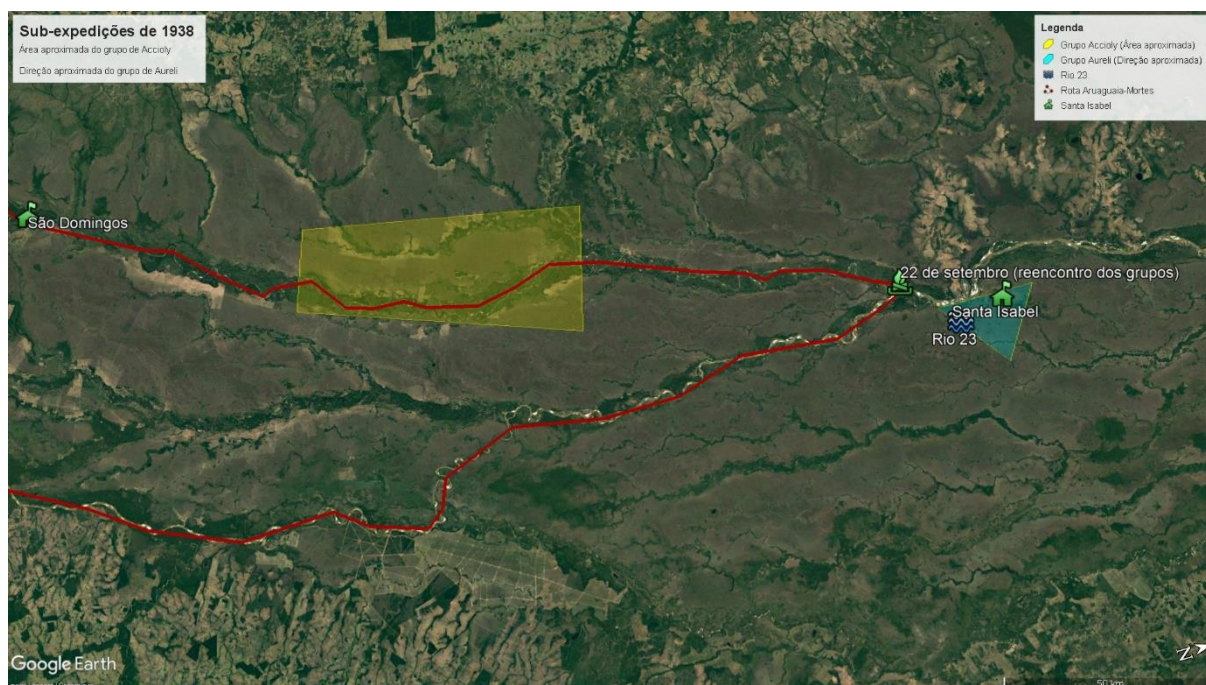
Às 11 horas do dia 19/9, prestes a iniciar o regresso, Krumaré é mordido por uma piranha na virilha, forçando os demais a carregarem o chefe Carajá em uma padiola. Ao entardecer,

alcançam o acampamento do Ribeirão 23 e, no dia seguinte por volta do meio-dia, chegam a Santa Isabel, no aldeamento de Krumaré. O evento causa uma comoção contra as ações do líder:

Arutana e Komaoutari, que encurtaram o caminho, atalhando, avisaram do nosso fracasso. A esposa de Krumaré vem esperá-lo na volta do caminho, trazendo uma cúia com mel. [...] Não acabam aqui os males do pobre Krumaré: toda a aldeia humilha-o por ter perdido o rumo e ter dado péssima demonstração da capacidade dos carajás. Acalmo a profunda melancolia do cacique, que vê periclitir sua posição, com alguns presentes, inclusive um cobertor (AURELI, 1939, p. 283).

Outro evento interessante que ocorreu nesse dia foi o pedido de Arutana, Uatáu e Teoro a Aureli para visitar São Paulo. A visita de fato aconteceu e a presença dos Carajás foi noticiada na imprensa, como exposto anteriormente. Outro indígena Carajá, Valério, que havia recebido educação formal quando o posto do SPI existia, pediu reboque para sua esposa e filho até São Pedro. Às 9 horas do dia 22, o grupo de Aureli inicia a subida do Araguaia. Conforme avançam, Willy relata “varias canôas apinhadas de índios. São os habitantes de Santa Izabel que demandam também nosso acampamento na esperança de abiscoitar mais objectos” (AURELI, 1939, p. 284). Por volta das 15 horas, toda a Bandeira se encontra novamente reunida, inclusive juntando os indígenas de Gariroba e Santa Isabel, que os haviam seguido.

IMAGEM 34 – Sub-expedições de 1938



Google Earth, 2023

Com o retorno, Luiz Accioly, que havia comandado o grupo que realizou a expedição para o Rio Jundiahy, entrega seu relatório para Willy, compreendendo os dias 11/9 a 21/9. O grupo de Accioly navegou o Jundiahy e explorou pequenos lagos até o dia 14 de setembro,

momento em que se deparou com claras possibilidades de contato com xavantes, evidência que o fez dar ordem de retorno. Além disso, faz alguns apontamentos sobre hábitos xavantes:

Achei prudente regressar às embarcações, pois o pessoal é insuficiente para uma penetração até à aldeia. [...] A situação se apresenta cheia de perigos e então, dando por terminada minha penetração, dou ordem de regresso.

[...] Verifico que os Chavantes preparam seus alimentos usando grandes cupins que, depois de quebrados, são aquecidos com lenha. Assim cozinham a caça e a pesca; A anta é assada dentro da própria pelle, visto que encontramos vários couros assados. Do veado arrancam o couro de fôrma rudimentar, sem usar faca ou outro instrumento cortante (AURELI, 1939, p. 286-287).

O grupo alcança o pouso entre o Mortes e o Araguaia às 9 horas do dia 21/9. Ao final do relatório, Accioly redige uma espécie de conclusão:

Tendo terminado a tarefa que me foi confiada, agradeço a todos os que me acompanharam na árdua jornada, pois todos se portaram da melhor maneira, compenetrados do desempenho de nossa missão. Ao chefe, sr. Willy Aureli, os meus agradecimentos por ter me confiada a chefia da penetração e as minhas desculpas por alguma falta. Ilha do Bananal, 21 de setembro de 1938. (a) Luiz Accioly Lopes (AURELI, 1939, p. 288).

No livro de Aureli, o relatório de Accioly é seguido pelo do Dr. Kaufer, geólogo encarregado de diversas medições e estudos próprios. Seu material é mais curto e com uma linguagem técnica e pragmática, diferenciando-se de Accioly, que relatara episódios de caça em seu relatório. Willy aponta também, porém sem transpor na íntegra, as medições de temperatura da água e do ar que eram realizadas às 6, 14 e 18 horas todos os dias por Kaufer. A título de exemplificação, reproduzo parte do seu material:

Iniciamos nossa subida pelo rio “que parece desconhecido”, coisa ainda não perfeitamente apurada, no dia 10 de Setembro de 1938. O rio tem largura média de 60 metros, sendo que às vezes estreita quarenta e outras alarga-se até 80 metros. [...] No dia 14 encontramos, no lado direito do rio, uma lagôa com 300 metros de diâmetro fechada por uma cerca muito bem feita, tendo no seu interior 23 giráos [...] (AURELI, 1939, p. 289).

Provavelmente no dia 23/9, Aureli enviou radio-telegramas para a Rádio Patrulha paulista com informações sobre a expedição à Ilha do Bananal e a notícia do retorno da expedição. As notícias publicadas em diferentes periódicos sobre esses fatos assumem pouco espaço nas páginas – em geral, menos de 5% nas seções que tratam de telegramas vindos de São Paulo:

Por intermédio do Departamento de comunicações da Radio Patrulha, o chefe da Bandeira Piratininga informa que está tomando providencias para o regresso dos expedicionários. Adeanta que a Bandeira trará a esta capital guerreiros selvícolas “que mostraram desejos de conhecer os domínios dos brancos” (A “BANDEIRA”..., 24 set. 1938, p. 3).

Uma variação de conteúdo que ocorreu naquele dia veio do Correio Paulistano, em uma seção específica de fatos relacionados à Associação Paulista de Imprensa. Em meio a obituários, informações sobre sócios e um curso de datilografia, encaixou-se um telegrama da Piratininga: “A Associação Paulista de Imprensa recebeu da Bandeira Piratininga, que se encontra presentemente na Ilha do Bananal, um telegrama de protesto contra as acusações que lhe foram feitas” (BANDEIRA..., 24 set. 1938, p. 4).

Às 9 horas do dia 24 de setembro, a Bandeira começa seu retorno subindo o Araguaia até Leopoldina (hoje em dia, Aruanã). O comboio é formado pelo batelão grande que, por sua vez, rebocava a “Arca de Noé” (que havia se tornado apenas o casco da lancha), o batelão pequeno, a montaria e a canoa do indígena Valério. A subida do rio é marcada por diversas modificações no comboio para aliviar o peso que forçava o motor do batelão maior. A primeira “baixa” foi a lancha do entomólogo Heinz:

[...] resolvo sacrificar definitivamente a “Arca de Noé”, que mando afundar numa lagôa das proximidades e cuja exumação ficará a cargo do Valerio, que a levará, no regresso, para Santa Izabel. O nosso entomólogo fica desesperado. Quer pelo menos salvar a chapa de cobre que reveste o casco. Mas não há tempo para tanto.

[...] – Quero vêr se salvo pelo menos um parafuso – diz o nosso “dr. Saúva”, com uma careta que pretende ser um sorriso de martyr (AURELI, 1939, p. 291).

Assim, moveu-se a carga da lancha para o batelão pequeno até chegarem à localidade de São Pedro, onde Aureli deixou o barco junto com Valério. Dessa forma, o restante da subida foi feito apenas com o batelão grande rebocando a montaria. Perto do rio Crystallino, Willy relata uma grande quantidade de peixes em decomposição boiando, fato que relaciona com uma possível peste:

A fedentina é horrível e beber água, nestas condições, não é nada agradável. Entram em função os filtros.

Até a altura do rio Crystallino os “curimbatás” vão aparecendo. É desse rio que eles descem, já mortos, e são levados pelo Araguaya. Deve ser peste que atingiu unicamente a espécie citada. Aliás volta e meia se verifica semelhante fenômeno. Há uns anos, todo o médio e alto Araguaya ficaram despovoados de fauna hychthologica devido a uma peste que eliminou todas as qualidades existentes [...] (AURELI, 1939, p. 292-293).

O restante do caminho acompanhou diversos encalhes e eventuais batidas em barrancos, eventos que já haviam sido vividos desde o início da expedição. É notável perceber como a narrativa da volta é muito mais resumida que a da ida, com apenas rápidas menções a eventos

específicos. Entre o dia 28 ou 29, Aureli agradeceu a uma ajuda financeira enviada por Adhemar de Barros para auxiliar no retorno, provavelmente o custeio das passagens de trem:

O sr. Adhemar de Barros, Interventor Federal, concedeu um auxílio financeiro à Bandeira Piratininga para custear o seu regresso a esta capital. O chefe daquela expedição enviou a S. Ex. um telegrama de agradecimento em que transmite a alegria de seus comandados por verificarem que o Interventor paulista procura resolver todas as dificuldades que entravavam a volta ao nosso Estado dos componentes da Bandeira Piratininga (PARA..., 30 set. 1938, p. 11).

No dia 1º de outubro, a Piratininga chegou à localidade de Piedade, onde são bem recebidos com um churrasco pelo sr. Alfredo Straube, líder de um posto adventista que havia ajudado os expedicionários em ocasião anterior. Por fim, às 15 horas do dia 5 de outubro, chegam a Leopoldina. Dali rumariam para Anápolis, Goiânia e, de trem, até São Paulo. Os eventos relacionados à chegada podem ser relatados apenas a partir da imprensa, visto que o livro de Aureli se encerra na chegada a Leopoldina.

Muitos dissabores, muito trabalho, muitos imprevistos ainda me aguardavam. Mas a certeza de retornar, em breve, à querida Paulicéa, deu-me forças para suportar tudo. Fim (AURELI, 1939, p. 294).

O período do início de outubro de 1938 apresenta um arrefecimento nas publicações de críticas à Piratininga. O íterim dos dias 4 a 17 apresentou ocorrências relativas ao retorno da Bandeira no dia 15/10, os eventos de comemoração e importantes pronunciamentos de Aureli, que buscaram defender as atividades da expedição. O *Estado de Florianópolis* (SC) publicou, no dia 4, uma notícia vinda da imprensa paulista que nos permite observar a forma como Willy relatou o que havia sido feito. É notável um esforço para enfatizar os empreendimentos científicos e a omissão do fato de a expedição à Ilha do Bananal não ter atingido o seu objetivo:

[...] Os expedicionários fizeram uma incursão no interior da Ilha do Bananal, no Rio Tocantins, de lá voltando encantados pelo que assistiram: exuberância da fauna e da flora, panoramas deslumbrantes, aspectos de extraordinária beleza.

Nesse acampamento, durante longos dias, foram examinados os elementos científicos colhidos pela “Bandeira” e “Willy anuncia o esplendido material de natureza botânica, etnográfica, geológica e etnomológica, além de uma infinidade de estudos e observações sobre insectos portadores de moléstias tropicais.

[...] o chefe da “Bandeira” fez farta distribuição de ferramentas, utensílios e roupas aos indígenas, praticando ainda, pelo seu Departamento Medico, innumeradas pequenas cirurgias e fornecendo em quantidade, a título gratuito, sem a mínima recompensa, grandes e variados “stocks” de medicamentos (A “BANDEIRA”..., 4 out. 1938, p. 1).

No dia 8 de outubro, *O Globo*, que se demonstrou um importante defensor da Piratininga, publicou na sexta página, com ocupação de 5%: “Volta à Civilização a Bandeira Piratininga: Em comovente mensagem Willy Aureli agradece a atitude de O GLOBO”

(VOLTA..., 8 out. 1938, p. 6). A reportagem, entretanto, é praticamente ilegível. Ainda assim, foi possível identificar alguns assuntos. A publicação traz uma longa fala na íntegra de Aureli que noticia o regresso, informa as doações tal como na notícia do *Estado de Florianópolis*, declara que a Bandeira atuou tal como o general Rondon havia demonstrado em suas atividades, anuncia que rebaterá críticas à Piratininga com provas e agradece o jornal *O Globo* pelo apoio.

Naquele mesmo dia, Aureli enviou ao periódico *Cidade de Goiaz* (GO) uma carta de resposta ao jornal em questão, que seria publicada apenas no dia 16/10. Seu texto é definido como um “esclarecimento sucinto”, porém tem claros tons de defesa, demonstrando a preocupação de Willy com a reputação da Bandeira. O conteúdo se deu em forma de coluna nas páginas 2 e 3 do periódico, tendo uma ocupação de 5% na segunda e menos de 5% na terceira. Como já foi observado anteriormente, a argumentação gira em torno dos feitos da expedição, do teor patriótico e do aspecto sacrificante da jornada, além de expor as inverdades que haviam sido publicadas. Por conta da importância do conteúdo, o cito na íntegra:

Goiaz, 8 de Outubro de 1938. Hmo. Sr. Redator da “Cidade de Goiaz”.

A “Bandeira Piratininga”, que durante longos dias foi alvo das mais absurdas e inexplicáveis acusações, desde ontem que se encontra nesta vetusta cidade, berço de maiores que escreveram páginas belíssimas na história da pátria.

Regressa a “Bandeira Piratininga”, por mim chefiada, de longa, tormentosa e gloriosa jornada pelos sertões inhospitos do nordeste mato-grossense e goiano.

Gloriosa e patriótica porque executou o prometido, abrindo largas perspectivas a futuros desbravadores, colhendo farto material botânico, ethnografico, geológico, etnomologico, antropométrico para nossas instituições científicas, além de viceras de macacos para pesquisas sobre as origens e propagação da febre amarela; contato amigável com os Chavantes, que receberam grande copia de ferramentas e utensílios, coisa aliás constada pela missão Salesiana, tratamento de 400 e poucos doentes em Leopoldina, São José, Luiz Alves, São Pedro, Gabiroba (aldeamento Carajá), Santa Izabel, além dos socorros dispensados aos navegantes do Araguaia, farta distribuição de roupas e utensílios de uso imediato aos índios carajás do Araguaia, construção de pousos para necessitados, desbravamento da zona desconhecida do rio Kuruá e Serra do Roncador, constatações de grande valor hictiologico, etc.

Tudo isso fez a “Bandeira” podendo, alias, ser constatado com a maior facilidade. E tudo isso (ilegível) disciplina que o regulamento básico era severo e foi rigorosamente respeitado.

Digo-lhe isso, prezado colega, porque deparei em seu prezado orgam, uma transcrição das mais absurdas e difamantes.

É doloroso confessar o mal estar que semelhante noticiário provoca justamente quando pelo muito que fizemos, tínhamos certeza de sermos recebidos com sinceros aplausos. Fácil será dismantelar o castelo de absurdos tolos, edificado pelos creadores da lenda. A não ser que estejam possuídos por uma televisão que apresentou fatos deturpados e opostos, como se explica, meu nobre colega, o noticiário difamatório, se estivemos até poucos dias, a milhares de quilômetros dos centros civilizados e desprovidos de vias comunicações?

Resta-nos o consolo dos telegramas das mais altas autoridades do Paiz, o nosso feito bandeirante e aqui, o balsamo das inequívocas provas de solidariedade que recebemos,

desde a nossa chegada, por parte das autoridades civis e militares, assim como pelos particulares.

À ética profissional do nobre colega remeto a publicação da presente missiva, que não é uma defesa contra infâmia, mas sim apenas um esclarecimento sucinto e honesto do que realmente fizemos, tudo sacrificando e tudo suportando.

Muito grato pela publicação com estima e admiração amigo certo.

Willy Aureli

Chefe da “Bandeira Piratininga” e redator da “Folha da Noite” (BANDEIRA..., 16 out. 1938. p. 2-3).

Outra ocorrência importante desse período veio do *Jornal do Brasil* (RJ), que entrevistou Willy no momento da chegada em São Paulo, no dia 15 de outubro. O periódico em questão havia se mostrado “neutro” ou omissivo, sem expor de forma clara qualquer reportagem que criticasse ou defendesse a Piratininga. Ocupando 5% da sétima página, a entrevista publicada, entretanto, expôs uma defesa da empreitada e, observando a linguagem utilizada para tratar de Aureli, poderíamos trazer a hipótese de que o repórter da sucursal era um conhecido de Willy:

[...] A bandeira Piratininga que, sob a chefia do jornalista Willy Aureli, há meses se internara naquelas inóspitas regiões do país. Teve a acompanhar-lhe a trajetória a mais espalhafatosa publicidade.

Embora o nosso colega Willy Aureli tenha partido desta capital para exploração dos sertões desconhecidos patrocinado por dois jornais de prestígio em São Paulo, a *Folha da Noite* e a *Folha da Manhã*, levantou-se contra seu ousado cometimento uma grita que, se de outra visturde careceu, teve contudo o dom de chamar a atenção dos Poderes Públicos e de nossas populações, de norte a sul, para o selvícola que, apesar de tudo, em terras ainda por devassar, continua a quase como no ano remoto em que por aqui aportou o intrépido almirante português.

Tivemos a oportunidade de ouvir, hoje, o chefe da bandeira Piratininga.

Willy Aureli, tostado pelo sol e emagrecido, como convém aos desbravadores de sertões, depois de comentar peripécias de sua arriscada empreitada, comenta a campanha que ali no Rio foi levada a efeito em torno da bandeira Piratininga.

- “Em verdade – diz-nos o moderno sertanista – ninguém pôde compreender o motivo de tal campanha. Aqui no Brasil tem estado exploradores estrangeiros que, para embrenharem-se nos nossos longínquos sertões, contam com a assistência de todos, acompanhando-lhes o povo e autoridades, seus trabalhos de explorações.

-Muitas vezes esses sertanistas – continua o jornalista bandeirante – depois de receberem do povo brasileiro às mais cativantes gentilezas, voltam aos seus paizes e ali, com o intuito de fazerem sensação, escrevem as mais cabeludas invencionices sobre coisas e homens do Brasil [...].

Perguntamo-lhe quais as notícias que tivera do que se publicava a propósito da entrada da bandeira Piratininga.

- O sertanista de hoje dispõe de grandes recursos – responde Willy. Somos nesse ponto, pelo menos, mais felizes do que os nossos antepassados. Conduzimos aparelhos de rádio, o que nos tornava possível receber e transmitir, todos os dias, mensagens mais ou menos minuciosas. As primeiras notícias da campanha que contra nós se levantou no Rio, não nos perturbaram. Jornais de grande produção e o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo saíram à campo e com autoridade que ninguém contesta,

nos prestigiaram em toda linha. Restabeleceram, pois, a verdade, tornando-se valiosos endossantes da nossa nobreza de propósitos.

[...] Finda a rápida palestra, o moderno desbravador dos sertões apresentou-nos dois índios Carijós que trouxeram de Goiaz. Esses estavam encantados com os arranha-céus, os viadutos, o intenso tráfego de automóveis. Horas depois de aqui terem desembarcado, porém, externaram a Willy Aureli, a quem chamam “Papai Grande”, o desejo de novamente rumarem para as longínquas terras de sua gente.

E Willy afiança-nos, com malícia, que os índios que lá ficaram são incapazes de dizer que os dois companheiros que aqui estão exploram impiedosamente os civilizados... (A BANDEIRA..., 16 out. 1938, p. 7).

Em termos de conteúdo, a entrevista compila algumas informações que são adicionadas ao repertório de defesa de Aureli. A primeira faz referência indireta ao CFEAC, ao falar sobre expedições estrangeiras e os recursos a elas disponibilizados. Quanto ao acompanhamento, de fato, o Conselho enviou integrantes para seguirem iniciativas estrangeiras (GRUPIONI, 1998), fato que foi utilizado como crítica por Aureli, expondo como uma expedição nacional teria ficado em desamparo. Além disso, aponta como essas iniciativas “de fora” publicariam informações falsas sobre o que havia sido explorado. Em segundo lugar, e parecido com o que Willy declarou para *O Globo*, o sertanista afirma, de forma triunfal, como os apoios angariados foram capazes de credibilizar as atividades da Piratininga em face à “campanha” contra a Bandeira por periódicos cariocas. Em terceiro lugar, está o uso da visita dos indígenas como demonstração prática dos méritos da expedição, especialmente quanto ao trato aos autóctones. Esse aspecto é inclusive utilizado de forma humorística por Aureli, ao fazer uma “inversão de papéis”: “E Willy afiança-nos, com malícia, que os índios que lá ficaram são incapazes de dizer que os dois companheiros que aqui estão exploram impiedosamente os civilizados” (A BANDEIRA..., 16 out. 1938, p. 7).

Retornando ao argumento das expedições estrangeiras, uma pequena coluna chamada “Desaforo” do *Diário de Notícias* (RJ) de 2/11 expõe o caso de uma incursão alemã chefiada pelo zoólogo Hans Krieg, que teria atuado na zona do Iguaçu, e havia tentado fugir com material biológico e geológico. O que torna o evento especialmente interessante é a menção que o autor do texto faz ao contrastar a publicidade negativa dada à Piratininga com a expedição estrangeira que não havia recebido atenção:

Não vimos comentado em nenhum jornal um facto noticiado no começo de outubro recémfindo e que bem merecia veemente repulsa.

O caso é tanto mais de estranhar, quanto se fez na imprensa enorme alardio contra a Bandeira “Piratininga”, que só penetrou o alto sertão goyano com expressa licença do Conselho de Fiscalização das Expedições Científicas e Artísticas no Brasil.

[...] É de lamentar que a lei reguladora das expedições científicas não consigne um meio de repressão mais enérgico – forte multa, por exemplo – desse gênero afrontoso

de contrabando, que envolve inquestionável menoscabo de nossas leis por estrangeiros (DESAFÔRO..., 2 nov. 1938, p. 4).

Retomando à narrativa, na tarde do dia 15/10, portanto, na ocasião do retorno, seis integrantes da Bandeira e os três Carajás foram recepcionados por Adhemar de Barros no Palácio dos Campos Elísios. A ocorrência colhida mais antiga veio de *O Globo*, que publicou uma reportagem com 10% de ocupação e uma montagem de 4 fotos do evento. Infelizmente, as fotos e o texto estão praticamente ilegíveis:

IMAGEM 35 – Chefe indígena o interventor em S. Paulo

CHEFE INDIGENA O INTERVENTOR EM S. PAULO

Concedido ao Sr. Adhemar de Barros pelos "carajás" o título de "Capitão Grande"

COMMOVENTE E PITORESCA CERIMONIA DE RECEPÇÃO À BANDEIRA PIRATININGA NO PALACIO DOS CAMPOS ELYSEOS



O GLOBO, 1938

É possível compreender melhor o evento a partir de outros dois periódicos: *Diário de Notícias* (RJ) e *A Notícia* (SC), cujas publicações ocorreram posteriormente e ocuparam menos espaço em seus periódicos. A reportagem de *A Notícia* é especialmente interessante por descrever os lugares que foram levados os indígenas ao longo de outubro:

O Interventor federal recebeu, no Palácio dos Campos Elyseos, os componentes da Bandeira Piratininga. O acto foi solemne tendo o sr. Willy Aureli feito um discurso exaltando o apoio moral e material dispensado pelo interventor à bandeira. Na mesma ocasião foram apresentados ao sr. Adhemar de Barros três índios "Carajás" que acompanharam a bandeira a São Paulo. Os selvícolas, após se despojarem das armas

que traziam e offerecel-as ao interventor, proclamaram-no “Capitão Grande”, de nação Carajá (ESTEVE..., 18 out. 1938, p. 2).

[...] Os selvícolas desde os primeiros momentos se mostraram deslumbrados com as coisas da metrópole, assombrando-se com os aviões, arranha-ceos, cinema etc. [...] Levadas à uma sessão cinematográfica os índios ficaram encantados com o espetáculo. Depois assistiram a um jogo de futebol entre o Palestra e o Corinthians. Sentados em poltronas, dentro do campo, os selvícolas torceram entusiasticamente durante o jogo que muito lhes agradou. Posteriormente o Corpo de Bombeiros fez um exercício e o comandante convidou os índios a assistil-o, tendo sido incendiada uma choupana especialmente construída para aquelle fim. Bem tratados por todos, os índios carajás manifestam sua gratidão, achando que os brancos são muito boa gente. Agora vão eles regressar para a sua selva, de que sentem saudade, apesar da fascinação da metropoole civilizada. E levarão por certo, nos seus corações simples e leaes, uma mensagem de amizade da gente branca aos irmãos das florestas mattogrossenses (FILHOS..., 29 out. 1938, p. 3).

IMAGEM 36 – Filhos das selvas em plena metropole



A Notícia, 1938

Podemos compreender o itinerário escolhido e os aspectos exaltados nas reportagens como uma vitrine da modernidade, ação que muito fala sobre o imaginário desenvolvimentista em voga. Quanto à forma como os Carajás são tratados no texto, é notável a presença de um tipo de discurso que constrói uma noção do indígena como “ser puro”, que têm “corações simples e leaes”, assim como vivem a saudade do local de origem. O encerramento dessa série de eventos que ocorreram com a volta da Bandeira e a visita dos três carajás foi no dia 16/11,

com um churrasco na fazenda Jaraguá em São Paulo, capital, que contou também com convidados da imprensa paulista, amigos e apoiadores da Piratininga. Esse período de novembro marca também a “volta” da *Folha da Manhã* no material colhido pela pesquisa. O periódico realiza uma cobertura de três reportagens que acompanharam fotos e razoável espaço em suas páginas. Outro jornal que realizou um acompanhamento notável foi o *Correio Paulistano*.

O evento ocorreu às 12 horas do dia 16/11, sendo aparentemente todo financiado por Aureli que contratou a empresa Lynce LTDA para o serviço, cujo cardápio contou com churrasco de vitela, carneiro, frango, arroz de forno, frutas, chope e chimarrão. Além dos convidados pessoais de Aureli, integrantes da Bandeira, jornalistas e apoiadores do empreendimento estavam no evento: o Interventor Adhemar de Barros, sua esposa Leonor Mendes de Barros, José Eduardo de Oliveira Barros (Casa Civil da Interventoria), o tenente Theophilo Pupo Nogueira Filho (ajudante de ordens da Casa Civil), Miguel Bravo (cônsul do Chile em São Paulo), Alarcon Fernandes, Oscar Tollens e Alfredo Ellis (proprietário da fazenda). As imagens do almoço foram registradas pela “Sonora Filmes”. Um dos atos mais importantes que compuseram o evento foi a entrega por Adhemar de Barros aos indígenas carajás de uma urna de madeira com terra do morro Jaraguá, que seria por sua vez dada ao interventor goiano para a construção de um monumento às bandeiras em Goiânia.

No momento da sobremesa, ocorreram cinco discursos: de Alfredo Ellis, proprietário da fazenda, Willy Aureli, Cunha Bueno, acadêmico de direito representando a interventoria de Goiás, o cônsul chileno e Adhemar de Barros. O proprietário da fazenda, em seu discurso, aproveitou para sugerir ao interventor paulista que parte do morro que formava sua propriedade se tornasse um parque estadual. A sugestão, posteriormente, foi respondida por Adhemar, que disse que a sugestão seria atendida quando o Estado estivesse em melhor situação econômica. O discurso de Aureli teve como objetivo agradecer os presentes, especialmente o interventor, apresentar sua expedição como conectada ao bandeirantismo e enaltecer o simbolismo que residia no encontro dos civilizados com os três carajás:

[...] V. exa., sr. Dr. Adhemar de Barros, hoje, à sombra do histórico Pico do Jaraguá, une, com um único gesto, duas datas, duas épocas bem distantes mas idênticas em seus escopos e fins: a dos valorosos “barbaças” de outrora e a dos bandeirantes de hoje. Esse gesto é a entrega de uma urna contendo terra do lendário morro, à embaixada carajá que a “Bandeira Piratininga” trouxe e que regressa, attonita, às próprias terras distantes. Essa urna, que será depositada no monumento aos bandeirantes em Goyania, é um symbolo que entrelaça o sentimento gentil de dois grandes Estados e que historia, na eloquencia muda, toda a epopéa dos rudes desbravadores de antanho.

Não podia ter sido escolhida melhor embaixada para tanto. Filhos puríssimos deste Brasil grandioso, Arutana, Teaoro e Uatau, descendentes dos primeiros selvícolas que tiveram contato com os civilizados de então, simbolizam, por sua vez, essa união entre o progresso dynamico e o primitivismo paradisiaco. [...] (Folha da Manhã, 1938, p. 1.).

Cunha Bueno, representando o estado de Goiás, agradeceu o apoio do interventor paulista na construção do monumento e o cônsul chileno saudou Adhemar brevemente. Por fim, Adhemar de Barros agradeceu às homenagens, respondeu à sugestão e enalteceu o empreendimento da Piratininga. Ao final, o interventor entregou a urna aos três carajás, que voltariam no dia seguinte para o Araguaia carregando, de acordo com a *Folha da Manhã*, duas toneladas de material, utensílios e medicamentos a serem distribuídos em outros aldeamentos.

IMAGEM 37 – A “Bandeira Piratininga” promove hoje um churrasco

A “BANDEIRA PIRATININGA” PROMOVE HOJE UM CHURRASCO NA FAZENDA “JARAGUÁ”

Para essa festa campestre, são convidados todos os que auxiliaram material e moralmente os expedicionarios, contribuindo para o exito da jornada — A partida dos indios carajás para os sertões



Parte do material que os carajás levam para suas terras distantes

Folha da Manhã, 1938

IMAGEM 38 – Entrega da urna em Jaraguá



Ao alto, flagrante do almoço realizado na "Fazenda Jaraguá", vendo-se os lugares de honra — Em baixo, o sr. interventor federal entrega aos carajás a urna contendo terra do Jaraguá, destinada ao Monumento das Bandeiras, em Goyaz

Folha da Manhã, 1938

IMAGEM 39 – Adhemar de Barros e Carajás



Correio Paulistano, 1938

Dois eventos marcam o final de 1938: uma conferência apresentada por Aureli no Clube Piratininga em São Paulo e a entrega do material botânico coletado pela expedição à Secretaria da Agricultura de São Paulo, no dia 19/12. A palestra de Willy ocorreu no dia 8/12, sendo aberta ao público. Infelizmente, nenhuma ocorrência mostrou o conteúdo proferido na íntegra, mas afirma-se que se tratou de uma narrativa sobre a expedição daquele ano⁶⁷. O segundo evento, entretanto, é inédito em relação ao que se coletou na imprensa. Até então, não se havia encontrado uma publicação que relatasse a entrega de material colhido:

Amanhã, à tarde, será entregue ao diretor geral da Secretaria da Agricultura todo o material botânico colhido pelos técnicos da “Bandeira Piratininga”, durante a jornada da expedição à Serra do Roncador.

Esse material, meticulosamente confeccionado em pastas e álbuns, acompanhado por minuciosa descrição e mappas, será descripto por extenso relatório, fartamente ilustrado, compilado pelos dois expedicionários José de Barros e João Vasconcellos, incorporados oficialmente à Bandeira Piratininga.

O chefe da “Bandeira”, nosso companheiro Willy Aureli, foi convidado afim de presenciar a entrega da interessante e rica colleção de material (“BANDEIRA...”, 18 dez. 1938, p. 15).

Dessa forma, encerra-se a narrativa da segunda expedição da Piratininga. Os anos e as expedições seguintes, por falta de polêmicas – poderia se dizer –, não resultaram no mesmo

⁶⁷ CONFERÊNCIA de Willy Aureli no Clube Piratininga. Folha da Manhã, São Paulo, 7 dez. 1938, p. 1.

grau de publicidade encontrado em 1938, tornando a segunda incursão especial. Quando observamos a forma como as expedições seguintes foram vinculadas ao público, notamos uma diminuição da presença na imprensa e um foco no cinema e nos livros publicados em São Paulo. É difícil afirmar se essa mudança de estratégia teria sido intencional ou obra da saída das *Folhas* na cobertura exclusiva, diminuição de donativos privados ou mesmo do próprio desinteresse de dar espaço a reportagens sobre o assunto.

Sendo intencional, poderia demonstrar o tato de Aureli em perceber as consequências da forma como havia noticiado eventos emocionantes e, buscando preservar o seu interesse maior, continuar explorando o Sertão do Araguaia-Mortes, teria almejado garantir a atividade da Piratininga, ao mesmo tempo que deu publicidade ao movimento por meio do cinema e da literatura. Um aspecto notável a favor dessa hipótese é a forma como Willy lidou com os conflitos surgidos, especialmente na imprensa carioca, que culminaram na ordem de retorno por Francisco Campos. O evento, entretanto, não aparenta ter causado grandes problemas, nem alterou o apoio de Adhemar de Barros, além de não ter sido comentado nenhuma vez por Aureli ou pela imprensa paulista. Em conflitos anteriores e posteriores ao “ataque” xavante, o discurso de Willy, em geral, almejou um arrefecimento dos conflitos, evitando prolongar polêmicas e, na medida do possível, omiti-las. Ao longo dos anos, Aureli também avançaria nos escalões da imprensa paulista, chegando a assumir a cadeira da Presidência da Associação Paulista de Imprensa. Desenvolveria, também, um relacionamento, se não amistoso, ao menos pacífico com Rondon e o SPI. Além disso, existe uma dimensão de sua vida privada que, por conta das fontes, não foi possível averiguar com clareza. Responder essa questão de forma mais verossímil dependerá de um aprofundamento das análises e da ampliação das fontes, especialmente o acervo do CFEAC.

4 FALANDO DE SI E DO OUTRO: CONSTRUINDO UM *ETHOS*

Não sou cientista, não procuro impingir tratados de etnologia incipiente, graças ao sôldo desta ou aquela verba governamental. Sou apenas um profundo observador e lamento sinceramente o muito dinheiro público gasto com gente que não corresponde, enquanto que a verdade a ser narrada é outra (AURELI, 1962, p. 9).

Este capítulo tem como objetivo explorar a forma como Aureli se moldava perante seus interlocutores, ou seja, de que forma queria ser visto pelos outros. Discute-se aqui, portanto, a construção de um *ethos*. Um aspecto importante de se enfatizar é que o *ethos* não é um produto inteiramente intencional, ainda que seu autor almeja que seja assim, pois dentro do discurso que o forma existem aspectos que são esquecidos, omitidos e silenciados (BRANDÃO, 2012; MAINGUENEAU, 2020). Assim, é possível afirmar que há o que se interpretar dentro do silêncio do discurso.

Com o objetivo de analisar o que Willy falava de si, estudou-se principalmente sua obra literária, constituída neste trabalho de oito livros que abrangem diferentes momentos da vida do autor (1939-1968). Ainda que o enfoque seja a literatura, momentos anteriores da dissertação exploraram essa construção na imprensa, possibilitando uma visão mais ampla dessa constituição de si. Como qualquer tipo de texto, regras de diferentes naturezas condicionam o conteúdo de diferentes formas (PINTO, 2002; MAINGUENEAU, 2020), fator que torna a literatura um espaço especialmente produtivo para esse tipo de análise. Diferentemente do espaço reservado para Aureli na imprensa, que era limitado, usualmente mais preciso quanto ao assunto tratado e comumente um produto da necessidade de responder a algo, os livros ofereciam um espaço mais liberto.

A partir da literatura, Willy não estava limitado a um número específico de caracteres nem a assuntos muito específicos. Ao que é possível inferir, o trabalho de escrita de Aureli seria o produto de uma mediação entre memória, interpretação de eventos (criados ou vividos) com suas anotações pessoais que ocorriam em expedições. Infelizmente, não é possível acessar os diários na íntegra, impossibilitando averiguar o grau de adição e subtração de elementos. Contudo, é razoável assumir que sempre houve uma seleção a partir do momento em que nenhum livro que relata uma expedição foi publicado como um diário na íntegra. Em outro *front*, para além dos relatos de viagem, Willy criou histórias e compilou ocorridos muitas vezes sem delimitação temporal, misturando assim o real e o ficcional em um mesmo livro. Quanto à criação de histórias, essas estavam dentro do contexto do Sertão do Araguaia-Mortes,

envolvendo personagens e seres vivos constituídos, em algum nível, de experiências empíricas do autor.

Esses diferentes tipos de livros serão exemplificados a seguir e seu conteúdo melhor trabalhado no subcapítulo “Assimilando e sendo assimilado: o indígena na obra de Aureli”. A parte teve como objetivo articular o campo indigenista com as opiniões do autor. Assim, em um duplo movimento se contextualizam agentes importantes e aponta-se de que forma o indigenismo participou da constituição do *ethos* de Aureli. O discurso de caráter indigenista do autor constituiu-se tanto de opiniões derivadas de leituras e experiências próprias, quanto de relatos de eventos de alteridade, ou seja, momentos de contato e relacionamento de Willy e terceiros com indígenas.

Em uma clássica operação de alteridade, na qual quando falamos do outro falamos também de nós mesmos (BRANDÃO, 2012), a partir do momento que Willy tratava de elementos externos a ele, ele acabava, por sua vez, tratando de si. Com isso, é necessário analisar não somente os momentos em que Aureli tratava claramente da forma como ele se concebia, mas também as ocasiões em que se via capaz de guiar e traduzir o que experienciava aos seus interlocutores.⁶⁸

Antes de rumar para o subcapítulo, é necessário apresentar alguns aspectos mais gerais. Não se quer aqui assumir uma posição ingênua do autor e sua obra como um conjunto completamente racional (SKINNER, 2017). Não há indicação clara de que os diferentes livros almejassem se constituir como uma sequência lógica ou mesmo conectada. O que se tratará a seguir são aspectos de consistência e continuidade quanto à forma de escrever e representar. Nesse sentido, Aureli foi um autor muito consistente, não apenas em estilo, mas, inclusive, quanto as suas opiniões⁶⁹, especialmente no campo indigenista. O que podemos observar, ao longo do tempo, foi que obras mais antigas apresentavam os mesmos argumentos com mais conteúdo e exemplos sustentadores. Entretanto, nota-se uma mudança em sua relação com a atividade de caça, com uma diminuição no entusiasmo, e a constituição de críticas às missões cristãs, o SPI e a FBC. Em relação às críticas, não é possível afirmar com certeza se o que ocorreu foi uma mudança de pensamento ou se ele apenas externou opiniões que, até então, estavam acobertadas por uma vontade de apaziguar conflitos.

⁶⁸ A afirmação inspira-se em François Hartog na obra “*The Mirror of Herodotus*”. Tomando como objeto as Histórias de Heródoto, demonstra o que é possível inferir acerca do autor quando tratava dos citas (HARTOG, 2009).

⁶⁹ Talvez esse traço seja fruto de uma personalidade determinada, persistente ou mesmo teimosa, aspecto que o próprio autor reconhecia em si.

Em relação ao estilo, Willy costumou usar a primeira pessoa do singular para escrever, e as exceções em terceira pessoa ocorrem em histórias nas quais Aureli não existia/não estava “presente”. O uso da terceira pessoa ocorreu também quando o autor descrevia biomas, paisagens e seres vivos. Em suma, podemos entender Aureli como um guia/tradutor do contexto geográfico que explorou e dos indivíduos e formas de vida que o habitavam. Guia, pois a narrativa em sucessão de eventos – aqui faço referência especial aos relatos de viagem – levam o leitor no tempo e no espaço ao compasso do autor; tradutor, pois o autor assume que seu interlocutor não conhece o espaço e os que habitam nele e, portanto, traduz a experiência com descrições, comparações e metáforas:

[...] Assim como os cavaleiros da Idade-Media eram elevados a tamanha honra, nas catedrais de então, recebendo espada e esporas, assim também, com estreita analogia, os jovens guerreiros Carajás recebem a “espada”. De lá para frente, poderão guerrear: já são considerados homens (AURELI, 1966, p. 97).

Existe, por isso, uma dimensão didática na fala de Aureli, que almeja explicar o que é narrado. Esse elemento é notável quando nos deparamos com as interrupções do autor dentro da própria sucessão de eventos. É comum, no meio de uma descrição, Willy “pausar” o narrado para apresentar ao leitor explicações e relatos de experiência que de alguma forma contribuíssem para sua autoimagem ou para a compreensão de algum aspecto. Um exemplo advém de Biu Marrandu (1963), no qual sua narrativa da expedição ao Rio Uabé na Ilha do Bananal é pausada para descrever sua defesa da origem autóctone do indígena ameríndio, em oposição às teorias em voga:

Êsse largo parêntesi que me permite fazer, não é para avançar ousadamente uma opinião. Apenas uma digressão para demonstrar que, em se tratando de ser a raça vermelha, oriunda de outras bíblicamente descritas, muito mais aceitável seria a origem africana do que a asiática (AURELI, 1963, p. 99).

Essas pausas possibilitavam a Aureli demonstrar seus conhecimentos para além de sua atividade de explorador. Assim, os diferentes livros, eventualmente, apresentam discussões teóricas das mais diversas disciplinas, especialmente geografia, biologia, literatura brasileira e etnografia. Reside nessa pluralidade uma das mais importantes autodefinições de Willy, um indivíduo capaz de combinar a atividade prática, na forma de suas expedições, com um arcabouço literário e teórico. Por conta disso, se colocava em constante oposição a etnógrafos ou outros acadêmicos que considerava teóricos sem prática. Aqui o leitor poderia se lembrar do ceticismo e da conduta de Aureli em relação ao etnógrafo de 1938. No campo da geografia, se posiciona como um esclarecedor que, além de demonstrar os erros cartográficos, também

descobria novos espaços. O interessante dessa autodefinição é que ela se “esconde”, residindo em boa parte na crítica aos outros ou em comentários tal como no prefácio desse capítulo. Em alguns casos, se expressando com metáforas:

Obras de fôlego (sobre indigenismo) andam por aí, fruto de pacientes investigações de estudiosos na matéria. Compêndios que se alongam em discriminações, às vezes enfadonhas e outras bastante incompreensíveis pelos termos rebuscados dos autores, mais atentos em demonstrar o conhecimento gramatical do idioma do que da explanação que desejam oferecer ao leitor

[...]Uma narrativa, um relato, uma explanação, devem ter o sabor de um prato simples e gostoso e jamais apresentar um manjar onde todos os molhos, especiarias, alquimia de culinária entram para agradarem um paladar e somente conseguem estragar as vias gástricas.

Daí a forma e o estilo que eu emprego em todas as minhas páginas, acerca das narrativas de minhas penetrações pelo sertão, o que me anima, apresentar dessa forma, e agora, algo assimilável em torno de determinadas “nações” silvícolas, que eu conheço, realmente, e sobre as quais posso falar (AURELI, 1966, p. 11-12).

Ao voltar-se para elementos da natureza, Aureli constituiu seu texto tanto de descrições técnicas, quanto de desenvolvimentos mais sentimentais, sendo esses os mais comuns. Além disso, é importante pontuar que esses dois âmbitos, o técnico e o sentimental, misturavam-se constantemente. Na obra do autor, o Sertão do Araguaia-Mortes é representado como um espaço de contrastes, oferecendo, simultaneamente, perigos e dádivas. Tanto a letalidade potencial quanto a beleza reconhecida na paisagem estimulam o sublime, ou seja, o indivíduo que experiencia aquele ambiente se vê diminuído, impotente, vislumbrado, oprimido pelos elementos que constituem a natureza.

Todos os mistérios lá estão. Todos os imprevistos surgem. Todos os espécimes da flora e da fauna vivem no ambiente milenar, sereno e terrífico, grandioso e mesquinho. O deserto arenoso e a floresta acabrunhadora casa-se com a campina verdejante. O tabocal dilata-se até os buritizais generosos, os pântanos confinam com as pradarias de ervas ondejantes, os rios unem-se às lagoas que são poemas de incubos; as serras e as montanhas erguem-se de súbito, paredões graníticos do chapadão nivelado! [...] onde o desespero de horas atroz transformam-se em placidez tranquilizadora e sedativa!

A parte do sertão de Goiás [...] tem sua vida, seus costumes, suas leis que diferem bastante das arcaicas dos demais sertões nordestinos, por serem glebas de arribação e se povoarem aos poucos, com a vinda de sertanejos de outras plagas, atraídos, em sua maioria, pelas jazidas diamantíferas (AURELI, 1962, p. 12-13).

Mas naquela noite em que a escuridão poderia ter sido cortada à faca, naquela escuridão pegajosa e visguenta, naquele silêncio estranho e tumular, os nossos corações tinham caído par ao fundo das calças, apenas represados pela orla das botas... (AURELI 1962b, p. 167).

A impressão que temos é a de que o autor está constantemente dedicando-se à constituição de paisagens, transpondo as tendências da pintura para a observação empírica. Assim, Aureli “congela” tempo e espaço para guiar a imaginação do leitor com o intuito de

montar uma determinada imagem acompanhada dos sentimentos causados por ela. Elemento favorecedor dessa interpretação é que a escrita dos livros ocorria após a observação do espaço, possibilitando que o autor agisse artisticamente a partir da memória. Uma consequência associada a isso, apontada por Luciana Murari⁷⁰, é a impossibilidade de atestar se o descrito foi de fato observado, ou se o processo de composição da paisagem distorceu a autenticidade da experiência empírica:

Sempre podemos nos perguntar sobre a autenticidade da representação do meio sertanejo nesses livros, dada a força do imaginário pátrio, ao qual se soma o culto das origens sertanejas do brasileiro, que abre caminho para transcender a experiência imediata e transformar a paisagem em um referente simbólico, nostálgico e sacralizado (MURARI, 2020b, p. 153).

Os animais também não “escapam” desse processo, sendo eles também componentes da paisagem ou mesmo observadores dela. Esse ponto é onde a mistura entre o técnico e o sentimental se torna mais evidente. As descrições biológicas de jacarés, onças, tartarugas, entre outros, acompanham um animismo que fornece características e sentimentos humanos aos espécimes:

Onça é admiradora incondicional da lua. Fica embeijada, quando o enorme disco prateado, em plenilúnio, se ergue majestoso para fixar-se, como enorme pastilha, na ogiva do infinito, declinando aos poucos, imperceptivelmente, inundando o sertão com essa luz argêntea, que põe sombras alucinadoras em todos os objetos [...] esse conjunto todo aumenta ao infinito a tensão do espírito, fazendo-o pairar em algo de sobrenatural, enchendo o coração de terrores múltiplos e encantamentos radiosos! [...] (AURELI, 1962b, p. 37).

Contei vinte e seis (jacarés). Todos de respeitável porte. Atrevidíssimos, avançavam lentamente, inflexivelmente decididos. [...] Os ecos do Solidão repercutiam a nossa fuzilaria. Para cada tiro, um jacaré espanava desesperadamente as águas tintas de sangue [...] Os demais, mal-feridos, retrocederam, sempre com o olhar sinistro e mau em nossa direção. [...] Já é noite e podemos identificar as silhuetas repelentes dos monstros (AURELI, 1962b, p. 61).

Para além da constituição de uma paisagem, o discurso vinculado aos elementos da natureza também apresentou elementos de conquista, aspecto comum às narrativas de aventura e ao imaginário do homem x natureza (PRATT, 1999; RIFFENBURGH, 1994). Associava-se também à figura do bandeirante, que passou por uma retomada e valorização na campanha da Marcha para Oeste. Com os anseios de colonizar e povoar o interior brasileiro, a representação do bandeirante como indivíduo pioneiro, desbravador, adaptado, corajoso e patriótico era

⁷⁰ O trabalho tratou da representação da paisagem sertaneja nos relatos de Hermano Ribeiro da Silva e Willy Aureli. Quanto às obras de Aureli, foram utilizadas *Roncador* (1939) e *Sertões Bravios* (1943) (MURARI, 2020b).

potencialmente persuasiva. Servia como referência simbólica a ser compartilhada pelos indivíduos que se identificavam com a conquista daquele espaço (SILVA, 2018)⁷¹.

Identificamos esse relacionamento intrínseco entre o bandeirante e a conquista quando Aureli narra momentos em que batiza localidades e elementos da fauna e da flora, demonstrando a compreensão de que a exploração lhe fornecia autoridade para tal. Esse aspecto também perpassa o vocabulário utilizado, comumente representando a natureza a ser explorada como entidade feminina associada aos termos “virgem”, “intocada”, “misteriosa”, entre outros.

[...] Quem me dera navegá-lo (o Rio Javaé) até às nascentes e penetrar essas terras ainda indevassadas! Quanto ainda resta a ser vasculhado nessa imensidão desconhecida! Mas sai virá e penetrarei todos esses afluentes, arrancando-lhes o nimbo do mistério (AURELI, 1962a, p. 266)!

Hoje, no sertão, que eu ajudei a desbravar e onde somente a Natureza imaculada entoava o seu Cântico dos Cânticos, encontra-se um transistor na proa de uma canoa, no interior de um batelão. Dentro de um homizio mal e mal coberto com folhas de piaçaba, ou dependurado no “Santo Antônio” das selas dos boiadeiros que, entre um pega de reses transmalhadas, cortam o sertão pelas suas veredas imaginárias, colocando, no ouvido a “caixinha maravilhosa” (rádio) (AURELI, 1973, p. 128).

A conquista da natureza, entretanto, deveria passar por limitações. Em se tratando dos indígenas, dos sertanejos e do espaço habitado, as tecnologias, os projetos e os hábitos da civilização não deveriam influenciar a pureza da cultura de determinado grupo, nem alterar profundamente o ambiente e o cotidiano da comunidade:

Pesados aviões das FAB sulcam os ares. Trazem em seus bojos materiais para o começo da “Operação Bananal”, essa aventura que passou a ser conhecida aqui como “Operação Bacanal”, tamanha a orgia de desperdícios havida.

[...] Uma localidade tranquila (São Felix do Araguaia), imersa na quietude de um “modus vivendi” exemplar transforma-se, de uma hora para outra, em repositório de vergonheiras, de pagode, de baderna. [...] Gente que influiu diretamente junto aos poderes supremos da Nação para que, após o surto de Brasília, viesse a se realizar o milagre de outro surto: uma cidade na Ilha do Bananal [...] (AURELI, 1963, p. 201-203).⁷²

Ainda em relação a essas limitações, a caça deveria ser controlada pelo Estado, de forma a evitar a diminuição drástica de uma espécie:

Hoje, o Araguaia não mais apresenta esses aspectos virgens e silvestres. O abate dos jacarés processa-se já há alguns anos [...] Com isso, e dada a forma e maneira com que se processou e ainda se processa a caça, em breve o jacaré será objeto de luxo. Então, as águas ficarão poluídas e não serão mais potáveis como agora, porque o

⁷¹ Ainda que a Piratininga seja um exemplo explícito disso, Sandro Dutra e Silva aponta como o discurso do Estado Novo foi capaz de ampliar esse referencial simbólico a todos os cidadãos que ingressassem no esforço da Marcha para Oeste. O estudo nos auxilia a compreender inclusive por que Aureli recebeu mais voluntários para a expedição do que necessitava.

⁷² Aqui Aureli faz referência à Operação Bananal iniciada em 1960 pelo governo JK, ainda que planos para a urbanização da área remetem à Era Vargas (PEIXOTO; PALAZZO; DERNTL; TREVISAN, 2014).

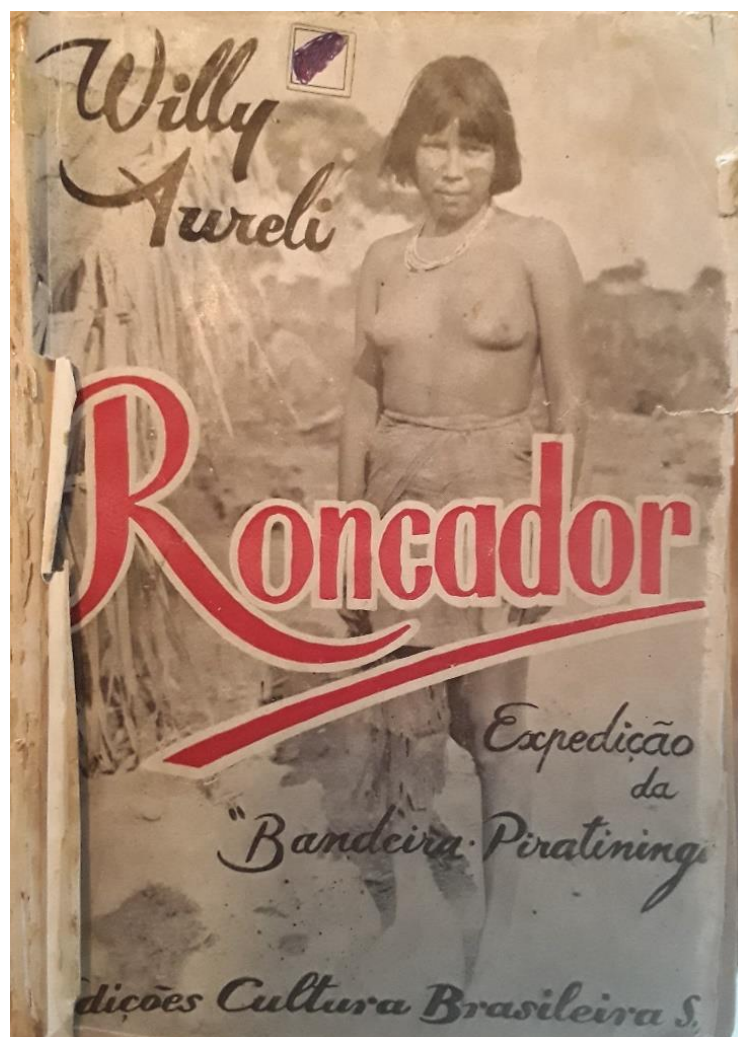
jacaré, apesar de todos os defeitos que possa ter, possui uma grande qualidade: é o funcionário gratuito da limpeza pública de todos os rios (AURELI, 1960, p. 81)!

CAPAS, ILUSTRAÇÕES E PREFÁCIOS

Neste momento, cabe apresentar sumariamente os oito livros analisados, tendo um foco especial nas capas, ilustrações e prefácios. As capas e ilustrações, incluindo fotos, são interessantes para observarmos aspectos imagéticos dos livros que inevitavelmente compõem o discurso como um todo. Os prefácios, quando escritos por terceiros, nos oferecem textos de outras pessoas que tiveram como intuito introduzir o autor e o conteúdo da obra em questão. São, portanto, exemplos que contribuem à iniciativa de conduzir o leitor a uma forma de conceber Aureli. A ordem de apresentação será cronológica.

1) *Roncador* (1939):

Publicado em 1939 pela Edições Cultura Brasileira, *Roncador*, em sua primeira edição, é composto por 302 páginas e se constitui como um relato da expedição de 1938, escrito, em grande parte, em primeira pessoa. Conta com uma parte inicial de agradecimentos, em que agradece ao interventor paulista Adhemar de Barros, ao interventor de Goiás Pedro Ludovico, à sua esposa, aos integrantes da Bandeira, aos diretores da editora Lourenço Carneiro Lyra e Galeão Coutinho, aos jornalistas das *Folhas da Manhã e da Noite* e *O Globo*. O prefácio foi escrito pelo próprio autor, contendo sete páginas, nas quais descreve os objetivos e a motivação para a expedição. Quanto aos elementos gráficos, observamos na capa o uso do nu indígena como chamariz, enfatizando, portanto, o exotismo. As diversas fotos apresentadas não seguem uma ordem conectada à narrativa e, ao que tudo indica, são todas da expedição de 38. Esses dois aspectos, o apelo ao exótico e as imagens desconectadas da narrativa, estão presentes em todas as obras analisadas.

IMAGEM 40 – Elementos gráficos de *Roncador*



800
No alto: Três estradeiros no Araguaya. — O autor, junto a um atirador, lance o primeiro tiro. — O chefe do grupo, Salatiel, na praia. Cheves, foi em companhia do padre Nunes.



Em baixo: Em plena navegação no rio, das mortes — Os expedicionários junto à campapa de Hermanno Ribeiro de Silva em Leopoldina



No alto: O pavilhão nacional hasteado na Serra do Roncador.

Uma scena de acampamento



Em baixo: A famosa Serra do Roncador, contemplada do deserto.

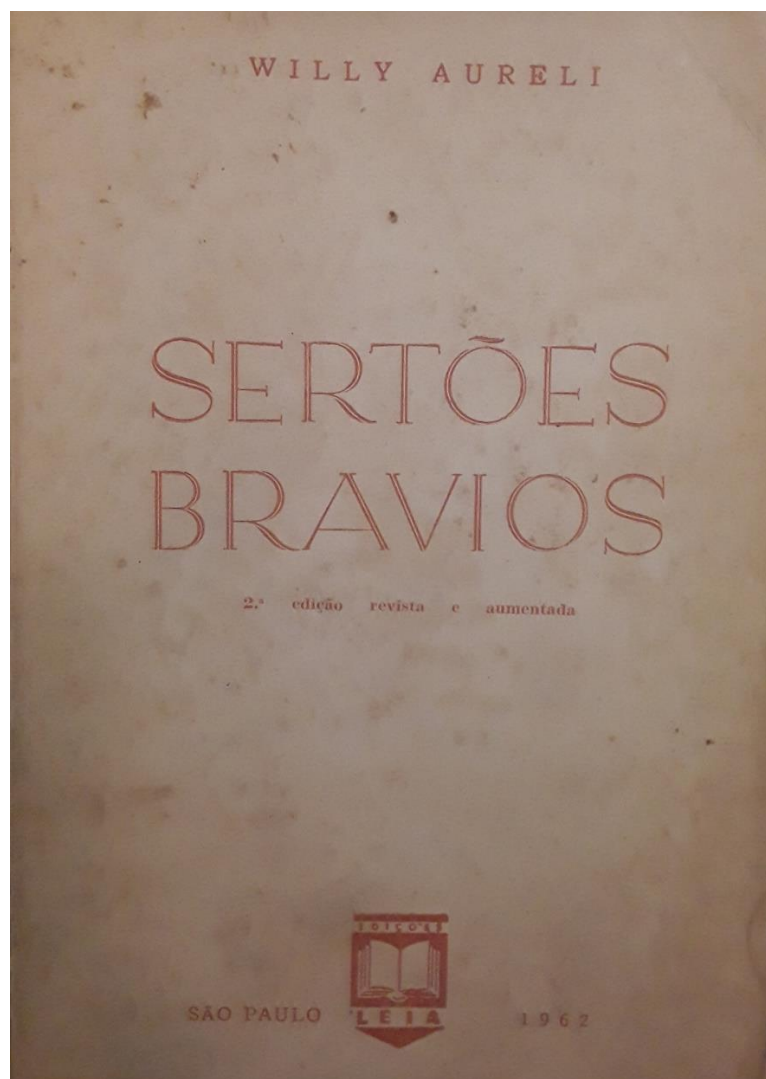


AURELI, 1939

2) *Sertões Bravios* (1ª edição 1943, 2ª edição 1962):

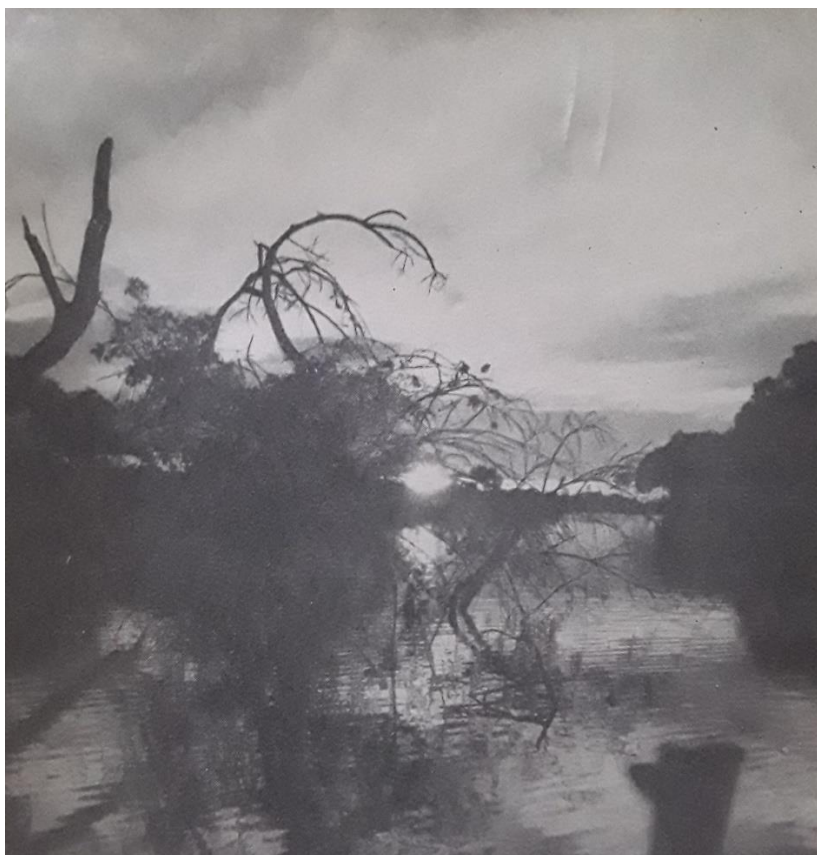
Publicado pela primeira vez em 1943⁷³ e uma segunda em 1962, em edição revisada e aumentada, *Sertões Bravios* constituiu-se como uma coletânea de histórias ficcionais e relatos de experiência. O livro conta com 16 histórias em uma parte e mais quatro em outra. Diferentemente dos demais, *Sertões Bravios* não conta com um prefácio, mas uma parte introdutória intitulada de “Sertão”, na qual o autor, em suma, explica o sertão para o leitor. Para isso, descreve o ambiente, os sertanejos e as dinâmicas sociais que os conectam. As diferentes histórias acabam, por sua vez, participando dessa explicação. Ao todo, o livro é constituído por 189 páginas e uma série de 14 fotos de indígenas, dos expedicionários e da paisagem sem conexão direta com o que se narrava, porém, com sucintas legendas.

IMAGEM 41 – Elementos gráficos de *Sertões Bravios*



⁷³ Não foi possível adquirir a primeira edição.

“1-Nos meandros líquidos do Araguaia”⁷⁴



“2-Componentes da Missão Salesiana em pleno rio das Mortes”⁷⁵



⁷⁴ AURELI, 1962, p. 15.

⁷⁵ AURELI, 1962, p. 16.

“3-Índios perambulando pela floresta do Araguaia”⁷⁶



“4-Jovem índia Carajá da Ilha do Bananal”⁷⁷



⁷⁶ AURELI, 1962, p. 31.

⁷⁷ AURELI, 1962, P. 32.

“5-Índios Xavantes do rio das Mortes”⁷⁸



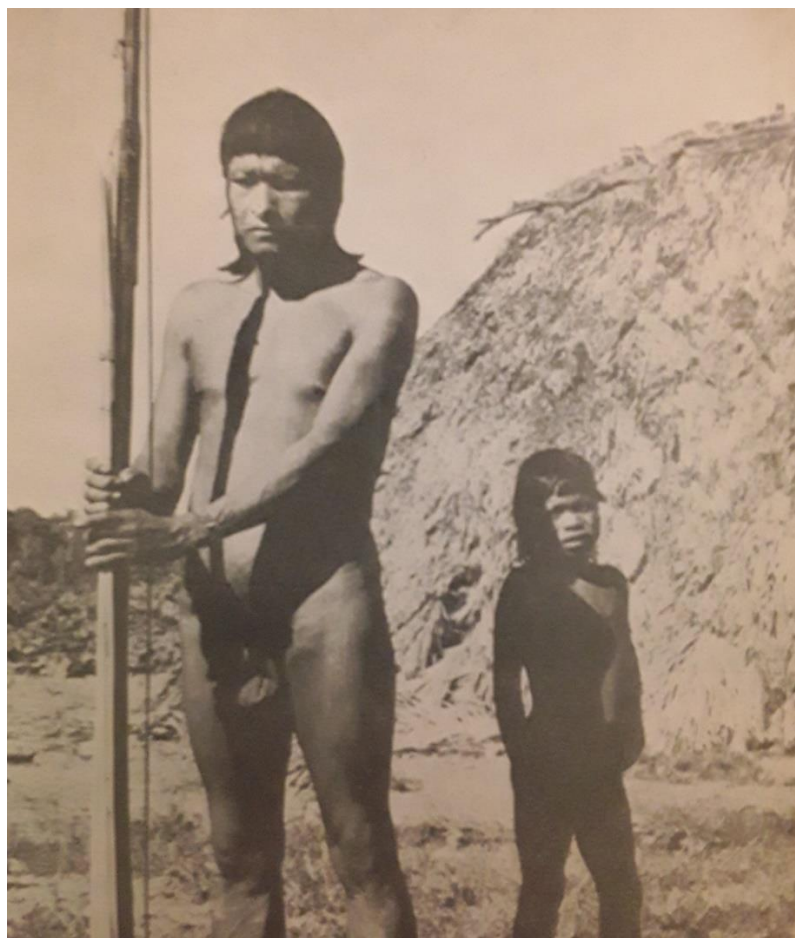
“6-Na mata, após um dia de trabalhos estafantes”⁷⁹



⁷⁸ AURELI, 1962, p. 61.

⁷⁹ AURELI, 1962, p. 62.

“7-Guerreiro da famosa tribo Xavante, em companhia de seu filho”⁸⁰



“8-Rumando o rio das Mortes”⁸¹



⁸⁰ AURELI, 1962, p. 79.

⁸¹ AURELI, 1962, P. 80.

“9-Sulcam-se as águas do imenso Araguaia”⁸²



“10-Casal de índios Carajás, pescando na ilha do Bananal”⁸³



⁸² AURELI, 1962, p. 109.

⁸³ AURELI, 1962, p. 110.

“11-India Carajá com a sua prole”⁸⁴



“12-Pausa na longa caminhada”⁸⁵



⁸⁴ AURELI, 1962, p. 127.

⁸⁵ AURELI, 1962, p. 128.

“13-Quando o Araguaia está plácido”⁸⁶



“14-As vezes o rio estreita-se e forma corredeiras”⁸⁷



AURELI, 1962

⁸⁶ AURELI, 1962, p. 157.

⁸⁷ AURELI, 1962, p. 158.

3) *Bandeirantes D'Oeste* (1ª edição 1952, 2ª edição 1962):

Publicado em 1952⁸⁸ pela Edições Leia, *Bandeirantes D'Oeste*, em sua segunda edição, é composto por 327 páginas e, assim como *Roncadour*, é um relato de expedição. No caso, o livro descreve os eventos que constituíram a terceira expedição da Piratininga, em 1945. Foi nessa viagem em que o irmão de Willy, Aurelio Aureli, faleceu de febre amarela e é a ele que o agradecimento é dirigido. A obra conta com um grande mapa que foi de grande utilidade para compreender as referências geográficas de Willy, ainda que boa parte dos nomes no mapa não condigam com a nomenclatura atual, e 16 fotos da expedição. O prefácio, mesmo com três páginas, é muito expressivo por expor um texto que se constituiu como uma carta em resposta àqueles que criticavam Aureli pela sua falta de formação e pelas características de seu trabalho, que circulava fora do âmbito acadêmico:

Nesse meio-tempo tive ensejo de ler uma ou outra crítica graciosa, pingada da pena dos que jamais desprezaram os pés do asfalto. Espécie de fobia a tudo quanto cheire arremetimento, audácia, novidade. Estas duas palavras dirijo-as a esses escribas que, na falta de melhor causa, procuram desmerecer os que ainda podem produzir em benefício alheio.

[...] Valho-me apenas dos meus parcos haveres para ir pessoalmente verificar “in loco” o que realmente existe, desfazendo, dessa forma, muita balela encartuchada em papel celofante e colocada nas vitrinas das livrarias com títulos pomposos. Tenho uma vantagem extraordinária sobre todos esses pesquisadores: nivelo-me ao índio! Assimilo-o e sou perfeitamente assimilado pelo gentio. Dessa forma tenho desfeito muita história aceita oficialmente pelos grupos que cercam os “Monumentos científicos”... Dai o despeito e as arremetidas deselegantes.

[...] Quantas e quantas vezes ouvi esta frase de alguém que, após ter lido os meus relatos, comentava-os: “... há muita fantasia nisso tudo!”.

[...] Despeitados, às vezes, trilhando posteriormente caminhos que eu trilhei primeiro, abrindo com o meu trabalho possibilidades imensas, fingem tudo ignorar e vestem roupagens que lhes ficam desengonçadas. São grotescos, mas babam-se de gozo azêdo, na exteriorização de feitos aclamados no âmbito restrito dos irredutíveis. [...] (AURELI, 1962, p. 9-11).

⁸⁸ Não foi possível adquirir a primeira edição.

IMAGEM 42 – Elementos gráficos de *Bandeirantes D'Oeste*“1-Bailarinos do “Aruanã”⁸⁹

⁸⁹ AURELI, 1962, p. 48.

“2- Índios dançando o “Aruaná””⁹⁰



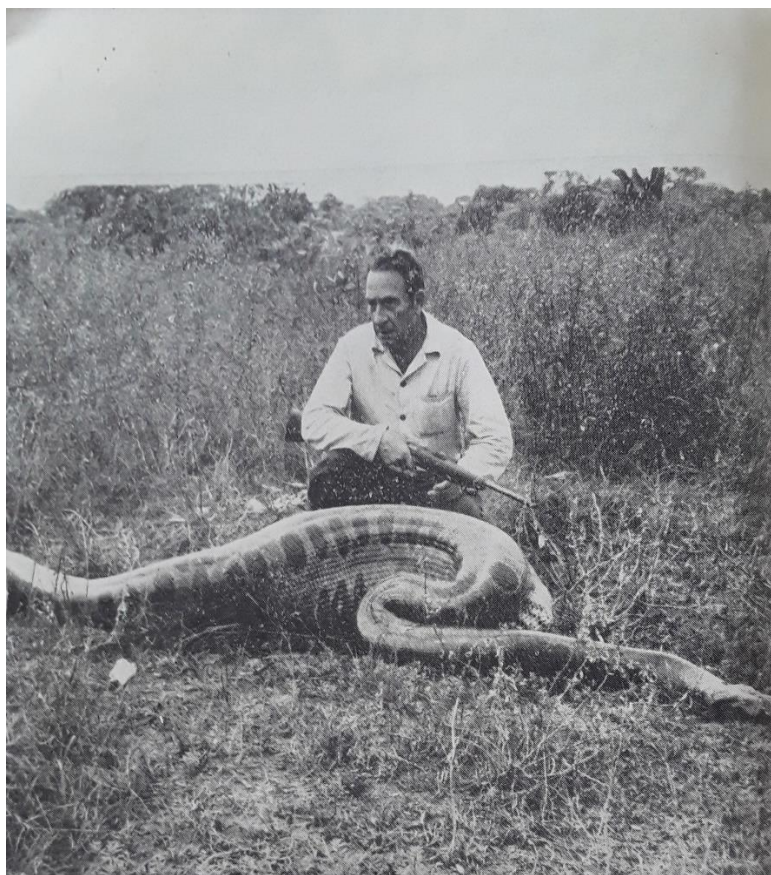
“3- A expedição do Gen. Vieira da Rosa encontra-se em “Pôrto Aurélio”, no Rio Tapirapés, com a “Bandeira Piraitninga””⁹¹



⁹⁰ AURELI, 1962, p. 49.

⁹¹ AURELI, 1962, p. 64.

“4- Sucuri morta à margem do Lago Tapirapés pelo chefe da “Bandeira”⁹²



“5- Em plena floresta do Xingu, Prepara-se o jantar”⁹³



⁹² AURELI, 1962, p. 65.

⁹³ AURELI, 1962, p. 113.

“6- Em pleno Rio Tapirapés, o general Vieira da Rosa demanda as nascentes”⁹⁴



“7- O autor, comandante da “Bandeira Piratininga”, em palestra com o Gen. Vieira da Rosa e o major Telêmaco, em pleno Rio Tapirapés”⁹⁵



⁹⁴ AURELI, 1962, p. 114.

⁹⁵ AURELI, 1962, p. 128.

“8- Primeiro encontro com os índios Tapirapés, na floresta do Xingu. Aurélio Aureli, que faleceu nessa “Entrada”, cumprimenta um pequeno guia”⁹⁶



“9- Campa do bandeirante Aurélio Aureli, em São Félix”⁹⁷



⁹⁶ AURELI, 1962, p. 129.

⁹⁷ AURELI, 1962, p. 176.

“10- No aldeamento Tapirapés, de Tampiri, o autor conversa com o cacique Praxui”⁹⁸



“11- Um grupo da “Bandeira” em Porto Aurélio, no Rio Tapirapés”⁹⁹



⁹⁸ AURELI, 1962, p. 177.

⁹⁹ AURELI, 1962, p. 192. Essa foto também foi mostrada em GRUPIONI, 1998, evidenciando que os dossiês da Piratininga contêm fotos das expedições.

“12- As famosas nascentes do Rio da Liberdade, encontradas pela “Bandeira Piratininga”¹⁰⁰



“13- O autor em companhia de Kautachiuã, cacique dos Tapirapés, na aldeia Tampiri”¹⁰¹



¹⁰⁰ AURELI, 1962, p. 193.

¹⁰¹ AURELI, 1962, p. 240.

“14- Lago Oiti. Uma capivara aproxima-se do acampamento de andança”¹⁰²



“15- Índios Tapirapés, de Tampiri, brincando com os expedicionários”¹⁰³



¹⁰² AURELI, 1962, p. 241.

¹⁰³ AURELI, 1962, p. 256.

4) *O Rio da Solidão* (1957):

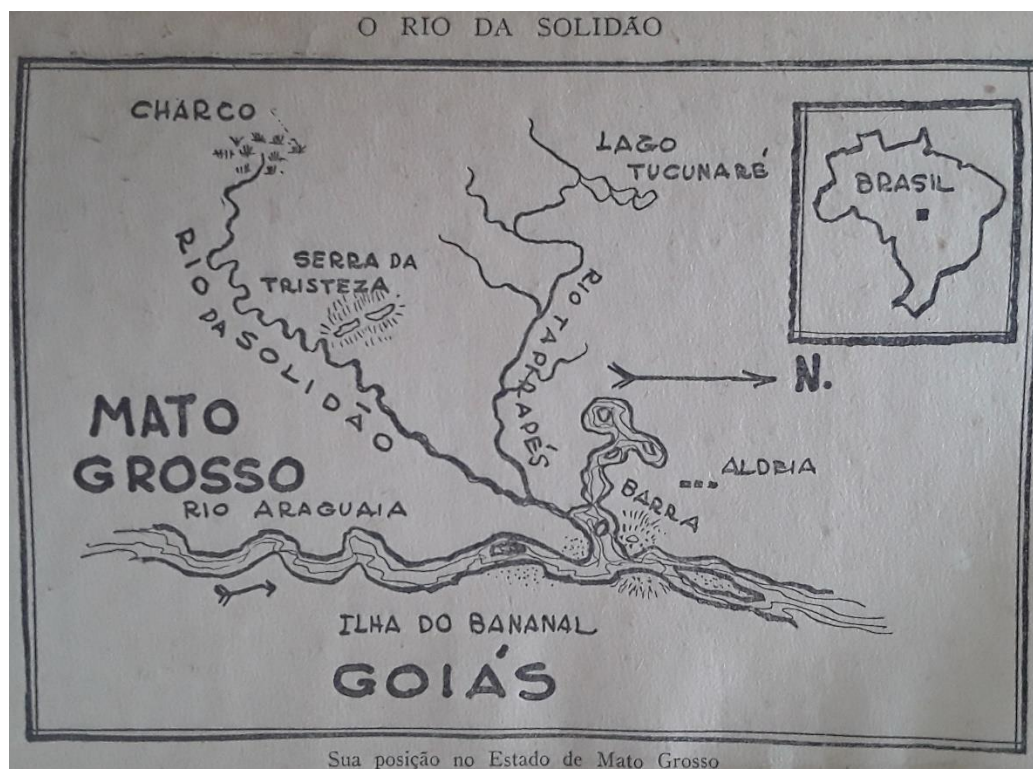
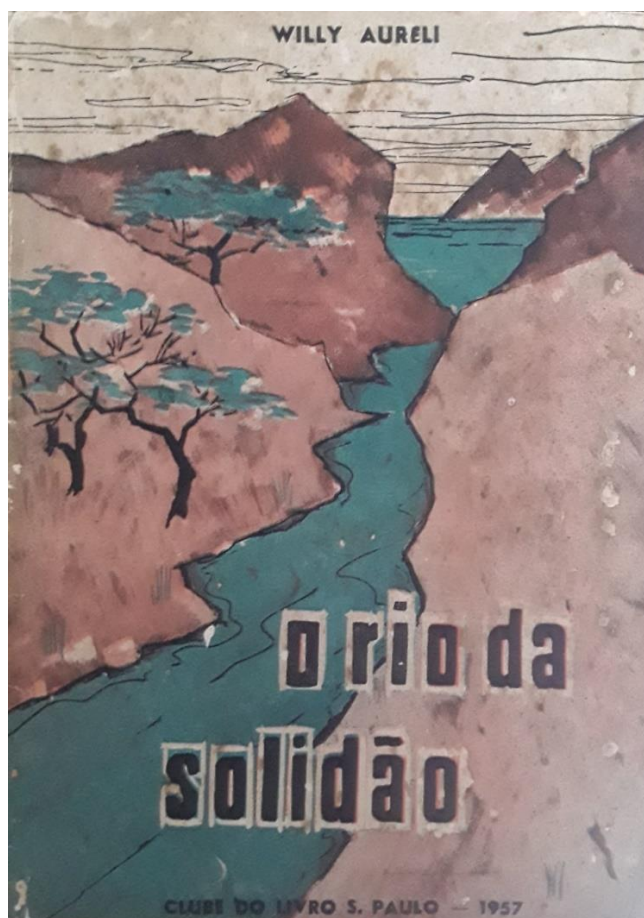
Publicado em 1957 pelo Clube do Livro e composto por 178 páginas, *O Rio da Solidão* trata da quarta expedição da Bandeira entre 1952-1953, na qual Aureli explorara as nascentes do rio de mesmo nome do título. O livro conta com uma nota explicativa de 5 páginas por Afonso Schmidt e a capa ilustrada por Vicente Di Grado, que também criaria as capas de outros três livros. Em seu texto, Afonso Schmidt conta a trajetória de Aureli desde sua vida em São Vicente, caracteriza o autor e seu estilo e comenta os feitos da Piratininga. Em 1959, Aureli anunciaria o fim das ações da Piratininga. Dessa forma, a nota explicativa apresenta-se como um grande panorama das realizações do autor. A publicação conta apenas com um mapa, desenvolvido por Willy.

Entre as famílias de “calungas”, ou vicentinos, havia uma que nos era particularmente simpática: a dos Aureli. Pai italiano, Mãe austríaca, filhos santistas. Estava-se na primeira Grande Guerra, quando Victor Emanuel e Francisco José de colocaram em campos opostos. Muita gente pensou que o casal se desaviesse...

[...] Animado pelos primeiros triunfos, meteu-se em 1937 pelo sertão, sertão de verdade, escrevendo depois obras que lhe grangearam popularidade [...] Tornou-se um nome entre os viajantes que procuraram redescobrir o Brasil. Ao mesmo tempo, um nome entre os escritores que souberam transmitir ao público as suas vicissitudes em terras pouco conhecidas, ou mesmo desconhecidas de todo.

[...] Seu estilo é claro, útil, sugestivo. Em cada página há uma surpresa. E o leitor, diante desse livro, acompanha o capitão da “Bandeira Piratininga” nas pegadas das epopeias seiscentistas. No entanto, já não trata de apresar e escravizar a índiana brava, descobrir minas de ouro, de areias ricas de diamantes. Seu material é diferente: leva consigo cadernos de notas, lápis bem apontados, discos de gramofone para colher a linguagem dos autóctones, câmara cinematográfica para fixar seus usos e costumes, assim como a paisagem em que vivem, e uma fita métrica para as mensurações etnográficas daqueles quase desconhecidos povos. E sementes. E remédios. E cartilhas de A B C, para alguns casos especiais. Até mesmo missangas para alertar a cobiça dos morubixabas (AURELI, 1957, p. 7-11).

IMAGEM 43 – Elementos gráficos de O Rio da Solidão



AURELI, 1957

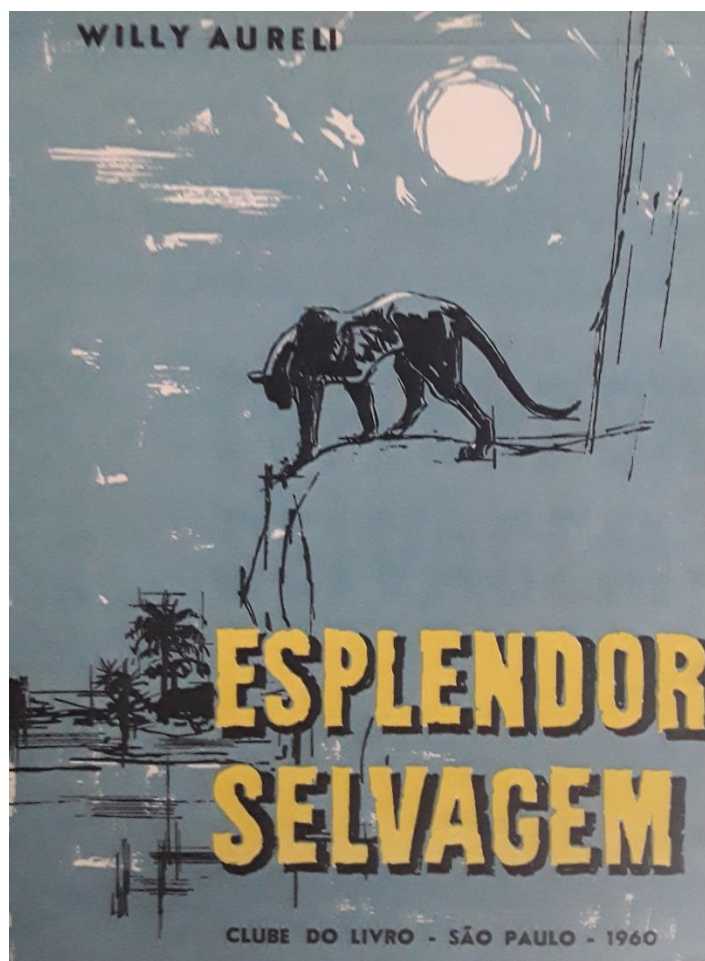
5) *Esplendor Selvagem* (1960):

Publicado em 1960, também pelo Clube do Livro de São Paulo, *Esplendor Selvagem* compõe-se de 160 páginas e divide-se conforme o autor trata de diferentes espécies de animais que habitam o sertão do Araguaia-Mortes. Dessa forma, o livro é uma mistura entre um tratado de zoologia, pois descreve minuciosamente aspectos físicos e comportamentais de animais como jaguares, jacarés, tartarugas, piranhas, entre outros, e relatos de experiência que conectam o autor com o animal descrito. Assim como na obra anterior, a capa foi ilustrada por Vicente Di Grado e a nota explicativa, contando com 4 páginas, foi escrita por Judas Isgorogota. O texto de Isgorogota busca diferenciar o sertão descrito e tratado por Aureli com o de Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, ao mesmo tempo em que resume os diferentes animais que ocupam a obra. Quanto aos elementos gráficos, conta apenas com um mapa tal como pode ser visto no livro anterior.

O sertão de Willy Aureli não é nem o sertão de Euclides da Cunha, nem o sertão de Guimarães Rosa. [...] Diga-se, em devido tempo, que o sertão de Willy Aureli não é, propriamente, sertão; é zona já pisada pelo homem, já integrada em sua instituição geo-social, já dominada, enfim. Apenas permanece como uma espécie de fundo de quintal [...].

O mundo de Willy Aureli é a região arrebatadora e estranha dos Caiapós, dos Javaés, dos Tapirapés, Xavantes e Carajás, mundo tantas vezes palmilhado pelos novos bandeirantes da “Piratininga”, com Willy à frente. [...] Os personagens são outros, esplêndidos, sim; apenas, o leitor gostará de apreciar de longe tão selvática esplendidez ... (ISGOROGOTA APUD AURELI, 1960, p. 3-5).

IMAGEM 44 – Elementos gráficos de Esplendor Selvagem



“A famosa região, que tem por centro a Ilha do Bananal, onde se desenrolaram os episódios, narrados neste livro.”¹⁰⁵

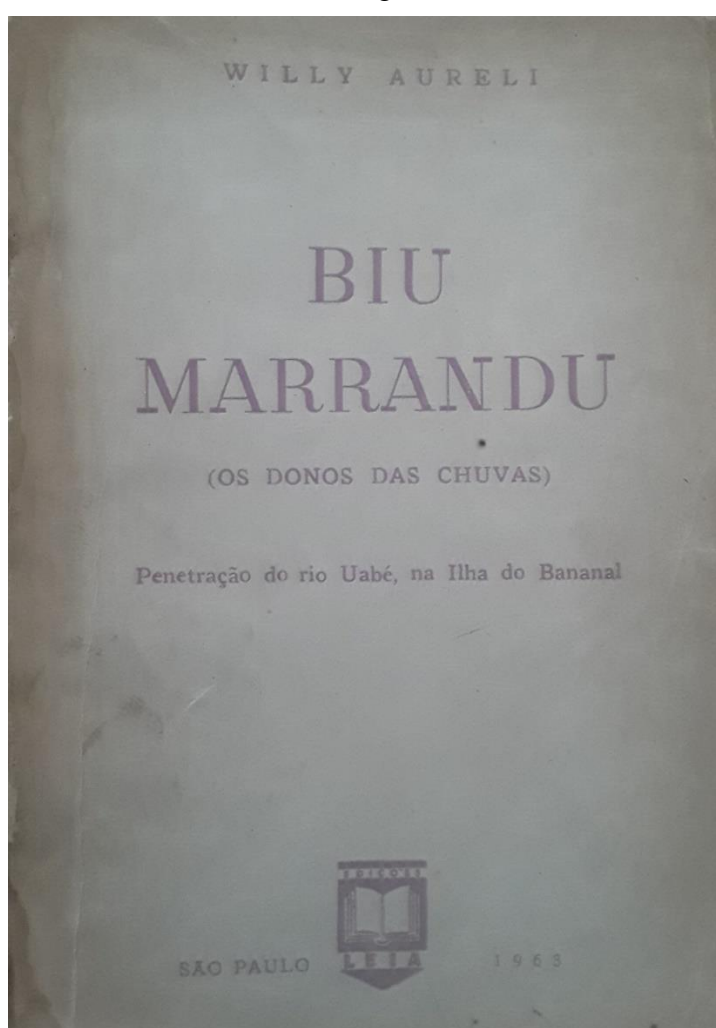


¹⁰⁵ AURELI, 1960, p. 9.

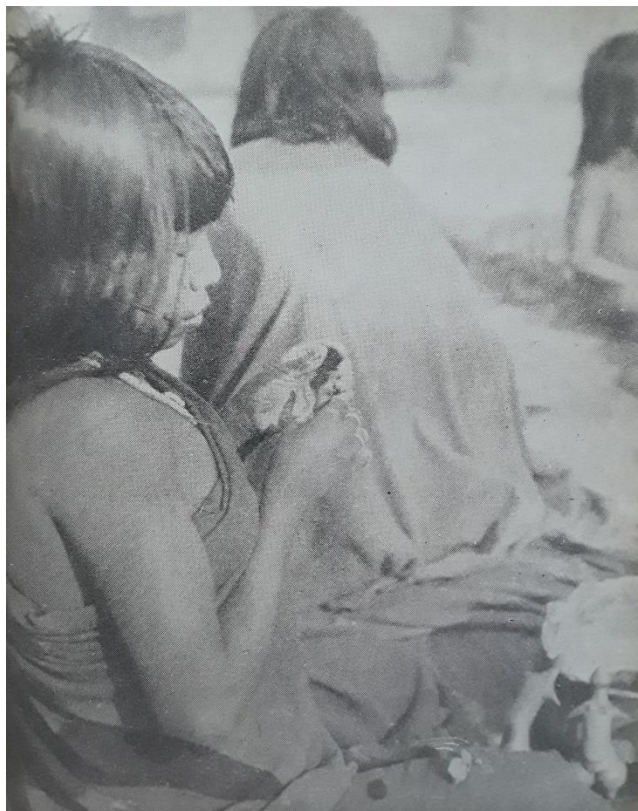
6) *Biu Marrandu* (os donos da chuva); Penetração do rio Uabé, na Ilha do Bananal (1963):

Publicado em 1963 pela Edições Leia de São Paulo, *Biu Marrandu* narra a expedição de 1959, na qual Aureli almejava realizar o levantamento completo do rio Uabé. O livro conta com 237 páginas e fotos que não se relacionam com o que é narrado. Assim como *Sertões Bravios* (1943), não há prefácio. Um detalhe interessante sobre o conteúdo da obra é uma longa digressão no meio do relato de viagem para tratar do indigenismo, descrevendo suas opiniões acerca da índole, história e políticas vinculadas aos indígenas.

IMAGEM 45 – Elementos gráficos de *Biu Marrandu*



“1-Índia Carajá fabricando bonecos de cerâmica”¹⁰⁶



“2-Frei Gil, continuador da obra missionária de Frei Villanova, no meio de índios Tapirapés”¹⁰⁷



¹⁰⁶ AURELI, 1963, p. 31.

¹⁰⁷ AURELI, 1963, p. 32.

“3-Pequeno índio Tapirapés do aldeamento de Tampiri, no mais áspero sertão de Mato Grosso”¹⁰⁸



“4-O autor, em companhia de jovens índios da Ilha do Bananal”¹⁰⁹



¹⁰⁸ AURELI, 1963, p. 49.

¹⁰⁹ AURELI, 1963, p. 50.

“5-O amor das espôsas para com os maridos Carajás, é comovedor”¹¹⁰



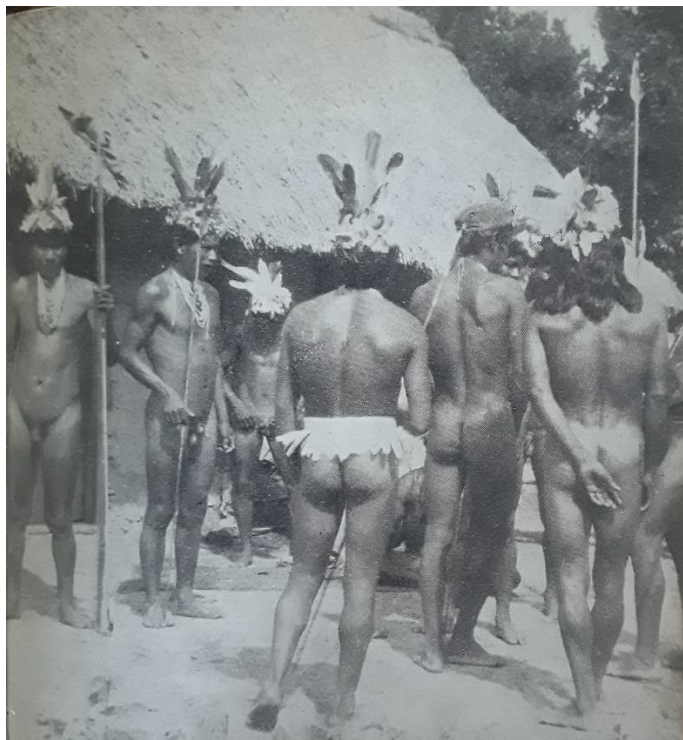
“6-É dessa forma que os índios investem...”¹¹¹



¹¹⁰ AURELI, 1963, p. 95.

¹¹¹ AURELI, 1963, p. 96

“7-Carajás – Xambioás da Barra preparando-se para as danças”¹¹²



“8-Jaci e Nilo, protagonistas de uma rude aventura”¹¹³



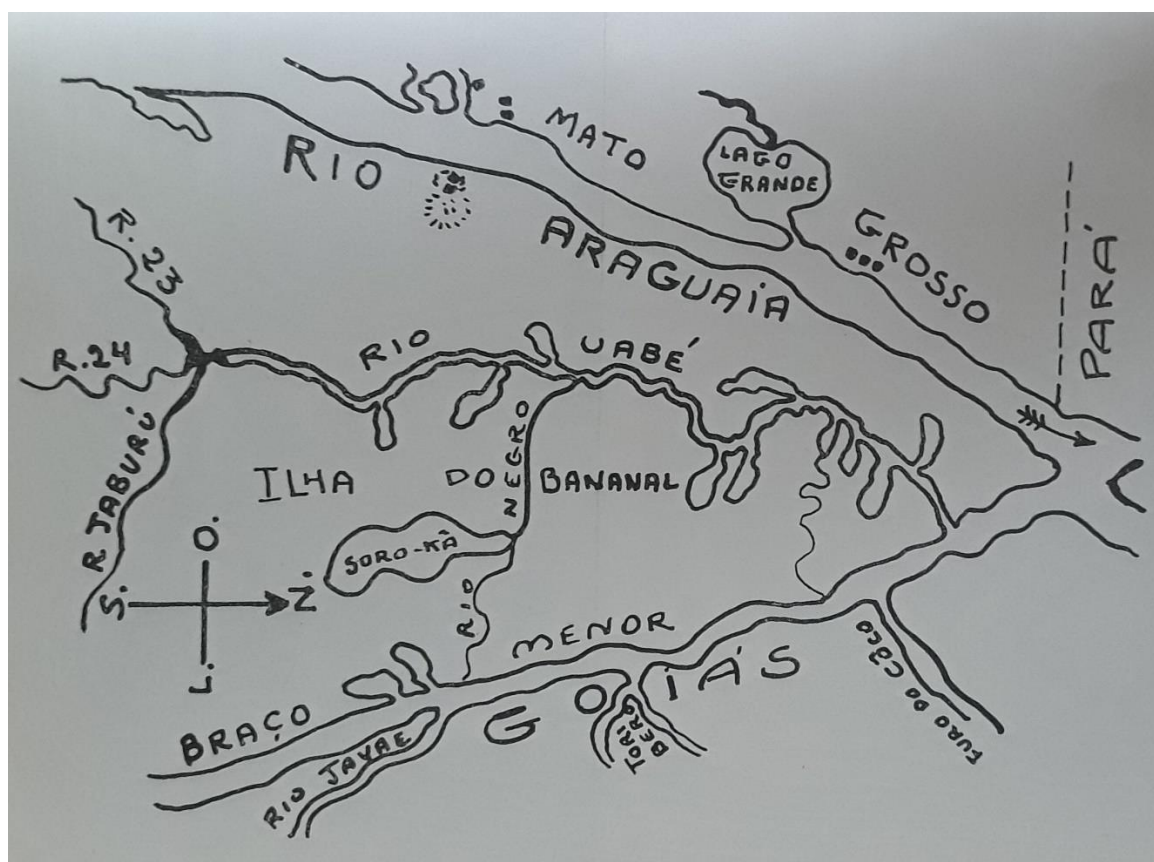
¹¹² AURELI, 1963, p. 112.

¹¹³ AURELI, 1963, p. 113

“9-Os enviados especiais de “A Gazeta” chegam ao acampamento”¹¹⁴



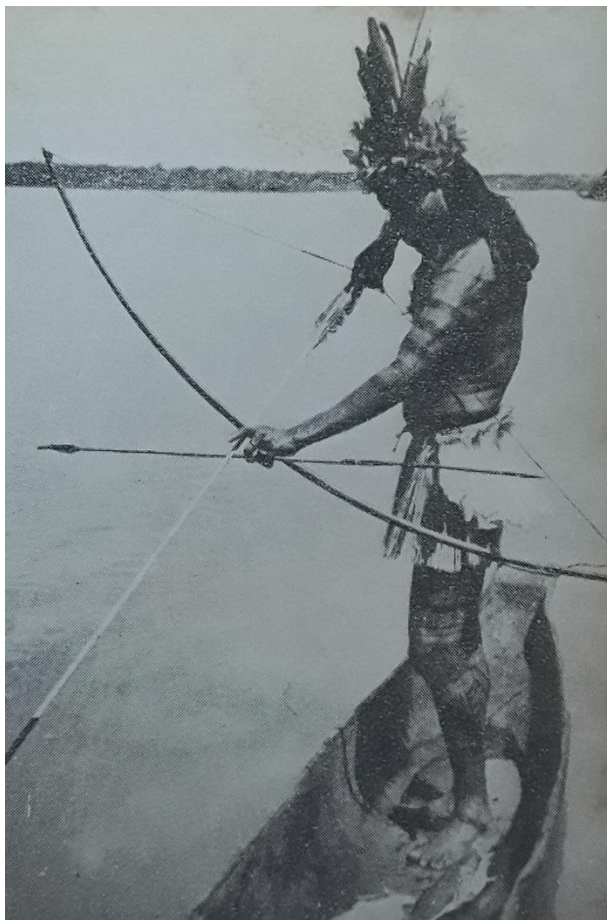
“10-Parte Norte da Ilha do Bananal”¹¹⁵



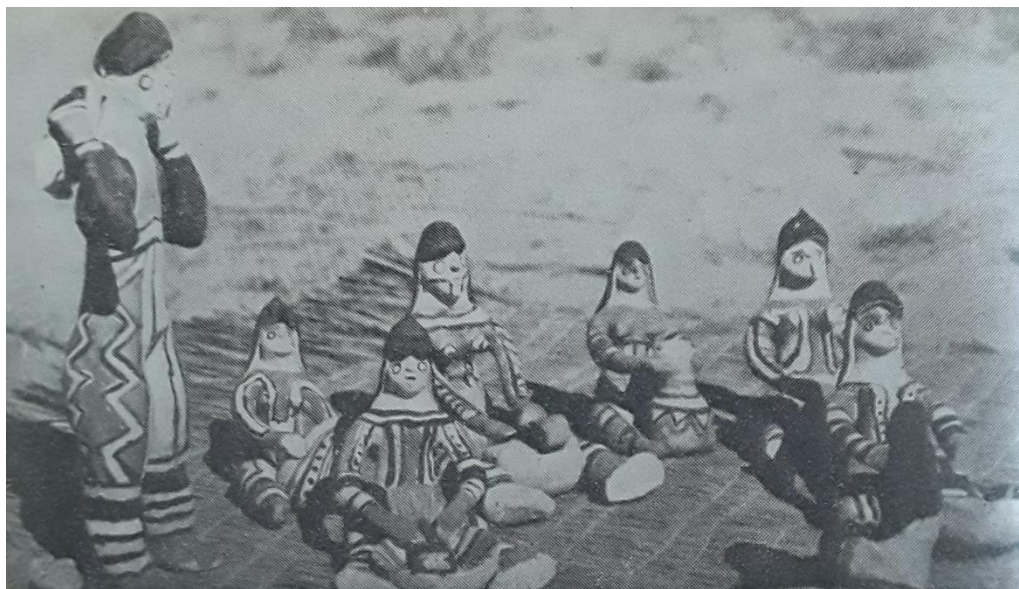
¹¹⁴ AURELI, 1963, p. 161

¹¹⁵ AURELI, 1963, p. 162

“11-Ilha do Bananal. Índio Carajá atirando flecha em peixe”¹¹⁶



“12-Ilha do Bananal. Estatuetas feitas pelos índios Carajás”¹¹⁷



AURELI, 1963

¹¹⁶ AURELI, 1963, p. 177

¹¹⁷ AURELI, 1963, p. 178

7) *Sumaúma: roteiro indianista* (1966):

Publicado pelo Clube do Livro de São Paulo em 1966, *Sumaúma*¹¹⁸ é um livro de 140 páginas dividido em dois momentos. No primeiro, “Episódios”, Aureli conta 7 histórias sendo algumas fictícias e outras relatos de experiência. O segundo, “Índios”, assemelha-se a um tratado etnográfico, o qual Willy chama de “roteiro indianista”, em que o autor disserta sobre a cultura dos Canoeiros, Carajás, Xavantes, Caiapós, Tapirapés e Jivaros. Boa parte do trabalho é feito a partir de sua experiência própria, eventualmente citando outros autores. A capa da obra foi criada por Vicente Di Grado e a nota explicativa de 3 páginas foi escrita por Fernandes Soares. A nota enaltece o trabalho de Aureli, especialmente quanto à habilidade do sertanista de transitar em diferentes campos de trabalho. Ao final da nota, o Clube do Livro aponta a importância que Willy teria para a literatura indianista no país. Cabe lembrar que, em 29 de agosto de 1968, Aureli faleceria. Quanto aos elementos gráficos, o livro acompanha um mapa marcando onde cada grupo indígena habitava.

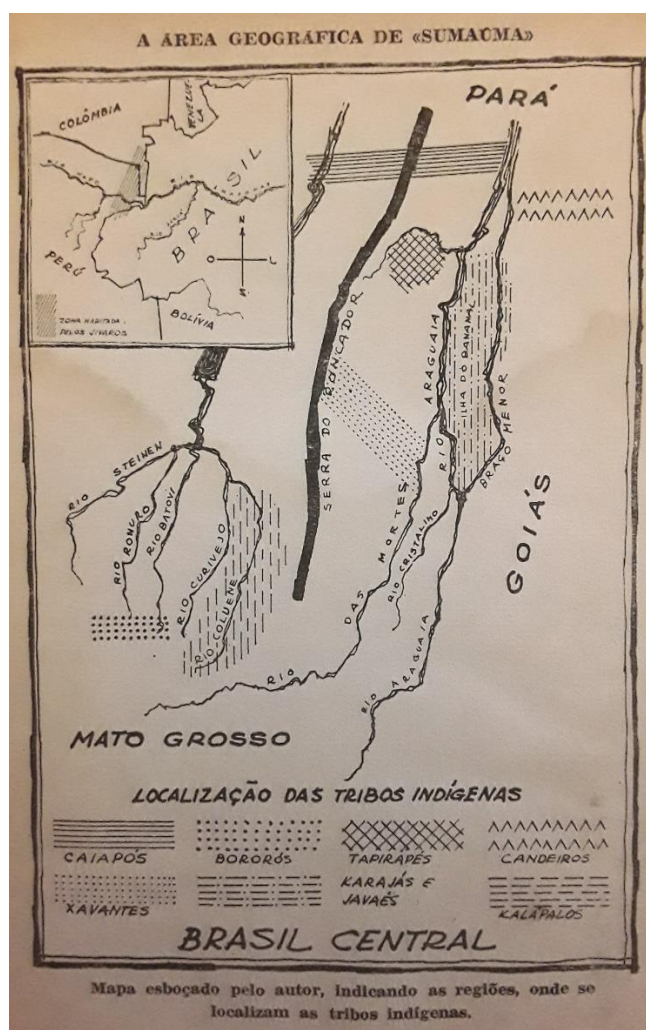
Eu conheço como poucos o aplaudido sertanista, jornalista e escritor. Acompanho-lhe a saga de seus trabalhos, esforços e sacrifícios no desbravamento desse Brasil que Willy Aureli vem descobrindo desde 1937, trazendo à coletividade brasileira, as estupendas e reais constatações de um mundo novo a ser aproveitado pelo homem empreendedor [...].

Por muito que se queira dizer de Willy Aureli, como sertanista, como jornalista, como escritor ou como cidadão, pouco se dirá. Incrível a sua capacidade de trabalho, de mutações dentro dos três campos que lhe são a base de sua personalidade [...].

Atraído como que por imã gigantesco pelo sertão que tanto ama, tudo abandona para mais e mais penetrar nos meandros da selva, dos cerrados, das cordilheiras que mantêm, ainda, o sabor acre, áspero e violento, da pureza, da inviolabilidade, norteadas apenas por um ideal (AURELI, 1966, p. 8).

¹¹⁸ “grande árvore brasileira, da família das bombáceas [...]” (AURELI, 1966, p. 12). A capa do livro inspira-se no primeiro episódio de mesmo nome.

IMAGEM 46 – Elementos gráficos de Sumaúma



8) *Bugres no Rio das Mortes: Poranduba – Notícia do Sertão* (1973)

Bugres no Rio das Mortes foi o último livro da obra de Aureli, sendo publicado postumamente em 1973. Conta com 156 páginas, ilustrações e capa por Vicente Di Grado e a nota explicativa escrita pela filha de Aureli, Brunilde Aureli Brito. A obra é um compilado de 25 relatos de experiências com os mais diversos temas, de caçadas à importância do rádio no sertão. As ilustrações por Di Grado fazem referência direta a partes do livro. A nota de duas páginas desenvolvida por Brunilde é o primeiro texto escrito por um familiar que esta pesquisa teve contato, que buscou sumarizar a vida e obra do autor e se intitula “Altos e baixos, prazeres e lágrimas, eis a vida heroica de Willy Aureli”:

Quando, em agosto de 1968, Willy Aureli morreu estranhamente se completavam 30 anos do dia em que um punhado de homens por ele chefiados chegava à Serra do Roncador, até então definitivamente riscada do rol das coisas existentes [...].

É difícil separar o sertanista do homem, conforme me pediu a Editora; para qualquer recordação, há sempre a lembrança de suas realizações, do ideal comovente, endereçado à sua missão pacificadora, objetivando amparar, no que lhe fosse possível, o nosso sertanejo, proteger os nossos recursos naturais, contribuir para o estudo da geografia física e humana, realizando uteis e desinteressados levantamentos topohidrográficos.

Nós, que o conhecemos de perto, sabíamos que Willy Aureli era dono de uma ternura indisfarçável, evidenciada quando se referia aos seus irmãos de pele vermelha, que o haviam integrado às suas comunidades com rara distinção. Essa foi, sem dúvida alguma, a maior recompensa que recebeu por todos os seus trabalhos.

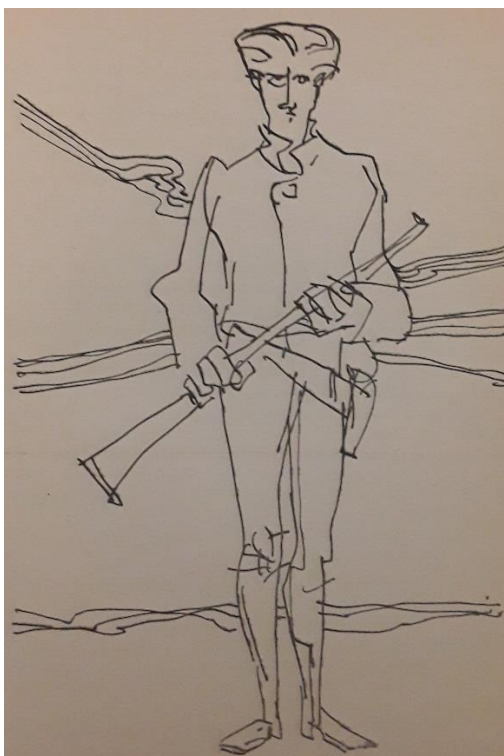
[...] Não teve tempo para escrever a sua vida, essa que conheceu o sabor amargo da realidade crua, que atingiu vértices de felicidade, que deambulou sob muitas latitudes, que soube suportar os embates cruéis da impiedosidade e que, finalmente, encontrou um cantinho junto à lareira. Uma verdadeira gangorra, altos e baixos, prazeres e lágrimas, eis a vida heroica de Willy Aureli! Seu testamento moral, no entanto é o espelho fidelíssimo de uma existência constituída por um maravilhoso trabalho de devotamento às coisas superiores e nobres.

Adeus, Willy, amigo,

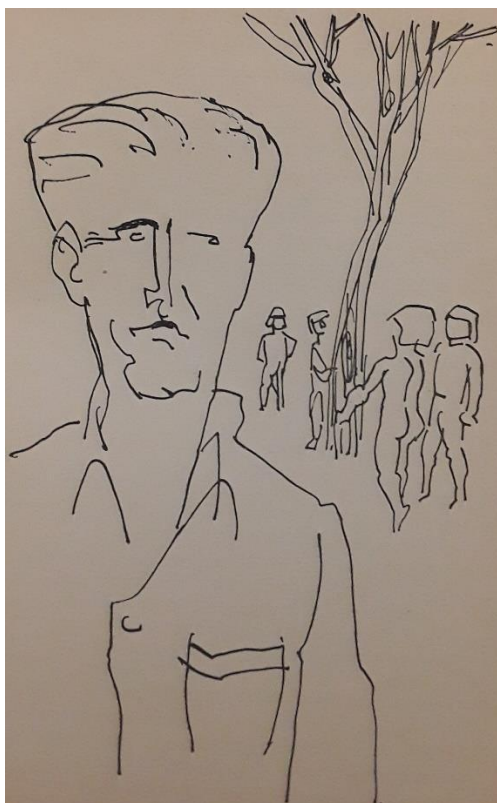
Adeus, Willy, meu pai (AURELI, 1973, p. 7-8).

IMAGEM 47 – Elementos gráficos de Bugres no Rio das Mortes

“Fiquei teso como estátua...”¹¹⁹



“Perambulei pelo acampamento”¹²⁰



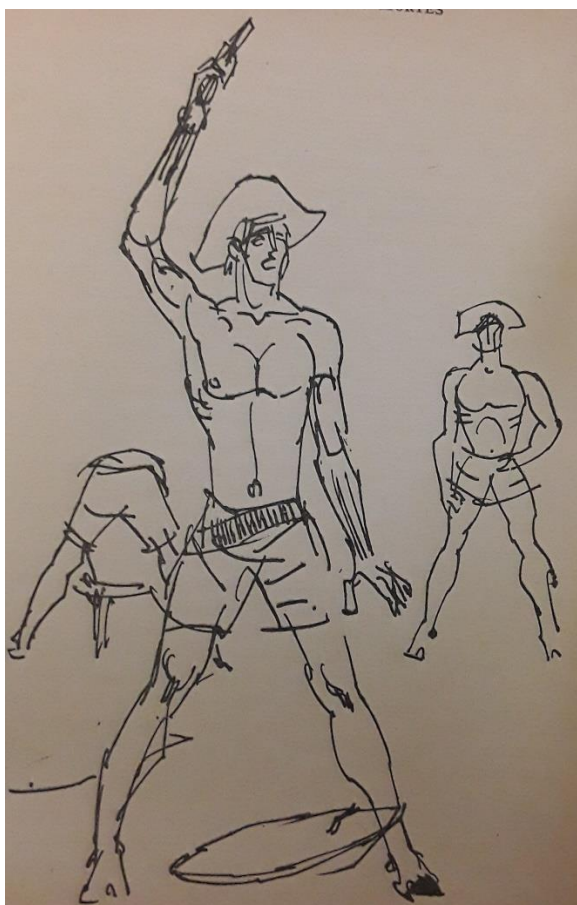
¹¹⁹ AURELI, 1973, p. 33.

¹²⁰ AURELI, 1973, p. 65.

“Acontece que o segundo espécime...”¹²¹



“...arranca o revólver da cinta”¹²²



AURELI, 1973

¹²¹ AURELI, 1973, p. 97.

¹²² AURELI, 1973, p. 129.

4.1 ASSIMILANDO E SENDO ASSIMILADO: INDIGENISMO NO CONTEXTO E NA OBRA DE AURELI

O presente subcapítulo tem dois objetivos: 1) contextualizar o campo indigenista, especialmente ao longo da década de 30 e no Mato Grosso, listando e explicando os principais agentes envolvidos, sendo esses, o SPI, o CFEAC e a Missão Salesiana; e 2) explicar e exemplificar como Aureli se localizava dentro do campo indigenista a partir de suas obras. Para isso, primeiro se trabalhará com momentos em que Willy escrevia o que poderíamos chamar de tratados indigenistas e etnográficos¹²³. Em segundo lugar, dissertarei sobre diversas experiências de alteridade dos integrantes da Bandeira Piratininga com indígenas narradas pelo autor. Com esses dois passos, almeja-se entender de forma geral a maneira como Willy representava o indígena, no singular, e os indígenas, quando focava em diferentes grupos.

O CAMPO INDIGENISTA E SEUS AGENTES

Uma consonância entre os diferentes planos dos agentes citados anteriormente é que não havia espaço para que a figura central do indigenismo, o indígena, detivesse poder decisório. Essa similaridade no cerceamento das decisões compete ao que Antonio Carlos de Souza Lima denominou “poder tutelar”, forma de exercício do poder cujo intuito é uma dominação totalizante dos diversos aspectos que formam e identificam o que se deseja dominar. Trata-se de guiar o tutelado para determinado objetivo, vista a sua incapacidade de alcançar o almejado por si só. A operação desse poder compreende um amplo leque de ações que visam o controle do ir e vir, das práticas culturais, da religião, da moralidade, da língua, da sexualidade, entre outros aspectos (LIMA, 2015). Um rápido preâmbulo pela história da constituição do Brasil como nação nos permite facilmente identificar como o indígena, uma criação singular associada aos mais variados arquétipos, foi moldado e acomodado às molduras de projetos nacionais ou ideários.

Nesse processo, conforme a representação se distanciava cada vez mais de qualquer experiência empírica, surgia o indígena com ou sem alma, a criança imersa em inocência, o indolente, o brasileiro nato, a raça inferior a ser corrigida pela eugenia, o salvador dos “bandeirantes”, um potencial defensor da pátria, entre outros. Mesmo quando se diferenciavam os povos a partir de práticas e línguas os determinismos mantinham-se, dividindo-os

¹²³ Aqui faz-se referência à momentos em que Aureli buscou, em texto, organizar e expressar suas opiniões acerca do indigenismo e quando o autor descrevia, com detalhe, práticas culturais de grupos indígenas específicos.

qualitativamente entre bravos e mansos, associando elementos físicos e ambientais a comportamentos inerentes (ALMEIDA, 2013). Ao observarmos instituições, imprensa, intelectuais, missionários e entidades privadas a partir dos anos 30, podemos vislumbrar como as categorizações acima citadas participavam dentro de um campo de disputa que visava a supremacia de determinada forma de tutelar e/ou compreender o indígena. Configurando, assim, o que podemos chamar de campo indigenista.

O SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO ÍNDIO

Um dos principais exemplos é o Serviço de Proteção ao Índio que passou, do início ao fim, por muitas transformações, desde nome e atribuições a orçamentos. Fundado no governo de Nilo Peçanha em 1910, como Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPI/ITN), teve como primeiro diretor Cândido Rondon e participou da pasta do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio até 1930. A instituição, em seus primórdios, realizava uma dupla função: reconhecer e delimitar terras ocupadas por indígenas e fixar e treinar trabalhadores agrícolas em unidades estratégicas chamadas centros agrícolas (LIMA, 1998). É importante ressaltar a primeira ação, pois foi resultado de uma forma de dividir os indígenas em grupos étnicos e linguísticos, fato que evidenciaria uma constante relação do SPI, o Museu Nacional e, em 1933, o CFEAC, ou seja, a conexão entre a etnologia com as práticas indigenistas. Essa relação, entretanto, nem sempre foi amistosa, evidenciando conflitos sobre jurisdição, poder institucional e orçamento (GRUPIONI, 1998).

Uma outra motivação vinculada à ação fundiária era mediar os conflitos que ocorriam, principalmente, entre proprietários de terra e indígenas, buscando garantir a segurança dos últimos. Além disso, mediar esses conflitos demonstra a vontade do estado brasileiro de controlar a vanguarda que avançava para a fronteira oeste (LIMA, 2012; ALMEIDA, 2013) que como ficou bem evidenciado pelos exemplos na imprensa, era agregada à um discurso modernizantes, da necessidade do país de descobrir-se. Vinculada à noção de fronteira, estava também o ideal de proteção das mesmas que, por sua vez, competia ao Exército. Por conta disso, grande parte dos diretores do SPI foram militares e, em segunda medida, engenheiros. Ambas “profissões” relacionavam-se intimamente com o positivismo, filosofia política que permeava as ações da instituição (LIMA, 1998; CAMARGO, 2005).

O papel do SPI/ITN como tutor dos indígenas ficaria mais claro em 1918, quando a tarefa de localizar e fixar os trabalhadores nacionais recaiu apenas sobre o Ministério da

Agricultura. Aos moldes positivistas, almejava-se transformar, em um sentido evolutivo, o indígena em cidadão através da educação e do trabalho rural. Essa iniciativa dependia dos postos indígenas associados a inspetorias regionais, sendo os postos localizados perto de comunidades indígenas. A aproximação seria dada através de uma dinâmica já consolidada, segundo a qual o contato pacífico seria permeado por presentes e a demonstração do valor positivo de uma agricultura sedentária (LIMA, 1998; GRUPIONI, 1998).

Como apontado por Seth Garfield, essa aproximação e persuasão dependia de pessoal capacitado e financiamento constante. Um dos grandes problemas estava no estabelecimento da agricultura sedentária, em muitos casos quebrando a dinâmica de caça e coleta de grupos acostumados com movimentações sazonais. Ocorriam, inclusive, dificuldades de alimentar os grupos a serem sedentarizados, fato que exigia dos postos do SPI pedir mantimentos para “segurar” os indígenas no local desejado. Em situações como essas, a ambição dos planos da instituição encontrava obstáculos geográficos, culturais e financeiros (GARFIELD, 2007).

A problemática não se limitava “apenas” às comunidades indígenas, mas também em estabelecer uma presença institucional *de facto* capaz de rivalizar e manter a vigilância sobre iniciativas missionárias e privadas de natureza econômica, acadêmica ou aventureira. Era necessário não somente exercer poder sobre os indígenas, mas também sobre todos aqueles que desejavam o mesmo, especialmente se a iniciativa era estrangeira (GRUPIONI, 1998; GARFIELD, 2007).

Uma importante mudança na dinâmica do SPI ocorreria após o estabelecimento do regime Vargas em 1930. Com a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, atribuições que antes competiam à pasta da Agricultura se misturaram e a movimentação diminuiu substancialmente o orçamento do SPI, resultando na desativação de postos. Em 1932, o SPI se tornou parte da Inspeção Especial de Fronteiras, vinculada ao Ministério da Guerra, fato que melhorou a situação orçamentária do órgão. O interím entre 1933 e 1939 via a criação tanto do CFEAC (1933) quanto do CNPI (1939) (LIMA, 1998). O CNPI foi, de forma geral, um órgão consultivo com sete membros indicados pelo presidente da República cujo intuito era prestar assistência nas questões indigenistas (GRUPIONI, 1998). A instituição foi um espaço importante para a manutenção da presença de Rondon, assim como a mediação de conflitos entre instituições e de interesse.

O CONSELHO DE FISCALIZAÇÃO DAS EXPEDIÇÕES ARTÍSTICAS E CIENTÍFICAS

O momento é oportuno para trazer o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas, órgão que legitimou as diversas atividades da Bandeira Piratininga em um dossiê que totaliza 405 folhas, o mais longo (GRUPIONI, 1998). Sendo instituído em 28 de julho de 1933 e encerrado em 31 de janeiro de 1968¹²⁴, a instituição respondeu aos antigos anseios da comunidade acadêmica, especialmente a vinculada ao Museu Nacional, de controlar/fiscalizar expedições e o material de diferentes naturezas que era coletado nelas (GRUPIONI, 1998). Evidentemente, essa vontade estava em consonância com as diretrizes de um Estado que buscava garantir sua soberania territorial, a premazia no contato com indígenas e a exploração econômica da natureza. A composição dos sete conselheiros que deveriam compor o órgão demonstra a amplitude do campo que se desejava fiscalizar:

[...] O Conselho foi então composto pelos assistentes-chefes do Instituto de Biologia Vegetal (Botânica) e do Instituto Geológico e Mineralógico do Brasil (Geologia, Mineralogia e Paleontologia); dois professores do Museu Nacional (Zoologia e Arqueologia e Etnologia), pelo chefe de seção do Museu Histórico (Objetos Históricos), um professor da Escola Nacional de Belas-Artes (Arte Antiga e Tradicional) e pelo chefe de seção do Serviço Geográfico Militar (Topografia e Cinematografia). Além desses, previa-se representação do Ministério das Relações Exteriores e da Fazenda, como elementos de ligação e consultivos. Tal composição sofreria várias alterações ao longo de sua existência (GRUPIONI, 1998, p. 55).

Cabia ao conselho aprovar ou não expedições, acompanhar a realização do empreendimento, verificar o material colhido, exercer a censura sobre filmes e fotografias, exigir a criação de relatórios de atividades, entre outros pormenores. Quanto ao material, é importante apontar que o conselho, especialmente com artefatos e expedições estrangeiras, definia o que ficaria na posse de instituições nacionais e quanto poderia ser levado pela iniciativa. Cada pedido de licenciamento conduzia um processo burocrático com a criação de um dossiê que conteria:

Toda a correspondência mantida entre o expedicionário, o Conselho, seus delegados e órgãos adicionados por este, bem como cópias dos certificados de licença emitidos para a expedição ou de exportação para os materiais coletados, além de relatórios dos expedicionários e recortes de jornais referentes às decisões do órgão e com notícias sobre o andamento e resultado das expedições. Os pareceres dos conselheiros, dados a cada pedido ou interpelação do expedicionário, também eram arquivados nesses dossiês (GRUPIONI, 1998, p. 46).

¹²⁴ Com o encerramento da Piratininga em 1959 e o falecimento de Aureli em 1968, a instituição fiscalizou a Bandeira do início ao fim.

Um importante apontamento feito por Grupioni é a diversidade de propostas e seus respectivos objetivos, dessa forma, ocorreram inclusive pedidos de empresas da indústria de cinema como a Fox Film, Color Classic Inc. e a Companhia Cinematográfica Sueca. Ao longo de sua existência, o CFEAC passou por diversas reformulações no regulamento legal, resultado das discussões, negociações e conflitos entre os membros do conselho e instituições que, de uma forma ou de outra, se interseccionavam com as ações do Conselho (GRUPIONI, 1998). Dois pontos a se ressaltar seriam, primeiro, a problemática interna entre licenciar e fiscalizar e, segundo, o alcance do poder do Conselho.

Quanto ao primeiro ponto, diferentes membros do conselho conceberiam a extensão do trabalho do órgão até determinado ponto na matéria licenciar e fiscalizar. Grupioni aponta que o órgão pouco acompanhou empreendimentos nacionais, assim apresentou-se predominantemente como licenciador. As iniciativas estrangeiras, entretanto, eram alvo de maior interesse fiscalizador. O segundo ponto demonstra a diferença entre as aspirações do Conselho e sua real força para exercer suas atribuições. Em casos de expedições não licenciadas, como a Anhanguera por exemplo, o CFEAC só tomava conhecimento e ação ao se deparar com a movimentação na imprensa, evidenciando como o espaço almejado pelas iniciativas que deveriam ser licenciadas/fiscalizadas era de difícil controle (GRUPIONI, 1998). Por último, as reportagens cariocas que trouxeram o voto contrário de Heloisa Torres demonstram conflitos dentro do próprio Conselho quanto ao que se deveria, ou não, licenciar.

A MISSÃO SALESIANA

Talvez os principais “adversários” não estatais do SPI foram as missões cristãs que atuavam no interior brasileiro, buscando catequizar os indígenas. A problemática não surgia apenas do fato de os missionários estabelecerem contato e promover a conversão de indígenas ante os olhos seculares dos positivistas, mas também das barreiras legais, da ocupação histórica da região e da presença de estrangeiros.

Quanto ao foco do momento, a atividade dos Salesianos no Mato Grosso data de 1894, quando receberam aprovação do governo daquele estado para catequizar indígenas bororo. A relação dos salesianos com as forças do estado garantiu também terras, isenção de impostos e financiamento. Um marco importante ocorreu em novembro de 1934, quando os padres João Fuchs e Pedro Sacilotti, respectivamente suíço e brasileiro, foram mortos por xavantes, com os quais desejavam fazer contato para a pacificação (GARFIELD, 2007). A localidade de Santa

Terezinha, espaço em que os padres se estabeleceram, foi inclusive visitada por Aureli em 1938. Além disso, no processo de contato da Piratininga com os xavantes, Willy cita a morte dos padres como um evento que o preocupava.

Com a morte dos padres, Hipólito Chovelon, proveniente da ordem salesiana francesa, assumiu a liderança da missão e estabeleceu um rancho em São Domingos. Com o intuito de manter a iniciativa, Chovelon apelaria constantemente ao governo federal e estadual para adquirir verbas, além de convencer as autoridades das capacidades da missão (GARFIELD, 2007). Um exemplo pode ser averiguado em uma carta de Chovelon ao presidente Vargas em 1938, na qual explicita uma relação entre a pacificação e o aproveitamento das riquezas naturais:

Realmente o Rio das Mortes percorre uma zona riquíssima de campinas e matas, próprias para lavoura e criação de gado. O povoamento depende tão só da pacificação dos índios Xavante que até agora fazem o terror dos moradores das vizinhanças pelas suas correrias e ataques traiçoeiros. Daí percorre a necessidade urgente de amparar a Missão Salesiana que já tem obtido um encontro amistoso, afim de favorecer-lhes os meios de uma penetração mais eficaz, tendendo ao aldeamento e educação da tribo Xavante, abrindo assim esta imensa zona entre os Rios Xingu e Araguaia aos progressos da nossa civilização.

É, pois, obra eminentemente patristica, e por isto não duvido que V. Ex.o, cujas vistas estão lançadas para este Oeste tão futuroso e de grandes reservas para o Brasil, saiba compreender o alcance desta avançada pacífica e conquistadora (LACHNITT, 2017, p.122).

O SPI, entretanto, empreenderia uma espécie de campanha por meio da imprensa e corrêspodência com ministros do governo para diminuir a atuação dos salesianos. A difamação e o descrédito baseavam-se: na suposta incapacidade dos missionários de levar a cabo a pacificação; na presença de estrangeiros que estariam atuando em prol do Vaticano; no fato de estarem se apropriando de terras indígenas; e em sua forma de atuação, que não apresentaria resultados, mas danificava as possibilidades de contato pacífico futuro (GARFIELD, 2007). No meio desse ringue estava a Bandeira Piratininga, que seria criticada por todos esses agentes previamente citados.

4.2 O INDÍGENA NA OBRA DE AURELI

Os diferentes momentos em que Aureli escreveu sobre indígenas costumaram transitar entre uma generalização, tratando o indígena como singular e, por conta disso, descrevendo uma índole/natureza indígena, e uma especificação a partir dos grupos, especialmente Carajás, Tapirapés, Canoeiros e Chavantes. Compreendo esse movimento entre o geral e o específico

como um produto de, por um lado, uma tradição de compreender o indígena como um todo singular, possibilitando associar características das mais diversas e, por outro, uma vivência empírica das diferenças que constituíam os grupos que viviam na região. Essa vivência faz referência às experiências de alteridade e às relações pessoais, especialmente com Carajás de Gariroba e Santa Isabel.

Acredito ser esse contraste o que possibilitou um posicionamento singular de Willy no campo indigenista e que torna difícil associá-lo a uma categoria específica. O desprendimento a instituições e postos dentro do Estado possibilitava maior liberdade de ação e pensamento. Em suma, Aureli defendia que os indígenas fossem completamente soberanos em suas terras com o estabelecimento de reservas. O relacionamento da civilização com os autóctones deveria ser pautado em uma não-intervenção nos costumes, sendo contrário às iniciativas do SPI e às missões cristãs, concebendo uma proteção à “pureza” dos indígenas. Assim, devia se estabelecer uma relação amistosa que não almejasse intervir ou persuadir.

Mesmo com esses preceitos identificáveis em seus escritos, o autor aparentemente nunca expressou uma resposta concisa para colocar seus ideais em prática. Uma hipótese é a de que Aureli compreendia o panorama de possibilidades no trato com os indígenas, mas, ao mesmo tempo, não via saída a eles frente à complexidade da questão e sua incapacidade de influenciar no processo. Com o objetivo de organizar a narrativa e a análise de forma cronológica, dividi excertos de diferentes obras em quatro temáticas, discutidas abaixo.

4.2.1 O INDÍGENA NO SINGULAR

Bandeirantes D'Oeste (1952), *Biu Marrandu* (1963), *Sumaúma* (1966) e *Bugres no Rio das Mortes* (1973) são quatro das oito obras que apresentam momentos nos quais Aureli desenvolve e explica suas opiniões acerca do indigenismo e do indígena de forma mais clara. Neste momento, separei a narrativa em três partes, representando os três argumentos mais comumente identificados.

O primeiro é que o indígena, de toda a América, é definido como uma raça sofrida cujo genocídio foi motivado pela ganância e crueldade dos descobridores. Em outros momentos, é comum Aureli traçar uma linha de continuidade entre os descobridores e sertanejos, aventureiros e autoridades vinculadas aos projetos do Estado em matéria de atividades gananciosas que causaram a morte de indígenas. A constatação de Willy costumou vincular-se a momentos de contextualização histórica, constituindo uma interpretação vitimista acerca da

relação entre o indígena e os civilizados. No discurso, os nativos são representados como sem chance de sobrevivência, mesmo com as lutas de resistência, e cujo destino, sem a intervenção de políticas indigenistas, seria a assimilação. Assim, o indígena é projetado como um agente passivo, incapaz de exercer poder para modificar a sua situação; sendo assim, necessitava de tutela/intervenção/salvação, um resultado comum desse tipo de interpretação.

De todas as raças humanas, a vermelha foi e é a mais infeliz! Desde que o mundo é mundo manteve-se dentro das varias latitudes onde nascerá, surgirá, direi melhor, viverá, “dona do seu nariz”! A maldição chegou no dia em que as naus-caravelas de Colombo trouxeram os brancos [...] Multidões de aventureiros em ondas sucessivas, atravessaram o Atlântico, alucinados com as probabilidades de imediato enriquecimento, tomados pela fome do ouro, em nome da qual se destruiu o vermelho, após ter-lhe carpido todas as riquezas e todos os haveres.

[...] De nada valeram as heroicidades dos peles-vermelhas das imensas pradarias norte-americanas, de nada valeram as resistências dos mexicanos [...] Depois, muitissimo depois, foram evangelizados com suavidade. Pelo exemplo, pelo amor, pela abnegação dos missionários da atualidade. Métodos profundamente humanos, sem dúvida, mas assim mesmo diluidores de poderosos grupos étnicos que, assimilando ou sendo assimilados, perderam em parte suas nativas características (AURELI, 1973, p. 132-133).

Para Aureli, a assimilação é completamente negativa, pois representa a degeneração/corrupção da pureza cultural de determinado grupo pelos hábitos civilizados, comumente exemplificados com o uso de tecnologia moderna, roupas, bebida alcoólica e a religião cristã. Um aspecto complementar é que a crítica de Willy à assimilação relaciona-se com iniciativas de contato cujo objetivo seria esse. Ainda assim, raramente o autor criticava abertamente a assimilação buscada por determinada iniciativa, fazendo isso de forma mais geral.

[...] Eu sempre fui visceralmente contrário a qualquer aproximação forçada de índios que desejam a vida simples, longe do branco corrupto. [...] Assim como é verdadeiro absurdo obrigar o índio a vestir-se. Em primeiro lugar, jamais lava suas roupas. [...] Nu, o índio é limpo. Vestido, torna-se nojento. As roupas tornam-no grotesco. Perde a personalidade, transfigura-se. Murcha, afeia-se e dá a impressão de um mono circense [...] Vestir um índio se me afigura o mesmo que vestir um cãozinho de “demoiselle”: proporcionar ao canídeo uma calcinha rendada e soutien... (AURELI, 1962, 30-31).

O segundo ponto reside na representação do indígena por outras iniciativas. O autor, por constatar que ele compreende o contraste da índole indígena, que combina elementos positivos e negativos, critica tanto a construção do indígena romântico como um ser superior e idealizado pela literatura romântica, quanto a imagem do autóctone como um ser animalesco, motivado apenas por instinto. Nessa dinâmica comum ao autor, Willy se constitui como um “caminho do meio”. Essa terceira via é construída ao associar o indígena à criança quanto ao seu

temperamento volátil, que reúne “todas as qualidades e defeitos inerentes aos petizes”. (AURELI, 1963, p. 68). Paralelo a esse posicionamento está um argumento recorrente de que Aureli se nivelava/era assimilado ao indígena – o paradoxo resultante disso era ser igual, mas diferente.

O índio sempre foi apresentado, nas descrições, nos livros, nas reportagens, nas narrativas, de maneira bastante confusa e irregular, para não dizer inverídica. Se de um lado José de Alencar, com suas obras “Ubirajara” e “Guarani” quis enquadrar o silvícola de forma superior, emprestando-lhe majestosidade de sentimentos dos mais nobres, de outro lado escritores – e muitos- dinigraram-no, novelando-o ao puro animal que se guia tão somente pelo instinto. Nem José de Alencar e nem esses narradores apressados, mal informados ou mal impregonados pela curta estada num aldeamento ou breve contato [...] enquadram, com justeza, o nosso índio, êsse que eu conheço a fundo por viver em estreito contato com êle, vai para um quarto de século (AURELI, 1963, p.63).

Quanto à literatura emoldurando em côr de ouro o nosso índio, compreende-se. Apenas a necessidade de criar um quadro e, nêle, colocar o índio como ser humano, superior na forma de agir e pensar do branco, do civilizado que as caravelas descarregaram na orla do litoral (AURELI, 1963, p. 64).

[...] Particularmente eu gosto do índio. Sempre o considereei uma criança. Uma grande criança, com todas as qualidades e defeitos inerentes aos petizes. Curioso, ingênuo, mau, gentil, trêfego, desconfiado, alegre, macambúbio, irritadiço, subserviente. [...] Toda criança tem um fundo pérfido, sádico, masoquista. [...] Sua mentalidade permanece, nesse sentido, idêntica à de um petiz de brevíssimas primaveras.

[...] Mas também gosta e contempla o belo e é isso que inclina o observador à indagação mais profunda dessa psique emaranhada. Tem rasgos de infinitude generosidade. Tem pendores naturais à hospitalidade. Tem repentes que comovem e outros que aterrorizam. O ambiente que o cerca influi grandemente sobre a sua índole. As tribos mais belicosas vivem no recesso das florestas ou nos descampados dos cerrados. As mais “humanas” têm o seu “habitat” às margens dos grandes rios, onde tudo é luz, tudo resplandece (AURELI, 1963, p. 68-69).

O terceiro ponto faz referência ao posicionamento de Aureli quanto ao indigenismo. O autor, a partir das fontes analisadas, não constituiu um projeto claro de ação que ele considerava ideal. Deixou claro, entretanto, os aspectos aos quais se opunha, criticando qualquer iniciativa que tivesse objetivos de assimilação. É possível inferir que Willy desejava a criação de reservas nas quais os indígenas não poderiam ser contatados por iniciativas que buscassem mudar seus costumes, mantendo assim a pureza defendida pelo autor. Esses espaços não impediriam o contato com o civilizado, estabelecendo uma relação de amistosidade mútua e auxílio material e médico. Assim, Aureli defenderia que a sua forma de fazer contato com o indígena fosse transposta como política indigenista. Isso, todavia, é uma inferência.

Se queremos encarar o índio objetivamente, dentro desta quadra de progresso vertiginoso e de atividades frenéticas em tôdas as ramificações humanas, veremos que êle é apenas o parasita de uma sociedade, improdutivo, inerte, exibindo apenas a

periculosidade de animal agressivo ou, então apenas despertando a curiosidade por “ser diferente” e ainda existir na época dos teleguiados.

Se queremos encarar sob o prisma da sentimentalidade, encontraremos no índio qualidades superiores, tornando-o um objeto de quase veneração... Nesse caso enquadra-se ele apenas como adorno [...] Descambaremos para a literatura e fugiremos à realidade.

[...]Que o índio seja um pêso morto à nação, ninguém pode negá-lo. Se desejamos vê-lo e encará-lo como puro ornamento [...] nada mais será do que uma espécie de animal mostrado num circo ou num zôo. [...] Aproveitá-lo para alacridades produtivas é impossível.

(AURELI, 1963, p. 81-82)

[...] Gosto sobremaneira dêle porque mimetizei-me a meu contento. Quiça eu seja diferente dos outros. O fato é que a larga convivência inclina-me defender o índio em qualquer terreno. Não posso entretanto esconder as suas más qualidades e a sua congênita apatia e preguiça para tudo quanto seja esforço físico (AURELI, 1963, p. 82).

Uma hipótese menos ambiciosa seria compreender que o sertanista não desejava delinear políticas a serem seguidas, mas sim apenas garantir que suas incursões continuassem sendo possíveis, ao mesmo tempo que se apresentava como forma ideal de pensar e contatar o indígena. Para manter-se nessa posição, Willy não poderia criticar abertamente as instituições que permitiam acesso legalizado à região, nem mesmo se indispor com autoridades do Estado. Isso pode ser demonstrado a partir da preocupação do autor em seguir as diretrizes do CFEAC e receber os avisos do SPI. Em *Bandeirantes D'Oeste* (1952), Aureli realiza um rápido comentário sobre a terceira expedição que exemplifica o que foi dito: “Isto queria dizer que, penetrando eu no Solidão, forçosamente iria encontra-los (os Xavantes), fato incomodativo, ainda mais que prometera ao general Rondon evitar essa raça, origem de tantas dores de cabeça” (AURELI, 1962, p. 58-59).

Mesmo assim, diversas ações do sertanista mostram uma constante dinâmica de testagem de limites, verificando até onde seus empreendimentos privados poderiam ir sem repercussão negativa. Citando apenas alguns exemplos, temos: trazer indígenas para São Paulo, continuar a realizar expedições mesmo depois dos conflitos, nomear localidades e rios e relacionar-se com autoridades estaduais como os interventores de São Paulo e Goiás.

Uma evidência destes testes, foi quando o SPI impediu a vinda de quinze Carajás para São Paulo em setembro de 1941. Ao noticiar o fato, a Folha da Manhã criticou o Serviço por não permitir o que seria uma manifestação de igualdade, visto que se negava o direito de ir e vir de cidadãos brasileiros: “A não ser que os índios sejam propriedade particular desse Serviço de proteção, fica o caso envolvido nas dobras desses mistérios insondáveis que resistem a todas

as pesquisas em pleno 1941” (EMBAIXADAS..., 21 set. 1941, p. 6). Ainda que o texto não seja assinado, não me surpreenderia se fosse do próprio Aureli.

4.2.2 OS INDÍGENAS: ENTRE ÍNDOLES E CULTURAS

A maioria dos brasileiros ignora a existência de tantas raças diversas, de tantos índios ainda pulando na imensidão de territórios totalmente inexplorados ou ligeiramente conhecidos em suas periferias [...] entre os completamente selvagens e entra os já domesticados e em convívio tranquilo com a civilização (AURELI, 1963, p. 76).

Em meio às afirmativas generalizantes de Aureli quanto aos indígenas, o autor investiu tempo e espaço em suas obras para descrever a cultura de diferentes povos, sendo os Carajás os mais explorados. São nesses momentos que podemos verificar uma operação de alteridade na observação de Willy frente a diferentes grupos indígenas. É notável um foco especial em toda prática cultural que se opõe ou diferencia-se explicitamente do que era feito no “mundo civilizado”. Sua narrativa é um constante movimento entre descrições, tal como poderíamos ver em obras etnográficas, e pausas nas quais o autor traz à tona histórias de experiência pessoal para exemplificar o que é descrito. Dentro das descrições, é interessante observarmos os recursos de “tradução” empregados para auxiliar o interlocutor no entendimento de uma determinada cultura.

Quanto aos assuntos comumente trazidos ao leitor, podemos verificar: alimentação, habitação, arte, práticas funerárias, elementos vinculados aos corpos, organização política, aspectos morais e relacionamentos interpessoais. Essa dinâmica pode ser notada desde a primeira obra vinculada às vivências de sertanistas *Roncador* (1939). Os exemplos a seguir buscam introduzir o leitor ao que foi relatado acima, tratando-se do Capítulo 1 do livro em questão: “Os Carajás, seus usos e costumes”.

Muito se tem dito e escripto sobre essa bella nação, que apezar de um contacto com a civilização, há tres centenas de annos, conserva intactos os costumes e os rythos, não se contaminando dos tremendos males dessa mesma civilização, que, em sitios tão distantes, se apresenta sob formas brutaes!

Atravez da leitura de varias monographias eu tinha formado uma ideia que ruiu por completo quando vim a conhecer pessoalmente os Carajás, com elles vivendo longos mezes (AURELI, 1939, p. 15).

[...]Nellas (nas cabanas), numa promiscuidade paradisiáca, vive toda a familia. Os homens andam quase sempre nús, si bem que a roupa já esteja grandemente enraizada, havendo, em muitas aldeias, selvicolas que não mais se privam das calças ou da camisa. As mulheres usam uma faixa fibrosa em forma de “Y”, na cintura, cobrindo as partes pudentas. Que existe pudor, nas mulheres, dil-o o factu de usare, as meninas de poucos annos, identicas faixas, enquanto que os meninos, na esplendorosa nudez, rôlam pelas areias alvissimas, até a ouberdade quando, por meio de uma operação, escondem os attributos da virilidade, amarrando-os com um simples fio de algodão (AURELI, 1939, p. 16).

[...] Sim, porque o carajá jamais adoce: elle é sempre victima de um feitiço! Morre um carajá? Foi feitiço! Outro amanhece com febre? Feitiço! Naturalmente, o indigitado autor do mão olhado retira-se prudentemente, para evitar complicações (AURELI, 1939, p. 17-18).

[...] Crença ou religião, propriamente dita, o carajá não tem. Fala, ao ser interrogado, com vaga lembrança da história de um ente superior que deu origem à raça, vindo dos meandros liquidos do grande rio. Fora disso não sabe nada. Quanto à religião cristã, aceita-a sem comprehendê-la, incapaz de assimilar os seus suaves preceitos. Incapaz, bem entendido, pela má vontade que demonstra, pois que tem um poder extraordinário de compreensão aguda e imediata (AURELI, 1939, p. 18-19).

Os desenhos que ornem essas estatuetas e fingem tatuagens, são harmonicos, symmetricos, nunca iguaes ou parecidos. Entre uma e outra aldeia constata-se maior ou menor gosto, maior ou menor cuidado e fidelidade em reproduzir fôrmas humanas em barro. O tury (christão) ou seja, o civilizado, é sempre reproduzido com a cabeça mirrada, signal de que somos tidos como de parca intelligencia... (AURELI, 1939, p. 24)

Não se pode culpar com demasiada severidade os carajás autores de delictos sanguinolentos. Revidam, quando podem, numa explosão subita de odio recalcado, às mil infâmias praticadas pelos aventureiros desapiedados que, há seculos, sulcaram as aguas do Brrokãan. O odio latente no carajá data dos primórdios da penetração dos brancos. As atrocidades cometidas são incontáveis e os indios aprenderam à propria custa.

Assim sendo, o carajá vê em todos os civilizados o inimigo. Mas quando se certifica de que o branco é realmente amigo, torna-se tambem amigo sincerissimo. Muita lamuria eu ouvi dos carajás, e muita confidencia dolorosa. Compreendi, então, e desculpei os defeitos dessa raça que, abandonada a si mesma, luta desesperadamente para não desaparecer (AURELI, 1939, p. 39)!

[...] Há-os que vivem com duas esposas na mesma choupana. Conheço diversos assim. Teoro, por exemplo, que me acompanhou a São Paulo, é um delles. As duas “doces metades” disputam os favores do esposo com uma ferocidade de leões... [...] Conheço vários indios carajás que tem tres esposas em diferentes aldeias. Em viagem, podem optar por esta ou aquella, numa incessante lua de mél... (AURELI, 1939, p. 19).

[...] Extraordinário é o amor do carajá pelos filhos. Poucos paes civilizados evidenciam tamanha affeição à prole. Todas as phrases mais belas, todas as caricias, todos os desvêlos, são para os filhos (AURELI, 1939, p. 20)!

Mesmo nas questões de ordem “política”, são as mulheres que resolvem tudo. Fazem ou desfazem um “Capitão”, obrigando os respectivos esposos a externar detemrinada inclinação que ém na falta de urnas fechadas e cedula, a maneira pratica de dar o próprio voto (AURELI, 1939, p. 25).

A mulher despede o marido como a gente se livra de um objecto incommodo. [...] O marido jamais se incommodará com o adulterio da perjura, durante o periodo em que foi mantido... afastado. Si da união de sua companheira com um “marido de emprestimo” resultou o augmento da prole, assume a paternidade (AURELI, 1939, p. 27).

Conforme Aureli se deparava com outros grupos indígenas e os descrevia em seus livros, ele também os comparava em índole e costumes. Um exemplo é a dicotomia carajá x xavante. Willy constantemente colocou os dois grupos em oposição, enquanto o primeiro tendia à paz e relações amistosas, fruto principalmente da determinação geográfica de viver em áreas mais iluminadas à beira de rios, o outro tendia à violência cuja belicosidade era atribuída às florestas escuras e ao isolamento consequente. As comparações possibilitam observarmos um

discurso que conserva cada grupo em uma determinada moldura constituída de uma cultura e uma natureza própria que não poderia ser transposta.

Essa conservação tornava razoável a ideia de pureza e, contrariamente, a corrupção do indígena. Dessa forma, testemunhos de Aureli sobre indígenas com hábitos civilizados trataram-nos como corrompidos, pois fugiam do conjunto de práticas que os identificavam como Carajás, Tapirapés, Xavantes, etc. Na narrativa da expedição de 1945 em *Bandeirantes D'Oeste*, Willy é visitado em Leopoldina por Carajás de um aldeamento próximo. O contato demonstra essa relação da pureza/corrupção:

[...] São velhos conhecidos. Agora é uma índia, tôda repimpona, com lábios desmesuradamente pintados de “baton”, vestido de seda, sapatos altos. Verdadeira caricatura.

– Como vai ocê Willy?

– Vou bem...

Também outra índia, de meu conhecimentos, a famosa Iracema surge-me, rebocando o marido complacente, o gigantesco Teho-o-bari. Traz uma lanterna elétrica e diz com desembaraço:

– Me dá umas pilhas que não gosto de andá no escuro de noite!

Pobres dos meus carajás, que conheci em 37 e 38, tão puros e tão simples! Que transformação dolorosa. Que decadência! E isso porque a “civilização” tratou de protegê-los.

Dou-lhes as pilhas e uma rapadura (AURELI, 1962, p. 47).

A preocupação encontra exemplos inclusive na obra póstuma de 1973. Na sétima história “A ‘água-de-fogo’ de Kuriná”, Willy descreve as atitudes de Kuriná, que, em meio ao contexto estressante da escolha de um novo líder no aldeamento, havia bebido e proferia diversos insultos à Aureli. Kuriná acaba sintetizando os males civilizatórios:

[...] Tudo quanto o linguajar indígena lhe fornecia, na escala de xingação, Kuriná aproveitava larga e generosamente para me insultar [...] E, de permeio, palavrões que aprendera com os civilizados, metia-o na salada de impropérios.

– Ca...chorro!...Sa...fádo! Tury binári (cristão deprezível).

[...] – Kuriná bebe “água-de-fogo” e tá danado – dizia-me o meu anfitrião (o líder Uelequi). – Bebe muuuuittooo! Tá xancado grande!

– Quem foi que deu cachaça a Kuriná?

– Trouxe da Piedade... cumpra lá. Axim de garrafa... (AURELI, 1973 p. 62)

A dinâmica desenhada por Aureli entre a civilização e a cultura de determinado grupo indígena é de uma constante aproximação descontrolada e maléfica. A manutenção dos ritos por parte dos indígenas seriam formas de resistência a essa aproximação. Inclusive, Willy

aponta que a superioridade de um grupo indígena frente a outro reside na capacidade de resistência à mudança:

[...] sempre apresentei o amigo Carajá, tal qual êle é realmente: um índio superior, bem diferente de sêres congêneres que habitam o Brasil. Bastaria o fato de manter, em sua maioria, o Carajá, apesar do contao degenerativo com os civilizados, a rigidez de costumes, os ritos básicos da raça, para se avaliar a resistência e a estatura moral dessa nação que se bate , ainda, em luta contínua contra elementos dissolventes e adversos (AURELI, 1962, p. 30).

Em boa parte dos escritos, a civilização, salvo os medicamentos e alimentos, é representada como um problema na região, não somente aos indígenas mas à fauna e à flora quando explorada indevidamente. Nesse contexto, Willy se coloca como um exemplo de bom civilizado, capaz de “dosar” o que mostrar, usar e distribuir ao indígena. Por conta disso, diversos relatos têm o autor como personagem salvador e auxiliador. Esse aspecto do *ethos* não é exposto apenas no que diz respeito aos indígenas, mas também aos sertanejos em situações de penúria.

Em *Sumaúma* (1966), no relato “Quase uma Tragédia”, a tranquila visita e descanso após a distribuição de presentes no aldeamento de Takaúru é interrompida por uma jibóia atacando uma criança:

Uma grossa, corpulenta jibóia, estava estranha e firmemente enroscada ao redor do corpinho de uma crinaça. [...] Os índios que primeiro chegaram faziam tremendos esforços para desenrotilharem os anéis do monstro de cuja bôca eslabiada projetava a língua bifurcada [...].

Não perdi um segundo sequer. Puxando a faca cutuquei aquele amontoado sinistro [...] Sentindo-se a cutucada e ferida, a jibóia abriu imediatamente os anéis e lançou-me, com a velocidade do relâmpago, uma mordida. Não alcançou a minha mão, mas mordeu com fôrça o punho da minha gandola.

Largada a cobra, volvi minha atenção ao menino, esfregando-o com fôrça, massageando-o às costas e iniciando os movimentos de respiração artificial. [...] E o milagre deu-se, quando eu já estava desesperançado [...].

– Ocê “tury auiirri” (você é cristão bom). Ocê “kãa” (você é grande).

Foi, sem duvida, uma das melhores veneras que eu gnahei até hoje. Foi a condecoração mais bela a que poderia ter aspirado. Um prêmio que trago constantemente em meu coração (AURELI, 1939, p. 61-63)!

Em *Bandeirantes D'Oeste* (1952), Willy narra como auxiliou indígenas Javaés a melhorarem o controle e tratamento em situações de epidemia com seu conhecimento:

Ensinei aos caciques e feiticeiros das aldeias de Tahuelahuâ e Uari-Uari a maneira de manter rigorosa limpeza das moradias, assim como ferver os cobertores, dando-lhes também noções de higiene corporal. Garantiram-me que ensinariam aos outros “capitães de aldeia” e eu fiquei satisfeito. Em Uari-Uari de tal forma se impressionaram com as minhas prelações que acabaram ateiando fogo a tôdas as

vestes sagradas do Aruanã [...] e queimaram também a “Casa dos Mistérios”. Inquiridos por mim, o gigantesco Uoruá, disse-me:

– Enfeite de baile pode dar doença a outros, então melhor queimar tudo!

Aprendera, êsse gigante, de imediato, a eliminação, pelo fogo, de todos os meios de contágio e, arriscando incorrer na cólera dos “espíritos”, resolvera, drasticamente, varrer da aldeia de Uari-Uari com todos os vestígios de contágio (AURELI 1962, p. 215).

4.2.3 AGENTES DO CAMPO INDIGENISTA

Como comentado anteriormente, o autor demonstrou coerência quanto a suas opiniões indigenistas ao longo das obras analisadas. Porém, é possível averiguar duas mudanças relativas à prática da caça e a uma crítica mais clara a outros agentes do campo indigenista. Quanto à caça, sempre evitou matar aves, salvo em situações de fome, mas a mudança é narrada em *Bugres no Rio das Mortes* (1973), relacionando a idade e a experiência à apreciação da natureza e à perda do interesse pela prática da caça:

Nem sempre a gente está disposta a abater onças. É que, com o andar dos tempos, perde-se o élan de caçadores nato e um sentimento mais humano nos absorve. É o que sentimos após abatermos um exemplar magnífico de jaguar.

Com a idade do juízo, o adentrar em anos, o contacto áspero e maravilhoso com a Natureza, somos levados, como São Francisco de Assis, a amara todos os animais e a respeitar o transcurso natural de suas existências (AURELI, 1973, p. 73).

Em relação a outros agentes, Willy sempre criticou a “torre de marfim”, colocando-se em oposição à academia e suas formas de produzir conhecimento. Posicionando o que o autor fala em relação ao SPI e às missões cristãs em *Roncador* (1939) em contraste com *Biu Marrandu* (1963), podemos exemplificar essa mudança. A crítica aberta na obra de 1963 é velada, utilizando-se da opinião de um indígena, muito provavelmente fictício, para externar o que se pensava. Mesmo se a fala fosse de fato de um autóctone, ainda assim, Willy teria a colocado em sua obra, evidenciando endosso.

A extinção do Posto de Protecção aos Indios, em Santa Izabel, foi um erro. Desse Posto irradiavam-se, pelo Araguaya, ensinamentos praticos e servia, também, para manter o freio de muitos aventureiros. O carajá, sentindo-se amparado e tratado de igual para igual, em breve tempo transformou-se completamente. As novas gerações demonstravam, já, uma indole gentil e incalculáveis seriam hoje os resultados colhidos. Mas infelizmente, em 1930 o Posto foi abandonado. O retrocesso dos carajás, a partir dessa data, é de espantar! Sentem-se novamente sozinhos, em luta com a adversidade.

Missões catholicas, protestantes e adventistas, ainda lutam para manter alto o nível do lento progresso do Araguaya e resguardar os carajás, da cobiça dos forasteiros. Mas os missionarios são poucos e os aventureiros são muitos... (AURELI, 1939, p. 40).

[...] Eu tive, em minha “Bandeira”, um índio Boróro que se chamava Rondon [...] pois bem, êsse índio que se diluiu no rio Araguaia, buscando aventuras por sua conta e risco dizia-me:

Poderá parecer muito sublime à civilização a obra dos Salesianos. Para nós, entretanto, ela é simplesmente odiosa! Nós, os amantes insuperáveis da liberdade, somos obrigados a obedecer o sino da fazenda que tange às cinco horas da manhã. [...] Vamos à roça como colonos ou como escravos. [...] Somos obrigados a cantar a “Giovinezza” de Mussolini quando, na verdade, ansiamos para podermos regressar à matta, à liberdade.

[...] Se volvermos os olhos para o Serviço de Proteção aos índios, o que veremos? Verdadeiros campos de concentração, hirtos de fios de arame espinhado. Obrigatoriedades idiotas que nos inclinam à resistência passiva e a criar ogerizas profundas contra aquêles que se dizem “protetores”[...] (AURELI, 1963, p. 83).

Outra iniciativa criticada foi a criação da Fundação Brasil Central (1943-1967), “[...] na esteira da Expedição Roncador-Xingu com a missão de desbravar e colonizar vastas áreas tidas como “vazios” nos espaços centrais do país” (MAIA, 2019, p. 2-3). Willy busca expor o empreendimento como um mau uso do dinheiro público, levado a cabo por “piranhas humanas” que teriam convencido o presidente da República a investir recursos em um projeto mal estudado, cujas ações não renderiam frutos.

Não é meu intuito fazer crítica unicamente pelo prazer sádico de críticas. Absolutamente! Nada disso. [...] o que seja êste fenomenal esbanjamento de dinheiro, êsse aproveitamento de verdadeiras piranhas humanas em detrimento dessa classe desfavorecida que eu venho defendendo de unhas e dentes, vai para um quarto de século: o sertanejo abandonado à própria sorte! [...] Os que iludiram em sua espetacular boa fé o primeiro mandatário da Nação, a ponto de lhe agitar a possibilidade da criação de uma cidade na Ilha do Bananal, idéia essa que eu, primeiro entre os primeiros combati pelas colunas de “A Gazeta” de São Paulo, alertando sua excelência (AURELI, 1963, p. 216-217).

4.2.4 CASOS DE ALTERIDADE

A vivência de Willy com indígenas Carajás e Tapirapés catalisou situações com grande potencial para o que se chama aqui de “casos de alteridade”, momentos em que aspectos culturais e físicos eram postos em contraste e motivavam reações surgidas do estranhamento. As ações narradas por Aureli nessas ocasiões são peculiares o bastante para ser difícil afirmar que seriam fictícias. Esses eventos ajudam-nos não somente a compreender as reações de Aureli, mas a evidenciar fenômenos transculturais¹²⁵ que dificultam interpretar os indígenas apenas como vítimas do contato, mas sim como agentes ativos capazes de ações não previsíveis, agindo dinamicamente conforme seu contexto. Ainda que consideremos o conjunto de relações

¹²⁵ “Etnógrafos têm usado este termo para descrever como grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir de materiais a eles transmitidos por uma cultura dominante ou metropolitana. Se os povos subjugados não podem controlar facilmente aquilo que emana da cultura dominante, eles efetivamente determinam, em graus variáveis, o que absorvem em sua própria cultura e no que utilizam” (PRATT, 1999, p. 30).

de poder no sertão do Araguaia-Mortes como uma zona de contato¹²⁶, é necessário compreender que a profusão de agentes fazendo contato com indígenas em diferentes configurações torna difícil interpretar essa zona como composta apenas por relações assimétricas.

Para desenvolver essa questão, selecionei um conjunto de casos em tempos e obras diferentes que exemplificam o que foi exposto acima. O primeiro é narrado em *Bandeirantes D'Oeste* (1952), quando a Piratininga visitou o aldeamento Tapirapé de Tampiri e o Javaé de Tahuelahuã. As fotos visualizadas anteriormente são produto justamente desse período. A ocasião é interessante por demonstrar estranhamento mútuo quanto ao corpo, ou seja, as reações causadas pelas diferenças físicas entre os “bandeirantes” e os Tapirapés. Na primeira visita, após serem recebidos com alimentos e a retirada de carrapatos, os integrantes da Bandeira tomam banho. Jaci, companheira de Aureli, é a primeira, seguida pelos demais após sua volta:

[...] A esposa de Praxui, a índia Kami-Manaú, convida-a a para a palhoça. Mas Jaci prefere um banho imediato e vai indo, sabonete e toalha, rumo à nascente. Todo mundo quer ir ver a “branca” se lavar. Mas Praxui dá uma ordem e somente as mulheres seguem, floresta adentro.

[...] Somos nós que seguimos, com todos os representantes do sexo masculino, para o banho. Que farra para os índios! Quando já nós, como viemos ao mundo, atacam-nos – é o termo – para buscar, sôfregos, os insetos grudados à pele. E fazem a limpeza com rara habilidade.

Depois ficam encantados com a espuma do sabonete. Querem experimentar e todos esfregam, vigorosamente, os corpos que jamais conheceram higiene. [...] Um grupo de mulheres vêm curiosas pelas proximidades e aponta-nos, sabe Deus dizendo o que sobre o nosso aspecto, deveras ridículo naquelas condições. Parece incrível, mas sentimos profunda vergonha do nosso nu, enquanto que achamos muito natural o dos índios... Há nisso de permeio as convenções dos civilizados... (AURELI, 1962, p. 124-125).

No aldeamento Tapirapé, a cor dos “bandeirantes” foi motivo de estranhamento, causando uma reação peculiar por parte das crianças, no testemunho do chefe da Piratininga:

[...] Fez-se a aproximação aos poucos: vendo que os pais e os adultos palestravam conosco, sem maiores novidades, as crianças se foram aproximando. Uma delas, mais “corajosa”, achegou-se e, quando rente a mim, cuspiu-me no rosto! Julguei, assim de princípio, que isso fosse um cumprimento especial da raça e coubesse às crianças o cerimonial de escarrar na cara dos visitantes. [...] pouco depois percebi o dedo do menino que me esfregava a epiderme no local da cusparada, para ver se a minha côr se desfazia! Depois dessa proeza, outros meninos vieram e eu me tornei numa espécie de escarradeira ambulante. Os índios riram, abrindo as bocas até as orelhas [...].

[...] Para terminar com a brincadeira, cuspi na face de um meninote e esfreguei-o com a o dedo assim como êle o fizera, [...] não me incomodaram mais (AURELI, 1962, p. 247-248).

¹²⁶ Conceito basilar na obra de Pratt, trata-se de “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação – como o colonialismo, o escravagismo ou seus sucedâneos ora praticados em todo mundo” (PRATT, 1999, p. 27).

Na ocasião, e de praxe nas visitas, Aureli realizou medições antropométricas. A atividade, para ser realizada, demandava um esforço persuasivo por parte da Piratininga, que deveria entregar mais presentes para garantir a permissão dos indígenas:

[...] Mas quanta paciência, de nossa partem para seguir as benditas mensurações antropométricas. Antes de começar o trabalho, houve a necessidade de um longuíssimo discurso, entremeado com palmadinhas nas costas, elogios rasgados, alusões à beleza das roças, das casas, da prole. As coisas encaminhavam-se mais ou menos assim:

- Pai grande deseja mandar roupas para vocês. Mas para fazer roupas preciso tomar medidas.
- Pai Grande vai mandar calça, camisa, chapó?
- Manda tudo!
- Pra cunãtã também?
- Pra fia também?
- Pra muié também...
- Pra fio também.
- Huuum!

[...] Uma velha teimou: ou eu lhe dava minhas calças ou nem ela e nem as filhas e noras se submeteriam à mensuração. Fiquei num impasse, uma vez que, sem calças, com a mosquitada devoradora aos enxames, viria a sofrer um bocado [...] Convenci a velha megera que a camisa era muito melhor e lá se foi a minha preciosa cáqui, em holocausto à ciência que, em S. Paulo, aguardaria comodamente os resultados dos meus esforços... (AURELI, 1962, p. 249-250).

O segundo conjunto foi selecionado na obra *Rio da Solidão* (1957), quando Willy decide gravar um filme improvisado com os indígenas carajás. Para isso, desenvolve um roteiro, explica a dinâmica para os indígenas e paga os “atores”. O resultado foi um filme sobre três garimpeiros, no qual um deles mata os demais para lhe garantir os diamantes de todos. O personagem, entretanto, acaba morrendo ao lutar contra um indígena, fato que encerra o filme. O enredo expõe o imaginário que envolvia esse contexto sertanejo de uma constante luta pela sobrevivência de todos contra todos, somado ao perigo latente da presença de indígenas belicosos:

[...] Também Uataú e Arutana são “envolvidos” na trama. Deverão desempenhar parte importantes e os índios anseiam para começar a “matar cristão”, que é o que deverão fazer durante a filmagem.

- É para “matar de brincadeira”...
- Nuis xabe... Só maxúca pouco, não?
- Mas bem pouquinho!

Riem, os malandrões. Sabem perfeitamente agitar-se frente a uma objetiva por terem tomado parte já em vários documentários por mim filmados em anos anteriores. Mas gostam de brincar...

[...] Êsse enredo será a história de três garimpeiros em busca de jazidas diamantíferas e tudo quanto sucederá depois. Dessa forma provaremos, aos civilizados, [...] Quais e

quantos os sacrifícios, os dramas, as dolorosas jornadas dos garimpeiros perdidos nesse mundão! [...] (AURELI, 1957, p. 38-39).

Assim como nas medições, Willy precisava convencer os indígenas que participavam das atividades, exemplificando essa constante dinâmica de negociação que, em geral, os “bandeirantes” saíam perdendo:

[...] Estamos, agora, às voltas com os índios que deverão atacar o acampamento dos garimpeiros. Faço exortações:

- Uataú. Explica bem aos teus homens que a briga deve ser grande, mas não para machucar... muito. Podem quebrar tudo, mas não quebrem “cristão”!
- Mim xabe... mim xabe... Mas eu chefe, não?
- Claro...
- Intô eu ganha mais, num ganha?
- Certo! Mas quero tudo direitinho, conforme expliquei e conforme ensaiamos.
- Aureiiri (está bem)! (AURELI, 1957, p. 41)!

Na volta da expedição para o Rio da Solidão, na localidade de São Felix do Araguaia, Willy comenta da existência de um time de futebol e um campo em que jogavam sertanejos e carajás. Organiza-se então um jogo entre um time de civilizados contra outro de carajás, com Aureli como árbitro. A descrição do evento é encoberta de uma linguagem simbólica que representa o momento como um tipo de relação ideal entre os diferentes habitantes do local, servindo como um microcosmos para todo o sertão do Araguaia-Mortes.

[...] O time Carajá está a postos: Harahuá; Aquari e Telohonde; Bobixi, Ureari e Assari; Uareá, Kurina, Kuriala, Nadjaumai e Marueri.

Onze mocetões esculpidos em bronze. [...] O time civilizado é composto de: Manoel, Juca e Newton; Lió, Hélio e Moraes (da “Bandeira”); Domingos, Juarez, Aristides (da “Bandeira”), Zé Eduardo e Lupércio.

[...] Faço as recomendações de estilo:

- Vocês, Carajás, não podem matar ninguém, nem comer os civilizados no espeto ou moqueados!

Riem gostosamente. Acham graça extraordinária na piada e transmitem-na, em forte linguajar, à torcida que se enovela de tanto rir.

[...] Eu estou de olho no cronômetro e apito, aliviado, o fim da comenda. Dois a dois. Honras divididas na... tarde memorável. Todos satisfeitos. Assim é que deve ser! Já me dirijo para a orla do campo, quando os Carajás me cercam. Estendem-me a mão, num cumprimento cordial, dando a mais clara, bela, insofismável prova de espírito esportivo. Sou um juiz felicíssimo... (AURELI, 1957, p. 164-166).

O último caso advém de *Biu Marrandu* (1963), entre Aureli e a família do carajá Arutana, que acompanhou Willy em diferentes incursões entre 1938 e 1959. Além de ter visitado São Paulo em 1938, Arutana também retornaria à cidade com Aureli em 1963, aos 45 anos de idade, para ser batizado. O evento ocorreu no dia 7 de abril. Nesse contexto, também

acompanharia o sertanista em um *stand* na “Exposição de Gados”, onde mostrariam aspectos da cultura Carajá.

IMAGEM 48 – Batismo de Arutana



Diário da Noite, 1963¹²⁷

O caso em questão ocorreu em 1958, na localidade de Santa Isabel. Naquele momento, a jornada havia terminado e Willy pagou Arutana em dinheiro e “um mosquiteiro, um cobertor, uma lanterna de três elementos, arroz, macarrão, massa de tomate, açúcar, café” (AURELI, 1963, p. 154-155). Além desses itens, Arutana também pede cebola e azeite de oliva. Pouco tempo depois, Aureli rumou à casa do Carajá, onde uma refeição inesperada o aguardava

[...] Entro na choça, grandemente festejado por todos os familiares. Sento-me e minha “cunhada”, tirando debaixo de uma esteira um vasto panelão, descobre-o e coloca-o à minha frente. Nêle está uma macarronada rubra! Todos os índios da casa espreitam a minha fisionomia e ao dar com o meu sincero estupor, rompem em gargalhadas, felizes pelo feito da surpresa que me tinha sido preparada em segredo. Pela primeira vez na história dos Carajás, assim o creio, uma índia cozinhou uma macarronada “al sugo”! Sei que Arutana, verdadeiro fã de tudo quanto diga respeito às massas com molho de tomate, ensinar a mulher a manipular o prato. [...] O maganão já levava em mente surprender-me com a arte culinária de sua bela companheira.

[...] Fico palestrando com os meus “parentes” enquanto outros índios se ralam de despeito pelo sucesso do banquete a mim oferecido [...] Só falta abrirem, os Carajás, nesta localidade, em fase do sucesso e dos progressos em curso, uma genuína “cantina italiana”. Quiçá isso venha a acontecer para o gáudio dos futuros turistas (AURELI, 1963, p. 155-156).

¹²⁷ CACIQUE Carajá converteu-se ao catolicismo e foi ontem batizado. Diário da Noite, Rio de Janeiro, 8 abr. 1963, p. 4.

O evento é especialmente interessante por apresentar o grau de intimidade que tanto Willy e Arutana tinham, aspecto reiterado conforme Aureli refere-se aos familiares do amigo como seus¹²⁸. Um segundo ponto é a reciprocidade na troca de favores e presentes, visto que o preparo da refeição demonstra uma observância, por Arutana, da culinária que presenciou nas expedições, além de ele mesmo ser “verdadeiro fã de tudo quanto diga respeito às massas” (AURELI, 1963, p. 155). Poderíamos entender que a singularidade desse relacionamento é fruto de uma dinâmica de poder com pouca disparidade, apenas possível, naquele contexto, quando os indivíduos estão desprendidos de instituições ou outros agentes que delimitam a forma de agir um com o outro.

¹²⁸ O uso dos parênteses, entretanto, pode ser colocado à discussão. Poderia ser o caso do “iguais, mas diferentes”, ou seja, delineando uma separação dentro de um discurso de pertencimento; ou simplesmente uma ênfase do autor frente à referência de indígenas como familiares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda há muito o que fazer em relação à conexão de Willy Aureli, a Bandeira Piratininga e seu contexto. Para além dos objetivos deste trabalho, de descrever as duas primeiras expedições e interpretar de forma geral a obra do autor, buscou-se demonstrar as potencialidades de pesquisa que residem no objeto. As ações em menor escala realizadas por Willy no sertão do Araguaia-Mortes, acompanhadas da imprensa e seus escritos, nos fornecem uma janela para o cotidiano e as problemáticas daquele espaço. Portanto, o estudo de Aureli e de sua Bandeira não precisa tê-los como foco principal, a filtragem da informação pode complementar qualquer pesquisa que deseja compreender o contexto. Desde a Marcha para o Oeste à Operação Bananal, eventos históricos e processos sociais, econômicos e políticos passaram e foram interpretados pelos sertanistas, oferecendo uma perspectiva *in loco*.

Um olhar contextualizado e crítico para o discurso tornou possível identificar, em parte, o que há de empírico, sensacionalista e inventado pelo autor. Não me parece razoável ou possível, entretanto, verificar a veracidade de tudo que foi narrado, sendo mais frutífero aproveitar-se do que há de nebuloso para buscar as razões para tal. No trabalho, isso se fez ver no quarto capítulo, quando almejei conectar uma série de textos e ações à forma como o autor desejava constituir-se para seus interlocutores. A constituição desse ethos não foi averiguada apenas a partir das falas de si, mas através do que era dito sobre outros. Essa tarefa, porém, ainda apresenta lacunas, algumas que talvez nunca serão preenchidas. Um obstáculo é o acesso à vida pessoal, assim como escritos que não foram publicados, como seus diários pessoais. Articular esses dois tipos de discurso, o pensado para a publicação e o reservado/privado, melhoraria as conclusões feitas.

Aspecto marcante na constituição das fontes e da narrativa das expedições é que elas remetem, quase que em seu total, à Aureli. Certamente, uma busca aprofundada pelos integrantes da Piratininga e suas trajetórias possibilitaria desenvolver um estudo sobre a Bandeira menos dependente de seu líder. Sabe-se, por meio dos fragmentos nos livros e em reportagens da imprensa, que alguns integrantes circularam na região em outras expedições e outros se tornariam inclusive funcionários do SPI. Um caso marcante é o do entomólogo Henrique Himmelreich, que após 1938 começaria a viver nas cercanias do Araguaia, inclusive mantendo contato com o carajá Arutana. Identificar e coletar dados sobre esses integrantes poderá ampliar essa rede de iniciativas privadas naquele contexto.

Em última instância, este trabalho almeja retirar Aureli do esquecimento, de interpretações simplistas ou mesmo pouco verossímeis. A trajetória do sertanista, que combinou

cargos na imprensa paulista com uma rede de autoridades e outros agentes do campo indigenista que são comumente objetos de estudo, não poderá mais ser resumida a “Na década de 1930, Hermano Ribeiro da Silva e Willy Aureli lideraram várias expedições paulistas até a região dos xavantes em busca de fama, publicando vários livros sensacionalistas sobre suas incursões” (GARFIELD, 2011, p. 83). Quanto ao que há de inverossímil, faço referência ao assassinato de indígenas, fato altamente improvável dada a percepção e ações do autor ao longo de sua vida. Se um pesquisador se debruçar apenas na imprensa de 1938 e nas falas dos agentes estatais, certamente cairá em uma armadilha. Apenas uma visão, mesmo que geral, do total de ações da Bandeira de Aureli, possibilita identificar um movimento de aproximação dessa iniciativa de caráter privado com o interior da burocracia e fiscalização do Estado, fato que permitiu um longo período de atividade de 1937-1959, culminando no maior dossiê do CFEAC.

Em síntese, o que há de mais importante a ser evidenciado é que, paralelamente aos planos ambiciosos do Estado brasileiro, existiram uma série de iniciativas que disputaram espaço de ação no sertão do Araguaia-Mortes, aproveitando-se do vácuo de poder gerado pela distância entre o que se almejava fazer e o que de fato era feito. A exploração do espaço, o povoamento, o contato com indígenas e a produção de conhecimento científico não eram, ainda que se desejasse, monopólio do Estado.

A Bandeira Piratininga, portanto, foi uma dessas iniciativas. É realmente impressionante a capacidade que Willy Aureli teve de levar seus planos a cabo, angariando fundos, integrantes, apoio da imprensa, editoras e de fato realizando expedições até decidir cessar as atividades por conta da idade. Evidentemente, os resultados não eram produtos apenas de suas capacidades individuais de persuasão. Quando observamos a relação do sertanista com instituições e autoridades, notamos o estabelecimento de um mutualismo. Com o SPI e CNPI, por exemplo, a vontade de seus agentes de controlar a região estagnava-se na falta de pessoal e recursos. Assim, as atividades da Piratininga, com a devida fiscalização e acompanhamento, auxiliavam essas instituições.

Outro exemplo é a relação da Bandeira com Adhemar de Barros que, ao mesmo tempo que auxiliava politicamente, financeiramente e logisticamente os “bandeirantes”, aproveitava-se da publicidade em potencial, especialmente quando não era mais interventor do Estado. Conseqüentemente, a existência da Piratininga demonstra como o campo indigenista configurava-se num emaranhado de relações dinâmicas e conflitos de interesse. No meio desses competidores, é notável a ausência, seja entre os entes estatais ou privados, de uma linha de ação que buscasse deixar que os diferentes grupos indígenas influenciassem seus próprios

destinos. Por mais que Aureli não fosse a favor da assimilação, sua opinião ainda era marcada por um “desagenciamento” do indígena, que deveria controlar e preservar sua cultura, protegendo-a de outras influências. Se, por um lado, o fato do autor não se vincular a uma instituição fornecia liberdade de pensamento/expressão, por outro, estava condicionado a um ideário tutelar.

Após o estudo, torna-se de fato peculiar seu desaparecimento, quanto a isso traçaram-se algumas razões contextuais e específicas: 1) na imprensa e no campo editorial, a temática das expedições, do desconhecido e da expansão para o Oeste tornou-se gradualmente menos interessante, com menor potencial sensacionalista e financeiro; 2) no campo indigenista, as iniciativas do Estado, inclusive as expedições dos Irmãos Vilas-Boas, acabaram suprimindo outras ações paralelas e diminuindo, conseqüentemente, sua importância no longo processo de exploração do interior brasileiro; 3) o acervo fílmico no estúdio de Primo Carbonari foi destruído por um incêndio; 4) uma parte do acervo pessoal do autor, incluindo diários, foi enviado ao governo Collor sem retorno – o restante foi para bibliotecas escolares ou destruído em um conflito familiar¹²⁹; 5) o sertanista e seus familiares não compilaram sua obra e ações de forma concisa, tornando-as disponíveis e acessíveis a interessados. Entre os resultados, lacunas e constantes ressalvas às minhas dúvidas acerca do objeto de estudo, é provável que o avançar da pesquisa modifique minhas interpretações, tornando este fim um começo.

[...] Deste “Roncador”, dizem as más línguas que anda roncando lorotas pelo Brasil afora, em edições sucessivas. Console-se Willy Aureli com a comparação que fizemos acima, lembrando Marco Polo e faça, por outro lado, uma pequena concessão aos acusadores. É que todo sertanista, por força da função, tem de ser caçador. E conversa de caçador, toda gente sabe como é. Não por mal, está evidente, mas porque a imaginação excitada pelas peripécias e os riscos da caça tem as suas exigências.

[...] A verdade é essa: caçador aumenta, mas não inventa. É narrador, contador de histórias, e não criador de ficções (PIRES, 7 jan. 1963, p. 4).

¹²⁹ Essas informações advêm de uma conversa informal com o neto de Willy Aureli, Marco Antonio Aureli Brito. Único familiar contatado.

REFERÊNCIAS

- A “BANDEIRA Piratininga”. Diário Carioca, Rio de Janeiro, 29 jun. 1938, p. 5.
- A BANDEIRA Piratininga. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 25 ago. 1938, p. 9.
- A “BANDEIRA Piratininga”. O Globo, Rio de Janeiro, 24 jan. 1952, p. 8.
- A “BANDEIRA Piratininga” a caminho de Leopoldina. Folha da Manhã, São Paulo, 23 jun. 1937, p. 1. (c).
- A “BANDEIRA Piratininga” continua no cartaz...”. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 4 set. 1938, p. 1;16.
- A “BANDEIRA Piratininga” empreenderá uma expedição à Serra do Roncador. Folha da Manhã, São Paulo, 8 dez 1937, p. 6.
- A “BANDEIRA Piratininga” explorará o rio Tapirapés até às nascentes. Diário Carioca, Rio de Janeiro, 30 jun. 1945, p. 3.
- A BANDEIRA Piratininga no Cinema. Correio Paulistano, São Paulo, 24 mar. 1938, p. 10.
- A BANDEIRA Piratininga prepara-se para descer o rio e embrenhar-se nas selvas. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 14 jul. 1938, p. 9.
- A “BANDEIRA Piratininga” promove hoje um churrasco na fazenda “Jaraguá”. Folha da Manhã, São Paulo, 16 nov. 1938, p. 5.
- A BANDEIRA Piratininga regressou dos sertões de Goiaz e Mato Grosso. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16 out. 1938, p. 7.
- A BANDEIRA “Piratininga” rumo aos sertões desconhecidos do rio das Mortes. Folha da Manhã, São Paulo, 24 jun. 1937, p. 4.
- A “BANDEIRA” trará selvícolas guerreiros. O Jornal, Rio de Janeiro, 24 set. 1938, p. 3.
- A “BANDEIRA” vai regressar. Santa Catarina. O Estado de Florianópolis, Santa Catarina, 4 out. 1938, p. 1.

A EXPEDIÇÃO de Willy Aureli desperta curiosidade em Londres. Folha da Manhã, São Paulo, 27 mai. 1937a, p. 1.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

APOIO do Govêrno Paulista à “Bandeira Piratininga”. Diário da Noite, São Paulo, 23 mai. 1949, p. 5.

A PROPOSITO de Bandeiras. A Cruz: Orgão da Parochia de S. João Baptista, Rio de Janeiro, 21 ago. 1938, p. 5.

A PRÓXIMA partida da “Bandeira Piratininga”. Folha da Noite, São Paulo, 2 jun. 1937, p. 5.

A PRÓXIMA partida da “Bandeira Piratininga”. Folha da Noite, São Paulo, 4 jun. 1937, p. 3.

A PRÓXIMA partida da “Bandeira Piratininga”. Folha da Noite, São Paulo, 8 jun. 1937, p. 2.

A PRÓXIMA partida da Bandeira “Piratininga”. Folha da Manhã, São Paulo, 15 jun. 1937, p. 7.

ARAGUAYA Misterioso. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 23 jan. 1938, p. 6.

ARAGUAYA Misterioso. Correio Paulistano, São Paulo, 23 jan. 1938, p. 25.

ATACADA pelos Indios Ferozes. A Noite, Rio de Janeiro, 14 ago. 1938, p. 3.

ATACADOS pelos índios Chavantes. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 16 ago. 1938, p. 2.

ATTRAIDA pelo mesmo objetivo de Fawcett. O Globo, Rio de Janeiro, 7 dez. 1937, p. 1-2.

AURELI, Willy. **Roncador**: Expedição da “Bandeira Piratininga”. Rio de Janeiro: Edições Cultura Brasileira, 1939.

AURELI, Willy. **O Rio da Solidão**. São Paulo: Clube do Livro, 1957.

AURELI, Willy. **Esplendor Selvagem**. São Paulo: Clube do Livro, 1960.

AURELI, Willy. **Sertões Bravios**. São Paulo: Edições Leia, 1962a, 2ed.

AURELI, Willy. **Bandeirantes D' oeste**. São Paulo: Edições Leia, 1962b, 2ed.

AURELI, Willy. **Biu Marrandu (os donos das chuvas)**: Penetração do rio Uabé, na Ilha do Bananal. São Paulo: Edições Leia, 1963.

AURELI, Willy. **Sumaúma (roteiro indianista)**. São Paulo: Clube do Livro, 1966

AURELI, Willy. **Bugres no rio das mortes**. São Paulo: Clube do Livro, 1973.

AUXILIO a Bandeira Piratininga. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 22 set. 1937, p. 2.

AVENTUREIROS. O Radical, Rio de Janeiro. 7 set. 1938, p. 1;3.

BANDEIRA Piratininga. Correio Paulistano, São Paulo, 24 set. 1938, p. 4.

BANDEIRA Piratininga. Cidade de Goiás, Goiás, 16 out. 1938, p. 2-3.

“BANDEIRA Piratininga”. Folha da Manhã, São Paulo, 18 dez. 1938, p. 15.

VIGGIANO, Pedro. “Bandeirantes” do Século XX. Jornal de Notícias, Goiás, 9 jun. 1959, p. 6.

BANDEIRAS. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 16 ago. 1938, p. 4.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BRANDÃO, Helena. **Introdução à Análise de Discurso**. Editora da Unicamp, 2012.

BRASILEIRO o chefe da Bandeira Piratininga. O Globo, Rio de Janeiro, 1938, 6 set. 1938, p. 2.

CACIQUE Carajá converteu-se ao catolicismo e foi ontem batizado. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 8 abr. 1963, p. 4.

CADA vez mais inquietos pelo receio de uma desforra dos civilizados os índios Chavantes. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1938. p. 3.

CAMARGO, José Carlos Godoy; LIMA, Fabrício Felipe de. O positivismo e a Geografia em Rondon. *Estudos Geográficos*, Rio Claro, n.3, p. 37-52, jan/jun. 2005.

CARTA aberta ao Ver. Padre Hyppolito Chovelon. *Folha da Manhã*, São Paulo, 24 abr. 1938, p. 5.

CARTAS da Redacção. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14 out. 1938, p. 7.

CHARTIER, Roger. Defesa e Ilustração da Noção de Representação. *Fronteiras*, Mato Grosso do Sul: v. 13, n. 24, p. 15-29, 2011.

CHEFE Indígena o interventor em S. Paulo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 out. 1938, p. 4.

CHOQUE sangrento às margens do Rio das Mortes. *A Noite*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1938, p. 13.

CONFERÊNCIA de Willy Aureli no Clube Piratininga. *Folha da Manhã*, São Paulo, 7 dez. 1938, p. 1.

CRITICAS da cidade à epopéia das selvas... . *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 ago. 1938, p. 3.

DESAFÔRO.... *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 2 nov. 1938, p. 4.

DESCOLA, Philippe. **Beyond nature and culture**. Tradução de Janet Lloyd. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.

DIENER, Pablo. A viagem pitoresca como categoria estética e a prática de viajantes. **Porto Arte: Revista De Artes Visuais**, Porto Alegre, v. 15, n. 25, p. 59-73, 2008.

DISCUTEM na cidade os exploradores das selvas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 abr. 1938, p. 3.

DUTRA E SILVA, Sandro. Heroes of the Sertão: the bandeirantes as a symbolic category for the study of Brazilian West colonization. **Territórios e Fronteiras** (UFMT. Online), v. 11, p. 60-76, 2018.

EMBAIXADAS Selvicolas. Folha da Manhã, São Paulo, 21 set. 1941, p. 6.

ESTEVE nos campos elyseos o chefe da Bandeira Piratininga. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 18 out. 1938, p. 2.

EXPEDIÇÃO à Serra do Roncador. Folha da Manhã, São Paulo, 19 abr. 1938, p. 1.

EWBANK, Cecilia de Oliveira. **A parte que lhe cabe deste patrimônio: o projeto indigenista de Heloisa Alberto Torres para o Museu Nacional (1938-1955)**. Santa Catarina, SC. Dissertação de Mestrado, UFSC, 2017.

FAWCETT está vivo. Pacotilha, Maranhão, 23 out. 1937, p. 1.

FILATOW, F. **Política e Violência em Soledade – RS (1932-1938)**. Porto Alegre: PPGHPU CRS, 2015. (Tese de doutorado em História).

FILHOS das Selvas. A Notícia, Santa Catarina, 29 out. 1938, p. 3.

GARFIELD, Seth. A Nationalist Enviroment: Indians, Nature, and the Construction of the Xingu National Park in Brazil. **Luso-Brazilian Review**, Winsconsin, v. 41, n. 1, p. 139-167, 2004.

GARFIELD, Seth. **A luta indígena no coração do Brasil: política indigenista. A marcha para o oeste e os índios xavante (1937-1988)**. Tradução Claudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GOLPES de Vista. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 25 ago. 1938, p. 4.

GRAVE acidente com a “Bandeira Piratininga”. Diário Carioca, Rio de Janeiro, 6 ago. 1938, p. 4.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Coleções e expedições vigiadas: os etnólogos no conselho de fiscalização das expedições artísticas e científicas no Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec Anpocs, 1998.

GRYPHO7. O Imparcial, Rio de Janeiro, 8 set. 1938, p. 5.

HARTOG, François. **The Mirror of Herodotus: The Representation of the Other in the Writing of History**. Tradução Janet Lloyd. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2009.

HASTEARÃO a Bandeira Brasileira na Serra do Roncador. A Noite, Rio de Janeiro, 30 jun. 1945, p. 1-10.

HENRIQUE, o velho alemão que não deixou o Rio Araguaia Morrer. O Globo, Rio de Janeiro, 24 out. 1973, p. 18.

HOMENAGEM à memória do sertanista Ribeiro Silva. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1 dez. 1937, p. 11.

HISTÓRIA de um crime. A Notícia, Santa Catarina, 20 mar. 1938, p. 4.

IMPRESSÕES. A Batalha, Rio de Janeiro, 8 dez. 1937, p. 2.

INDIOS ferozes atacaram a “Bandeira Piratininga”. O Jornal, Rio de Janeiro, 14 ago. 1938, p. 13.

INTERROMPIDA, no rio das Mortes, a viagem da Bandeira Piratininga. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 6 ago. 1938, p. 14.

JUNIOR, Luiz Gustavo de Souza Lima. Em busca do acontecimento: uma leitura da Carta de Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas (1952). **Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica**, Rio de Janeiro, 2011.

LACHNITT, Georg. Do primeiro encontro com os Xavante à demarcação de suas reservas: relatórios do Pe. Hipólito Chovelon. **Tellus**, Mato Grosso do Sul, ano 17, n.32, p. 119-150, jan./abr. 2017.

LATOUR, Bruno. **Nunca fuimos modernos**. Tradução de Víctor Goldstein. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2022.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. O governo dos índios sob a gestão do SPI. In: CUNHA, M. C.(org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 155-172, 1998.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. O exercício da tutela sobre os povos indígenas: considerações para o entendimento das políticas indigenistas no Brasil contemporâneo. **Revista de Antropologia**. USP, v. 55, n. 2, p. 781-832, 2012.

LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

MAIA, João Marcelo Ehlert. As Ideias que fazem o Estado Andar: Imaginação Espacial, Pensamento Brasileiro e Território no Brasil Central. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 3, p. 621-655, 2010.

MAIA, João Marcelo Ehlert. Fronteiras e *state-building* periférico: o caso da Fundação Brasil Central. **Varia História**. Belo Horizonte: v. 35, n. 69, p. 895-919, 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2020.

MAIS ofertas aos expedicionários da “Bandeira Piratininga”. Folha da Manhã, São Paulo, 28 mai. 1937, p. 1.

MORAES, Antonio Carlos. O Sertão: um “outro” geográfico. **Terra Brasilis (Nova Série)**, v.4, n.5, p. 1-8, 2003.

MURARI, Luciana. **Natureza e cultura no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2009.

MURARI, Luciana. No rumo dos sertões inexplorados: a aventura da Bandeira Anhanguera de São Paulo à Serra do Roncador (1937). **Revista História**. São Paulo: n. 179, p. 1-29, 2020a.

MURARI, Luciana. “A pintura de uma tela de palpitante realismo rústico”: a paisagem sertaneja em relatos de viagem ao Centro-oeste brasileiro (1935-1943). In: José Augusto Drummond; José Luiz de Andrade Franco; Sandro Dutra e Silva; Vivian da Silva Braz. **História ambiental**. v. 3, **Natureza, sociedade, fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2020b.

NAS Selvas do Rio das Mortes. Correio Paulistano, São Paulo, 17 fev. 1938, p. 5.

NO PRÓXIMO dia vinte parte a “Bandeira Piratininga”. Folha da Noite, São Paulo, 9 jun. 1937, p. 13.

NOTÍCIAS de S. Paulo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 11 mar. 1938, p. 16.

NOVA expedição da “Bandeira Piratininga”. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 8 mar. 1938, p. 2.

O AUTOMOVEL e sua Penetração pelo Interior do Brasil. O Jornal, Rio de Janeiro, 25 jun. 1937, p. 5.

O BRASIL ignorado. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 28 mai. 1938, p. 4.

O FILME da Bandeira Piratininga. Folha da Manhã, São Paulo, 23 fev. 1938, p. 1.

O PAVILHÃO brasileiro já tremula no Roncador! O Globo, Rio de Janeiro, 31 ago. 1938, p. 1.

O PRIMEIRO contacto com os índios chavantes. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 13 ago. 1938, p. 2.

OS SELVICOLAS reagem contra a civilização! Pacotilha, Maranhão, 16 ago. 1938, p. 6.

OS TAIS “bandeirantes” estão atirando nos índios. O Radical, Rio de Janeiro, 18 ago. 1938, p. 5.

PALACIO do Governo. Correio Paulistano, São Paulo, 1 set. 1938, p. 3.

PARA DESVENDAR os Segredos das Selvas do Brasil. Diário Carioca, Rio de Janeiro, 9 jul. 1937, p. 15.

PARA o Oeste! Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 19 jun. 1938, p. 5.

PARA o regresso da Bandeira Piratininga. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 30 set. 1938, p. 11.

PARRY, William Edward. **Journal of a voyage for the discovery of a North-West passage from the Atlantic to the Pacific**. Philadelphia: Abraham Small, 1821. Disponível em <https://digitalarchive.tpl.ca/objects/350859/journal-of-a-voyage-for-the-discovery-of-a-northwest-passag#>. Acesso em 15/12/2022.

PARTE amanhã o chefe da Bandeira “Piratininga”. Folha da Manhã, São Paulo, 25 jun. 1937, p. 1. (d).

PEIXOTO, Elane Ribeiro; PALAZZO, Pedro P.; DERNTL, Maria Fernanda; TREVISAN, Ricardo. Operação Bananal: do domínio territorial ao balneário esquecido de Brasília. Tempos e Escalas da Cidade e do urbanismo. **XII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Brasília**: Editora FAU-UnB, 2014.

PIRES, J. H. Mundo dos Livros: Roncador. Diário da Noite, Rio de Janeiro, 7 jan. 1963, p. 4.

PODE-SE morrer, mas não se deve matar. O Radical, Rio de Janeiro, 20 ago. 1938, p. 1.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. São Paulo: EDUSC, 1999.

PUBLICIDADE contra a verdade histórica. O Imparcial, Rio de Janeiro, 20 ago. 1938, p. 4.

REGRESSARAM esta manhã os membros da “Bandeira Piratininga”. Folha da Noite, São Paulo, 23 out. 1937, p. 1.

RIFFENBURGH, Beau. **The Myth of the Explorer: The Press, Sensationalism, and Geographical Discovery**. Great Britain: Oxford University Press, 1994.

RIFFENBURGH, Beau. **Shackleton's forgotten expedition: the voyage of the Nimrod**. New York; London: Bloomsbury, 2005.

RONDON e a obra imensa e patriótica de proteção aos índios. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 19 ago. 1938, p. 1;12.

SEGUIU ontem para Goyaz a “Bandeira Piratininga”. Folha da Manhã, São Paulo, 22 jun. 1937, p. 1. (b).

SERTÃO Bruto. A Notícia, Santa Catarina, 13 mar. 1938, p. 7-8.

SILVA, Jovam Vilela da. Um trustee encravado no sul de Mato Grosso. (1882 a 1950): A multiface da Empresa Mate Laranjeira. **Coletâneas do nosso tempo**, Rondonópolis, v. 1, n. 1, p. 26-44, 1997.

SCHIEL, Helena Moreira Cavalcanti. **O vermelho, o negro e o branco Modos de Classificação entre os Karajá do Brasil Central**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 174p. 2005.

SCHNEIDER A. L; ALMEIDA, T. F. A expedição Roncador Xingu: (novos e velhos) bandeirantes na conquista da Fronteira Oeste. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 49, n. 3, p. 243-287, nov. 2018/fev. 2019.

SKINNER, Quentin. Significado e interpretação na História das Ideias. Tradução de Marcus Vinícius Barbosa. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 358 - 399. jan./abr. 2017.

SOB uma Rajada de Flechas! A Noite, Rio de Janeiro, 13 ago. 1938, p. 1.

TERMINOU a Historia Aventurosa da Bandeira Piratininga. Diário Carioca, Rio de Janeiro, 2 set. 1938, p. 1.

TERRA do Jaraguá para o monumento aos bandeirantes. Folha da Manhã, São Paulo, 17 nov. 1938, p.1.

TERRA paulista para o monumento às Bandeiras, em Goyania. Correio Paulistano, São Paulo, 17 nov. 1938, p. 1.

UMA AUDIENCIA do presidente da república à “Bandeira Piratininga”. Diário Carioca, Rio de Janeiro, 9 jun. 1938, p. 3.

UMA MENSAGEM da Bandeira Piratininga. Diário de Pernambuco, Pernambuco, 25 ago. 1938, p. 1.

UM FILME sobre a excursão da Bandeira Piratininga. Correio Paulistano, São Paulo, 23 fev. 1938, p. 2.

VAE em busca da Atlantida! O Globo, Rio de Janeiro, 30 abr. 1938, p. 2.

VICENTINI, Albertina. O Sertão e a Literatura. **Sociedade e Cultura**.v.1, p. 41-45. 1998.

VIVE Fawcett!.... O Globo, Rio de Janeiro, 19 out. 1937, p. 2.

VOLTA à Civilização a Bandeira Piratininga. O Globo, Rio de Janeiro, 8 out. 1938, p. 6.

WELCH, James R. Learning to Hunt by Tending the Fire: Xavante youth, Ethnoecology, and Ceremony in Central Brazil. **Journal of Ethnobiology**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 183-208, 2015.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br